

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Gena Showalter



A Paixão
mais sombria

Senhores do Mundo Subterrâneo | Livro 5

 Harlequin®



Gená Showalter

A Paixão
mais sombria

Tradução de
Rodrigo Peixoto



Rio de Janeiro
2012

Glossário

- Aeron — Guardião da Ira.
- Amum — Guardião dos Segredos.
- Anjos Guerreiros — Assassinos celestiais.
- Anya — Deusa da Anarquia. Divindade menor.
- Ashlyn Darrow — Humana com habilidades sobrenaturais.
- Baden — Guardião da Desconfiança (morto).
- Bianka Skyhawk — Harpia, irmã de Gwen.
- Caçadores — Inimigos mortais dos Senhores do Mundo Subterrâneo.
- Cameo — Guardiã da Infelicidade. Única mulher guerreira.
- Cetro Divisor — Artefato divino, poder desconhecido.
- Chave-Mestra — Chave desejada por Cronos, dada a Anya pelo pai (Tártaro).
- Cronos — Rei dos Titãs.
- Danika Ford — Humana, alvo dos Titãs.
- Darla Stefano — Esposa de Dean Stefano, amante de Sabin (morta).
- Dean Stefano — Caçador, braço direito de Galen.
- dimOuniak* — A Caixa de Pandora.
- Dr. Frederick McIntosh — Vice-presidente do Instituto Mundial de Parapsicologia.
- Disnomia — Grega, deusa da Desordem.
- Dominic — Jovem Caçador.
- Elite Sete — Facção mais prestigiada dos anjos.
- Galen — Guardião da Esperança.
- Gideon — Guardião das Mentiras.
- Gilly — Humana, amiga de Danika.
- Ginger Ford — Irmã de Danika.
- Gregos — Antigos governantes do Olimpo, agora aprisionados em Tártaro.
- Gwen Skyhawk — Metade harpia, metade anjo.
- Hera — Rainha dos gregos.
- Hidra — Serpente com várias cabeças e presas venenosas.

Iscas-Humanas — Cúmplices dos Caçadores.

Jaula da Coação — Artefato divino com o poder de escravizar qualquer um preso em seu interior.

Kaia Skyhawk — Harpia, irmão de Gwen.

Kane — Guardião do Desastre.

Legião — Demônio subalterno, amigo de Aeron.

Lucien — Guardião da Morte. Líder dos guerreiros de Budapeste.

Lúcifer — Príncipe das Trevas, governante do Inferno.

Lysander — Anjo Guerreiro da Elite Sete, companheiro de Bianka Skyhawk.

Maddox — Guardião da Violência.

Mallory Ford — Avó de Danika.

Manto da Invisibilidade — Artefato divino com o poder de esconder dos olhos alheios quem quer que o use.

Olho Que Tudo Vê — Artefato divino com o poder de enxergar o céu e o inferno.

Olivia — Anjo Guerreiro.

Os Impronunciáveis — Seres que até os deuses parecem temer.

Pandora — Guerreira imortal, outrora guardiã de *dimOuniak* (assassinada).

Paris — Guardião da Luxúria.

Reyes — Guardião da Dor.

Rhea — Rainha dos Titãs, esposa de Cronos.

Sabin — Guardião da Dúvida; líder dos guerreiros gregos.

Scarlet — Guardiã dos Pesadelos.

Senhores do Mundo Subterrâneo — Guerreiros exilados dos deuses gregos, agora carregam demônios dentro de si.

Sienna Blackstone — Caçadora.

Strider — Guardião da Derrota.

Tártaro — Grego, deus do Confinamento. Também é a prisão dos imortais no Monte Olimpo.

Têmis — Titã, deusa da Justiça.

Tinka Ford — Mãe de Danika.

Titãs — Atuais governantes do Olimpo.

Torin — Guardião da Doença.

William — Imortal, amigo de Anya.

Zeus — Rei dos gregos.

Capítulo Um

— ELES NÃO PARECEM se preocupar com o fato de que estão morrendo.

Aeron, guerreiro imortal possuído pelo demônio da Ira, estava no topo do telhado do Bübájos Apartments, no centro de Budapeste, observando os humanos lá embaixo, despreocupados com a noite que os esperava. Alguns faziam compras, outros conversavam e sorriam, e outros comiam enquanto caminhavam. Mas nenhum deles estava de joelhos, implorando aos deuses por mais tempo em seus corpos frágeis. E nem soluçavam por saber que nunca conseguiriam isso.

Mudou o foco das pessoas para a área à sua volta. A luz da lua irradiava do céu, misturando-se ao brilho âmbar que vinha dos postes da rua, lançando sombras nas calçadas. Havia edifícios dos dois lados, com alguns dos pontos mais altos cobertos por toldos verde-claros, num contraste perfeito com as árvores cor de esmeralda que se erguiam do chão.

Um cenário bonito, não fosse a presença constante de caixões.

Os humanos sabiam que estavam perecendo. Droga, eles cresciam sabendo que teriam de abandonar tudo e todos que amavam, e, mesmo assim, como ele já observara, não exigiam, nem ao menos pediam, mais tempo. E isso... o deixava fascinado. Caso soubesse que em pouco tempo seria separado dos seus amigos, os demais guerreiros possuídos por demônios que ele passara os últimos milhares de anos protegendo, Aeron teria feito qualquer coisa; sim, seria capaz de implorar, para que seu destino fosse alterado.

Então, por que os mortais não faziam isso? O que eles sabiam que Aeron não sabia?

— Eles não estão morrendo — disse o amigo Paris, ao seu lado. — Estão vivendo enquanto têm a oportunidade.

Aeron suspirou. Não era a resposta que buscava. Pois como eram capazes de *viver enquanto tinham a oportunidade* quando essa “oportunidade” não passava de um vislumbre do tempo?

— Eles são frágeis. Podem ser facilmente destruídos, como você bem sabe.

O que era bem cruel de ser dito, pois a... namorada? Amante? A fêmea escolhida de Paris? O que quer que ela fosse, fora recentemente morta com um tiro na frente de Paris. Ainda assim, Aeron seria incapaz de se arrepender de suas palavras.

Paris era o guardião da Luxúria, e tinha de ir para a cama com uma humana diferente todos os dias, ou enfraqueceria até morrer. Não poderia se dar ao luxo de ficar de luto devido à morte de uma

amante específica. Especialmente uma amante *inimiga*, como fora sua pequena Sienna.

Aeron odiava admitir isso, mas, de alguma forma, estava feliz com a morte dela. Sienna teria usado as necessidades de Paris contra ele e, no final das contas, o destruiria.

Eu, no entanto, sempre garantirei sua segurança. Foi uma promessa. O rei dos deuses oferecera uma escolha a Paris: o retorno da alma de sua amada ou a liberdade de Aeron, que sofria com uma terrível sede de sangue que o afligia constantemente, uma vontade de mutilar que rondava sua mente de forma assustadora. Vontade que, embora tivesse vergonha de admitir, ele satisfazia. Repetidamente.

Por causa dessa maldição, Reyes, guardião do demônio da Dor, quase perdeu sua amada Danika. Na verdade, Aeron estava preparado para o ataque final, com a lâmina afiada, erguida... caindo em direção ao lindo pescoço dela. Porém, pouco antes do contato, Paris escolhera a liberdade de Aeron, e a loucura instantaneamente o abandonou, salvando a vida de Danika.

Em parte, Aeron ainda se sentia culpado pelo que quase acontecera e pelas consequências da escolha de Paris. Culpa que atingia seus ossos como ácido, devorando-o. Paris agora sofria enquanto *ele* gozava sua liberdade. Porém, isso não faria com que demonstrasse pena de Paris. Amava demais o amigo para isso. Na verdade, Aeron lhe devia uma. E ele sempre pagava suas dívidas.

Exatamente por isso estavam naquele telhado.

Tomar conta de Paris, porém, não era uma tarefa fácil. Nas últimas seis noites, Aeron arrastara seu amigo até lá sob fortes protestos. Tudo o que Paris tinha de fazer era escolher uma mulher, depois Aeron iria atrás dela e garantiria a segurança dos dois enquanto faziam sexo. Mas a cada noite a escolha acontecia mais e mais tarde.

Aeron sentia que, daquela vez, ele e Paris ficariam sentados ali e conversariam até o nascer do sol.

Caso o agora deprimido guerreiro tivesse evitado as frágeis mortais como Aeron fazia, não estaria nesse momento desejando algo que não poderia ter. Não estaria desesperado por isso; e isso não lhe seria negado por toda a eternidade.

Aeron suspirou.

— Paris — ele começou a dizer. Depois parou. Como deveria proceder? — Seu luto tem de acabar. — Ótimo. Exatamente ao ponto, como ele gostava. — Você está ficando cada vez mais fraco.

Paris passou a língua pelos dentes.

— Como se você pudesse falar sobre fraqueza. Quantas vezes você tem sido escravo de Ira? Inúmeras. E em quantas dessas inúmeras vezes a culpa é dos deuses? Apenas uma. Quando o demônio o possui, você perde completamente o controle de suas ações. Então, por favor, não inclua a hipocrisia na sua lista de pecados, certo?

Ele não se ofendeu. Infelizmente, o argumento de Paris era irrefutável. Algumas vezes, Ira tomava o controle do corpo de Aeron e o levava à cidade, fazendo-o atacar quem estivesse ao seu alcance, machucando-o e se alimentando do terror. Durante tais ocorrências, Aeron percebia o que estava acontecendo, mas era incapaz de deter a carnificina.

Não que ele sempre quisesse dar um basta na carnificina. Algumas pessoas mereciam o que recebiam.

Mas ele de fato odiava perder o controle do seu corpo, como se não passasse de uma marionete, ou de um macaco de imitação. Quando ficava reduzido a tal estado, odiava seu demônio, mas não

tanto quanto odiava a si mesmo. Pois com seu ódio também sentia uma pitada de orgulho por Ira. Afinal de contas, tomar dele as rédeas do controle requeria poder, e qualquer tipo de poder deveria ser valorizado.

Ainda assim, o cabo de guerra entre amor e ódio o deixava perdido.

— Talvez não fosse sua intenção, mas você acabou provando o meu argumento — ele disse, voltando à conversa. — A fraqueza é a mãe da destruição. Sem exceções. — E, no caso de Paris, *luto* era apenas um sinônimo para *distração*. E tal distração poderia ser fatal.

— O que isso tem a ver comigo? O que tem a ver com os humanos lá embaixo? — perguntou Paris, apontando.

Hora de uma análise geral.

— Aquelas pessoas. Elas envelhecem e se deterioram num piscar de olhos.

— E?

— Deixe-me terminar. Se você se apaixona por uma delas, pode tê-la por boa parte de um século. Talvez, se uma doença ou um acidente não o destruir. Mas será um século observando-a definhando e morrer. E durante todo esse tempo você saberá que uma eternidade sem ela espera por você.

— Que pessimismo — disse Paris, estalando a língua contra o céu da boca; dificilmente a reação esperada por Aeron. — Você enxerga isso como um século perdendo alguém que não é capaz de proteger. Mas eu enxergo como um século desfrutando de uma enorme bênção. Uma bênção que o *ajudará* pelo resto da eternidade.

Ajudar? Que loucura. Quando se perdia algo precioso, as memórias se transformavam numa lembrança atordoante do que nunca mais seria possível. Tais memórias, somadas aos nossos problemas, eram capazes de distrair em vez de nos fortalecer. Sim, distrair; ao contrário de Paris, Aeron não enfeitaria a palavra.

Uma prova: era assim que ele se sentia em relação a Baden, guardião da Desconfiança e, uma vez, seu melhor amigo. Havia muito tempo, Aeron perdera o companheiro que amara mais do que poderia amar um irmão de sangue. E agora, sempre que estava sozinho, pensava em Baden e ficava imaginando o que poderia ter acontecido.

Ele não queria isso para Paris.

Nada mais de análise geral. Hora de um pouco mais de falta de piedade.

— Se você é tão capaz de aceitar uma perda, por que ainda está de luto por Sienna?

Um feixe da luz da lua atingiu o rosto de Paris, e Aeron viu que seus olhos brilhavam levemente. Obviamente, estivera bebendo. Mais uma vez.

— Eu não tive meu século ao lado dela. Tive apenas alguns dias — disse, em tom melancólico.

Não pare agora.

— E se tivessem lhe dado cem anos com ela antes de ela morrer, agora você estaria em paz com a morte?

Seguiu-se uma pausa.

Ele não pensou que estaria.

— Chega! — gritou Paris, batendo com o punho contra o telhado e fazendo todo o edifício

tremer. — Não quero mais falar sobre isso.

Que pena.

— Perda é perda. Fraqueza é fraqueza. Se não nos permitirmos nos apegar aos humanos, não vamos sofrer quando eles nos deixarem. Se endurecermos o coração, não vamos desejar o que não podemos ter. Nossos demônios nos ensinaram isso muito bem.

Todos aqueles demônios já tinham vivido alguma vez no inferno e desejaram a liberdade, e juntos encontraram o caminho de saída. Mas acabaram trocando uma prisão por outra, e a segunda fora bem pior que a primeira.

Em vez de suportar o enxofre e as chamas, como antes, passaram mil anos presos na caixa de Pandora. Mil anos de escuridão, desolação e dor. Sem liberdade nem esperança de algo melhor.

Se aqueles demônios tivessem sido mais fortes, se não tivessem desejado o que era proibido para eles, não teriam sido capturados.

Se *Aeron* tivesse tido mais força de vontade, não teria, mais tarde, ajudado a abrir aquela caixa. E não teria recebido a maldição de abrigar dentro de seu próprio corpo o mesmo demônio que ele libertara. Não teria sido expulso do céu, o único lar que conhecera na vida, para passar o resto da eternidade nessa terra caótica onde *nada* permanece igual.

Não teria perdido Baden enquanto lutava contra os Caçadores; desprezíveis mortais que abominavam os Senhores, pois os culpavam por todo o mal do mundo. Um amigo morreu de câncer? Claro que foi culpa dos Senhores. Uma adolescente acabou de descobrir que está grávida? Obra dos Senhores, mais uma vez.

Caso tivesse sido mais forte, não estaria preso mais uma vez nessa guerra, lutando, matando. Sempre matando.

— Você já desejou uma mortal? — perguntou Paris, tirando-o dos seus pensamentos mais obscuros. — Sexualmente?

Uma risada seca escapou-lhe da garganta.

— Deixar que uma mulher entre na minha vida em um dia, apenas para perdê-la no dia seguinte? Não. — Ele era mais esperto que isso.

— Quem disse que você tem de perdê-la? — Paris pegou um frasco de dentro do casaco de couro e tomou um longo gole.

Mais álcool? Tão rápido? Claramente, aquele papo não fizera nada bem ao seu amigo.

Após engolir, Paris acrescentou:

— Maddox tem Ashlyn, Lucien tem Anya, Reyes tem Danika e agora Sabin tem Gwen. Até a irmã de Gwen, Bianka, a Terrível, tem um amante. Um anjo com quem tive de lutar numa piscina de óleo, mas que seja. Não vamos falar sobre isso.

Luta no óleo? Sim. Melhor esquecer.

— Esses casais têm um ao outro, mas cada uma daquelas mulheres tem uma habilidade que as distingue das demais de sua espécie. Elas são mais que humanas.

Mas isso não significava que elas viveriam para sempre. Até os imortais poderiam ser destruídos. Fora *ele* quem encontrou a cabeça de Baden; sem o corpo do guerreiro. Fora ele o primeiro a olhar aquela eternamente congelada expressão de choque.

— Ah, ótimo, uma solução. Encontre uma fêmea com uma habilidade que a faça diferente — disse Paris, seco.

Como se isso fosse fácil. Além do mais...

— Eu tenho Legião, e ela é tudo com que posso lidar nesse momento. — E, ao pensar no pequeno demônio, que era uma espécie de filha para ele, Aeron sorriu. De pé, ela só chegava à sua cintura. Tinha escamas verdes, dois pequenos chifres no topo da cabeça e dentes afiados que produziam saliva envenenada. As tiaras eram seu acessório favorito, e carne fresca, sua comida preferida.

O primeiro mimo ele gostava de lhe conceder. Quanto ao segundo... estavam trabalhando nisso.

Aeron a conhecera no inferno. Bem, o mais perto do poço causticante que um homem podia chegar sem derreter em suas chamas. Ele ficara acorrentado, como uma espécie de vizinho do inferno, embriagado por aquela maldita sede de sangue, determinado a matar até mesmo os amigos, quando Legião abriu caminho na sua direção, e sua presença, de alguma forma, clareou-lhe a mente, devolvendo-lhe a força de que tanto precisava. Ela o ajudara a escapar, e desde então estavam juntos.

Menos naquele momento. Sua preciosa garota voltara ao inferno, local que odiava, tudo porque um anjo fiel aos deuses estivera observando Aeron, movendo-se nas sombras, invisível, esperando por... algo. O quê, ele não sabia. Só sabia que tal olhar intenso não estava sobre ele naquele momento, mas retornaria. Sempre retornava. E Legião não seria capaz de suportar isso.

Ele inclinou o corpo para trás e ficou olhando o céu noturno. As estrelas estavam muito brilhantes naquela noite, como diamantes espalhados sobre um cetim negro. Algumas vezes, quando desejava apenas a fantasia da solidão, ele voava o mais alto que suas asas eram capazes de levá-lo, e depois caía, de forma rápida e certa, diminuindo a velocidade apenas alguns segundos antes do impacto.

Quando Paris tomou mais um gole de sua bebida, o cheiro de ambrosia inundou o ar, doce e suave como o hálito de um bebê. Aeron balançou a cabeça negativamente. A ambrosia era a droga preferida de seu amigo, a única coisa capaz de entorpecer corpo e mente de homens como eles, mas Paris estava perdendo o controle, deixando o antes bravo soldado cada vez mais medíocre.

Com Galen, líder dos Caçadores e guerreiro possuído por um demônio como eles, solto pelas ruas, Aeron precisava de seu amigo no mínimo lúcido e, bem, em ótima forma para lutar. Os anjos, como ele descobrira recentemente, eram demônios assassinos.

Se aquele anjo queria matá-lo? Ele não tinha certeza, e o consorte de Bianka, Lysander, não lhe dissera nada. Mas a resposta não importava. Ele planejava destruir o covarde, fosse homem ou mulher, no exato momento em que criasse coragem e aparecesse na sua frente.

Ninguém o separaria de Legião. Não sem sofrer. Legião podia estar sendo ferida, mental e fisicamente. E, só de pensar nisso, Aeron apertou as mãos com tanta força que seus ossos quase se quebraram. Os companheiros de sua querida menina adoravam provocá-la por sua doçura e compaixão. Também gostavam de persegui-la, e só os deuses sabiam o que eles fariam a ela se a pegassem.

— Por mais que você ame Legião... — Paris começou, mais uma vez arrancando Aeron dos próprios pensamentos. Ele atirou uma pedra no edifício da frente, antes de terminar de tomar o

líquido do frasco. — Ela não pode suprir todas as suas necessidades.

Ele queria dizer sexo. Não poderiam esquecer esse assunto de uma vez por todas? Aeron suspirou. Não dormia com uma mulher havia anos, séculos, talvez. Elas não mereciam o esforço. Por culpa de Ira, seu desejo de machucá-las ultrapassava rapidamente seu desejo de agradá-las. Mais do que isso. Por mais tatuado e duro nas batalhas que fosse, Aeron tinha de lutar por cada migalha de afeto que recebia. As mulheres sentiam medo dele; e com razão. Suavizá-las requeria tempo e paciência, coisas que ele não tinha. Afinal de contas, havia milhares de outras coisas mais importantes que poderia estar fazendo. Coisas como treinar, vigiar sua casa, seus amigos. Aceitar todos os caprichos de Legião.

— Eu não tenho tais necessidades. — E, em grande parte do tempo, isso era verdade. Disciplinado, Aeron raramente cedia aos prazeres da carne. E quando o fazia, era sozinho. — Tenho tudo o que quero. Mas viemos aqui para conversar sobre os nossos sentimentos ou para encontrar uma amante para você?

Com um rosnado, Paris atirou o frasco vazio da mesma forma como atirara a pedra. Ele bateu contra a parede do prédio, fazendo com que uma nuvem de pó e pedras enchesse o ar.

— Algum dia, alguém o deixará fascinado, alguém o atrairá e prenderá sua atenção, alguém que você desejará com todos os poros do seu corpo. Espero que ela o deixe louco. Espero, pelo menos por um tempo, que ela rejeite você, fazendo-o correr atrás dela. Talvez assim você tenha um vislumbre da minha dor.

— Se eu tiver que fazer isso para retribuir o favor que você me fez, então encararei tal destino alegremente. Seria capaz de implorar aos deuses por isso. — Aeron não era capaz de se imaginar desejando uma mulher, imortal ou humana, pois isso atrapalharia sua vida. Ele não era como os demais guerreiros, sempre em busca de companhia. Era verdadeiramente mais feliz quando estava só. Ou melhor, quando estava só com Legião. Além do mais, era muito orgulhoso para ir atrás de alguém que não retribuísse seu ardor.

Mas ele realmente falara sério. Por Paris, aceitaria qualquer coisa.

— Está ouvindo isso, Cronos? — Aeron gritou aos céus. — Envie-me uma mulher. Uma mulher que me atormente. Uma mulher que não me queira.

— Canalha arrogante — disse Paris, sorrindo. — E se Cronos realmente lhe enviar uma mulher inalcançável?

Pelos deuses, aquele divertimento o deixava contente. Seu amigo parecia o Paris de antigamente.

— Duvido.

Cronos queria ver os guerreiros focados em vencer Galen, sua obsessão desde o momento em que Danika previu que o deus-rei morreria nas mãos de Galen.

Sendo o Olho Que Tudo Vê, as previsões de Danika eram sempre acuradas. Mesmo as ruins. Porém, havia um detalhe: tais visões poderiam ser usadas para promover mudanças. Pelo menos em teoria.

— Mas e se...? — disse Paris, quando seu silêncio se arrastou por muito tempo.

— Se Cronos atender o meu pedido, vou aproveitar a aventura — mentiu Aeron, abrindo um sorriso. — Mas chega de falar sobre mim. Vamos fazer o que viemos fazer aqui. — Ele se levantou,

olhando para a rua lá embaixo, observando a multidão.

Para preservar as ruas, os carros não entravam naquela parte da cidade, e todos tinham de seguir a pé. Por isso escolhera aquele lugar. Tirar uma mulher de um carro em movimento não era seu esporte preferido. Desse jeito, Paris simplesmente fazia sua escolha e abria as asas, levando o guerreiro para baixo. Uma olhadela para o lindo demônio de olhos azuis, e a mulher escolhida ficava paralisada, engolindo em seco. Algumas vezes, um sorriso era tudo o que bastava para convencê-la a tirar a roupa, mesmo em público, aos olhos de qualquer um que passasse por ali.

— Você não encontrará ninguém — disse Paris. — Eu já procurei.

— E quanto a... ela? — perguntou, apontando para uma loira rechonchuda e parcamente vestida.

— Não — respondeu, sem hesitar. — Muito... óbvia.

Lá vamos nós outra vez, pensou temeroso, mas fez um gesto em direção a outra mulher:

— E aquela? — Era alta e dona de curvas perfeitas, além de cabelos vermelhos cortados curtos.

Vestia-se de forma conservadora.

— Não. Muito masculinizada.

— Que diabos isso quer dizer?

— Que eu não quero essa mulher. Próxima.

Pela hora seguinte, Aeron apontou várias possíveis parceiras de cama, e Paris detonou todas elas por vários, e ridículos, motivos. Muito pura, muito amarrotada, muito bronzada, muito pálida. A única rejeição que importava era: “Já tive essa mulher antes.” E como Paris já tivera muitas amantes, Aeron ouviu essa frase com frequência.

— Em algum momento, você terá que aceitar uma delas. Por que não nos livrar desse calvário? Feche os olhos e aponte. A apontada será a vencedora.

— Já brinquei disso antes. E acabou... — disse Paris, dando de ombros. — Esqueça. Não seria nada bom seguir essa trilha. Então não. Nada disso.

— E se... — Mas suas palavras pararam abruptamente quando a mulher que ele observava desapareceu nas sombras. Ela não saíra de vista, o que seria natural. Normal. Ela simplesmente deixara de existir. Estava ali num momento e, no momento seguinte, tinha desaparecido. As sombras, de alguma forma, tinham puxado aquela mulher, como se elas a mantivessem presa em uma rédea.

Aeron ficou de pé com suas asas automaticamente saindo das fendas presentes em suas costas nuas e se expandindo.

— Temos um problema.

— O que há de errado? — perguntou Paris, também se levantando. Mesmo sob o efeito da ambrosia, ainda era um soldado, e pegou uma adaga nas mãos.

— A mulher de cabelos escuros. Você viu?

— Qual delas?

Isso respondia à pergunta de Aeron. Não, Paris não a vira. Se a tivesse visto, não teria feito tal pergunta.

— Vamos. — Aeron passou os braços em volta da cintura do amigo e saltou do prédio. O vento batia nos cachos multicoloridos de Paris, lançando vários fios em seu rosto, enquanto o chão ficava

cada vez mais próximo... mais e mais próximo... — Fique de olho numa mulher com cabelos pretos na altura dos ombros, que caminha com as costas perfeitamente eretas, 20 e poucos anos, de roupa preta. Ela parece ser mais que humana.

— Matar?

— Capturar. Tenho algumas perguntas para fazer a ela. — Como ela desaparecera? Por que estava ali? Para quem trabalhava?

Os imortais sempre tinham um plano.

Pouco antes de atingirem o chão, Aeron bateu as asas. Diminuiu a velocidade para pousar de pé com apenas uma arqueada de pernas. Soltou o peso que carregava e os dois seguiram em direções opostas. Após milhares de anos lutando juntos, sabiam como agir sem ter de combinar cada movimento.

Enquanto corria pelo beco para a esquerda, a direção que a mulher seguira, Aeron colocava suas asas de volta no lugar. Olhou para várias pessoas: um casal de mãos dadas, um mendigo acabando com uma garrafa de uísque, um homem passeando com o cachorro, mas nem sinal da mulher de cabelos pretos. Chegou a um muro de tijolos e girou o corpo. Droga. Será que ela era como Lucien? Capaz de viajar a qualquer lugar usando apenas a força do pensamento?

Fazendo uma careta, voltou à ação. Ele buscaria em todos os becos da área, se necessário. Mas logo no meio do caminho as sombras ao seu redor ficaram mais densas, consumindo-o, engolindo o brilho dourado das luzes da rua. Milhares de gritos surdos pareciam vazar da escuridão. Gritos torturados. Gritos de agonia.

Ele parou, para que não batesse em nada, ou em ninguém, e tocou duas lâminas. Que droga era...

Uma mulher, *a* mulher, surgiu das sombras, a poucos centímetros dele. Era a única luz naquela repentina e vasta escuridão. Seus olhos eram tão negros quanto as trevas ao seu redor, seus lábios, vermelhos e úmidos como o sangue. Era bonita, de um jeito feroz.

Ira uivou dentro de sua cabeça.

Por um momento, Aeron ficou com medo de que Cronos tivesse realmente escutado seu pedido e enviado uma mulher para atormentá-lo. Porém, ao começar a observá-la, não sentiu calor em suas veias, seu coração não parou de bater, sintomas que os outros Senhores diziam notar quando encontravam a mulher que “tinham de ter”. Para ele, ela era exatamente igual às outras: facilmente esquecível.

— Ora, ora, ora. Sou ou não sou uma garota de sorte? Você é um deles, um Senhor do Mundo Subterrâneo, e veio até mim. — Sua voz era áspera como fumaça. — Não precisei nem pedir.

— Sou um Senhor, sim — confirmou, pois não havia razão para negar. As pessoas da cidade reconheciam a ele e aos outros só de vê-los. Alguns pensavam até que eles eram anjos. Os Caçadores também os reconheciam ao vê-los, mas rapidamente os anunciavam como demônios. — E eu estava mesmo procurando você.

Com sua tranquila confirmação, as feições da mulher revelaram um toque de surpresa.

— Uma grande honra, devo dizer. Por que estava me procurando?

— Quero saber quem é você. — Embora uma pergunta mais adequada fosse: *o que é você?*

— Talvez eu não tenha tanta sorte quanto imagino. — Aqueles lábios vermelhos e luxuriantes fizeram um beicinho, e ela fingiu limpar uma lágrima. — Já que meu próprio irmão não me reconhece.

Aeron conseguira parte de sua resposta: ela era uma mentirosa.

— Eu não tenho irmã.

Ela arqueou uma das sobrancelhas escuras.

— Tem certeza disso?

— Tenho.

Ele não nascera de um pai e uma mãe. Zeus, rei dos gregos, simplesmente lhe trouxera à existência com palavras. O mesmo acontecera com todos os outros Senhores.

— Teimoso. — Ela estalou a língua, fazendo-o se lembrar de Paris. — Eu deveria saber que seríamos bem parecidos. Mas tudo bem, é tão legal poder finalmente estar a sós com um de vocês. E quem será? Fúria? Narcisismo? Acertei, né? Admita, você é Narcisismo. Por isso encheu o corpo de tatuagens do seu próprio rosto. *Legal*. Posso chamá-lo de Narci?

Fúria? Narcisismo? Nenhum dos seus irmãos carregava esses demônios. Dúvida, Doença, Infelicidade e muitos outros, sim, mas aqueles, não. Ele balançou a cabeça; mas logo se lembrou de que *havia* outros imortais possuídos por demônios mundo afora. Imortais que nunca conhecera. Imortais que deveria encontrar.

Porém, como ele e seus amigos foram os responsáveis por abrir a caixa de Pandora, sempre imaginaram que eram os únicos hospedeiros dos demônios. Mas Cronos recentemente corrigira essa falsa conclusão, oferecendo aos Senhores pergaminhos com os nomes de outros como eles. Aparentemente, houvera mais demônios que guerreiros, e com a caixa perdida, os gregos, deuses no poder àquela época, colocaram os demônios restantes no corpo dos prisioneiros imortais de Tártaro.

Uma descoberta que não foi muito bem recebida entre os Senhores. Como antigos guardiões da elite de Zeus, eles foram os responsáveis pela prisão de vários daqueles homens; e criminosos costumam viver apenas em busca de vingança. Algo que Ira lhe ensinara muito bem.

— Oi — disse a mulher. — Tem alguém aí?

Aeron olhou para ela, xingando a si mesmo. Como fora capaz de se distrair na presença de um possível inimigo? *Idiota*.

— Quem sou eu é um assunto que não lhe interessa. — Essa informação poderia *sim* ser usada contra ele. Ainda mais recentemente, quando Ira estava sendo tão facilmente provocado que mesmo a declaração mais inocente poderia levá-lo, e a Aeron, consequentemente, àquela loucura assassina, deixando a cidade e todos os seus habitantes em perigo.

Aeron culpou o anjo que o perseguia.

Mas não poderia culpar o anjo quando Ira começou a rosnar dentro de sua cabeça, arranhando seu crânio, desesperado para entrar em ação. Para machucar. A principal habilidade do demônio era, e sempre fora, sentir os pecados de todos os que estavam à sua volta. E os daquela mulher, Aeron de repente percebeu, eram muitos.

— Vou tomar sua expressão repentinamente sombria como um não. Você não é Narci, e não tem ninguém aí.

— Cale... a boca.

Ele pressionou as têmporas, lâminas frias contra a pele, tentando evitar o bombardeio mental que sabia que estava por vir, outra distração que não poderia aceitar. Mas foi inútil. Os vários pecados daquela mulher tomaram sua mente de assalto, como vários filmes sendo projetados em telas simultâneas. Recentemente, ela torturara um homem, acorrentando-o a uma cadeira e ateando fogo nele. Antes disso, acabara com uma mulher. Ela tinha enganado, roubado. Abduzira uma criança de sua casa. Atraía um homem à sua cama e cortara sua garganta. Violência... muita violência... muito terror, dor e escuridão. Ele podia ouvir os gritos das vítimas, podia sentir o cheiro de carne queimada e o gosto de sangue.

Talvez ela tivesse tido boas razões para fazer tudo aquilo. Talvez não. De qualquer forma, Ira queria puni-la, queria usar seus próprios crimes contra ela. Primeiro a acorrentaria, depois cortaria sua garganta e a queimaria.

Era assim que agia o demônio de Aeron. Batia em agressores, assassinava assassinos, e assim por diante. Então, sim, dominado por Ira, *Aeron* fizera tudo isso. Muitas vezes. Agora, ele contraiu cada músculo do corpo, trancando todos os ossos no devido lugar. *Firme. Não perca o controle. Mantenha-se lícido.* Mas, pelos deuses, o desejo de castigar... era tão forte... uma necessidade da qual gostava mais do que deveria. Como sempre.

— Por que está aqui em Budapeste, mulher? — Ótimo. Isso era muito bom. Lentamente ele baixou os braços.

— Uau — ela disse, ignorando a pergunta. — Essa foi uma demonstração e tanto de contenção. Ela sabia que aquele demônio queria machucá-la?

— Então deixe-me adivinhar... — Ela ficou tamborilando uma das unhas contra o queixo. — Você não é Narcí, então você tem que ser... Chauvinista. Estou certa agora, não estou? Você deve achar que uma belezinha como eu não poderia descobrir a verdade. *Engano seu.* Mas tudo bem. Fique com os seus segredos. Você vai entender... Ah, mas vai entender mesmo.

— Você está me ameaçando, garota?

Mais uma vez, ela o ignorou.

— Dizem por aí que Cronos entregou os pergaminhos a vocês, e que agora pretendem usá-los para nos capturar. Para nos *usar*. Talvez até nos matar.

Aeron sentiu uma pontada do estômago. Primeiro: ela sabia sobre os pergaminhos, quando ele e seus amigos tinham de descobrir algo sobre eles. Segundo: ela sabia que estava na lista. O que significava que aquela mulher era realmente uma imortal; e uma criminosa. E se estivesse dizendo a verdade, também era possuída por um demônio.

Aeron não a reconheceu, o que significava que ele e seus amigos não tinham sido os responsáveis por sua prisão. Ou seja: ela chegara *antes* deles no céu. E *isso* significava que ela era uma Titá e uma ameaça ainda maior, pois os Titás eram muito mais selvagens que seus colegas gregos.

Pior: os agora libertos Titás estavam atualmente no poder. Ela podia ter ajuda divina.

— Que demônio você hospeda? — Ele exigiu saber, tentando usar essa fraqueza contra ela.

Ela abriu um sorriso malvado, o tom sério de Aeron claramente a divertia.

— Você não compartilhou essa informação comigo. Por que eu deveria compartilhar alguma

coisa com você?

Que mulher irritante!

— Você disse *nós*. — E olhou por sobre os ombros dela, talvez esperando que alguém desse um salto para a frente e o atacasse. Mas tudo o que ele via era a escuridão... E tudo o que ouvia eram aqueles gritos secos. — Onde estão os outros?

— E eu lá vou saber. — Ela abriu os braços, com as palmas das mãos para fora, vazias, como se ela não achasse que ele garantia o uso de uma arma. — Estou sozinha, como sempre, é assim que gosto de estar.

Provavelmente, mais uma mentira. Que mulher se aproximaria de um temível Senhor do Mundo Subterrâneo sem apoio? Ele não baixou a guarda ao olhar nos olhos dela.

— Se está aqui para guerrear conosco, saiba que...

— Guerrear? — Ela riu. — Quando eu poderia matá-los enquanto dormem? Não, estou aqui apenas para entregar um aviso. Livrem-se dos cachorros ou eliminarei vocês desse mundo. E se existe alguém capaz de fazer isso, esse alguém sou eu.

Após todas as imagens que vira em sua mente, ele acreditava nela. Ela atacava na escuridão, era um espírito que não mandava avisos. Sem dúvida, não havia crime desprezível demais para ela. Isso não significava que ele lhe daria atenção.

— Talvez você se considere poderosa, mas não pode vencer a todos nós. E se continuar entregando esses *avisos*, tudo o que terá será guerra.

— Como quiser, guerreiro. Eu disse o que eu queria dizer. Melhor rezar para que esta seja a última vez que está me vendo. — As sombras voltaram a ficar espessas, envolvendo-a, sem deixar qualquer sinal de sua presença. Até que, bem próximo ao seu ouvido, ele escutou: — Ah, e mais uma coisa. Essa foi uma visita de cortesia. Da próxima vez, não darei uma de boazinha.

Em seguida o mundo ao seu redor voltou a ficar em foco: os prédios dos dois lados da rua, os sacos de lixo sujando o concreto, o homem bêbado, agora desmaiado. Finalmente, Ira se acalmara.

Aeron permaneceu em alerta, os olhos mapeando o ambiente, o corpo pronto. Ele escutou e ouviu apenas os deliberados suspiros de sua própria respiração, o ruído de passos humanos além do beco e o cantar dos pássaros noturnos.

Mais uma vez, suas asas se abriram, e ele disparou no ar, determinado a encontrar Paris e voltar à fortaleza. Os demais Senhores tinham de ser avisados. Quem quer que fosse aquela mulher com sede de sangue, e o que mais ela pudesse fazer, eles precisavam lidar com ela. Rapidamente.

Capítulo Dois

— AERON! AERON!

Na fortaleza, as botas que calçavam os pés de Aeron tocaram a varanda que levava ao seu quarto. Assustado com a nada familiar voz feminina, ele soltou Paris.

— Aeron!

Ao terceiro estridente grito feminino de terror e desespero, ele e Paris se viraram para observar a colina logo abaixo. Grossas árvores apontavam em direção ao céu, obscurecendo a visibilidade, mas ali, entre manchas verdes e marrons, ele podia distinguir uma figura envolta em branco.

Uma figura que corria em direção a casa.

— Garota das Sombras? — perguntou Paris. — Como ela conseguiu ultrapassar nosso portão tão rapidamente? E a pé, ainda por cima?

Ao longo do caminho, Aeron lhe explicara o que tinha acontecido com a mulher naquele beco.

— Não é ela. — Essa voz era mais alta, mais forte e muito menos confiante. — O portão... eu não sei.

Semanas antes, após ele e Paris terem se recuperado das feridas da batalha contra os Caçadores, ergueram um muro de ferro em volta da fortaleza. O portão tinha cinco metros de altura e era envolto por arame farpado com pontas suficientemente afiadas para cortar vidro. Também irradiava tanta eletricidade que poderia levar um humano a um ataque cardíaco. Qualquer pessoa que tentasse escalar o portão perderia a vida antes de chegar ao outro lado.

— Acha que ela é uma Isca? — perguntou Paris, girando a cabeça e estudando-a com atenção. — Ela pode ter sido jogada por um helicóptero, eu acho.

Os Caçadores eram conhecidos por usar lindas mulheres para ludibriar os Senhores, distraí-los, capturá-los e, depois, torturá-los. E aquela mulher parecia preencher todos os requisitos, com seus longos cabelos cor de chocolate, sua pele tão alva quanto uma nuvem e seu corpo cheio de curvas, etéreo. Aeron ainda não podia ver-lhe os contornos do rosto, mas poderia jurar que eram perfeitos.

Suas asas saíram das fendas quando ele respondeu:

— Talvez.

Malditos Caçadores, sempre chegando na hora *exata*. Metade dos seus amigos estava fora da fortaleza. Tinham ido a Roma em busca do Templo dos Impronunciáveis, ruínas recentemente

erguidas do mar. Esperavam encontrar *qualquer coisa* que os levasse aos artefatos perdidos dos deuses. Quatro artefatos que, se usados simultaneamente, indicariam a localização da caixa de Pandora.

Os Caçadores esperavam usar a caixa para prender os demônios dentro dela novamente, destruindo os Senhores, já que os homens não poderiam viver sem seus demônios. Os Senhores queriam simplesmente destruí-la.

— Temos armadilhas com cabos aí fora. — Quanto mais Paris falava, mais Aeron notava um tremor na sua voz. Por causa da Garota das Sombras, como Paris a chamara, ele não tivera tempo de encontrar ninguém para levar para cama, e sua força devia estar se esvaindo. — Se ela não tomar cuidado... Mesmo se ela *for* uma Isca, não merece morrer desse jeito.

— Aeron! — Paris bateu com o punho contra a balaustrada da varanda e inclinou o corpo para ver melhor. — Por que ela está chamando por você?

E por que dizia o nome dele com tanta familiaridade?

— Se ela é uma Isca, os Caçadores devem estar por aí agora, esperando por mim. Se eu tentar ajudá-la, eles atacam.

Paris endireitou a postura, seu rosto repentinamente banhado pela luz da lua. Escoriações tinham se formado sob seus olhos.

— Vou chamar os outros, e vamos cuidar dela. Ou melhor, deles.

Ele desapareceu antes que Aeron pudesse responder, caminhando a passos largos para fora do quarto, batendo as botas contra o piso de pedra.

Aeron manteve o foco na mulher. Enquanto ela continuava se aproximando, cada vez mais perto, notou que os panos brancos que a envolviam eram na verdade uma túnica. E as costas da túnica, que ele não conseguira ver antes, eram de um vermelho intenso.

Ela não usava sapatos, e quando seu dedão nu bateu contra uma pedra, ela caiu, fazendo com que seus fartos cabelos cor de chocolate caíssem em cascata ao redor de seu rosto. Havia flores entrelaçadas aos cachos, mas algumas das pétalas estavam faltando. Também havia pequenos galhos, mas ele não acreditava que ela os colocara ali intencionalmente. Suas mãos tremiam enquanto ela afastava os fios do rosto.

Finalmente suas feições puderam ser vistas, e cada músculo do corpo de Aeron estremeceu e ficou tenso. Ela era linda, exatamente como imaginara. Mesmo manchada e inchada pelas lágrimas como estava. Tinha grandes olhos azuis como o céu e um nariz perfeitamente inclinado para baixo, bochechas e queixo eram perfeitamente esculpidos, ambos apenas um pouco arredondados, e lábios também perfeitos desenhavam um coração embriagante.

Ele nunca a vira antes, pois teria se lembrado, mas de repente era como se houvesse algo quase... familiar em relação a ela.

Ela lutou para ficar de pé, fazendo caretas e grunhindo, depois começou a caminhar para a frente. Mais uma vez, caiu. Um gemido de dor escapou de sua garganta, mas ela persistia, levantando, seguindo em direção à fortaleza. Isca ou não, tanta determinação era admirável.

De alguma forma, ela conseguiu se desviar de todas as armadilhas, contorcendo-se ao redor delas, como se soubesse onde estavam, mas quando bateu em outra pedra e caiu pela terceira vez, ficou no chão, tremendo e chorando.

Aeron arregalou os olhos ao observar suas costas. Aquele vermelho... seria... sangue? Fresco, ainda úmido? O cheiro forte e metálico subiu com a brisa e chegou às narinas de Aeron, confirmando sua suspeita. Sim, era sangue.

Dela? De outra pessoa?

— Aeron. — Já não era um grito, mas um lamento patético. — Ajude-me.

As asas de Aeron se abriram antes que ele fosse capaz de pensar no que estava fazendo. Sim, os Caçadores machucariam uma Isca de propósito antes de jogá-la na cova dos leões, esperando provocar a compaixão de seu alvo. Sim, ele provavelmente terminaria com flechas e balas cravadas nas costas, mais uma vez, mas não a deixaria ali, ferida e vulnerável. Não permitiria que seus amigos arriscassem suas vidas para salvar, ou destruir, sua pequena visitante.

Por que eu? Foi o que ele pensou ao se lançar da varanda. Para cima, para cima ele se lançou, antes de descer na direção dela. Aeron ziguezagueou para não ser presa fácil, mas nenhuma flecha zuniu perto dele, nem tiros soaram. Ainda assim, em vez de pousar ao lado dela, ele aumentou a velocidade, estendeu os braços e a agarrou, trazendo-a para o alto, sem diminuir a velocidade.

Talvez ela tivesse medo de altura, e esse tenha sido o motivo de seu endurecimento repentino. Talvez ela tivesse esperado que ele fosse morto antes mesmo de alcançá-la e, quando notou que Aeron conseguiu tocá-la, ficou em pânico. De qualquer forma, ele não se importava. Fizera o que estava preparado para fazer. Estava com ela.

Ela começou a se debater fracamente contra Aeron, gemendo em choque e dor.

— Não me toque! Solte-me! Solte-me, ou juro que...

— Fique quieta ou, pelos deuses, eu *vou* soltá-la. — Ele a agarrava pela barriga, com o rosto virado para o chão. Dessa forma, ela poderia ver de quão longe cairia.

— Aeron? — ela girou o pescoço para olhar para ele. No momento em que seus olhares se encontraram, ela relaxou. Até sorriu levemente. — Aeron — ela repetiu, com um suspiro de prazer. — Fiquei com medo de que não viesse. Aquele prazer, sem qualquer resquício ou toque de malícia, surpreendeu, e até confundiu Aeron. As mulheres nunca olhavam para ele daquele jeito.

— Seu medo era um equívoco. Você deveria ter tido medo de que eu *viesse*.

O sorriso dela desapareceu.

Melhor assim. A única coisa que o intrigava agora era o silêncio total do seu demônio. Assim como aconteceu no encontro com a Garota das Sombras, naquele momento ele deveria estar sendo bombardeado por imagens e desejos. *Preocupe-se com isso depois.*

Continuando a ziguezaguear, Aeron voou ao seu quarto, sem parar na varanda, como de costume. Precisava de proteção o mais rápido possível. Só para garantir. Porém, quando ele estava recolhendo as asas, elas bateram nos dois lados da entrada, fogo se espalhou das pontas até os arcos.

Aeron ignorou a dor enquanto ficava de pé. Já com o corpo ereto, correu em direção à cama e, gentilmente, deitou seu fardo sobre o colchão, com o rosto para baixo. Ele passou um dedo ao longo de sua espinha, e os lábios em formato de coração dela se abriram, soltando um gemido de agonia. Aeron esperara que ela tivesse sido encharcada com o sangue de outra pessoa, mas não. Suas feridas eram reais.

Saber disso não o amoleceria. Ela provavelmente machucara a si mesma, ou permitira que os

Caçadores o fizessem, simplesmente pela compaixão que isso despertaria. *Nada de compaixão da minha parte. Apenas irritação.* Ao seguir a passos fortes para o closet, ele levou as asas para as costas, mas, quebradas como estavam agora, elas não cabiam nas aberturas das costas dele. E isso só fez aumentar a irritação dele por ela.

Ele não tinha cordas e não queria sair do quarto em busca de uma, então pegou duas gravatas que Ashlyn lhe dera para o caso de um dia ele querer “se arrumar”, e voltou à cama.

As bochechas dela estavam comprimidas contra o colchão, os olhos observando cada movimento de Aeron, como se não conseguisse desviar o olhar dele; e não por repulsa, como acontecia com a maior parte das mulheres. Ela o observava com algo parecido com desejo.

Estava atuando, claro.

Mas ainda assim, aquele desejo... Havia algo familiar em relação a ele. Algo que não se encaixava bem. *Exatamente* o que ele notara antes, pensou. Quando ela chamara seu nome, aquele mesmo desejo estivera evidente e, bem no fundo, ele soubera que já o encontrara antes. Quando? Onde?

Dela?

Continuou a olhar para ela, e Ira... permanecia em silêncio, ele percebeu. Aquela era (supostamente) a primeira vez em que ele estivera na presença dela, mas seu demônio ainda não estava lançando imagens dos seus pecados na mente dele. Isso era estranho. Só acontecera uma vez antes. Com Legião. Por que razão, ele não saberia dizer. Os deuses sabiam como sua menininha tinha pecado.

Então por que isso estava acontecendo novamente? E, ainda mais com uma possível Isca!

Seria possível que aquela mulher nunca tivesse pecado? Ela nunca dissera uma palavra pouco gentil a alguém? Nunca fizera alguém tropeçar de propósito nem roubara nada, mesmo que fosse uma simples bala? Aqueles olhos puros, da cor do céu, diziam que não. Ou talvez, assim como Legião, ela pecara, mas, por alguma razão, tais pecados não eram localizados pelo radar de Ira.

— Quem é você? — Ele envolveu um dos frágeis pulsos dela com os dedos, hum, pele quente e macia. Depois, amarrou-o a uma das pernas da cama com a gravata. Ele repetiu a ação com o outro pulso.

Ela não protestou nenhuma vez. Era como se tivesse esperado, e aceitado, que receberia tal tratamento.

— Meu nome é Olivia.

Olivia. Um nome lindo. Perfeito para ela. Delicado. Na verdade, a única coisa que *não* era delicada era sua voz. Camadas e camadas de... o que era aquilo? A única palavra que ele encontrava para descrever era *honestidade*, e uma quantidade tão grande emanava dela que o deixava zozinho.

Ele apostaria que aquela voz nunca dissera uma mentira. Não poderia ter dito.

— O que está fazendo aqui, Olivia?

— Estou aqui... estou aqui por você.

Mais uma vez, aquela era a verdade... Era uma força que inundava os ouvidos dele, através de seu corpo, e o deixava abalado. Não havia espaço para dúvida. Nenhuma dúvida. Ele era simplesmente *compelido* a acreditar nela.

Sabin, guardião da Dúvida, teria adorado aquela mulher. Nada agradava mais o demônio daquele

guerreiro do que destruir a confiança de outra pessoa.

— Você é uma Isca?

— Não.

Mais uma vez, ele acreditou nela; não tinha escolha.

— Veio aqui para me matar? — Ele endireitou o corpo e cruzou os braços sobre o peito, olhando para ela, esperando.

Aeron sabia como seu olhar era duro, mas, novamente, ela não reagiu como as mulheres normalmente faziam: tremendo, encolhendo-se, chorando. Ela piscou seus longos cílios negros, parecendo magoada por ele tê-la julgado como sendo má.

— Não, claro que não. — Ela fez uma pausa. — Bem, não mais.

Não mais?

— Então, em algum momento, você quis me matar?

— Uma vez fui enviada para isso, sim.

Tanta honestidade...

— Por quem?

— No início, fui enviada pela Única Divindade Verdadeira, simplesmente para observá-lo. Eu não queria assustar sua amiguinha. Estava apenas tentando fazer o meu trabalho. — Lágrimas encheram seus olhos, transformando aquelas lindas íris azuis em piscinas de remorso.

Nada de amolecer.

— Quem é a Única Divindade Verdadeira?

Um amor puro iluminou a expressão dela, momentaneamente afastando o brilho de dor.

— Divindade sua, divindade minha. Muito mais poderosa que os seus deuses, embora na maioria das vezes se contente em se manter nas sombras e raramente seja reconhecida. Pai dos humanos. Pai dos... anjos. Como eu.

Anjos. Como eu. Quando as palavras ecoaram em sua cabeça, os olhos de Aeron se arregalaram. Por isso seu demônio não conseguiu sentir nenhuma maldade nela. Por isso seu olhar lhe era familiar. Ela era um anjo. O anjo, na verdade. Aquele que fora enviado para matá-lo, como ela mesma admitira. Embora ela “já não” tivesse planos de matá-lo. Por quê?

E isso importava? Aquela delicada criatura fora, em algum momento, nomeada para executá-lo.

De repente, Aeron sentiu vontade de sorrir. Como se ela fosse capaz de ter mais poder do que *ele*.

Você não conseguia vê-la. Teria realmente sido capaz de detê-la, se ela tivesse tentando cortar sua cabeça?

O pensamento o atingiu em cheio, e ele perdeu o bom humor. Era *ela* quem o estivera observando durante todas aquelas semanas. Era *ela* quem o seguira, invisível, afastando uma triste Legião.

Isso o levou a questionar o motivo de Ira não ter reagido da mesma forma que Legião sempre fizera. Com medo e até mesmo agonia física. Talvez o anjo controlasse os demônios que podiam senti-la, ele pensou. Essa certamente seria uma ótima habilidade, pois não deixaria que suas possíveis vítimas tivessem conhecimento de sua presença... e de suas intenções.

Ele esperou que uma raiva brutal o invadisse. Raiva que prometera lançar sobre aquela criatura muitas e muitas vezes se ela algum dia se revelasse. Como a raiva não apareceu, ele esperou pela

determinação. Precisava proteger seus amigos, a qualquer custo.

Mas isso também permanecia desesperançosamente fora de alcance. O que ele conseguiu em vez disso? Confusão.

— Você é...

— O anjo que estava observando você, sim — ela disse, confirmando suas suspeitas. — Ou melhor, eu *era* um anjo. — Suas pálpebras se fecharam, lágrimas escaparam entre os cílios. Seu queixo tremeu. — Agora não sou nada.

Apesar de ele acreditar nela, como poderia não acreditar?, aquela voz... Ele realmente queria duvidar dela, duvidar de alguma coisa, *qualquer coisa*, mas não conseguia... Aeron estendeu uma das mãos, que estava trêmula. *O que você é, uma criança? Seja homem.*

Fazendo uma expressão insatisfeita com sua demonstração de fraqueza, ele endureceu a mão e afastou os cabelos dela, com cuidado para não tocar a pele machucada. Agarrou o colarinho de sua túnica e puxou com cuidado. O tecido suave se rasgou facilmente, revelando a extensão de suas costas.

Mais uma vez, seus olhos se arregalaram. Entre os ossos dos ombros dela, onde asas deveriam ter surgido, havia dois longos entalhes de pele ferida, tendões despedaçados até a espinha, músculos destruídos e era possível até mesmo ver um osso. Eram feridas selvagens, violentas e impiedosas, e o sangue ainda brotava de todas elas. Ele já tivera suas asas arrancadas à força uma vez, e fora a dor mais profunda de toda a sua longa vida.

— O que aconteceu? — Ficou impressionado com a aspereza da própria voz.

— Eu caí — ela ofegou em resposta, a vergonha pingava de seu tom de voz. Ela enterrou a cabeça no travesseiro. — Já não sou um anjo.

— Por quê? — Sem nunca ter encontrado um anjo antes, além de Lysander, claro, mas aquele idiota não contava, pois se recusava a contar qualquer detalhe importante aos Senhores, Aeron sabia muito pouco sobre eles. Nada além do que Legião lhe contara. Mas, claro, era bem provável que os relatos de Legião viessem tingidos pelo ódio que nutria por eles. Nada do que dissera se encaixava com a mulher na cama de Aeron.

Os anjos, Legião dissera, não tinham emoções, eram criaturas sem alma com apenas um propósito: destruir seus equivalentes mas sombrios: os demônios. E Legião também afirmara que, muitas vezes, um anjo sucumbiria aos prazeres da carne, fascinado pelos próprios seres que ele, ou ela, deveria abominar. Esse anjo seria, então, atirado diretamente no inferno, onde os demônios que ele uma vez derrotara finalmente encontrariam espaço para uma pequena vingança.

Teria acontecido isso àquele anjo?, Aeron imaginou. Uma viagem ao inferno, onde os demônios a torturaram? Era possível.

Deveria soltar seus punhos? Seus olhos... tão sinceros, tão inocentes. Agora eles diziam: *Ajude-me. Salve-me.*

Mas, principalmente, diziam: *Fique comigo, jamais me deixe.*

Ele já fora enganado por tanta inocência antes, pensou, detendo-se antes que fizesse qualquer coisa. Baden também fora enganado e morrera por isso.

Um homem inteligente tentaria descobrir mais coisas sobre aquela mulher primeiro, ele pensou.

— Quem cortou suas asas? — A pergunta saía como um latido brusco, e ele assentiu, satisfeito. Ela engoliu em seco e deu de ombros.

— Uma vez eu fui lançada...

— Aeron, seu idiota de merda — disse uma voz masculina, fazendo com que ela se calasse. —

Não me diga que você... — Paris entrou no quarto, mas parou de repente ao ver Olivia. Seus olhos se estreitaram e ele passou a língua por entre os dentes. — Então, é verdade. Você realmente voou lá para fora e a pegou.

Olivia enrijeceu o corpo, escondendo o rosto da vista de Paris. Seus ombros começaram a tremer, como se estivesse chorando. Estaria finalmente assustada? Agora?

Por quê? As mulheres adoravam Paris.

Concentre-se. Aeron nem precisou perguntar como Paris soube o que ele fizera. Torin, guardião do demônio da Doença, monitorava a fortaleza e a colina sobre a qual ela estava assentada 28 horas por dia, nove dias por semana (ou pelo menos era a impressão que dava).

— Imaginei que estivesse reunindo os demais.

— Torin me mandou uma mensagem de texto, e eu fui até ele primeiro.

— E o que ele lhe disse sobre ela?

— Corredor — disse o amigo, apontando para a porta com uma leve inclinação do queixo.

Aeron balançou a cabeça.

— Podemos falar sobre isso aqui. Ela não é uma Isca.

Paris passou mais uma vez a língua entre os dentes brancos e lisos.

— E eu pensei que *eu* fosse o burro no que diz respeito às mulheres. Como você sabe o que ela é? Ela lhe contou uma história, e você não teve outra saída além de acreditar? — Seu tom era de escárnio.

— Ela é um anjo, déspota. Quem estava me observando.

Isso arrancou o desprezo da expressão de Paris.

— Um anjo de verdade? Do céu?

— Sim.

— Como Lysander?

— Sim.

Bem lentamente, Paris a examinou. Como grande conhecedor das mulheres que era, ou costumava ser, ele provavelmente sabia todos os detalhes do seu corpo quando terminou a análise. O tamanho dos seus seios, o formato de seu quadril, o comprimento exato de suas pernas. Mas isso *não* perturbou Aeron. Ela não significava nada para ele. Nada além de problemas.

— O que quer que ela seja — disse Paris, já bem menos irado que antes —, não significa que não esteja trabalhando para nosso inimigo. Devo lembrar-lhe de que Galen, o maior fanfarrão do mundo, diz que *ele* é um anjo?

— É, mas ele mente.

— E ela não pode mentir?

Aeron passou uma das mãos pelo rosto cansado.

— Olivia. Você está trabalhando com Galen, para nos destruir?

— Não — ela murmurou, e Paris deu um tropeção para trás, assim como Aeron fizera, apertando o peito.

— Meus deuses. — Seu amigo arfou. — Essa voz...

— Eu sei.

— Ela não é uma Isca e não está ajudando Galen. — Uma declaração dos fatos, agora feita por Paris.

— Eu sei — repetiu Aeron.

Paris sacudiu a cabeça, como se quisesse limpar seus pensamentos.

— Ainda assim, Lucien vai querer procurar Caçadores na colina. Só para garantir.

Essa era uma das muitas razões que sempre fizera com que Aeron seguisse os passos de Lucien. Ele era inteligente e cuidadoso.

— Quando ele terminar, convoque uma reunião com todos os que estiverem por aqui e conte o que aconteceu com a outra mulher. Aquela do beco.

Paris assentiu, e um brilho repentino surgiu em seus olhos azuis.

— Que noite você teve até agora, hein? Fico imaginando quem mais você vai encontrar esta noite.

— Que os deuses me ajudem se aparecer mais alguém — ele murmurou.

— Você não deveria ter desafiado Cronos, meu amigo.

Aeron sentiu uma pontada no estômago ao olhar mais uma vez para o anjo. Teria o rei dos deuses realmente respondido seu desafio? Seria Olivia a responsável por deixá-lo louco? Seu coração *estava* acelerado, ele notou, e seu sangue *estava quente*.

Ele rangeu os dentes. Não importava se ela era ou não um anjo. Ela podia tentar seduzi-lo. Mas nem ela, com aqueles cabelos cor de chocolate, aqueles olhinhos azuis e aqueles lábios em forma de coração, conseguiria isso.

— Eu não me arrependo do que disse. — Se isso era verdade ou mentira, ele não sabia. Não pensara que Cronos tivesse algum poder sobre os anjos. Então como o rei dos deuses a teria enviado ali? Ou não fora ele o responsável? Talvez Aeron estivesse enganado, e Cronos não tivesse nada a ver com isso.

Mais uma vez, não importava. O anjo não apenas falharia se tentasse seduzi-lo, como ele garantiria que ela fosse embora antes que tivesse tempo de causar-lhe um segundo de preocupação.

— Só para que você saiba — disse Paris —, Torin viu essa aí na colina com suas câmeras escondidas. Disse que ela cavou um buraco no chão para sair.

Um buraco no chão. Isso queria dizer que ela *realmente* fora jogada no inferno e fora obrigada a encontrar seu caminho para fora dali com as unhas? Ele não podia imaginar aquela figura com aparência tão frágil fazendo uma coisa dessas, e sobrevivendo. Mas lembrou-se da determinação que ela demonstrara enquanto corria em direção à fortaleza. Talvez.

— Isso é verdade? — Ele olhou para ela com novos olhos. Sim, havia sujeira embaixo de suas unhas e manchas em seus braços. Mas, fora o sangue, sua túnica estava perfeitamente limpa.

Na verdade, enquanto ele a observava, o rasgo que ele fizera se refez, bem parecido com o que acontecia com seu corpo quando ele se feria.

— Olivia. Você precisa responder.

Ela assentiu, sem erguer os olhos. Ele ouviu um *sniff, sniff*. Sim, ela estava chorando.

Uma dor aflorou em seu peito, mas Aeron a ignorou. *Não importa o que ela é ou o que tenha passado. Você não vai amolecer, droga. Ela assusta e machuca Legião; precisa ir embora daqui.*

— Um anjo real, vivo — disse Paris, claramente impressionado. — Vou levá-la ao meu quarto, se você preferir, e...

— Ela está muito machucada para brincadeiras na cama — disse Aeron imediatamente.

Paris olhou de forma estranha para o amigo por um momento. Depois sorriu e balançou a cabeça.

— Eu não estava pensando em fazer nada, deixe de ser ciumento.

O comentário nem mereceu uma resposta. Ele nunca sentira ciúme, e não iria começar naquele momento.

— Então por que está oferecendo para levá-la ao seu quarto?

— Para que eu possa enfaixar suas feridas. Quem é o déspota agora?

— Eu vou cuidar dela.

Talvez. Mas será que os anjos toleravam os remédios humanos? Ou eles os machucariam? Aeron conhecia bem os perigos de oferecer a uma espécie algo que era feito para outra. Ashlyn quase morrera ao tomar vinho produzido apenas para os imortais.

Poderia ter ligado para Lysander, mas o anjo guerreiro de elite estava vivendo no céu com Bianka e, se havia uma forma de encontrá-lo, Aeron não sabia qual era. Além do mais, Lysander não gostava dele e não ofereceria qualquer informação sobre sua raça.

— Se você quer ser o responsável, tudo bem. Mas admita — disse Paris, abrindo mais um sorriso para ele. — Você está querendo tê-la para si.

— Não, não estou. — Ele não tinha a menor vontade de fazer isso. Mas ela estava muito machucada e não poderia cuidar de si mesma. E, portanto, não estava em condições de se deitar na cama de ninguém. E era exatamente isso o que Paris queria. Sexo. Não importava o que o guerreiro dissesse.

Além do mais, ela chamara por *Aeron*. Gritara o nome de *Aeron*.

Sem recuar, Paris continuou:

— Tecnicamente, um anjo não é um humano, como você sabe. Um anjo é algo mais.

Aeron trincou a mandíbula.

— Eu disse que não quero tê-la.

Paris riu.

— Como quiser, compadre. Divirta-se com sua fêmea.

As mãos de Aeron se transformaram em punhos, o riso de seu amigo não era bem-vindo naquele momento.

— Vá e diga a Lucien tudo o que conversamos, mas sob nenhuma circunstância diga às mulheres que há um anjo ferido por aqui. Elas vão invadir meu quarto querendo conhecê-la, e agora não é o momento certo para isso.

— Por quê? Está planejando dar uns amassos nela?

Aeron trincou os dentes com tanta força que ficou com medo de que, em pouco tempo, eles não

passassem de uma simples memória.

— Estou planejando interrogá-la.

— Ah. Então é assim que as crianças estão dizendo hoje em dia. Bem, divirta-se. — Com isso, um Paris sempre sorrindo saiu do quarto.

Mais uma vez sozinho com seu fardo, Aeron olhou para ela. Seu choro silencioso pelo menos cessara, e ela olhava para Aeron mais uma vez.

— O que está fazendo aqui, Olivia? — Dizer o nome dela não deveria afetá-lo, ele mesmo tentara se convencer disso antes, mas o afetara. Seu sangue esquentou ainda mais. Deviam ser aqueles olhos... perfurando-o...

Um suspiro trêmulo escapou dela.

— Eu sabia das consequências, sabia que estava abrindo mão das minhas asas, das minhas habilidades, da minha imortalidade, mas fiz assim mesmo. Só que... meu trabalho mudou. Eu não tinha mais alegria para dar. Só morte. E eu odiava o trabalho que me pediram para fazer. Não podia fazer isso, Aeron. Simplesmente não podia.

Seu nome nos lábios dela, pronunciado de forma tão familiar, também o afetava... E ele respirou fundo. Qual era o problema com ele? Seja durão. *Aja como o guerreiro frio e sério que eu sei que você é.*

— Eu observei você — ela continuou —, e também os que estão ao seu redor, e eu... senti uma dor. Eu quis você, e eu quis o que eles tinham... liberdade, amor e diversão. Eu quis brincar. Quis beijar e tocar. Queria uma alegria só minha. — Seus olhos encontraram os dele, frios, tristes. — No final das contas, eu tive uma escolha. Cair... ou matar você. Decidi cair. Então aqui estou. E sou sua.

Capítulo Três

SUA. ELA NÃO deveria ter dito isso.

Olivia ficou gelada de terror, um único pensamento explodindo em sua mente, mais alto do que qualquer outro: ela acabara de arruinar tudo.

Deveria ter dito a verdade a Aeron de forma gradativa. Afinal de contas, todas as vezes que ela se aproximara dele naquelas últimas semanas, ele a ameaçara com agonia e morte. Ele nem se importara com o fato de ela ser invisível. Aeron sabia que ela estava por perto. Como, ela ainda não descobrira. Ela deveria ser imperceptível, não deveria ter qualquer substância, como um fantasma no meio da noite. E agora que ela estava ali, em carne e osso, destilando seus segredos, Aeron provavelmente a enxergava como bem mais que uma ameaça, provavelmente, como uma inimiga.

Provavelmente? Ela riu, mas sem demonstrar qualquer traço de humor. Ele de fato a via dessa maneira. E suas perguntas a chicotearam, cortando profundamente. Sim. Ela estava arruinada. Aeron não iria querer ter nada a ver com ela naquele momento. Bem, a não ser para lhe conceder aquela agonia e morte.

Você não lutou para se livrar das profundezas do inferno para ser destruída nesta fortaleza. Ela lutara para se livrar do inferno em busca de uma chance ao lado de Aeron. *Apesar* da possibilidade de tudo dar errado.

Você consegue. Tendo observado Aeron sorrateiramente por várias vezes, ela sentia como se o conhecesse muito bem. Ele era disciplinado, distante e brutalmente honesto. Não confiava em ninguém além dos seus amigos. Não tolerava a fraqueza. E, ainda assim, com as pessoas a quem amava, era gentil, educado e solícito. Colocava o bem-estar dessas pessoas acima do seu próprio. *Eu quero ser amada desse jeito.*

Se ao menos ele a tivesse visto antes de ser expulsa do único lar que conhecera. Se ao menos ele a tivesse visto antes de sua habilidade de voar ter sido perdida. Antes de sua recém-descoberta habilidade de criar armas com o ar ter sido apagada. Antes que sua capacidade de se proteger do mal do mundo tivesse sido removida.

Agora...

Ela estava *mais fraca* que um humano. Tendo passado os longos séculos de sua existência confiando mais em suas asas que em suas pernas, ela não sabia nem andar direito. E se não

conseguisse?

Um gemido escapou de sua garganta. Ela abriu mão de seu lar e de seus amigos em troca de dor, humilhação e desamparo. Se Aeron também a chutasse para fora dali, não teria para onde ir.

— Não chore — disse Aeron tediosamente.

— Eu não... consigo... evitar — ela respondeu, por entre lamúrias trêmulas. Apenas uma vez antes ela vertera lágrimas e também fora por causa de Aeron, quando ela percebeu que seus sentimentos por ele ofuscavam completamente seu senso de autopreservação.

A magnitude do que fizera era agora uma força que clamava em sua mente. Olivia estava sozinha, presa num corpo frágil que ela não entendia, e dependente da boa vontade de um homem que, algumas vezes, infligia destruição mortal a públicos inocentes. Públicos que ela, como mensageira da alegria, fora responsável por fazer felizes.

— Tente, droga.

— Você poderia... talvez... não sei... me abraçar? — ela perguntou entre arfadas.

— Não. — Ele pareceu horrorizado com o pensamento. — Você vai desistir imediatamente.

Ela chorou ainda mais alto. Se estivesse em casa, seu mentor, Lysander, a afagaria até que se acalmasse. Pelo menos era o que imaginava que teria feito, já que a teoria nunca fora testada.

Pobre e doce Lysander. Ele sabia que ela tinha ido embora? Sabia que ela poderia nunca mais retornar? Ele soubera que ela estava fascinada por Aeron, que passava todo o tempo livre neste plano, observando-o em segredo, incapaz de completar a terrível tarefa que recebera, mas Lysander nunca esperara que ela fosse capaz de abrir mão de tudo por aquele homem.

Para ser sincera, nem ela esperara isso. Não mesmo.

Talvez devesse ter esperado, já que seus problemas tinham começado antes mesmo que colocasse os olhos em Aeron.

Poucos meses antes, uma penugem dourada surgira em suas asas. Mas dourado era a cor dos guerreiros, e ela nunca quisera ser uma guerreira. Mesmo que isso fosse elevar seu posto.

Lembrando-se da sua infelicidade, ela suspirou. Existiam três castas angelicais: a Elite Sete, da qual Lysander fazia parte, trabalhava diretamente com a Única Divindade Verdadeira. Eles haviam sido selecionados no início dos tempos e nunca hesitaram em sua tarefa de treinar outros anjos e monitorar os acontecimentos malignos. Em seguida, vinham os guerreiros. Eles destruíam os demônios que conseguiam escapar de suas ardentes prisões. E, por último, estavam os emissários da alegria, como Olivia fora uma vez.

Muitos de seus companheiros haviam sentido inveja instantânea pela chegada da penugem dourada em suas asas; nada malicioso, claro. Mas pela primeira vez em sua existência, Olivia não estivera certa em relação ao caminho que deveria percorrer. Por que *ela* fora escolhida para tal missão?

Ela adorava o trabalho que tinha. Adorava murmurar bonitas declarações nos ouvidos dos humanos, trazendo-lhes confiança e prazer. Só de pensar em ferir outro ser vivo, mesmo alguém que merecesse ser ferido... Ela estremeceu.

Foi então que teve os primeiros pensamentos relacionados à queda, a começar uma nova vida. Eram pensamentos inocentes, de fato. E se...? Talvez... E quando começou a espiar Aeron, tais pensamentos se intensificaram. E se eles pudessem ficar juntos? Talvez pudessem viver felizes para

sempre.

Como seria ser humana?

Então, quando o Alto Conselho Celestial, um corpo intimidador formado por anjos das três facções, convocou-a ao tribunal, ela esperara ser castigada por ter falhado em sua missão de destruir Aeron. Em vez disso, recebeu um ultimato.

Ela estava de pé no centro de uma sala branca e espaçosa, com um teto abobadado e as paredes formando um círculo perfeito. Havia colunas que se esticavam por todos os lados, a hera que as envolvia era de um branco completamente puro. Havia um trono entre cada uma dessas colunas, com formas régias assentadas sobre eles.

— *Você sabe por que está aqui, Olivia?* — perguntou uma voz ressoante.

— *Sim.* — Mesmo tremendo, suas asas nunca deixaram de ter movimentos graciosos. Eram longas e majestosas, com penas de um branco glorioso, perpassadas por um dourado. — Para discutir sobre Aeron do Mundo Subterrâneo.

— *Fomos pacientes por semanas, Olivia.* — Aquela voz sem emoção ecoava como um tambor de guerra dentro de sua cabeça. — *E oferecemos inúmeras oportunidades para que você se mostrasse capaz. Você falhou em todas elas.*

— *Eu não fui criada para isso* — ela respondeu, agitada.

— *Você foi. E deve fazê-lo. Não há melhor forma de espalhar alegria pelo mundo do que salvando os humanos do mal. E é exatamente isso o que você fará ao terminar sua tarefa. Essa é sua última chance. Você dará um fim à vida de Aeron, ou nós daremos um fim à sua vida.*

A ameaça do conselheiro não deveria ser encarada como crueldade, ela sabia. Era simplesmente assim que as coisas funcionavam no céu. Uma única gota de veneno poderia destruir um oceano, e por isso qualquer gota destrutiva deveria ser eliminada antes de se chocar contra as ondas. Porém, Olivia protestou assim mesmo:

— *Vocês não podem me matar sem a bênção da Divindade Verdadeira.* — E Ele não daria sua bênção. Ele era pura doçura e bondade. Importava-se com seu povo, com *todo* o seu povo. Mesmo com os anjos desobedientes. Era muito simples. Ele era o amor.

— *Mas podemos dispensá-la, acabando com a vida como você a conhece.* — A voz era feminina, mas o tom não era menos decidido.

Por um momento, Olivia teve dificuldade para respirar e viu pontos de luz dançando ao redor dos seus olhos. Ela perderia sua casa? Acabara de comprar uma nuvem nova, maior. E prometera a um de seus amigos que cobriria seus turnos de envio de alegria para que ele pudesse sair de férias... E ela nunca antes quebrara uma promessa. Mas, ainda assim, ela persistiu.

— *Aeron não é mau. Ele não merece morrer.*

— *Não cabe a você decidir isso. Ele ignorou uma lei antiga e deve ser punido, antes que outros se sintam no direito de fazer o mesmo, sem sofrer as consequências.*

— *Duvido que ele saiba o que fez.* — Ela abriu os braços, implorando. — *Se apenas permitissem que ele me visse e escutasse minha voz, eu poderia conversar com ele e explicar...*

— *Se fizéssemos isso, estaríamos ignorando uma lei antiga.*

Verdade. A fé se baseava no princípio de acreditar no que não podia ser visto. Apenas a Elite Sete

podia se revelar no plano mortal, como faziam algumas vezes, para recompensar pessoas por sua fé.

— *Sinto muito* — ela se desculpou, com a cabeça baixa. — *Não deveria ter feito tal pedido.*

— *Está desculpada, criança* — responderam em uníssono.

O perdão era facilmente concedido ali. Bem, exceto quando mandamentos eram ignorados. Pobre Aeron, ela pensou, mesmo enquanto dizia:

— Obrigada.

Mas era que... Aeron a atraía. Ele parecia o demônio com aquela pele totalmente tatuada. Porém, vê-lo pela primeira vez despertara nela desejos muito fortes para serem ignorados. Como seria tocá-lo? Como seria ser tocada *por ele*? Será que *ela* finalmente conheceria a alegria que costumava trazer aos outros?

Num primeiro momento, tais pensamentos a deixaram envergonhada. E quanto mais conhecia Aeron, mais fortes ficavam os desejos. Até o momento em que tudo em que pensava era em cair e estar ao lado dele.

Finalmente, convencera-se de que era aceitável sentir tudo aquilo por ele, apesar de sua aparência, apesar do que lhe dissera o Conselho, Aeron era honesto e bom. E se ele era honesto e bom, ela poderia fazer as coisas que ele fazia, e também ser honesta e boa. Mais do que isso, estava tudo bem porque, sendo um homem tão protetor, ele a manteria a salvo. Dos demais e dela mesma.

Se ele fosse assassinado, no entanto, Olivia viveria o resto da eternidade sem saber como poderia ter sido... maravilhoso experimentá-lo de todas as formas possíveis. Ela se arrependeria. Ficaria de luto.

Mas salvá-lo, de sua própria mão, pelo menos, significava abrir mão de tudo o que conhecia, como lhe dissera o Conselho. Mais do que perder sua casa e suas asas, ela seria enviada a um mundo onde o perdão nem sempre era concedido, a paciência era raramente recompensada e a grosseria era um estilo de vida.

— *Ele é seu primeiro assassinato, e entendemos sua relutância, Olivia. Mas você não pode permitir que isso a destrua. Você deve se erguer acima de tudo isso, ou pagará o preço para todo o sempre. Qual será sua escolha?*

Aquele fora o último esforço do Conselho na tentativa de salvá-la. Mas Olivia erguera a cabeça e pronunciara as palavras que estavam retumbando em sua cabeça havia semanas, as palavras que a tinham levado até ali. Antes que o medo a fizesse mudar de ideia:

— *Eu escolho Aeron.*

— Mulher?

A voz decidida resgatou Olivia do passado. Era uma voz mais profunda e mais valiosa do que a de qualquer outra pessoa, e também era... necessária. Ela piscou os olhos, e o mundo à sua volta vagarosamente começou a entrar em foco. Estava num quarto que conhecia de cor. Espaçoso, com paredes de pedras prateadas, repleto de quadros de flores e estrelas. O piso era de madeira escura e polida, coberto por um macio tapete rosa. Havia uma cômoda, uma penteadeira e uma poltrona de adolescente.

Muitos zombariam do fato de que um guerreiro tão poderoso e orgulhoso tivesse um quarto tão feminino, mas não Olivia. Os móveis simplesmente provavam a profundidade do amor de Aeron

por sua Legião.

Haveria lugar no seu coração para alguém mais?

Olivia pousou os olhos nele, que continuava de pé ao lado da cama sobre a qual ela estava esparramada, observando-a... mas sem demonstrar qualquer emoção, ela percebeu, desapontada. E quem poderia culpá-lo? Que visão ela deveria estar proporcionando! As lágrimas tinham secado em suas bochechas, deixando sua pele esticada e quente. Seus cabelos caíam em cachos desgrehados, e havia poeira por toda a sua pele exposta.

Ele, por sua vez, estava maravilhoso. Era alto, e seus músculos eram de dar água na boca. Seus olhos eram incrivelmente violetas, adornados por longos cílios pretos. Seus cabelos escuros estavam cortados rentes à cabeça, e Olivia ficou imaginando se, ao acariciá-los, aqueles fios curtos espetariam as palmas de suas mãos.

Não que ele fosse permitir que ela o acariciasse.

Aeron tinha muitas tatuagens, que cobriam até mesmo as feições perfeitamente cinzeladas de seu rosto. Todas representavam coisas terríveis. Esfaqueamentos, estrangulações, corpos queimados, sangue, tanto sangue, cada rosto esquelético talhado em tormento. Porém, entre tanta violência, havia duas borboletas azuis, uma que subia por suas costelas, e outra cujas asas contornavam suas costas.

Os demais Senhores, ela notara, tinham apenas uma tatuagem de borboleta, que era a marca de sua possessão pelo demônio. E ela sempre imaginara por que Aeron tinha duas. Não seria como se seu corpo abrigasse dois demônios, ou algo parecido.

Mais do que tudo, ele desprezava fraqueza. Aquelas borboletas não seriam um lembrete de sua estupidez? Além disso, as outras tatuagens, as mais violentas, não eram para que ele se lembrasse das coisas terríveis que seu demônio o obrigara a fazer?

Quanto a Olivia, por que aquelas tatuagens não lhe causavam repulsa, como aconteceria com qualquer outro anjo? Por que ele continuava a fasciná-la?

— Mulher — ele repetiu, já impaciente.

— Sim? — ela conseguiu resmungar.

— Você não estava me escutando.

— Sinto muito.

— Quem queria me ver morto? E por quê?

Em vez de responder, ela implorou:

— Sente-se, por favor. Olhar para cima para falar com você vai acabar torcendo meu pescoço.

No início, ela não achou que ele fosse aceitar o pedido. Então Aeron começou a agachar-se e abrandar a expressão. Finalmente, seus olhares estavam à mesma altura, e Olivia notou que as pupilas dele tinham se dilatado. Estranho. Aquilo normalmente acontecia com os humanos quando estavam felizes. Ou com raiva. E ele não estava sentindo nenhuma das duas coisas.

— Melhor? — ele perguntou.

— Sim. Obrigada.

— Ótimo. Agora, responda.

Ele era tão mandão. Mas ela não se importava. A recompensa era grande demais. Agora ela podia beber da perigosa visão de Aeron sem fazer qualquer esforço, enquanto conversava com ele. Algo

com que sonhara nas últimas semanas.

— O Alto Conselho Celestial quer vê-lo morto porque você ajudou um demônio a escapar do inferno.

Ele franziu a testa.

— A minha Legião?

A *sua* Legião? Olivia assentiu, retraindo-se. Nunca antes experimentara a dor, mental ou física, e não sabia muito bem como ela a estava suportando. Lucidamente, pelo menos.

Ou talvez soubesse. Os humanos produziam adrenalina e outros hormônios que os deixavam um tanto anestesiados. Talvez ela também estivesse produzindo aquelas coisas, agora que era humana. E, cada vez mais, Olivia começou a se sentir prazerosamente distante do seu novo corpo e daquelas emoções e necessidades nada familiares.

— Eu não entendo. Legião tinha se libertado quando nos conhecemos. Eu não fiz nada para conquistar a... ira de ninguém. — Sua boca ficou tensa ao pronunciar a palavra ira.

— Na verdade, fez sim. Sem você, Legião não teria sido capaz de chegar à superfície, pois estava presa ao submundo.

— Continuo sem entender.

Os cílios de Olivia, repentinamente pesados e aparentemente envolvidos por uma lixa, se fecharam, *ah, para conversar sobre outra coisa*, mas ela se forçou a reabri-los.

— Na maior parte do tempo, os demônios só são capazes de sair do inferno quando são chamados à terra. É uma pequena brecha que só encontramos muito tarde. Seja como for, quando são convocados, sua ligação com o inferno é quebrada, e eles ficam atados a quem os invocou.

— Mais uma vez, eu não invoquei Legião. Ela veio até mim.

— Talvez não a tenha invocado conscientemente. Porém, no momento em que a aceitou como sua, foi como se tivesse feito isso.

Ele fechou e abriu as mãos, um gesto que, como ela sabia, indicava que estava tentando se controlar. Talvez ele *realmente* estivesse com raiva.

— Ela tem todo o direito de caminhar por essa terra. Eu sou um demônio e tenho feito isso por milhares de anos, sem qualquer punição.

Verdade.

— Mas seu demônio está preso dentro de você. Então *você* é o inferno dele. Legião agora está livre de quaisquer amarras e pode ir e vir sempre que quiser. O que significa que ela não tem um inferno, e isso desafia todas as regras celestiais.

Ela podia ver que Aeron estava se preparando para discutir. Talvez ajudasse se ela explicasse as origens do inferno.

— Os demônios mais poderosos já foram anjos um dia. Só que eles caíram. Foram os primeiros a cair, na verdade, e seus corações foram escurecidos; toda a bondade foi varrida deles. Então, em vez de perder suas asas e seus poderes, eles foram condenados a sofrer por todo o sempre. Uma tradição que continuou com sua descendência. Não pode haver exceções. Os demônios têm de estar atados a algum tipo de inferno. Os que quebram esse laço são mortos.

Os olhos de Aeron ficaram vermelhos, brilhantes.

— Você está dizendo que Legião não tem nenhum inferno e que, por isso, deve morrer.

— Sim.

— E também está dizendo que ela já foi um anjo?

— Não. Uma vez no inferno, os demônios aprenderam a procriar. Legião é uma dessas criações.

— E você pensa em puni-la, mesmo sabendo que ela nunca fez mal algum?

— Eu não, mas, sim. Mesmo assim.

— Preste atenção no que vou dizer: não vou permitir que nenhum mal aconteça a ela — disse

Aeron, calmamente, mas não sem violência.

Olivia permaneceu em silêncio. Não mentiria para ele e lhe diria o que ele gostaria de ouvir. Não diria que ele e Legião estavam a salvo agora, que seus crimes tinham sido esquecidos pelos seres celestiais. Eventualmente, outro anjo viria para fazer o que Olivia não fora capaz de fazer.

— Ela não merecia ficar lá — ele murmurou.

— Não era para você decidir isso. — A repreensão emergiu docemente, o mais gentilmente que ela conseguiu. E suas palavras eram um eco do que o Conselho lhe dissera, o que a deixou com um gosto ruim na boca.

Aeron inspirou de forma áspera, suas narinas se alargaram.

— Você caiu. Por que não foi atirada diretamente ao inferno?

— Os primeiros anjos a cair deram as costas à Única Divindade Verdadeira, por isso seus corações ficaram escuros. Eu não dei as costas. Simplesmente escolhi um caminho diferente.

— Mas por que foi enviada a mim *agora*? Não como um anjo caído, mas como uma assassina? Milhares de anos atrás, eu fiz coisas muito piores do que cortar a ligação de um mero demônio com o inferno. Todos aqui fizemos.

— O Conselho concordou com os deuses que você e seus companheiros eram os únicos capazes de abrigar e, talvez algum dia, controlar os demônios que escaparam. Como eu disse, vocês são o inferno deles, e já foram suficientemente punidos por aqueles crimes.

Uma expressão de vitória se apossou de suas feições ao pensar que a flagrara dizendo uma inverdade.

— Ira será libertado no momento em que eu morrer, escapando de seu suposto inferno. E aí? Você ainda pensa em me matar?

Se ao menos aquela brecha não tivesse sido fechada...

— Antes, não tínhamos permissão para matar os Grandes Senhores demoníacos, e isso é exatamente o que seu demônio é. Então eles escaparam das profundezas, forçando-nos a alterar nossas regras de acordo com a situação. Então... eu deveria matar Ira também.

Tal admissão fez desaparecer sua expressão de vitória.

— Você caiu. Isso significa que não concordava com a ordem. Com a minha morte, com a morte do meu demônio e de Legião.

— Isso não é verdade — ela disse. — Acho que você deveria ser poupado, sim. E também Ira, pois o demônio é parte integrante de você. Se eu acho que Legião deve viver nesse mundo? Não. Ela é uma ameaça de formas que você não imagina, e ela provavelmente vai causar enormes danos. Eu caí porque...

— Porque queria liberdade, amor e diversão — ele disse, repetindo suas palavras anteriores, mas pronunciando-as com escárnio. — Por que você foi escolhida para essa missão? Já matou antes?

Ela engoliu em seco, não querendo admitir como as coisas tinham acontecido, mas sabendo que lhe devia uma explicação.

— Reyes... Ele visitou os céus muitas vezes por causa de sua mulher, Danika. Eu o vi uma vez e o segui até aqui, curiosa sobre a vida que um guerreiro possuído por um demônio poderia ter construído para si mesmo.

— Espere. — Aeron fez uma cara feia para ela. — Você seguiu Reyes.

— Sim. — Ela não acabara de dizer isso?

— Mas você seguiu *Reyes*. — Raiva irradiava dele, através do seu corpo e do tom de sua voz.

— Sim — ela murmurou, compreensiva. De repente, Olivia se arrependeu por não ter mantido essa parte da história em segredo. Sabia o quanto Aeron protegia seus amigos; a cada minuto deveria gostar menos dela. — Mas eu não o machuquei. E-eu... passei cada dia vagando por aqui. — *Seguindo você. Desejando você.* — Eu fui escolhida porque, mais do que qualquer pessoa, conhecia sua rotina.

Ou os anciãos teriam notado seu crescente desejo por Aeron e imaginado que, eliminando-o, ela também se livraria daquele terrível desejo? Olivia frequentemente se perguntava isso.

— Só para você saber, Reyes tem uma mulher. — Aeron ergueu uma sobrancelha, dividindo os entalhes das almas em sua testa. Almas que gritavam caminhando em direção à condenação. — Mas isso não importa. Eu quero saber como você pretendia me matar.

Ela teria usado uma espada de fogo, como Lysander lhe ensinara, e arrancado sua cabeça. Era a morte mais rápida que um anjo poderia proporcionar, alguém lhe dissera. A mais rápida e a mais misericordiosa, acabada antes que uma única ameaça de dor pudesse ser sentida.

— Há algumas maneiras. — Foi tudo o que ela disse.

— Mas você caiu e agora não é capaz de completar sua missão — Aeron respondeu, com a voz cheia de medo. — Alguém será enviado no seu lugar, certo?

Finalmente, ele estava começando a entender. Ela assentiu.

Sua testa franzida deu lugar a mais uma cara feia.

— Como eu disse, não vou permitir que qualquer mal seja feito a Legião. Ela é minha, e eu protejo o que é meu.

Ah, ser dele, ela pensou, e o desejo dentro dela era mais forte que a terrível dor. Era por isso que estava ali, afinal. Era melhor ter um momento ao lado dele do que uma vida inteira com qualquer outra pessoa.

Ela gostaria de ter mais de um momento, claro, mas um momento era tudo o que tinham. Quando seu sucessor chegasse, e ele chegaria, Aeron morreria. Embora seu coração encolhesse ao pensar nisso, as circunstâncias eram simples assim. Aeron não poderia se defender contra um oponente que não seria capaz de ver, ouvir ou tocar. Um oponente que poderia ver, tocar e senti-lo.

E, conhecendo a justiça do céu como ela conhecia, sabia que seria substituída por Lysander. Olivia falhara, então seu mentor seria o responsável pelo que ela não fizera.

Lysander não hesitaria ao desferir o golpe final. Nunca hesitava. Sim, ele estava diferente agora

que se unira a Bianka, uma Harpia descendente do próprio Lúcifer. Porém, afastar-se de Aeron significava que Lysander também teria que cair. Teria de abrir mão de sua eternidade ao lado de Bianka, e isso era algo que o guerreiro de elite nunca faria. Bianka se transformara em tudo para ele.

— Agradeço o aviso. — Aeron se levantou. Se ele dissera algo antes, ela não escutara, pois estava distraída. O que havia de errado com ela? Viera até ali por ele, mas, desde sua chegada, passara grande parte do tempo dentro de sua própria mente.

— De nada. Mas há algo que eu gostaria de ter em troca. Eu... eu... gostaria de ficar aqui. — ela disparou. — Com você. Eu poderia até ajudá-lo em suas tarefas domésticas, se quiser. — Olivia já vira Aeron limpando a fortaleza tantas vezes, reclamando do trabalho que odiava fazer...

Ele se inclinou para soltar os pulsos dela, com movimentos tão delicados que mal causaram dor.

— Temo que isso não seja possível.

— Mas... por quê? Eu não vou causar qualquer problema. Sinceramente.

— Você já causou problemas.

O queixo de Olivia voltou a tremer, a anestesia emocional que experimentara começava a desvanecer rapidamente. *Ele ainda quer se livrar de mim.* Medo, confusão, desespero; tudo isso a bombardeava. Ela mergulhou o rosto no travesseiro, não queria que Aeron visse sua situação. Já estava em grande desvantagem em relação a ele.

— Mulher — ele murmurou. — Já falei para não chorar.

— Então não me magoe. — Tais palavras saíram abafadas pelo tecido do travesseiro sendo pressionado contra seus lábios e... sim, contra suas lágrimas.

Houve um ruído de roçar de tecidos, como se Aeron estivesse mudando o peso de uma perna para a outra.

— Magoar você? Você deveria agradecer por eu não a ter matado! Você me causou uma dor terrível no último mês. Eu não tinha ideia de quem me seguia, nem do porquê. Minha leal companheira não pôde continuar ao meu lado e teve de voltar ao lugar que tanto odeia.

Um lugar onde merecia estar, apesar de tudo o que Aeron dissera, mas não fazia diferença, como alguns dos Senhores gostavam de dizer.

— Sinto muito. — Apesar de tudo, ela realmente sentia. Logo, ele perderia tudo o que amava, e não havia nada que nenhum deles pudesse fazer para evitar que isso acontecesse.

Não pense assim, ou vai começar a chorar novamente.

Ele suspirou.

— Aceito suas desculpas, mas isso não muda nada. Você não é bem-vinda aqui.

Ele a perdoou? Finalmente, um passo na direção certa.

— Mas...?

— Você é um anjo caído, mas ainda é imortal, certo? — Ele não lhe deu tempo para responder. Suas roupas tinham se regenerado sozinhas, então, na cabeça dele, provavelmente o mesmo aconteceria com ela. — Você estará bem amanhã de manhã. Então quero você longe desta fortaleza.

Capítulo Quatro

AERON CAMINHAVA PELO corredor. Fizera a mesma coisa por horas, mas não enxergava nenhum alívio para seu futuro imediato. Alguém tinha de proteger o anjo. Não contra intrusos, mas contra a invasão dela mesma, para o caso de ela ter ido ali espiar e ouvir coisas que não deveria.

Era uma racionalização que nem fazia muito sentido, mas alguém tinha de insistir no assunto. Sim, ela poderia ter ouvido coisas que não deveria como um anjo, invisível e protegido, mas, naquele momento, estava vulnerável, passível de ser capturada pelos Caçadores e usada para ferir seus amigos.

Suas mãos se tornaram punhos, e ele tentou não pensar em Olivia sendo torturada, e na morte dos Senhores, antes que socasse uma parede com força. Ou um amigo.

Além do mais, quando ela estivesse bem, o que deveria acontecer a qualquer momento, poderia tentar escapar daquele quarto para caçar Legião. E, mesmo que Legião não estivesse ali, Aeron não permitiria isso. Não que Olivia, agora caída, pudesse lhe causar grandes problemas durante a procura. Mesmo assim. Ela poderia contar suas descobertas a outro anjo, o tal que ela disse que viria, e esse anjo poderia tentar completar a missão.

Não enquanto eu estiver atento, ele pensou.

Seus amigos já tinham se reunido, ele ouvira os murmúrios, depois as risadas, e finalmente os passos enquanto saíam, mas não tinha ideia do que fora decidido. Ninguém fora visitá-lo. Será que eles tentariam encontrar a estranha mulher que ele encontrara no beco? Talvez Lucien tivesse descoberto algum sinal dos Caçadores na colina?

Aeron não mudara de ideia: não acreditava que Olivia estivesse envolvida com eles. Mas eles poderiam ter seguido seus passos até ali. Ataques surpresa eram sua especialidade, afinal.

E, de fato, uma invasão seria o final perfeito para aquela noite terrível.

Meia hora antes, ele chamara por Legião, para avisar-lhe sobre o que estava acontecendo. Normalmente, não importava a distância entre eles, ela ouvia seu chamado e vinha até ele. Mas não daquela vez. Assim como Lucien, Legião era capaz de se teletransportar de um lugar a outro, usando apenas a força do pensamento. Mas ela não aparecera.

Estaria ferida? Amarrada? Aeron teve vontade de convocá-la formalmente, como ela o ensinara, pois não poderia ignorar tal chamado, embora, até ouvir a explicação de Olivia, ele não tivesse entendido muito bem o que isso significava. Quanto mais pensava nessa possibilidade, mais pensava

na possibilidade de que aquele anjo, caído ou não, deveria sair da fortaleza para que Legião se sentisse à vontade para voltar. Lembrou-se do seu medo, da forma como ela tremia com a mera menção da palavra *anjo*.

Ele deveria ter pedido a Olivia que parasse de fazer o que quer que estivesse fazendo, pois causava dor ao pequeno demônio e não a ele. Nem a seus amigos. Eles nunca notaram a presença de Olivia, de nenhuma forma. Mas ele não pedira. Ela estava se recuperando, e não queria perturbá-la.

Especialmente quando ela já fizera tanto por ele. *Nada de se deixar amolecer.*

Então ele deixou Legião em paz também. Por enquanto.

Não que pudesse imaginar a frágil Olivia fazendo mal a quem quer que fosse. Mesmo que estivesse com toda a sua força, seja lá o que isso significasse. Se tivessem que lutar, Legião imobilizaria o anjo em segundos, com suas presas envenenadas cravadas com força nas veias de Olivia.

Essa é a minha menina, ele pensou, sorrindo. Mas o sorriso não durou muito tempo. Pensar em Olivia morrendo não lhe caiu nada bem. Ela não o matara, como lhe fora ordenado fazer. Não que ela pudesse ter feito isso, mas ela nem chegou a tentar. Nem fizera mal a Legião, como provavelmente gostaria de fazer. Tudo o que ela queria era sentir os prazeres da vida, que lhe foram claramente negados.

Ela não merecia morrer.

Por um momento, e só por um momento, Aeron pensou em mantê-la por ali. Ira ficava muito calmo perto dela, nunca pedia que a punisse por crimes que cometera vinte anos, um dia ou um minuto antes, e, por isso, Olivia talvez fosse a companhia perfeita para ele. Poderia suprir suas necessidades, como Paris dissera.

Necessidades que ele alegara não ter. Mas não poderia negar que, quando estava agachado ao lado dela, sentira *algo* agitando seu interior. Algo quente e perigoso. Ela tinha cheiro de luz do sol e de terra, e seus olhos, azuis e claros como um céu matinal, olhavam para ele com confiança e esperança. Como se ele fosse um salvador e não uma fonte de destruição. E Aeron gostava disso.

Idiota! Um demônio cuidando de um anjo? Impensável. Além do mais, ela está aqui para se divertir, e você, meu amigo, é a coisa mais distante de diversão que um homem pode ser.

— Aeron — alguém chamou.

Finalmente, novidades. Aliviado por poder afastar Olivia de seus pensamentos, Aeron deu uma olhada em volta e viu Torin, que estava com um dos ombros contra a parede, os braços protegidos por luvas cruzados sobre o peito, e um sorriso irreverente curvando seus lábios.

Como guardião da Doença, Torin não podia tocar a pele de ninguém sem espalhar uma praga. As luvas protegiam a todos.

— Mais uma vez, um Senhor do Mundo Subterrâneo tem uma mulher trancada em seus aposentos enquanto tenta descobrir o que fazer com ela — disse Torin, com uma risadinha.

Antes que Aeron pudesse responder, imagens começaram a tomar conta da sua mente. Imagens de Torin brandindo uma lâmina, com expressão tensa, determinada. Aquela lâmina desceu... chegou ao coração de seu alvo... e reapareceu molhada e vermelha.

O homem que fora atingido, um humano, desmoronou no chão. Morto. Havia um oito tatuado em seu punho, o símbolo do infinito e a marca de um Caçador. Ele não tinha ferido Torin, nem

mesmo ameaçara fazê-lo. Os dois simplesmente haviam se esbarrado na rua, cerca de quatrocentos anos atrás, quando o guerreiro saíra da fortaleza para finalmente estar com a mulher pela qual se apaixonara, mas acabara vendo a marca e atacando.

Para Ira, fora um ato malicioso e sem provocação. Para Ira, tal ato merecia punição.

Aeron já vira aquele episódio em particular muitas vezes, e a cada vez tinha de suprimir a necessidade de agir. Não foi diferente naquele momento. Ele podia sentir seus dedos se curvando ao redor do cabo de sua adaga, a necessidade de apunhalar Torin, exatamente como ele fizera com o Caçador, era muito forte.

Eu teria feito o mesmo, gritou mentalmente para o seu demônio. Teria matado aquele Caçador maliciosamente e sem provocação. Torin não merece ser castigado.

Ira rosnou.

Acalme-se. Aeron deixou o braço cair ao lado do corpo, com a mão vazia.

— Seu demônio quer partir para cima de mim? — Torin perguntou por perguntar.

Seus amigos o conheciam muito bem.

— Sim, mas não se preocupe. Eu mantenho esse idiota sob controle. — Ele imaginou ter escutado o demônio bufar.

Quanto mais ignorava Ira, mais o desejo de punir do demônio crescia; até o momento em que tal desejo tomaria conta de Aeron tão completamente que ele explodiria. Era quando ele voava até a cidade, e ninguém estaria a salvo, o menor dos pecados seria vingado com absoluta crueldade e brutalidade.

Tais arroubos de vingança eram o motivo de Aeron ter tatuado seu corpo daquela maneira. Como era imortal e podia se curar rapidamente, tivera de misturar ambrosia seca na tinta para que o desenho ficasse marcado de forma permanente, e isso fora como injetar fogo diretamente nas veias. Mas ele se importou? Não, claro que não. Sempre que se olhava no espelho, lembrava-se de tudo o que fizera; e do que voltaria a fazer, se não fosse cuidadoso.

Porém, mais do que isso, as tatuagens lhe garantiam que as pessoas que matara, as que não mereciam ter morrido, nunca seriam verdadeiramente esquecidas. Algumas vezes isso ajudava a aliviar a culpa. Às vezes, ajudava a sufocar o orgulho irracional com a força de seu demônio.

— ... tem certeza de que pode controlar?

— O quê? — ele perguntou, saindo dos seus pensamentos.

Torin sorriu mais uma vez.

— Perguntei se tem certeza de que pode controlar seu demônio. Você está piscando sem parar, e seus olhos estão brilhando e ficando vermelhos.

— Estou bem. — Ao contrário do que acontecia com Olivia, sua voz não demonstrava a mais pura verdade. A mentira estava lá, para quem a quisesse ouvir.

— Eu acredito em você. Sério. Então... voltando à nossa conversa? — perguntou Torin.

Em que momento ele se desviara? Ah, claro...

— Tenho certeza de que você não veio aqui para me comparar aos nossos amigos. Eu nem mesmo sou o idiota caído de amores que todos eles foram quando trouxeram suas mulheres para cá.

— E assim à toa, você acabou de arruinar as minhas três próximas piadas. Que cara mais sem

graça.

Foi exatamente o que Aeron tinha pensado quando Olivia mencionara seus três desejos. E ter seu pensamento confirmado o deixou mal por razões que não seria capaz de explicar.

— Torin. Vamos direto ao assunto, por favor.

— Certo. Seu anjo já está causando problemas. Alguns de nós querem se livrar dela, outros querem que ela fique aqui. Eu sou do “time do fica”. Acho que temos que atraí-la para o nosso lado, antes que ela passe a nos odiar e resolva ajudar o inimigo.

— Fique longe dela.

Aeron não queria ver o guerreiro nem perto de Olivia. E isso não tinha nada a ver com seus cabelos grisalhos, suas sobrancelhas pretas e seus olhos verdes, que nunca pareciam levar nada a sério, o que lhe garantia a possibilidade de conquistar uma mulher sem precisar tocá-la.

Torin virou os olhos.

— Idiota. Você deveria me agradecer e não me ameaçar. Eu vim dizer para escondê-la. William está do meu lado e quer ser o responsável por atraí-la.

William, um imortal viciado em sexo. Um imortal com cabelos pretos e olhos azuis, ainda mais maliciosos que os de Torin. Um guerreiro alto, musculoso e selvagem. Guerreiro cujas únicas tatuagens ficavam escondidas sob as roupas. Se Aeron se lembrava bem, havia um X sobre seu coração e um mapa do tesouro nas suas costas. Um mapa do tesouro que cobria suas costelas e mergulhava em sua cintura, para finalmente terminar na “área da diversão”.

Ele era um verdadeiro galã, se fosse possível acreditar no que diziam as humanas, e a *personificação* da diversão.

Olivia provavelmente gostaria dele.

Mas por que Aeron, de repente, teve vontade de esmagar o rosto dele contra a parede, arruinando toda aquela beleza? Era algo que nunca quisera fazer antes, mesmo com a intensa necessidade que Ira sempre demonstrara de puni-lo, esmigalhando seu coração em centenas de pedacinhos, retribuindo o que fizera a centenas de mulheres. Com a diferença de que Ira gostaria que Aeron usasse uma lâmina.

Aeron sempre resistira, pois gostava de William, que talvez não fosse um verdadeiro Senhor, mas com quem sempre poderia contar numa batalha. Ele não demonstrava qualquer limite quando o assunto era matar.

Sem Legião, você está atrás de uma briga. É só isso. Sim. Claramente, ele estava no limite.

— Obrigado, Torin, por me avisar sobre William — ele disse, esperando que seu tom de voz fosse adequadamente seco. — Mas Olivia não ficará por muito tempo para ser seduzida por ninguém.

— Tenho certeza de que William só precisaria de alguns segundos...

Não reaja. Embora, se William aparecesse, Aeron poderia “acidentalmente” perder o controle de Ira, permitindo que o demônio finalmente atacasse o imortal.

Ideia que Ira aprovou com um ronronar.

— Ah — disse Torin, chamando sua atenção. — Mudando o assunto de um viciado em sexo para outro, Paris pediu para avisar que Lucien o teletransportou até a cidade para encontrar uma

mulher. Lucien planejava deixá-lo por lá, para que ele não voltasse até amanhã de manhã.

— Ótimo. — E seu alívio não tinha nada a ver com Paris estar longe de Olivia. — Lucien viu algum sinal de Caçadores enquanto estava lá fora?

— Não. Nada na colina nem em Buda.

— Ótimo — ele repetiu, voltando a caminhar de um lado a outro do corredor. — Algum sinal da tal mulher de cabelos pretos?

— Não, mas Paris prometeu continuar procurando por ela. Assim que recuperar suas forças, claro. E, falando em perda de forças, Paris mencionou que o tal anjo está ferido. Você quer que eu peça a alguém para procurar um médico?

“Procurar” significava “abduzir” naquela casa.

— Não. Ela vai se curar sozinha.

Eles já estiveram procurando um médico para trabalhar para eles permanentemente, mas não tiveram sorte. E naquele momento seria importante, pois Ashlyn estava grávida. Porém, ninguém sabia se o bebê seria mortal ou demônio, então tinham de ter cuidado com a escolha.

Os Caçadores, como eles tinham descoberto recentemente, vinham produzindo crianças metade mortais e metade imortais, na esperança de criar um exército imbatível. O demônio do filho de Violência seria um prêmio de altíssimo valor, algo que qualquer Caçador adoraria usar. E nas mãos do médico errado, os segredos dos Senhores poderiam se perder completamente.

Torin balançou a cabeça, demonstrando compaixão, como se Aeron estivesse muito confuso para pesar bem as coisas.

— Você tem certeza de que ela vai se curar? Ela foi expulsa do céu.

— *Nós* também fomos expulsos do céu, e ainda assim somos capazes de nos curar mais rápido que nunca. Somos capazes até de regenerar membros do corpo.

O que Gideon, guardião das Mentiras, estava fazendo naquele momento. O guerreiro fora capturado durante a última batalha que eles tiveram com os Caçadores, que o torturaram em busca de informações, as quais ele não fornecera. Em retaliação, os Caçadores arrancaram suas duas mãos.

Gideon ainda estava amarrado a uma cama e enchendo o saco de todos.

— Tem razão — disse Torin.

Um grito de mulher surgiu de repente de dentro do quarto de Aeron.

Ele parou de andar, e Torin ficou atento. Quando ouviram o segundo grito, os dois correram para o quarto, embora Torin mantivesse uma boa distância entre eles. Aeron abriu a porta rapidamente e entrou.

Olivia estava na cama, ainda deitada de barriga para baixo, mas se debatia. Seus olhos estavam fechados e, mesmo com as sombras lançadas por seus cílios, Aeron podia ver que feridas se formavam sob eles. Seus cabelos negros estavam revoltos sobre os ombros trêmulos.

Sua túnica obviamente se limpou sozinha, grande parte do sangue desaparecera. Mas havia duas novas manchas onde as asas já deveriam ter voltado a crescer; duas manchas vermelhas, brilhantes e úmidas.

OS DEMÔNIOS A estavam tirando do sério.

Olivia podia sentir garras perfurando sua pele, cortando, picando. Podia sentir o líquido pegajoso e a queimação de seu hálito pútrido. Podia escutar a alegria em suas risadas e sofria com ânsias de vômito.

— Olhe só o que eu encontrei — disse um deles, gargalhando.

— Um lindo anjo, caído diretamente em nossos braços — zombou outro.

Nuvens de enxofre e podridão deixavam o ar mais espesso, e o aroma desagradável enchia as narinas de Olivia enquanto ela tentava reunir fôlego. Ela acabara de cair, com as nuvens se abrindo sob seus pés, lançando-a do céu para baixo... sempre para baixo... numa queda aparentemente sem fim, querendo encontrar algo, qualquer coisa à qual pudesse se agarrar... e, quando finalmente chegou ao fim, o chão se abriu, e as chamas do inferno a engoliram por inteiro.

— Um anjo guerreiro, nesse ponto. Ela tem asas de ouro.

— Não mais.

Os puxões que sentia ficaram mais fortes, mais violentos. Ela chutava, mordida e batia, tentando lutar para se soltar, correr e se esconder, mas havia muitos demônios ao seu redor, o terreno irregular e pedregoso não lhe era nada familiar, e seus esforços permaneciam sem resultados. Os tendões que ancoravam suas asas começaram a rasgar, a dor escaldante se espalhou, consumindo-a até que ela só conseguisse pensar na forma mais fácil de acabar com tudo: morrendo.

Por favor. Deixe-me morrer.

As estrelas piscavam sobre seus olhos, de repente eram a única coisa que podia ver. Todo o resto ficara escuro. Mas a escuridão era uma coisa boa, era bem-vinda. Ainda assim, as gargalhadas e os puxões continuavam. Logo, ela foi tomada por uma tonteira, e a náusea começou a revirar seu estômago.

Por que não estava morta? Então uma de suas asas foi completamente arrancada, e ela gritou, pois a dor escaldante se transformara em algo que ela agora conhecia como pura agonia. Nem mesmo a morte poderia acabar com esse tipo de sofrimento. Não, tal angústia a seguiria no além.

A outra asa foi arrancada em seguida, e ela voltou a gritar mais e mais. As garras continuavam arranhando suas roupas, danificando ainda mais sua pele quando afundavam nas recentes feridas de suas costas. Finalmente, ela vomitou, esvaziando seu estômago das frutas celestiais que comera naquela manhã.

— Não está tão bem agora, está, guerreira?

Mãos a agarraram, tocando-a em lugares que ninguém jamais tocara antes. Lágrimas rolavam por suas bochechas, e ela ficou ali, deitada, impotente. Era isso mesmo. O fim. Finalmente. Mas um pensamento vislumbrou naquele mar de escuridão: ela abrisse mão de sua linda vida, apenas para morrer no inferno, sem ao menos experimentar a alegria, sem passar um tempo ao lado de Aeron? Não. *Não!*

Você é mais forte que isso. Lute! Sim, sim. Ela era mais forte que aquilo. E lutaria. Ela...

— Olivia.

A voz dura e familiar invadiu sua mente, bloqueando por um momento as terríveis imagens, a

dor e a tristeza. A determinação.

— Olivia. Acorde.

Fora um pesadelo, ela pensou, com uma pontada de alívio. Apenas um pesadelo. Os humanos costumavam ter essas coisas. Mas Olivia sabia que, para ela, fora uma experiência muito mais dura. Uma lembrança, uma repetição de sua temporada no inferno.

Ela continuava esparramada na cama, percebeu, com as costas ainda queimadas, e o resto do corpo ferido e marcado. Forçando-se a parar, abriu os olhos lentamente. Estava ofegando, e seu peito subia e descia suavemente contra o colchão, o ar queimava seu nariz e sua garganta, como se estivesse inalando ácido. O suor escorria e ensopava sua túnica, colando-a à pele. Aquela anestesia abençoada que experimentara mais cedo desaparecera por completo: ela estava sentindo *tudo*.

No final das contas, talvez a morte tivesse sido melhor.

Mais uma vez, Aeron estava agachado ao lado da cama, olhando para ela. Um homem, que se chamava Torin, ela se lembrava, estava ao seu lado, observando-a com assustados olhos verdes.

Um demônio, pensou Olivia. Torin era um demônio. Assim como os outros. Os que arrancaram suas asas. Os que a tocaram e insultaram.

Um grito agudo emanou de sua garganta machucada. Ela queria Aeron, apenas Aeron; não confiava em mais ninguém. Não queria que ninguém sequer olhasse para ela naquele momento. Principalmente um demônio. Que o próprio Aeron fosse possuído por Ira não alterava a situação. Para ela, Aeron era simplesmente Aeron. Mas, quando olhava para Torin, só conseguia pensar nas mãos escamosas que haviam beliscado seus mamilos e mergulhado entre suas pernas. E em como aquelas mesmas mãos teriam feito coisas bem piores se ela não tivesse começado a lutar.

Lutar. Sim. Ela chutou, mas sua perna idiota dava golpes inúteis, os músculos estavam muito tensos para funcionar direito. *Impotente*. Mais uma vez. Um soluço uniu-se ao seu grito, ambos sufocando-a, no momento em que tentou se mover e atirar-se nos braços de Aeron. Porém, mais uma vez, seu corpo frágil se recusou a cooperar.

— Faça-o sair, faça-o sair, faça-o sair — ela gritou, enfiando o rosto no travesseiro. Até mesmo olhar para o recém-chegado era doloroso para ela. Podia conhecer Torin de vista, mas não tão bem quanto conhecia Aeron. Não o desejava como desejava Aeron.

Aeron, que podia fazer tudo melhor, como fazia para seu amigo Paris todas as noites. Aeron, que poderia protegê-la como protegia sua pequena Legião. Aeron, que era tão forte a ponto de espantar seus pesadelos para bem longe.

Mãos fortes pousaram em seus ombros, segurando-a, tentando fazer com que parasse de se mexer na cama.

— Shh. Shh. Você precisa se acalmar, ou poderá machucar seu corpo ainda mais.

— O que está acontecendo? — Torin perguntou. — O que posso fazer para ajudar?

Não. Não, não, não, não. O demônio ainda estava ali.

— Faça-o ir embora. Você precisa fazer com que ele vá embora. Agora. Imediatamente!

— Eu não vou machucá-la, anjo — disse Torin, gentilmente. — Estou aqui para...

Olivia foi tomada por uma histeria, que estava a ponto de consumi-la e acabar com ela.

— Faça com que ele vá embora. Por favor, Aeron, faça com que ele vá. Por favor.

Aeron soltou um grunhido baixo.

— Droga, Torin. Saia logo daqui. Ela não vai se acalmar até que você saia.

Seguiu-se um suspiro pesado, uma tristeza. Depois, felizmente, ouviram passos se afastando.

— Espere — Aeron chamou, e Olivia quis gritar. — Lucien foi para os Estados Unidos como planejou outro dia, para comprar analgésicos para as mulheres?

— Pelo que sei, sim — respondeu Torin.

Eles estavam conversando? Naquele momento?

— Faça-o sair! — gritou Olivia.

— Traga-me alguns comprimidos — pediu Aeron, falando alto para superar o grito de Olivia.

A porta se abriu. *Finalmente*, o demônio estava indo embora, mas voltaria com remédios humanos. Olivia choramingava. Não conseguiria passar por tudo aquilo novamente. Provavelmente morreria de medo sozinha.

— Apenas jogue dentro do quarto — Aeron acrescentou, como se tivesse escutado os pensamentos de Olivia.

Obrigada, Divindade celestial misericordiosa e doce. Quando Olivia desmoronou sobre o colchão, a porta foi trancada.

— Ele foi embora — disse Aeron suavemente. — Agora somos só nós dois.

Ela tremia tão violentamente que a cama tremia junto.

— Não me deixe só. Por favor, não me deixe.

Ao implorar, ela demonstrava o quanto estava fraca, mas não se importava. Precisava dele.

Aeron afastou os cabelos úmidos de suor da sua testa, com um toque tão suave quanto o tom de sua voz. Aquele não podia ser o seu Aeron, falando com ela tão gentilmente, acariciando-a tão docemente. A mudança que ele sofrera era grande demais para ser verdade. *Por que* ele mudara? Por que a estava tratando, ela, uma estranha, como costumava tratar apenas os seus amigos?

— Antes você queria que eu a abraçasse — ele disse. — Ainda quer?

— Sim. — E como. Fosse qual fosse a razão para a mudança, não importava. Ele estava ali, oferecendo-lhe o que ela desejara por tanto tempo.

Muito lentamente, ele se aproximou dela na cama, com cuidado para não empurrá-la. Quando estava deitado ao seu lado, ela se aninhou até pousar a cabeça na cavidade formada pelo ombro quente e forte dele. Tal movimento fez aquela dor debilitante jorrar mais uma vez pelo seu corpo. Porém, estar perto dele, e finalmente tocá-lo, valia a pena. *Para isso* fora até lá.

Ele passou um dos braços ao redor das costas de Olivia, com cuidado para não tocar suas feridas, e seu hálito quente passou por sua testa.

— Por que não está se curando, Olivia?

Ela adorava quando Aeron dizia seu nome. Era como uma oração e uma súplica, reunidas no mesmo pacote bonito.

— Eu já disse. Eu cáí. Sou completamente humana agora.

— Completamente humana — ele disse, enrijecendo o corpo. — Não, você não me disse isso. Eu poderia ter trazido remédios antes.

Havia culpa em seu tom de voz. Culpa e terror. O terror ela não entendia, mas estava muito

angustiada para perguntar alguma coisa. E ela logo se esqueceu disso. No centro da sala, uma luz âmbar se acendeu. Aquela luz aumentou... mais e mais... o brilho era tão forte que ela foi obrigada a apertar os olhos.

Um corpo ganhava formas. Um corpo grande e musculoso, envolto numa túnica branca muito parecida com a sua. Em seguida, surgiram cabelos claros, que caíam sobre ombros fortes. Podia ver também olhos como ônix líquido e uma pele clara, envolta numa leve poeira dourada. O último item a ser visto por ela foram as asas de um dourado puro e brilhante.

Ela quis acenar, mas tudo o que conseguiu fazer foi abrir um sorriso pálido. Doce Lysander, ali estava para consolá-la, mesmo sendo um mero produto de sua imaginação.

— Estou sonhando novamente. Mas gosto deste sonho.

— Shh — murmurou Aeron. — Eu estou aqui.

— Eu também estou. — Lysander olhou tudo ao seu redor e curvou os lábios, demonstrando insatisfação. — Infelizmente, isso não é um sonho. — Como sempre, ele falava a verdade, e sua voz demonstrava tanta certeza quanto a dela.

Aquilo estava realmente acontecendo?

— Mas eu sou humana agora. Não deveria ser capaz de ver você. — Na verdade, vê-lo agora era contra as regras. A menos que sua Divindade a quisesse recompensar por algo. E como ela acabara de virar as costas à sua antiga vida, isso era muito pouco provável.

Agora ele estava olhando diretamente nos olhos de Olivia, e parecia olhar diretamente em sua alma.

— Fiz um pedido ao Conselho em seu nome. Eles concordaram em lhe dar mais uma chance. Então, agora mesmo, uma parte de você ainda é angelical, e assim permanecerá nos próximos 14 dias. Quatorze dias durante os quais você poderá mudar de ideia e solicitar novamente seu lugar de direito.

Como se fosse um raio, ela foi atingida por um choque que queimava e fervia.

— Eu não entendo. — Nenhum anjo caído recebera uma segunda chance antes.

— Não há nada para entender — disse Aeron, ainda tentando acalmá-la. — Estou com você.

— Sou um dos Sete, Olivia. Eu quis que você tivesse mais 14 dias, então você os terá. Para viver aqui, para... aproveitar. Depois, voltará. — O tom de Lysander indicava que seu status deveria explicar tudo.

Não explicava, mas a esperança em sua voz ainda a entristecia. A única coisa da qual ela se arrependia em relação à sua escolha era ter ferido aquele incrível guerreiro. Ele a amava, queria apenas o melhor para ela.

— Sinto muito, mas não vou mudar de ideia.

Ele parecia estupefato:

— Mesmo quando o imortal for tomado de você?

Ela mal conseguiu evitar seu grito de horror. *Não estou pronta para perdê-lo.* Porém, fraca como estava, não poderia fazer nada para salvá-lo, e sabia disso.

— É por isso que você está...

— Não, não. Acalme-se. Não estou aqui para matá-lo. — A palavra *ainda* não foi dita, mas ficou

no ar. — Caso decida ficar, seu novo assassino só será nomeado quando terminar o prazo de 14 dias.

Então, ela tinha a garantia de duas semanas ao lado de Aeron. Nem mais nem menos. E isso teria de ser suficiente. Tentaria reunir memórias que durassem toda uma vida. Se conseguisse convencê-lo a deixá-la ficar, claro. Mas ele era tão teimoso...

Olivia suspirou.

— Obrigada — ela disse. — Por tudo. Você não precisava fazer isso por mim.

Ele provavelmente tivera de lutar sem medo contra o Conselho para receber tal concessão, sendo um dos Sete ou não. Mas ele conseguira, sem hesitar, apenas para que ela pudesse experimentar toda a alegria e paixão que desejava sentir antes de voltar ao seu lugar no céu. Não diria a Lysander que não conseguiria voltar. Não importava o que acontecesse.

Em 14 dias, se ela voltasse, seria esperado que ela matasse Aeron, ela sabia, mas nem assim seria capaz de fazê-lo.

— Eu amo você. Espero que saiba disso. Aconteça o que acontecer.

— Olivia — disse Aeron, claramente confuso.

— Ele não pode me ver, ouvir ou nem mesmo sentir minha presença — Lysander explicou. — Agora ele percebe que você não está falando com ele e acha que está sofrendo alucinações por causa da dor. — Seu mentor deu um passo em direção à cama. — Devo lembrá-la que este homem é um demônio, Liv. Ele é tudo contra o que sempre lutamos.

— Assim como a sua mulher.

Ele endireitou os ombros largos e ergueu o queixo. O guerreiro teimoso de sempre, o seu Lysander. Exatamente como Aeron.

— Bianka não infringiu nenhuma de nossas leis.

— Mas mesmo se ela tivesse, você teria escolhido ficar com ela. Você teria encontrado uma maneira.

— Olivia? — Aeron repetiu.

Lysander não deu atenção a ele:

— Por que você escolheria viver com ele sendo humana, Olivia? Em troca de apenas alguns minutos nos seus braços? Isso não vai lhe trazer nada além de desgosto e decepção.

Mais uma vez, havia um tom inconfundível de verdade na sua voz. Mentiras não eram permitidas no mundo deles, ou melhor, no mundo *dele*, pensou Olivia tristemente. Ainda assim, recusava-se a acreditar em suas palavras. Ali, faria as coisas que estava louca para fazer. Não apenas viveria como humana, mas também sentiria como uma delas.

A porta do quarto se abriu, evitando que ela tivesse de responder. Um pequeno frasco de plástico foi atirado para dentro. Caiu no chão, a poucos centímetros dos pés de Lysander, que estavam calçados com sandálias.

— Aí estão os remédios — disse Torin. A porta se fechou antes que Olivia conseguisse dar mais um grito.

Aeron fez sinal de que se levantaria, mas Olivia pressionou ainda mais seu corpo sobre o dele.

— Não — ela disse, fazendo uma careta, como se outro daqueles raios a tivesse atingido. — Fique aqui.

Ele poderia tê-la empurrado para o lado, mas não o fez.

— Tenho que pegar os remédios. Eles vão ajudar a diminuir a sua dor.

— Depois — ela disse. Agora que eles estavam se tocando, agora que ela sentia o calor do corpo dele envolvendo-a e tranquilizando-a, ela não queria perder tal sensação. Nem por um segundo.

Num primeiro momento, imaginou que Aeron não atenderia seu pedido, mas ele relaxou e segurou-a com ainda mais força. Olivia suspirou de felicidade e encontrou os olhos de Lysander mais uma vez. Ele estava fazendo uma careta.

— É exatamente por isso — ela disse.

Os anjos não costumavam abraçar e afagar. Poderiam, se quisessem, ela imaginou, mas ninguém nunca tentara. Por que o fariam? Eram como irmãos e irmãs uns para os outros, e o desejo físico não era parte de sua constituição.

— Por isso o quê? — Aeron perguntou, mais uma vez confuso.

— É por isso que eu gosto de você — ela respondeu sinceramente.

Ele enrijeceu o corpo, mas não respondeu.

Com os olhos estreitos, Lysander abriu as asas num movimento suave, o esplendor dourado brilhou à luz da lua. Uma única pena pousou no chão.

— Vou deixá-la aqui para que se recupere, querida, mas eu *vou* voltar. Você não pertence a este lugar. Com o passar dos dias, pressinto que você perceberá isso também.

Capítulo Cinco

NAQUELA PRIMEIRA NOITE, após ter terminado a estranha conversa que teve consigo mesma, Olivia finalmente voltou a dormir, mais uma vez grunhindo e gemendo de dor, debatendo-se e ferindo-se ainda mais. Na segunda noite, começaram os murmúrios sobre demônios. Não me toque, seu miserável asqueroso. Lamúrias, pedidos. Por favor, não me toque. Na terceira noite, uma calma mortal tomou conta dela.

Aeron quase preferia as súplicas.

Durante todo o tempo, ele acariciava sua testa e ficava ao seu lado. Chegou até mesmo a ler um dos romances de Paris para ela, ainda que Olivia tenha se mantido estática, e forçou-a a engolir pílulas e líquidos. Não queria ter a morte de Olivia pesando em sua consciência.

Mais do que isso, queria vê-la fora de sua vida, não importando quão intensamente seu corpo reagia quando estava perto dela. Ou quando pensava nela. Ele não mentira. Assim que estivesse curada, ela teria de ir embora. Exatamente *por causa* do jeito como seu corpo reagia.

Pior ainda, por causa do jeito como seu demônio reagia. Não a ela, mas *por* ela.

Punição, disse o demônio pela... centésima vez? *Punição para os que a feriram*. Durante o período em que Aeron sofrera com a terrível sede de sangue, o demônio sempre lhe dizia tais coisas, em ordens de uma palavra apenas, além de lançar imagens violentas em sua mente. Porém, nos últimos três dias, Ira preferira um discurso mais longo como forma de comunicação, e Aeron não estava acostumado a isso. Onde estava a paz que Olivia despertava?

Além disso, não estava seguro sobre o que realmente acontecera a Olivia quando ela foi expulsa de sua casa, e seria melhor nem saber. Talvez não conseguisse impedir que seu demônio entrasse em ação. Mal podia detê-lo naquele momento. E, se ele descobrisse a verdade, talvez nem *quisesse* tentar impedi-lo. Se ao menos tivesse oportunidade para aproveitar o que Ira era capaz de fazer...

Não pense assim. Aeron não queria se deixar abrandar ainda mais do que ele já fizera, e não queria vê-la mergulhando mais profundamente em seus pensamentos e decisões. Sua vida já era complicada demais. E ela já incluía algumas novas complicações.

Ela queria se divertir. E ele deixaria bem claro que *diversão* não era uma palavra com a qual ele estava familiarizado, e que também não tinha tempo para passar a conhecer. E não se sentia mal por isso. Sinceramente.

Ela queria amar. E ele não era a pessoa certa para isso, em nenhum sentido. O amor romântico nunca esteve entre suas prioridades. Ainda mais com alguém tão frágil quanto Olivia. E ele também não se sentia mal por isso. *Sinceramente.*

Ela queria liberdade. *Isso* ele poderia lhe dar. Na cidade. Ela só precisava melhorar logo, droga!

Ela *ia* melhorar, ou, pelos deuses, ele finalmente libertaria seu demônio, por vontade própria, sem restrições.

Punição. Punição para os que a feriram.

Por que seu demônio gostava dela? E Ira tinha de gostar dela. Pois não haveria outra explicação para a necessidade de vingança contra pessoas que ele nunca encontrara pessoalmente. Aeron tivera tempo para pensar nisso, tempo até demais, mas não chegou a nenhuma resposta válida.

Ele passou uma das mãos sobre o próprio rosto. Como se recusava a sair de perto de Olivia, Lucien teve de continuar cuidando de Paris e garantindo que o guerreiro alimentasse o próprio demônio adequadamente. Torin, por sua vez, passara a cuidar da alimentação de Aeron, levando-lhe bandejas de comida durante todo o dia, mas nunca ficando por perto para conversar com ele. Se Olivia acordasse e o visse... Não queria reviver o horror de antes.

Infelizmente, as mulheres da casa souberam da presença do anjo e desceram em massa para dar-lhe as boas-vindas. Porém, Aeron não deixaria que passassem pela porta. Não sabia como Olivia reagiria à presença delas. Além do mais, nenhuma delas saberia como ajudar o anjo. Ele pedira. Tudo bem. Ele resmungara. Talvez ele enfrentasse novos ataques de terror por parte de Olivia, se isso significasse que ela voltaria a ficar consciente. Por que diabos ela não acordava? E, naquele momento, estava tão quieta... Ele girou o corpo na cama, com cuidado para não bater em Olivia, e olhou para ela. Pela primeira vez, ela não se aninhou em seu corpo, mas ficou parada onde estava. Sua pele estava fantasmagoricamente pálida, suas veias podiam ser vistas facilmente. Seus cabelos formavam um ninho complicado ao redor de sua cabeça. Suas bochechas possuíam sulcos, e seus lábios estavam marcados nos pontos onde ela os mordera.

Ainda assim, ela era muito bonita. Incrivelmente bonita, na verdade. De um jeito que parecia dizer “proteja-me para sempre”. Tanto que Aeron sentia uma dor no peito sempre que olhava para ela. Não de culpa, mas de desejo de posse, de necessidade de ser seu protetor. Era um desejo bastante profundo.

Ela tinha que se curar, e ele precisava se livrar dela. *Rapidamente.*

— Se continuar nesse ritmo, ela vai morrer — ele resmungou, olhando para o teto. Nem Aeron saberia dizer se estava conversando com a tal Divindade Única ou com os deuses que ele conhecia. — É isso o que você quer? Que um dos seus sofra terrivelmente antes de perecer? Você pode salvá-la.

Olhe para você, ele pensou, decepcionado consigo mesmo. *Implorando por uma vida, de um jeito que nem os humanos fariam.*

Isso não o deteve.

— Por que não a salva?

Um quase inaudível... rosnado?... chegou aos seus ouvidos. Aeron ficou tenso. Ao apalpar uma das adagas que deixara em sua mesa de cabeceira, olhou ao redor do quarto. Ele e Olivia estavam sozinhos. Nenhuma criatura divina aparecera para castigá-lo por causa seu tom insolente.

Pouco a pouco, ele relaxou. A falta de sono finalmente dava sinais, ele imaginou.

A noite caíra havia muito tempo, e a luz da lua brilhava através das portas de vidro que levavam à varanda do quarto. A vista era tão tranquila, seu corpo estava tão cansado, ele deveria finalmente ter se deixado levar pelo sono. Não o fez. Não conseguiu.

O que faria se Olivia morresse? Ficaria de luto por ela, como Paris ficara por Sienna? Claro que não. Ele não a conhecia. O mais provável é que se sentisse culpado. Muito, muito culpado. Ela o salvara, mas Aeron não teria feito o mesmo por ela.

Você não a merece.

O pensamento ressoou em sua mente, e ele piscou os olhos. Aquele timbre, muito baixo, muito grave, não pertencia a Ira; mas ainda assim soava tão familiar. Teria Sabin, guardião de Dúvida, voltado de Roma e começado a bombardear sua autoconfiança, como costumava fazer, mesmo sem intenção?

— Sabin — ele disse, só para garantir

Nenhuma resposta.

Ela é boa demais para você.

Dessa vez, Ira se contorceu em sua cabeça, agitando-se em seu crânio, repentinamente agitado.

Então, não era Sabin. Primeiro: Aeron não o ouvira voltar; e segundo: ele sabia que o guerreiro não retornaria em menos de duas semanas. Além do mais, não havia um tom de alegria naquelas dúvidas, e o demônio de Sabin se divertia quando espalhava esse tipo de veneno.

Então, quem estava sobrando? Quem teria o poder de falar dentro de sua mente?

— Quem está aí? — Ele exigiu saber.

Isso não importa. Estou aqui para curá-la.

Curá-la? Aeron relaxou um pouco. Havia uma nota de verdade naquela voz, assim como na de Olivia. Seria um anjo?

— Obrigado.

Dispenso seu agradecimento, demônio.

Tanta raiva vinda de um anjo? Provavelmente não. Ou seria um deus respondendo às suas preces? Não, não podia ser, Aeron decidiu. Os deuses gostavam de um espetáculo e teriam aproveitado a oportunidade para se revelar e exigir gratidão. E, se aquela fosse a Divindade de Olivia, certamente haveria um zumbido de poder no ar, no mínimo. Mas... não havia nada. Aeron não percebeu, não cheirou nem sentiu nada.

Tenho plena certeza de que, quando ela acordar, vai vê-lo como você realmente é.

Como a tal voz demonstrou certeza de que ela despertaria, Aeron não se importou com o insulto implícito. Estava muito aliviado.

— E o que sou eu realmente? — Não que se importasse. Mas através da resposta, poderia descobrir quem estava falando.

Inferior, perverso, malicioso, idiota, obcecado por uma coisa só, podre, indigno e condenado.

— Diga-me como *você* se sente de verdade — ele pediu, seco, esperando que o sarcasmo escondesse suas ações, enquanto se aproximava lentamente de Olivia, usando seu corpo como escudo para proteger o dela. Perverso e malicioso... aquelas eram opiniões dos Caçadores. Mas um Caçador

teria atacado Aeron antes de oferecer ajuda a qualquer pessoa. Mesmo se fosse uma Isca.

Mais uma vez, Aeron se perguntou se o recém-chegado era um anjo. Apesar daquela raiva. E daquele ódio tão claro.

Outro grunhido ecoou. *Sua insolência só prova meu argumento. Por isso vou permitir que ela o conheça como deseja, pois tenho o pressentimento de que ela não vai gostar do que vai descobrir. Apenas... não manche a reputação dela. Se fizer isso, vou sepultar você e a todos que você ama.*

— Eu nunca mancharia uma...

Silêncio. Ela vai acordar agora.

Como comprovação daquelas palavras, Olivia soltou um gemido. Naquele instante, o alívio que o inundou parecia irracional. Era muito por alguém que não conhecia e cuja morte não lamentaria. Mas de uma coisa ele sabia: quem quer que fosse o dono daquela voz, era alguém realmente muito poderoso, pois retirara Olivia de seu repouso mortal tão rapidamente.

— Obrigado — ele disse mais uma vez. — Ela sofreu injustamente e...

Eu já disse para ficar em silêncio. Se ousar atrapalhar o processo de recuperação de Olivia... Na verdade, eu já aguentei você mais do que poderia em uma única noite. Durma.

Apesar de ele ter lutado contra aquilo, seu corpo parecia incapaz de recusar a ordem e caiu sobre o colchão, a poucos centímetros de Olivia. Seus cílios se fecharam e foi tomado pela letargia, que o levou esperneando e gritando em direção à escuridão, que, em outro momento, teria sido muito bem-vinda. Ainda assim, aquela escuridão não foi capaz de evitar que procurasse por Olivia e a puxasse para junto de si.

Aonde ela pertencia.

COM OS OLHOS ainda muito pesados para serem abertos, Olivia esticou os braços sobre a cabeça e arqueou as costas, desfazendo os nós em seus músculos. *Tããã bom.* Sorrindo, ela respirou fundo e sentiu o cheiro de tempero exótico e de fantasias proibidas. Sua nuvem nunca tivera um cheiro tão... *sexy.* Nem nunca fora tão quente, a ponto de ser quase imoral.

Ela gostaria de ficar assim para sempre, mas os anjos não eram preguiçosos. Resolveu que visitaria Lysander aquele dia. *Se* ele não estivesse fora, numa missão secreta, como muitas vezes acontecia, e se não estivesse escondido em algum lugar com Bianka. Depois, seguiria para a fortaleza em Budapeste. O que Aeron estaria fazendo naquele dia? Ficaria mais uma vez fascinada por suas contradições? Ele a sentiria novamente, como não deveria ser capaz de sentir, e depois exigiria que ela se revelasse, a fim de que pudesse matá-la?

Tais exigências costumavam magoá-la, mas não poderia culpá-lo por estar com tanta raiva. Ele não sabia quem ela era, nem quais eram suas intenções. *Eu quero que ele me conheça,* pensou. Ela era agradável, de verdade. Bem, pelo menos para os outros anjos. Mas não tinha certeza do que um guerreiro imortal possuído por um demônio acharia dela, seu completo oposto.

Mas Aeron não parecia um demônio para ela. De jeito nenhum. Ele chamava Legião de seu “bebê precioso”, comprou tiaras para ela e decorou seu quarto para agradar o demônio. Chegou até mesmo a pedir ao seu amigo e companheiro, Senhor Maddox, que construísse uma poltrona para

que ela descansasse. E a poltrona ficava ao lado de sua cama, revestida de renda rosa.

Olivia também queria ter sua poltrona com renda naquele quarto.

A inveja não serve para você, ela se lembrou. *Talvez você não tenha uma poltrona com renda, mas já ajudou inúmeras pessoas a sorrir, a se alegrar e a amar suas vidas*. Sim, ela tinha muita satisfação com seu trabalho. Porém... agora ela queria mais. Talvez sempre tenha querido mais, mas não notara até ser “promovida”.

Tão ambiciosa, pensou com um suspiro.

O colchão, duro como uma pedra, mas macio, moveu-se debaixo dela e gemeu.

Espere um pouco. Duro como uma pedra? Mexeu? Gemeu? Após ter sido arrastada à lucidez, Olivia não teve dificuldade para abrir os olhos. Levantou-se de um salto ao deparar-se com o que via, ou melhor, com o que não via. A neblina azulada do sol nascente e as nuvens grandes e gordas não estavam em lugar nenhum. Em vez disso, ela viu um quarto com paredes de pedras pontudas, piso de madeira e móveis de cerejeira polida.

Ela viu também uma poltrona rosa coberta de renda.

A percepção a golpeou com violência. *Estou caída. Eu caí*. Ela descera diretamente ao inferno, e os demônios... *Não pense neles*. Apenas com aquela vaga lembrança, seu corpo já começara a tremer. *Estou com Aeron agora. Estou segura*. Mas, se ela realmente era mortal, por que seu corpo parecia tão... bem?

Outra percepção: porque ela não era verdadeiramente humana.

Quatorze dias se passariam, lembrou-se de Lysander ter dito, antes que perdesse todos os seus traços angelicais. Isso significava... Suas asas poderiam ter...

Mordendo o lábio inferior, com medo de ter esperanças, tocou a parte de trás do corpo e sentiu suas costas. O que encontrou fez com que seus ombros se contraíssem tanto de alívio como de tristeza. Não restara qualquer ferida, mas suas asas também não tinham voltado a crescer.

Sua escolha. Suas consequências. Sim. Ela aceitava isso. Mas ainda assim era estranho. Aquele corpo sem asas lhe pertencia. Um corpo que não viveria para sempre. Um corpo que sentia coisas boas e ruins.

E isso era bom, ela se apressou a dizer a si mesma. Estava na fortaleza dos Senhores, e estava com Aeron. Aeron, que estava debaixo dela. Que divertido. Até aquele momento, seu corpo só experimentara as coisas ruins. Estava mais do que pronta para as coisas boas.

Olivia saiu de cima dele e o observou. Ele ainda dormia, suas feições estavam relaxadas, com um dos braços jogado por sobre a cabeça, o outro ao lado do corpo, onde ela estivera. Ele a estivera abraçando bem perto do próprio corpo. Os lábios de Olivia se curvaram num sorriso sonhador, e seu coração se agitou loucamente.

Ele estava sem camisa, e perceber isso fez seu coração acelerado disparar ainda mais. Ela havia se esparramado sobre a vastidão daquele peito colorido, tinha se deitado sobre aqueles minúsculos mamilos amarronzados, aqueles músculos incríveis e aquele umbigo intrigante.

Infelizmente, ele estava de calça jeans. Mas seus pés estavam descalços, e ela notou que até os dedos eram tatuados. Adorável.

Adorável? Sério? Quem é você? Pessoas estavam sendo assassinadas naqueles dedos. Mas ainda

assim ela queria passar os dedos sobre eles. E passou mesmo os dedos sobre a borboleta tatuada em suas costelas. As asas eram pontiagudas, destruindo qualquer ilusão de delicadeza.

Ao ser tocado por ela, Aeron arfou, e ela deu um pulo para trás. Não queria ser pega assediando-o. Pelo menos enquanto não tivesse a permissão dele. A ação fora mais forte do que ela intencionara, e ela foi jogada totalmente para fora da cama, mergulhando no chão com um doloroso *ploft*. Os cabelos dançavam em volta do seu rosto, e, quando afastou os fios para o lado, notou que despertara Aeron.

Ele estava sentado, olhando para ela.

Olivia engoliu em seco e fez um aceno tímido para ele.

— Eh, bom dia.

Ele olhou para Olivia com os olhos estreitos.

— Você parece melhor. Bem melhor. — Sua voz era áspera. Provavelmente por causa do sono, e não por desejo, como todo o seu corpo gostaria. — Está curada?

— Sim, obrigada. — Pelo menos ela imaginava estar curada. Seu coração ainda precisava se acalmar, pois aqueles batimentos constantemente irregulares eram estranhos para ela. E havia aquela dor no peito. Nada terrível, como fora a dor nas costas, mas era estranha. Seu estômago ainda se revirava.

— Você sofreu por três dias. Alguma complicação? Algum apontada de dor ainda permanece?

— Três dias? — Ela não percebera que tanto tempo tinha se passado. Mas, ainda assim, três dias não pareciam suficientes para que se curasse tão completamente. — Como posso estar tão melhor?

Ele a encarou com raiva.

— Tivemos uma visita ontem à noite. Ele não me disse o nome, mas sim que a curaria, e acho que cumpriu sua palavra. Ele não gostou de mim, a propósito.

— Meu mentor. — Claro. Curá-la teria significado burlar as regras, mas Lysander ajudara a *fazer* aquelas regras. Se alguém as conhecia profundamente, esse alguém era ele. E um anjo que não gostava de Aeron? Com certeza, Lysander.

Mais uma vez, Aeron a estudou, como se procurasse alguma ferida, apesar da sinceridade de suas palavras. As pupilas dele se dilataram, devorando cada centímetro daquele adorável ser. Não era de alegria, mas era de... raiva? Mais uma vez? Ela não fizera nada para destruir a atitude carinhosa de antes. Será que Lysander dissera algo que o chateara?

— A sua túnica... — ele resmungou, e rapidamente se afastou dela, dando-lhe as costas. A segunda tatuagem de borboleta a cumprimentou, e ela ficou com água na boca. Qual seria o sabor daquelas asas pontudas?

— Ajeite-a.

Franzindo a testa, ela olhou para si mesma. Seus joelhos estavam levantados, e a túnica estava embolada na altura da cintura, revelando a pequena calcinha branca que usava. Ele não poderia ficar nervoso por causa disso. Anya, esposa de Lucien e deusa menor da Anarquia, usava muito menos roupas no dia a dia. Ainda assim, Olivia desceu o tecido suave e leve até os tornozelos. Ela poderia ter se levantado e voltado para a cama, ao lado dele, mas preferiu não arriscar cair ou ser rejeitada.

— Já estou coberta — ela disse.

Quando Aeron olhou para ela, suas pupilas ainda estavam dilatadas, e ele inclinou a cabeça para um lado, como se tentasse repetir a conversa em sua mente.

— Por que você tem um mentor?

A resposta era fácil.

— Como os humanos, os anjos têm de aprender a sobreviver. Têm de aprender a ajudar os necessitados. A lutar contra os demônios. O meu mentor era... é... o maior de sua espécie, e eu era um ser abençoado por poder trabalhar ao seu lado.

— O nome dele... — Ele a interrompeu, cortante, em tom decidido.

Por que uma reação tão negativa?

— Imagino que o conheça, então. Conhece Lysander, não é mesmo?

As pupilas de Aeron finalmente voltaram ao normal, as íris violetas, novamente visíveis, afogando-a em suas irresistíveis profundezas.

— Lysander de Bianka?

Ela sorriu ao ouvir a descrição.

— Sim. Ele também me visitou.

— Naquela noite em que pensei que você estivesse falando sozinha — ele disse, assentindo.

— Sim.

E ele planejava voltar. Mas isso ela não mencionou. Lysander a amava e não machucaria Aeron... ainda, pois isso também a machucaria. Pelo menos, essa era a esperança à qual ela se agarrava.

Aeron fez uma careta.

— Essas visitas angelicais precisam acabar, Olivia. Entre Caçadores e nossos demônios, já temos muito com o que lidar. Mesmo que Lysander tenha ajudado você, mesmo que eu seja grato por isso, não posso permitir que tal interferência continue acontecendo.

Ela sorriu. Simplesmente não conseguiu se conter.

— Boa sorte, então. — Deter um anjo era como deter o vento: em uma palavra, impossível.

Ele intensificou a cara feia.

— Você está com fome?

A mudança de assunto não a chateou. Na verdade, deixou-a fascinada. Aeron costumava fazer isso com os amigos, indo de um assunto a outro sem aviso prévio.

— Ah, sim, estou faminta.

— Então vou lhe dar alguma coisa para comer antes de irmos para a cidade — ele disse, atirando as pernas para o lado da cama e ficando de pé.

Olivia permaneceu onde estava, mas naquele momento por culpa de suas pernas, que pareciam estar ancoradas a pedras. Em primeiro lugar, ele era *lindo*. Todo feito de músculos, perigoso e dono de uma pele colorida de dar água na boca. E segundo...

— Você ainda pretende se livrar de mim?

— Claro.

Não se atreva a chorar.

— Por quê? — Teria Lysander dito algo, como ela suspeitara?

— Uma pergunta melhor: quando eu dei a entender o contrário? — Ele seguiu para o banheiro,

e ela o perdeu de vista. Ouviu um barulho de roupas sendo vestidas, depois água caindo sobre porcelana.

— Mas você me teve nos braços a noite toda — ela falou. — Cuidou de mim por três dias. — Isso tinha de significar algo, certo? Os homens não fazem esse tipo de coisa, a menos que estivessem apaixonados. Certo? Em todo o tempo que estive com Aeron, nunca o vi com uma mulher. Bem, além de Legião, mas o pequeno demônio não contava. E Aeron nunca a tivera nos braços durante toda a noite. Então aquela atenção que dispensava a Olivia era especial. *Certo?*

Não houve resposta. Em pouco tempo, vapor e um cheiro de sabonete de sândalo tomaram conta do quarto. Ele estava tomando banho, ela percebeu, e seu coração acelerou mais uma vez, algumas vezes até parando de bater. Nunca tomara banho enquanto ela estivera ali. Sempre esperava até que ela fosse embora.

Ver seu corpo nu se transformara em uma obsessão.

Será que ele tinha tatuagens *lá*, entre as pernas? Se tivesse, que desenho teria escolhido?

E por que eu tenho vontade de lambar esse desenho assim como quero lambar as borboletas? Imaginando a cena, Olivia passou a língua por entre os lábios antes de ficar paralisada, em choque. *Menina má e sapeca!* Tanto desejo...

Bem, eu não sou mais um anjo completo, lembrou a si mesma. E ela queria vê-lo... saboreá-lo. Então, com sorte, ela iria vê-lo... e saboreá-lo. Depois de tudo o que aconteceu com ela, merecia um pequeno capricho. Ou talvez um grande capricho. De uma forma ou de outra, ela não deixaria aquela fortaleza sem dar uma olhadela.

Determinada, Olivia finalmente ficou de pé. Porém, sem as asas para centralizá-la, não tinha senso de equilíbrio e rapidamente desmoronou, sentindo dores fortes nos joelhos e encolhendo o corpo. Mas aquela dor era suportável. Após a extração de suas asas, provavelmente *qualquer coisa* seria suportável.

Mais uma vez, ficou de pé. E voltou a cair. Droga! Rapidamente, a água foi fechada. Ouviu o som de carne molhada contra o mármore e, em seguida, o barulho de algodão contra metal.

Rápido! Antes que seja tarde demais.

Para se equilibrar, colocou um pé à frente e o outro atrás, e abriu bem os braços. Lentamente, ela foi se levantando. Balançou para a esquerda e depois para a direita, mas conseguiu ficar ereta dessa vez. *Vamos, Olivia!*

Em seguida, Aeron saiu do banheiro, e ela ficou completamente decepcionada. Havia uma toalha enrolada em sua cintura e outra pendurada no pescoço. Tarde demais. Droga dupla!

— Você tomou um banho muito rápido. Deve ter se esquecido de lavar alguma coisa — ela disse.

Ele nem olhou para ela e manteve sua atenção na penteadeira à sua frente.

— Não. Não esqueci.

Ah.

— Agora é a sua vez — disse Aeron, após colocar uma camiseta em cima do móvel de madeira. Ele usou a segunda toalha para secar seus cabelos curtíssimos.

Ela já dissera que ele era lindo? Devia ter dito que ele era *magnífico*.

— A minha túnica me limpa.

Ela soaria tão sem fôlego aos ouvidos dele quanto soava aos dela?

Ele franziu a testa, ainda sem olhar para ela.

— Limpa até seus cabelos?

— Sim. — Suas mãos tremiam enquanto ela puxava o capuz para cima da cabeça, deixando-o ali durante um tempo para que operasse sua magia. Em seguida o puxou para baixo novamente. Quando o tecido caiu, ela passou a mão pelos cabelos macios e sedosos. — Viu? Eu fico completamente limpa.

Finalmente, ele olhou para ela, passando os olhos por todo o seu corpo, demorando-se em algumas partes, fazendo com que o sangue dela esquentasse, deixando-a arrepiada. Quando os olhos de ambos se encontraram, as pupilas de Aeron estavam novamente dilatadas, e a cor preta ofuscava as íris violetas.

Sério, o que ela estava fazendo para deixá-lo com tanta raiva?

— É verdade — ele grunhiu. Ele se virou de costas e foi em frente, entrando no closet e desaparecendo de vista. A toalha voou para fora e caiu em pilha no chão.

Ele estava nu outra vez, ela pensou, esquecendo-se de sua raiva. *Essa é a sua chance*. Sorrindo, Olivia entrou em ação. Conseguiu dar dois passos antes de tropeçar e cair de joelhos, e finalmente deixou cair o resto do tronco e sentiu o ar escapar-lhe dos pulmões.

— O que você está fazendo?

Ela ergueu os olhos. Ali estava Aeron, na porta do closet, vestindo uma camiseta preta e uma calça jeans. Também pegara um par de botas e provavelmente havia armas espalhadas por todo aquele corpo musculoso. Os olhos dele estavam apertados, e seus lábios, franzidos.

Frustrada mais uma vez. Ela suspirou de tristeza.

— Não tem problema — ele disse, claramente sem paciência para esperar a resposta dela. — É hora de irmos.

Agora?

— Você não pode me levar para a cidade — ela se apressou em dizer. — Você precisa de mim.

Ele explodiu por um instante.

— Impossível. Não preciso de ninguém.

Ah, é mesmo?

— Alguém será enviado para terminar o trabalho que eu não fui capaz de fazer, lembra? E, da mesma forma como você não sentiu a presença de Lysander quando ele veio me visitar, não vai sentir outro anjo.

Aeron cruzou os braços sobre o peito sólido, o retrato perfeito da teimosia masculina.

— Mas eu senti sua presença, não senti?

Sim, ele sentira, e ela nunca entendera como ele o fizera.

— É, mas como eu disse, você não sentiu Lysander. Eu, no entanto, posso ver os anjos. Posso avisá-lo quando algum se aproximar.

Não que algum anjo fosse aparecer antes que sua prorrogação de 14 dias terminasse, ou melhor, 11 dias, pois três já tinham se passado, mas Aeron não sabia disso.

Ele moveu o queixo da esquerda para a direita, interrompendo a continuidade das imagens gravadas ali.

— Você disse que estava com fome. Vamos encontrar alguma coisa para você comer.

Mudara mais uma vez de assunto. Dessa vez, ela odiou, mas deixou passar, percebendo que novas discussões seriam inúteis. Além do mais, ela estava *realmente* com fome. Apoiou-se nos joelhos e depois se levantou. Um passo... dois... três... Logo ela estava na frente de Aeron, sorrindo devido ao seu êxito.

— O que foi isso? — ele perguntou.

— Eu caminhei.

— Demorou tanto... Estou oficialmente cinquenta anos mais velho.

Ela ergueu o queixo, não menos orgulhosa.

— Mas eu não caí.

Ele balançou a cabeça, exasperado?, e pegou sua mão.

— Vamos, anjo.

— Caído — ela automaticamente completou. A sensação dos dedos de Aeron ao redor dos seus, quentes e fortes, fizeram-na tremer. Uma sensação que não lhe foi permitido saborear.

Quando ele a puxou para a frente, ela tropeçou nos próprios pés. Felizmente, antes que ela beijasse o chão de novo, Aeron a ergueu e a trouxe para o lado dele, ancorando-a naquela posição.

— Obrigada — ela murmurou.

Aquilo sim era vida. Aproximou-se o máximo que pôde dele. Por séculos, vira muitos humanos sucumbindo aos desejos mais básicos, mas, até aquela penugem dourada aparecer em suas asas, ela nunca entendera muito bem por que faziam isso. Mas agora ela sabia: cada toque era tão delicioso quanto a maçã de Eva deve ter sido.

Ela queria mais.

— Você é uma ameaça — Aeron murmurou.

— Uma ameaça *útil*.

E talvez, se ela o lembrasse constantemente disso, Aeron entenderia que precisava mesmo dela.

Ele não respondeu, mas conduzindo-a pelo corredor, mantendo-a de pé todo o tempo. Melhor ainda, teve de carregá-la enquanto desciam as escadas. E Olivia poderia ter aproveitado bem melhor aquele momento se não estivesse tão distraída. As paredes estavam cheias de quadros que retratavam o céu; anjos que ela reconhecia voando entre as nuvens, e também o inferno. Mas as imagens desse ela evitou observar, pois não queria se lembrar do tempo que passou lá.

Também havia nas paredes quadros de homens nus, a maior parte deles deitada em camas com lençóis de seda. Naquelas imagens Olivia prestou atenção, e não se sentiu envergonhada disso. Não mesmo. Nem quando precisou limpar sua saliva. Toda aquela pele... aqueles músculos... aquela força... Pena que não estavam tatuados dos pés à cabeça.

— Anya decorou algumas partes da casa. Você deveria tapar os olhos — disse Aeron, sua voz profunda interrompendo sua admiração.

— Por quê? — Cobrir os olhos seria um crime. Um crime que provavelmente insultaria sua Divindade, pois não era sua tarefa suas criações?

— Você é um anjo, pelo amor dos deuses! Não deveria olhar para esse tipo de coisas.

— Sou um anjo caído — ela lembrou mais uma vez. — E como sabe o que devo ou não fazer?

— Apenas... feche os olhos. — Ele largou suas pernas, obrigando-a a ficar de pé novamente, e a guiou enquanto faziam uma curva.

Um grupo de diferentes vozes de repente atacou seus ouvidos, e ela retesou o corpo, pois não estava preparada para lidar com ninguém além de Aeron.

— Cuidado — ele disse.

Ela diminuiu a velocidade dos passos. As pessoas eram imprevisíveis, ainda mais seus amigos imortais. Pior: seu corpo agora era suscetível a qualquer tipo de dano. Poderiam torturá-la, física, mental e emocionalmente, e ela não poderia sair voando.

Nos céus, todos se amavam. Não havia ódio nem crueldade. Na terra, a gentileza era muitas vezes deixada de lado. Os humanos costumavam chamar uns aos outros por nomes terríveis, eles destruíam a autoestima de um companheiro e arrasavam, propositalmente, o orgulho dos outros.

Olivia seria muito mais feliz desfrutando de todo o seu tempo como humana sozinha com Aeron.

Você pesou o bem e o mal, lembra? Achou que a possibilidade de sentir prazer valeria qualquer custo. E você pode lidar com isso. Precisa lidar com isso.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Estou — ela respondeu, determinada.

Eles fizeram outra curva e entraram na sala de jantar; Aeron parou. Imediatamente as vozes emudeceram. Olivia deu uma olhada rápida e viu quatro indivíduos sentados a uma mesa cheia de comida. Quatro potenciais torturadores.

Sentiu um acesso de medo no peito e mal conseguiu respirar. Antes de perceber o que estava fazendo, ela tinha largado a mão de Aeron e se posicionado atrás dele, escondendo-se da vista dos outros. Para se manter de pé, ela tinha que apoiar as palmas das mãos nas costas dele.

— Finalmente. Carne de anjo fresca — disse uma mulher, com uma risada rouca. — Estávamos começando a pensar que Aeron planejava mantê-la escondida para sempre. Não que eu fosse permitir que isso acontecesse, você entende. Eu já tinha desenterrado meu abridor de portas da sorte e preparado um encontro para a meia-noite.

Um encontro de boas-vindas ou um encontro para perguntar “o que acha da ponta da minha lâmina”? Provavelmente a segunda opção. Olivia reconheceu a voz áspera como sendo a de Kaia Skyhawk, gêmea de Bianka e irmã mais velha de Gwen. Era uma Harpia mentirosa e ladra, gerada por Lúcifer. Ela também estava ajudando os Senhores na busca pela caixa de Pandora. Seria capaz de matar qualquer coisa que lhe parecesse uma ameaça. Como um anjo.

Gwen, a Skyhawk mais nova, vivia ali com Sabin, mas os dois estavam atualmente em Roma, pelo que Olivia escutara, junto com vários outros, vasculhando um dos templos recentemente erguidos pelos Titãs descoberto, pois nele poderia haver artefatos que já pertenceram a Cronos.

Pobre Cronos, que os Senhores imaginavam ser todo-poderoso. Se eles soubessem...

— Eu ficaria de boca fechada, se fosse você — Paris advertiu a Harpia.

Olivia espiou por cima do ombro de Aeron.

— Por quê? — perguntou Kaia, sem demonstrar preocupação. — Você acha que Aeron vai me atacar? Você já deveria saber que eu gosto de lutar. No óleo.

Paris mordeu os lábios ao se lembrar da própria experiência de luta no óleo. Com Lysander. Algo que Olivia adoraria ter visto.

— Não, eu não acho que deveria se calar por causa de Aeron. Acho que deveria se calar porque fica mais bonita quando está quieta.

Houve uma bufada feminina, e Olivia sorriu. Já não estava envolta em dor e memórias. Para sua surpresa, descobriu que seu medo dos demônios estava diminuindo. Talvez ela realmente conseguisse.

— Então, Olivia — disse Paris. — Como está? Sentindo-se melhor?

Sem sair de trás de Aeron, ela respondeu:

— Sim, obrigada.

— Hum... Eu adoraria lhe oferecer algo pelo qual você *realmente* agradeceria. — Quem falou foi William, ela notou. Ele era bonito, perversamente bonito, com cabelos pretos e olhos azuis. Também era um vagabundo irremediável, com um terrível senso de humor que Olivia nem sempre entendia.

— Alguém precisa destruir o seu *algo*, pelo bem das mulheres do mundo. — O pronunciamento veio de Cameo, a única mulher entre os Senhores. Ou pelo menos a única que os Senhores conheciam. Era possuída por Infelicidade, e toda a tristeza do mundo ecoava em sua voz.

Naquele momento, Olivia sentiu vontade de abraçá-la. Ninguém ali sabia disso, mas Cameo sempre dormia chorando. Era de cortar o coração. Talvez... talvez elas pudessem ser amigas agora, ela pensou, mais uma vez surpresa com seu medo, que ainda desaparecia.

— Vamos esquecer isso agora — disse Aeron, mais uma vez pegando a mão de Olivia e arrastando-a para a frente. Quando chegaram na mesa, ele afastou uma cadeira para que ela se sentasse.

Olivia manteve os olhos baixos enquanto balançava a cabeça.

— Não, obrigada.

— Por quê?

— Não quero me sentar sozinha. — Não depois de ter experimentado a felicidade de tê-lo como colchão e muleta.

Suspirando, ele mesmo se sentou na cadeira. Lutando contra um sorriso triunfante, Olivia se sentou no colo dele. Na verdade, ela desabou no colo dele. Como já não podia usá-lo como muleta, não tinha onde se ancorar. Ele ficou rígido, mas não a censurou.

Olivia não fazia ideia do que os outros achavam dela, pois manteve os olhos baixos. Por enquanto, estava calma e queria permanecer assim.

— Onde estão os outros? — perguntou Aeron, voltando à conversa, como se ela nunca tivesse sido interrompida.

— Lucien e Anya estão na cidade, ainda procurando a sua Garota das Sombras — disse Paris. — Torin está no quarto, claro, vigiando o mundo e nos mantendo seguros. Danika... — Aeron sentiu uma pontada ao ouvir o nome dela, e Olivia acariciou sua mão para confortá-lo. Claramente, sentia-

se culpado por quase tê-la matado. — Danika está pintando alguma coisa, mas não vai nos contar nada por enquanto, e Ashlyn está dando uma olhada nos pergaminhos que Cronos nos deu, tentando se lembrar se alguma vez ouviu algo sobre os nomes listados.

Os pergaminhos em questão documentavam quase todos os que tinham sido possuídos por um dos demônios liberados da caixa de Pandora, como Olivia já sabia. Os anjos vigiavam essas pessoas havia séculos, então ela sabia onde alguns deles viviam. Seria jurada de morte pelos seus companheiros de espécie se revelasse isso? Estaria quebrando alguma lei antiga?

— Pelos deuses, Luxúria... Deveríamos trocar o seu nome para Tédio. Vamos ao que interessa. Já está na hora das apresentações? — disse William. — Só estou sendo educado, juro.

— E desde quando você se importa com educação? — alfinetou Aeron.

— Desde agora.

Olivia escutou seu guerreiro trincando os dentes atrás de si.

— Esta é Olivia. Ela é um anjo — ele disse, para ninguém em particular. Seu tom indicava que não gostaria de continuar com a conversa.

— Anjo caído — ela corrigiu assim mesmo. Ela avistou uma vasilha com uvas, sem evitar um gritinho de prazer. Três dias sem comer a atingiram.

Divisão e moderação eram princípios pelos quais vivera por toda a sua vida, mas que a abandonaram quando ela pegou a vasilha e a apertou contra o peito. De punhado em punhado, enfiou as deliciosas frutas na boca, saboreando-as, gemendo de satisfação. Mas logo a tigela ficou vazia, e ela fez uma careta... até notar outro prato, dessa vez com fatias de maçã.

— Delícia. — Olivia se inclinou para a frente. Ela teria caído para o lado, mas as mãos fortes de Aeron seguraram seu quadril, mantendo-a no lugar e fazendo-a tremer. — Obrigada.

— De nada — ele respondeu.

Sorrindo, ela pegou o prato e voltou a se aconchegar no colo dele. Ele ficou excitado quando ela fez isso, e cutucou a base das suas costas, mas ela nem notou. As fatias de maçã também foram consumidas entre gemidos felizes. A comida tinha um sabor ainda melhor como humana. Mais doce. Era necessária, e não uma coisa secundária.

Finalmente saciada, Olivia olhou para cima, para oferecer uma das fatias restantes a alguém. Todos estavam olhando para ela, e a comida caiu como chumbo em seu estômago.

— Sinto muito — disse Olivia, automaticamente. O que fizera de errado?

— Por que está se desculpando? — Kaia perguntou. Não havia malícia no seu tom de voz, apenas curiosidade genuína.

— Todos estão olhando para mim, então pensei que... — Mais do que isso, Aeron parecia mais tenso que antes.

— Concordo com a Harpia — disse William, erguendo as sobrancelhas. — Adoro mulheres que assediam seu café da manhã.

Mas ela *não* tinha feito isso. Tinha?

Kaia deu um tapa na nuca de William.

— Cale a boca, playboy. Ninguém liga para a sua opinião. — E disse para Olivia: — Caso tenha tido dificuldade em me entender, estou olhando para você pois estou curiosa.

Assim como Olivia estava curiosa em relação a ela. As Harpias só podiam comer coisas roubadas, mentiam descaradamente e matavam por impulso. Em suma, eram a antítese dos anjos, mas ainda assim aproveitavam a vida ao máximo, e justamente por isso Lysander escolhera ficar ao lado de uma.

Em pouco tempo eu também estarei aproveitando a vida ao máximo.

— Você conhece Lysander, o marido da minha irmã gêmea? — Kaia perguntou.

— Sim. Muito bem.

A Harpia colocou os cotovelos na mesa, afastando os pratos.

— Ele é tão duro e sério quanto eu imagino? — perguntou, com uma pitada de repulsa na voz.

— Provavelmente ainda mais.

— Eu sabia! Pobre B. — A compaixão cobriu suas feições, mas ela rapidamente se iluminou. — Já sei. Nós duas poderíamos unir nossas mentes, pois duas mentes maravilhosas sempre pensam melhor do que uma, e assim poderíamos planejar algumas formas de deixá-lo um pouco mais relaxado. Poderemos até conhecer melhor uma a outra. As mulheres da casa têm que ficar unidas.

— Isso não vai ser possível. Vou levar Olivia para a cidade — disse Aeron, segurando Olivia com ainda mais força. — Não haverá tempo para planos. Nada de relaxamento. E, definitivamente, nada de se conhecer melhor.

Os ombros de Olivia caíram. Será que Aeron sempre fora tão duro, mas ela nunca notara? Ou tal atitude era para o seu bem?

— Tem certeza de que quer se livrar de mim? — ela perguntou. — Eu faço bem a você. Prometo!

— Porque pode me ajudar? — Ele fez uma pergunta, quando deveria ter feito uma afirmação.

Ela queria sacudir aquele homem tão cabeça-dura.

— Sim.

— Já temos muita gente para ajudar por aqui. Então, sim, tenho certeza.

— Eu também posso fazer você sorrir. Esse era o meu trabalho, você sabe. — Na verdade, era o seu antigo trabalho, e ela sentia falta dele. — Você quer sorrir?

— Não — ele respondeu sem hesitar.

— Eu, sim — William interrompeu. — Eu gosto de sorrir quando estou na cama, nu. Então voto para que ela fique.

As unhas de Aeron furaram a túnica de Olivia e arranharam sua pele, mas ela não reclamou. Se fizesse isso, ele tiraria as mãos, e ela gostava de senti-las ali onde estavam.

— Como Kaia disse, sua opinião não importa.

— Além do mais — continuou Kaia —, duvido que o grandalhão saiba sorrir.

— Eu também duvido — disse Aeron, fazendo todos rir.

— É claro que você sabe, Rabugento. — Kaia jogou seus cabelos vermelhos e brilhantes por cima dos ombros. — Ouça, você não precisa levá-la para a cidade. As notícias voam... Eu mantenho minha oferta de conhecê-la melhor. Estou completamente impressionada pelo fato de ela ter sido expulsa do céu, e quero saber todos os detalhes suculentos.

— Eu também — disse Cameo, assentindo para enfatizar sua determinação. — O negócio é conhecê-la melhor.

— Podem me incluir nessa também. — William mandou um beijo para Olivia pelo ar, e as bochechas dela ficaram vermelhas de vergonha. — Não precisa dizer nada, Olivia. Já sei as palavras que estão na ponta da sua língua. Diga se eu estiver enganado, mas conhecê-la melhor será um prazer para você.

Aeron soltou um rosnado baixo pela garganta.

— Ela não vai ficar, e não haverá qualquer tipo de prazer. Como eu já disse, vou levá-la para a cidade e deixá-la lá. Hoje.

— Mas por quê? — perguntou Olivia. Ela podia odiar seus deveres como anjo guerreiro, e talvez nunca tenha matado ninguém, mas isso não significava que fosse uma pessoa sem opinião própria. — Você disse que não queria mais ajudantes, mas eu prometo que essas pessoas não poderão fazer nada quando o próximo anjo for enviado para matar você.

Olivia esperava que alguém levantasse a voz e concordasse com ela, mas ninguém parecia se importar que um assassino celestial estivesse a ponto de surgir para acabar com o seu amigo. Todos na mesa, incluindo Aeron, provavelmente supunham que o Senhor era invencível.

E, claro, ele se manteve impassível.

— Eu não me importo.

Ela jogou o prato de maçã onde o pegara, afastando os outros pratos para ainda mais longe do que Kaia os jogara.

— Eu também posso ajudá-los a derrotar os Caçadores. — Verdade.

— Olivia — Aeron disse, e ela nem precisou olhar para ele para saber que ele estava olhando o teto, implorando por paciência. Só que, se não estivesse equivocada, o pedido que o ouvira murmurar era por força. — Nós somos demônios, e demônios e anjos não se misturam. Além do mais, Legião não pode voltar enquanto você não tiver ido embora.

Esse era o único argumento para o qual ela não tinha resposta.

— Mas... mas... Eu estou disposta a tentar me dar bem com ela. — Se ele percebeu o pânico na voz de Olivia, não deixou transparecer. — Vou ser legal com todos os seus amigos também. Como não seria? Eu abri mão de tudo para salvá-lo.

— Eu sei — ele disse, e suas palavras foram rosnadas.

— O mínimo que você pode fazer é...

— Eu não pedi para você abrir mão de nada — ele respondeu. — Então, não. Não venha com essa história de *o mínimo que você pode fazer*. Você está curada. Estamos quites. Eu não lhe devo nada.

Cameo o ignorou, colocou os cotovelos sobre a mesa e se aproximou ainda mais de Olivia.

— Esqueça o que ele diz. É só porque ele ainda não tomou cafeína suficiente. Vamos voltar um pouquinho: como você pode nos ajudar com os Caçadores?

Finalmente, algum interesse, ainda que o tom de Cameo fosse mais carrancudo que encorajador. Olivia ergueu um pouco mais o queixo.

— Para começo de conversa, eu sei onde estão outros imortais possuídos por demônios. — Felizmente, ela não foi atingida por um raio ao fazer essa confissão, nem os anjos apareceram com suas espadas inflamadas em punho. — Vocês disseram estar buscando por eles, certo?

Um momento de silêncio e surpresa se passou, todos os olhos se viraram para ela, e assim

permaneceram.

— Aeron — disse Cameo.

— Não. Isso não importa — sua voz áspera proclamou. — Para isso temos os pergaminhos.

— Sim, mas eles dizem os nomes, não as localizações. — O olhar da Senhora ficou mais penetrante. — Sabin vai querer conversar com ela quando voltar.

— Pior para ele.

— Se o babaca do Sabin quer conversar com ela, isso significa que Gwennie também vai querer.

— Kaia tamborilava os dedos na mesa. — E como você sabe, queridinho, eu sempre garanto que minha irmã tenha tudo o que quer. Além do mais, estou a ponto de morrer de tédio, já que ninguém atacou a fortaleza como vocês prometeram.

— Harpia — Aeron disparou. — Não brinque com a minha paciência. Você me obedecerá nesse assunto e deixará o anjo ir embora.

— Os guerreiros são tão adoráveis quando se imaginam durões e no comando de tudo. — Kaia esticou os braços, afastando os pratos da mesa mais uma vez e pegando vários ovos, que ela atirou em Aeron.

Olivia se desviou rapidamente, e os ovos atingiram o rosto de Aeron em cheio. Seus lábios se curvaram e ele fez uma cara feia, enquanto limpava aquela gosma amarelada. Mas em vez de tocá-la novamente, ele pousou as palmas das mãos nos braços da cadeira.

Kaia sorria como uma colegial.

— Não finja que está surpreso com nossa insistência para que ela permaneça aqui. Paris me contou o que você pediu a Cronos no outro dia, naquele telhado. “Envie-me uma mulher que me esnobe” — ela zombou.

— Ah, sério? E quando você e Paris tiveram tempo para conversinhas íntimas? — perguntou William, enquanto passava manteiga em um muffin de mirtilo.

Kaia deu de ombros, mas manteve o foco em Aeron.

— Algumas noites atrás, eu estava querendo um pouco de diversão, e ele estava um pouco fraco. — Mais uma vez, deu de ombros. — Depois ele ficou um tanto conversador.

Paris assentiu timidamente, confirmando. Todas as vezes que Olivia vira o guardião da Luxúria, ele estava triste. Mas, naquele momento, parecia quase... feliz, apesar de um pouco cansado. Deve ter sido uma conversa e tanto.

— Mas eu lhe ofereci um cantinho na *minha* cama — disse William à Harpia.

Cama? Ah. *Ah*. Kaia e Paris, aparentemente, fizeram mais do que conversar naquele encontro.

— Você é péssimo jogando Guitar Hero, então imaginei que fosse igualmente ruim usando as mãos. Além disso, alguém que conhecemos e amamos reivindicou você antes.

— Quem? — Olivia perguntou, incapaz de ficar quieta.

Kaia a ignorou, e continuou:

— Portanto, escolhi Paris para me aquecer no outro dia. E não vejo a hora de contar os detalhes íntimos a Bianka.

— Ah, não. Não, não, não. Você não pode revelar os segredos do quarto — disse Paris.

A Harpia abriu um sorriso preguiçoso e malicioso.

— Observe-me. Seja como for. Se quer ter seu pequeno demônio de volta, Aeron-Tédio, vai ter que ir até a cidade e brincar com ela por lá. O anjo fica.

O calor do hálito de Aeron era como fogo na nuca de Olivia.

— Esta. Casa. É. *Minha!*

— Não mais.

Kaia e William tinham falado em uníssono. E trocaram um sorriso, apesar de William ainda estar rabugento com a escolha de amante de Kaia.

— É verdade — disse Olivia, erguendo mais um pouco o queixo. — Não mais. — Olivia queria que Aeron estivesse ali com ela, sim, mas ele aparentemente precisava de um tempo longe para refletir o quão sortudo era por tê-la ao seu lado.

Não era uma atitude egoísta dela, disse a si mesma. A verdade nunca era egoísta. Além do mais, ele não deveria demorar mais que algumas horas para se dar conta do quanto precisava dela, e do quanto gostaria que estivesse ao seu lado. Ele era inteligente. Na maior parte do tempo.

Por favor, faça com que ele queira estar comigo.

Mais uma vez, Aeron colocou as mãos na cintura de Olivia. Dessa vez, ele apertou forte o suficiente para que ela arfasse.

— Você sabe onde está a caixa de Pandora, Olivia?

Claro que ele faria a única pergunta para a qual ela não tinha resposta.

— Eh... Bem... Não.

— Você sabe onde está o Manto da Invisibilidade e o Cetro Divisor?

Certo. Duas perguntas.

— Não — ela admitiu, com voz suave. O que ela sabia era que os Senhores tinham encontrado dois dos artefatos de Cronos: a Jaula da Coação e o Olho Que Tudo Vê. E os que lhes faltavam foram mencionados por Aeron, o Manto da Invisibilidade e o Cetro Divisor. Como a Única Divindade Verdadeira não via utilidade em tais artefatos, seu povo nunca procurara por eles.

Aeron levantou Olivia e a soltou. Ela teve de se agarrar à mesa para não tropeçar. Também teve de manter os lábios pressionados para não gemer de decepção. *Toque-me.*

— Ainda querem que ela fique? — perguntou aos outros, sem demonstrar qualquer sentimento. — Preferem ela a mim?

Um a um, todos fizeram que sim. E não demonstravam arrependimento.

— Certo — disse Aeron, passando a língua entre os dentes. — Ela é de vocês. Peguem todas as informações dela que puderem. Como vocês mesmo sugeriram, estarei na cidade. Mandem uma mensagem de texto quando ela for embora. Só então retornarei.

Capítulo Seis

AQUILO ERA UMA conspiração para deixá-lo louco, pensou Aeron, taciturno.

Em primeiro lugar, seus amigos o expulsaram. Depois, seu demônio havia gritado, pedindo para que ele ficasse. *Ficasse*. Com Olivia. Um ser que Ira deveria desprezar. Um ser que *Aeron* deveria desprezar. Mas ele entendia o dilema do seu demônio.

Ela era encantadora.

Naquela manhã, quando ele tinha acordado e percebido que Olivia estava completamente recuperada, o desejo que ele negara dias antes voltou a arder. Desde então, ele se recusara a desaparecer. Ela caíra no chão, com a túnica na cintura, e a calcinha dela... Droga, a calcinha dela. Tão branca, tão pura. Fazia qualquer homem querer destruí-la com os dentes e *sujar* um pouco quem a usava. Ele também sentira vontade de rasgar aquela túnica e devorá-la.

Mas de alguma maneira, de alguma forma, ele conseguira se conter.

Talvez por ter percebido, e lembrado a si mesmo repetidas vezes, que Lysander era o dono da voz que escutara no dia anterior. Que Lysander curara Olivia e era quem queria vê-la feliz e inteira.

— Limpa — ele murmurou.

E Lysander seria um terrível inimigo.

Os Senhores podiam lutar contra os Caçadores, claro. Mas contra Caçadores *e* contra um exército angelical? Dificilmente.

Então Aeron finalmente conseguira reunir coragem para sair da cama sem cair em cima de Olivia, louco para tocá-la e provar seu sabor. Finalmente convencera a si mesmo de que deveria se livrar dela. Finalmente, e felizmente, esquecera-se da ereção pulsante entre as pernas enquanto ela se mexia em seu colo e fazia amor com a comida.

Apenas para que Ira implorasse por “mais”.

— Eu gostava mais quando você não passava de uma presença. Uma necessidade — disse ao seu demônio.

A única resposta que recebeu foi um rosnado. Pelo menos não houve mais súplicas por parte do demônio. Ira se calara alguns minutos antes quando havia notado o que Aeron planejava.

Aeron esfregou o rosto com tanta força que arranhou as bochechas com os calos de suas mãos. Estava no apartamento de Gilly, na cidade. Um espaçoso apartamento de três quartos na parte mais

rica do centro. Gilly era uma jovem amiga de Danika que passara a viver em Budapeste. Torin, responsável pela defesa da fortaleza, havia equipado o apartamento dela com equipamentos de segurança de primeira linha, apenas para o caso de os Caçadores descobrirem sua conexão com os Senhores. Ela era completamente humana e tão inocente quanto uma pessoa poderia ser, o que era um verdadeiro milagre, já que Danika contara aos Senhores sobre sua conturbada infância. Mesmo assim, aqueles idiotas não pensariam duas vezes antes de machucá-la.

Estava na escola, no ensino médio, na verdade, e definitivamente feliz com a distância entre eles. Ainda não se sentia confortável na presença dele. O que se entendia perfeitamente. Gilly tinha apenas 17 anos, mas conhecera o lado negro dos homens e vivera sozinha por anos. Eles lhe ofereceram um quarto na fortaleza, mas ela queria um lugar para viver sozinha. O que também era bom. Agora Aeron não teria de vagar sem rumo até o anoitecer e poderia finalmente invocar Legião.

Ele estava de pé no centro da sala, com as cadeiras e poltronas afastadas, a fim de ganhar espaço para o círculo de sal e açúcar que fizera à sua frente. Ele a invocaria de uma forma que Legião não poderia ignorar.

Esticou os braços e disse:

— Legião, Quinientos y Dieciseis do Croisé Sombres de Neid e Потребность, exatamente como ela o ensinara. Eram seu nome, número e título numa mistura de várias línguas. Legião, Quinhentos e Dezesesseis, dos Guerreiros das Trevas da Inveja e da Necessidade. Se ele não dissesse tudo isso, poderia acidentalmente invocar outra pessoa. — Exijo que apareça diante de mim. Agora.

Não houve qualquer *flash* de luz, como Cronos gostava de usar ao se materializar, e o tempo também não parou. Num instante, Aeron estava sozinho; no momento seguinte, Legião estava no centro do círculo. Simples, fácil.

Ela caiu no chão, ofegante, com suor escorrendo de suas escamas.

— Legião! — Ele se ajoelhou e ajudou-a a se levantar, com cuidado para que nenhum grão do sal ou açúcar tocasse nela. Poderia queimá-la, ela lhe dissera.

Ira ronronou; estava feliz novamente.

Imediatamente, Legião se aninhou em seus braços.

— Aeron. Meu Aeron.

Aquilo o fez lembrar-se de Olivia. A doce e bela Olivia, que estava com Kaia, uma Harpia louca com terrível senso de humor, e Cameo, uma assassina impiedosa com voz trágica. Preferia nem pensar em Paris e William, dois viciados em sexo. Pois se ficasse pensando nisso, destruiria o apartamento de Gilly em um acesso de raiva. Raiva, não ciúme, para deixar bem claro. Caso mexessem com o anjo estariam atraindo a ira de Lysander, e era isso que o perturbava, não o fato de Olivia poder se sentir atraída por um de seus amigos. Claro que não.

As paredes de Gilly ficariam mais bonitas com alguns buracos, ele pensou. Estaria fazendo um favor a ela, ajudando na decoração.

Além do mais, da forma como Olivia era cautelosa com os outros, na verdade apenas com ele, mas Aeron não se orgulhava disso, ela talvez não estivesse se saindo muito bem. Naquele exato momento, ela poderia estar se escondendo, chorando, torcendo para que ele voltasse.

Com certeza o sofá de Gilly ficaria mais confortável se fosse serrado em duas partes.

Endureça o coração, como disse a Paris, de forma tão resoluta, que faria. O estado de Olivia não importava. Suas lágrimas não importavam. Não podiam importar. Na verdade, elas ajudariam. Olivia deixaria a fortaleza bem mais rápido.

Legião era a coisa mais importante para ele. A criança que secretamente sempre quisera ter, mas nunca pudera. Não apenas porque nunca se comprometera com uma mulher, mas porque sabia que os bebês eram muito frágeis. Ser pai, figura que ele mesmo nunca tivera, não valeria a agonia de ver seu próprio filho definhar e morrer.

Com Legião, ele não precisaria se preocupar. Ela viveria para sempre.

— O que há de errado, minha menina preciosa? — ele perguntou, levando-a para o sofá e jogando-se contra as almofadas. O cheiro de enxofre era forte nela, e Ira suspirou, claramente com saudade de casa. Antes o seu demônio odiava esse cheiro, mas, agora que ele conhecia os horrores da caixa de Pandora, o inferno parecia o Paraíso.

— Eles me perseguiram. — Ela roçou a bochecha contra o peito de Aeron, com sua pele quente, e ronronou. — Quase me pegaram dessssa vez.

Sua língua forquilhada sempre escorregava e prolongava os esses, algo que ele achava adorável. Quando a conhecera, ela até falava como um bebê, usando os tempos verbais e os pronomes de forma errada. Mas, a pedido de Legião, os dois estudaram gramática juntos. Aeron estava muito contente com seu progresso.

— Agora você está aqui. Está a salvo. — Ele acariciou os dois pequenos chifres no topo de sua cabeça, sabendo que eram sensíveis e que ela adorava aquelas carícias. — Você não precisa voltar.

— Anjo morreu?

— Não exatamente — ele respondeu, evitando a questão por um momento.

E ficaram sentados assim, em silêncio, por vários minutos, enquanto ela tentava controlar a respiração. Finalmente ela se acalmou e o calor que queimava suas escamas abrandou. Legião se sentou e seu olhar vermelho escaneou o lugar.

— Esssta não é casssa — disse, confusa.

Aeron também olhou ao redor, tentando enxergar o que ela vira. Os móveis eram de várias cores: vermelho, azul, verde, violeta e rosa. O piso era de madeira, coberto por um tapete de flores. As paredes tinham várias pinturas de vários formatos retratando o céu. Presentes de Danika.

— Estamos no apartamento de Gilly.

— Bonito — ela disse, e a admiração em sua voz era inconfundível.

A feminilidade de Legião já não o surpreendia. Quando ele voltasse à fortaleza, daria a ela um quarto só seu. Um quarto que ela poderia decorar como quisesse. Ele não sabia quanto tempo mais poderia aguentar tanto rosa no seu próprio quarto.

— Fico feliz que tenha gostado. Podemos ficar aqui por enquanto.

— O quê? — Sua admiração foi substituída pela fúria ao olhar para Aeron. — Você esssstá morando com Gilly agora? Ela essstá... Ela ama você?

— Não.

Lentamente, ela se acalmou.

— Certo, tudo bem, masss eu quero ir para a casssa agora. Ssssinto falta de lá.

Eu também.

— Não podemos. O anjo está lá.

Legião ficou paralisada, a raiva voltava.

— Por que ela essta lá e nós, aqui?

Ótima pergunta.

— Ela vai ajudar os outros a enfrentar os Caçadores.

— Não. *Não.* Eu ajudo com os Caçadores.

— Eu sei. Eu sei. — Ela podia ser pequena, mas era violenta. E matar era uma brincadeira para ela. Mas ela já passara por tantos conflitos na vida que Aeron só queria paz agora. Não queria envolvê-la em outra batalha. E não a envolveria.

Ela significava muito para Aeron.

— Podemos estar a sós aqui — ele disse.

— Certo. — Mais uma vez, ela relaxou o corpo contra o dele. — Vamos ficar, mas eu *vou* ajudar mais do que ela.

Caso contrário, Olivia perderia a cabeça. Ele estava avisado. Hora de sua pequena menina.

— Quer brincar?

Pulando, sorrindo, ela agarrou o pescoço de Aeron, arrastando-se como uma serpente.

— Ssssim, sssim, sssim.

Sempre pronta para brincar, sua Legião. Mesmo falando bem melhor, não perdera suas necessidades de criança.

— Escolhe alguma coisa. O que quiser.

Ele esticou o braço para afagá-la e olhou para o próprio braço. Havia um único espaço de pele nua em seu pulso. Tatuaria uma cobra ali, para que lembrasse Legião. Uma tatuagem para lembrá-lo de algo bom em sua vida, ao invés das coisas ruins.

Sim, ele gostou da ideia.

— Eu quero brincar de... Roupas Opcionais.

Também conhecido como Rasgue Tudo o que Aeron Estiver Usando.

— Que tal outra coisa? Que tal Salão de Beleza, como brincamos na semana passada? Você vai poder pintar minhas unhas.

— Legal! — disse Legião, batendo palmas, com uma animação palpável. — Vou pegar os esmaltes de Gilly. — E saiu correndo, desaparecendo no apartamento.

— O quarto de Gilly é o último à direita — ele gritou.

Passaria uma hora ou duas fazendo as vontades dela, depois patrulharia a cidade em busca de algum sinal dos Caçadores, bem como da Garota das Sombras. Após tudo o que Legião sofrera no inferno, ele lhe devia um pouco de diversão. Que se danassem suas obrigações.

Devia. Uma única palavra explodiu em sua mente, e ele praguejou. Também devia algo a Paris.

Mesmo que ele alegasse que não voltaria à fortaleza até que Olivia tivesse ido embora, precisava cuidar de Paris. Aquele não era um dever que deixaria para trás por motivo nenhum, embora já tivesse permitido que Lucien cuidasse das suas necessidades nos últimos três dias. Aeron suspirou, desapontado consigo mesmo. Só porque Lucien levava o guerreiro à cidade, não significava que Paris

tivesse escolhido alguém.

E, mesmo que tenha dormido com Kaia no outro dia, a força que ganhara com esse encontro não duraria muito tempo. Apesar de sorridente, ele parecia cansado no café da manhã. Como Aeron aprendera, cansaço era o primeiro sinal de problema.

Aeron poderia apostar que o guerreiro não estivera com ninguém depois de Kaia. E isso não era nada bom.

Legião voltou para a sala com uma caixa de plástico roxa e o sorriso aberto.

— Suasss unhasss vão parecer um arco-írissss quando eu terminar.

Arco-íris. Ele achou que seria melhor que as chamuscas rosas que ela fizera da última vez.

— Sinto muito, querida, mas nossa brincadeira vai ter que esperar. Preciso voltar à fortaleza para resolver uma coisa, o que significa que você precisa ficar aqui.

A caixa caiu no chão, fazendo um barulho.

— Não!

— Não vou demorar muito.

— Não! Você me chamou. Disssse que ia brincar.

— Mas se Gilly voltar antes de mim — ele continuou, como se ela não tivesse dito nada —, por favor, por favor, por favor, não tente brincar com ela. Tudo bem? — A humana não sobreviveria. — Só preciso pegar uma coisa. — Ou melhor, alguém. — Seja boazinha e espere por mim.

Legião o seguiu. Apoiou as mãos no peito de Aeron, cravando suas garras em sua pele e extraíndo gotas de sangue.

— Eu vou também.

— Você não pode, querida. Lembra? — Aproximou-se dela e coçou atrás de suas orelhas: — O anjo está lá. Ela perdeu as asas e pode ser vista agora. Mas isso não a deixa menos perigosa para você. Ela...

O pequeno demônio pulou e se empoleirou no colo dele, encarando-o. Seus olhos, já normalmente grandes, ficaram ainda maiores.

— Ela não tem maisss assas?

— Não. Não tem.

— Então ela caiu?

— Sim.

Mais uma vez, Legião bateu palmas, contente.

— Eu ouvi dizer que um anjo caíra, massss não sssabia que era ela. Poderia ter ajudado a feri-la! Mas issso tem conssserto. Possso tomar minha casssa dela agora. Possso matá-la.

— Não — ele disse, com mais força do que pretendia.

Até mesmo Ira reagiu com raiva, grunhindo na cabeça de Aeron, voltando-se contra Legião pela primeira vez.

Por que seu demônio queria ser o responsável por destruir o anjo? Não. Aeron balançou a cabeça. Aquilo não fazia sentido, considerando as súplicas anteriores de Ira por “mais”. Talvez o demônio não quisesse que ela fosse destruída *por ninguém*. Era uma suspeita que também não fazia sentido, mas ainda assim era melhor.

Por que seu demônio gostava dela?

Mais tarde. Aeron pegou o queixo de Legião e forçou-a a prestar atenção nele, pois queria ter certeza de que ela não ficaria sonhando com a morte do anjo.

— Preste atenção no que vou dizer, querida. Isso. Agora. Você não pode ferir o anjo.

Legião piscou os olhos para ele.

— Possso sim! Ssou forte o sssuficiente. Prometo.

— Eu sei que você pode, mas não quero que faça isso. Ela deveria ter me machucado, mas não fez isso. — Na verdade, ela abriu mão de tudo o que tinha por ele.

Por quê?, ele se perguntou pela milésima vez. Que tipo de pessoa fazia isso? Ele zombara de Olivia antes quando ela lhe lembrou de seu sacrifício por ele, mas, na verdade, estava fascinado e confuso. E constrangido.

Ela não o conhecia. Ou talvez conhecesse, já que o seguira por semanas, mas isso tornava sua decisão ainda mais bizarra. Mais do que isso: ele não *valia a pena*. Não para um anjo, os seres mais perfeitos, corretos e bondosos. E certamente não para uma mulher a quem nunca se permitiria entregar-se.

— Então? — Legião insistiu.

— Então, em troca, vamos ser legais com ela.

— O quê? Não! Não, não, não. — Se ela estivesse de pé, teria batido o pé no chão. — Eu possso feri-la ssse quisser.

— Legião — ele disse, usando seu tom mais autoritário. — Isso não é uma negociação. Você vai deixá-la em paz. Quero que me prometa.

Grunhindo, ela pulou do colo dele e ficou caminhando sobre o tapete à sua frente.

— Você sssempre quer que eu ssseja legal com seusss amigoss. Então ela tem que ssse sua amiga. Massss você não pode ssse amigo de um anjo nojento.

As palavras não pareciam ter sido dirigidas a ele, e por isso ele não respondeu. Deixou que ela continuasse a tagarelar, com a esperança de que ela colocasse tudo para fora.

— Ela é bonita? Apossto que ela é bonita.

Mais uma vez, Aeron ficou em silêncio. Ele sabia que Legião queria protegê-lo e gostava de ser o centro do seu universo. O que não é nada raro entre filhos de pais solteiros. Ela não gostava de dividir a atenção de Aeron com mais ninguém.

— Você gosssta dela — ela acusou.

Finalmente ele se pronunciou:

— Não. Não gosto. — Mas até ele podia notar a incerteza em sua voz. Ele tinha gostado de ter Olivia nos braços nas noites anteriores. Tinha gostado até demais. Gostara de tê-la sentada em seu colo durante o café da manhã. Gostara de ter o cheiro selvagem de céu que emanava dela nas narinas. Gostara da sua pele macia e da pureza dos seus olhos. Gostara de sua gentileza e determinação.

Gostara da maneira como ela o olhava, como se ele fosse em parte salvador, e em parte tentação.

— Você gosssta dela — repetiu Legião, e dessa vez com tanta fúria nas palavras que elas quase pareciam capazes de ferir sua pele.

— Legião — ele disse. — Mesmo se eu gostasse de outra mulher, isso não significaria que a

amaria menos. Você é o meu bebê, e isso nunca vai mudar.

O veneno escorria dos seus dentes muito afiados, dentes que ela revelou com um rosnado.

— Eu não ssssou um bebê! E você *não pode* gosssstar dela! Não pode. Eu vou matar o anjo! Vou matá-la agora! — Com isso, Legião desapareceu.

— O QUE VOCÊ acha?

Olivia deu um giro estabanado na frente do espelho que refletia o corpo inteiro, vendo as botas pretas de cano alto, a saia que, de tão curta mal cobria a bunda, e o top azul que vestia. A calcinha, que ela precisara rebolar para vestir e era no mesmo tom de azul, terminava acima do cóis da saia. Isso sim era provocante. Nunca mostrara tanta pele assim antes. Nem para si mesma. Nunca precisara fazer isso.

Mas fora ela quem pedira para se vestir assim.

— Quero ficar bonita — ela dissera a Kaia no momento em que Aeron pisara fora da fortaleza.

— Oba! Uma transformação bem ousada! — disse a Harpia.

Os outros dois guerreiros, William e Paris, grunhiram. Paris chegou a cantarolar: “Que coisa chaaaata” baixinho antes de sair. William tentou ficar por perto para “ajudar”, mas Kaia o ameaçara dizendo que usaria suas bolas como brincos.

Então a Harpia olhou para Olivia, encantada.

— Você quer que Aeron perceba o erro que cometeu, hein?

— Sim, por favor. — Mais do que isso, ela queria perder completamente aquele ar angelical. De uma vez por todas. Ela pensara que, livrando-se da túnica, perderia também seu medo e incerteza. Pensara que, com aquele “toque ousado”, poderia ganhar confiança e ser mais agressiva.

E, após dar uma segunda rodada para olhar a parte de trás, percebeu que tinha razão. Bem, percebeu que tinha razão depois que sua tontura desapareceu. Felizmente, estava se acostumando às suas pernas, mais ou menos, e conseguia manter-se de pé.

— Adorei — ela disse, sorrindo. Parecia outra pessoa. Parecia até humana. Mas, sobretudo, estava radiante, e ver todo aquele brilho era como nadar numa piscina de poder.

Sou poderosa. Sou linda.

O que Aeron iria achar? Durante todo o tempo em que ela o observara, nunca o vira prestar atenção em mulher alguma, além dela mesma, nas noites anteriores e naquela manhã. Por isso Olivia não sabia que tipo de mulher o atraía.

E assim era melhor, pensou. Não poderia fingir ser alguém que não era. Caso contrário, ainda estaria no céu. Então ele teria de gostar dela como ela era. Isso era o que ela mais queria. Se ele não conseguisse, não seria merecedor de seu tempo.

Ele vai gostar de você. Como não gostaria?

Ter confiança era legal.

— Essa roupa tem o poder de fazer os homens implorar, com certeza — disse Kaia. A mulher de cabelos vermelhos passara a última meia hora mexendo em seu armário, em busca da roupa certa para Olivia. — Rubei essas de uma pequena loja do centro.

Espere um minuto.

— Você não pagou por essas roupas?

— Exatamente.

— Sério? — Por que ela imediatamente começou a se sentir ainda mais sexy? Estaria se transformando num ser tão mal quanto os demônios? Talvez enviasse algum dinheiro à loja. *Você não tem dinheiro.* Talvez enviasse um pouco do dinheiro de Aeron à loja.

— Agora, sente-se — disse Kaia, apontando para a cadeira na frente do espelho da penteadeira com um movimento do queixo.

Cameo soltou um gemido.

— Ainda não terminaram? — Ela se sentou na cama, esperando (im)pacientemente pelo fim da transformação. — Eu tenho tantas perguntas a fazer.

Kaia deu de ombros.

— Pergunte a ela enquanto eu faço a maquiagem.

Olivia se sentou, e Kaia se agachou à sua frente. A Harpia já estava com o pincel de aplicar sombra nos olhos e um estojo de pó azul nas mãos. Como nunca antes usara maquiagem, Olivia não sabia como se sentiria com o rosto tão colorido, mas não reclamou. Afinal, estava ali para isso. Para experimentar tudo o que o mundo tinha a oferecer.

— Feche os olhos — disse Kaia. Quando ela obedeceu, o pincel começou a dançar gentilmente sobre suas pálpebras. — Pode começar, Cameo.

Não precisou pedir duas vezes.

— Você disse que sabia onde estavam os demais imortais possuídos por demônios — disse Cameo, indo direto ao assunto.

— Sim. — Mais uma vez, não viu nenhum raio nem um exército de anjos invadiu o local.

— Aeron encontrou uma garota na noite em que salvou você. Ela estava cercada por sombras e gritos, o que quer que isso signifique. Você a conhece?

Olivia estava assentindo antes que conseguisse evitar.

— Fique quieta — Kaia disse. — Agora vou ter que consertar seus olhos. Parece que eu bati em você. E embora *eu* goste desse look, acho que Aeron não vai gostar.

— Desculpe. — Ela endireitou as costas, mantendo o queixo imóvel. — Aquela era Scarlet, filha de Rhea. Ah, e se vocês não sabem, Rhea é a autoproclamada mãe de toda a terra, a amargurada esposa de Cronos.

— O quê? — Cameo arfou. — A Garota das Sombras é filha dos deuses? E não de uns deuses quaisquer, mas do rei e da rainha dos Titãs?

— Na verdade, filha de um deus. Cronos não é o pai dela. Rhea passou um tempo proibido com um guerreiro Myrmidon quando ela e Cronos começaram a brigar.

— E por que eles brigavam? — perguntou Kaia. — Eu sinto que deveria saber a resposta, mas nunca me mantive atualizada com as notícias políticas do céu.

Aquilo era fácil de explicar.

— Cronos planejava trancafiar seus filhos, os gregos, no Tártaro, pois seu antigo Olho Que Tudo Vê predisse que eles usurpariam seu poder. Rhea queria que eles fossem banidos para a terra.

Mas ele os trancafiou assim mesmo.

Cameo murmurou um rápido “hum” antes de dizer:

— Então essa tal Scarlet foi concebida... quando?

Que voz triste... o coração de Olivia parecia sangrar e doía ainda mais a cada palavra que escutava a guerreira pronunciar.

— Rhea teve seu caso enquanto tentava bolar planos para ajudar os gregos a escapar do Tártaro e derrubar Cronos. Seu amante chegou a ajudá-la a executar o plano e morreu por conta dos seus esforços. No entanto, os gregos foram finalmente libertos. Rhea esperava continuar reinando, mas Zeus temia que mais tarde ela ajudasse Cronos, então trancafiou-a junto ao seu pai. Scarlet nasceu e foi criada na prisão.

Enquanto ela falava, blush, esponja e bastão tinham sido usados em seu rosto, um após o outro. O nervosismo floresceu, queimando seu estômago. Rezava para não estar parecendo um palhaço quando Kaia terminasse.

— Então essa Scarlet é possuída pelas... Sombras? — Cameo perguntou. — Pela Escuridão? Se for, não estou tão certa de que algum desses possa ser chamado de demônio. Parecem dádivas, não maldições. Ser sempre capaz de se esconder... de atacar o inimigo sem ser visto...

— Você está pensando em termos absolutos — explicou Olivia. — O seu demônio, Infelicidade, não é necessariamente uma maldição, pois sem a dor não poderia haver prazer. Pense nisso. Todos têm de experimentar emoções ruins em algum momento. O seu demônio é simplesmente o extremo de uma emoção. Como no caso dos outros Senhores. E de Scarlet. Mas o demônio que ela carrega não é Escuridão nem Sombras. O que ela tem dentro de si é Pesadelos.

— Nossa. Uau! — disse Kaia. — E eu pensava que os caras aqui tinham sorte. Esse deve ser, tipo, o demônio mais legal do mundo.

Pesadelos? Legal? Dificilmente.

— A escuridão que Scarlet reúne é uma completa falta de luz. É um abismo dentro dela, um infinito poço de trevas. E trevas habitam as coisas que os humanos mais temem.

Houve um barulho de roupas roçando contra pele e pensou em Cameo movendo-se na cama, aproximando-se dela.

— Como você sabe tanta coisa sobre isso?

— Já encontrei muitos demônios ao longo dos séculos. Como ex-mensageira de alegria, eu via como e por que a influência demoníaca destruía a vida dos humanos.

— Ah, legal. E o que você fazia com esses demônios? — perguntou Kaia. — Comece contando como acabava com eles e termine com como limpava o sangue.

Que Harpia adorável, imaginando que ela fosse tão forte.

— Eu não lutava contra eles sozinha. Se a minha presença não fosse suficiente para tirá-los do caminho, eu tinha de invocar um anjo guerreiro para despachá-los.

— Vamos voltar um pouquinho — disse Cameo. — Esse tipo de experiência não lhe daria informações sobre o paradeiro de Scarlet nem sobre o que ela era capaz de fazer.

Tinha sido pega. As bochechas de Olivia pegaram fogo.

— Estive observando Aeron por um tempo e sabia que ele queria encontrar outros guerreiros de

sua espécie. Resolvi analisar os que estavam por perto, e o mais perto de todos por acaso era Scarlet. Também existem outros espalhados por aí, mas a maioria está escondida ao redor do mundo.

— Interessante. E eles...

— Não. Minha vez de perguntar — disse Kaia. — Então, essa Scarlet é mocinho ou bandido?

Olivia ponderou sua resposta.

— Acho que depende da sua definição de *mocinho* e *bandido*. Ela foi criada numa prisão, cercada de criminosos. Eles eram tudo o que conhecia antes de receber seu demônio e vir para a Terra. Tudo o que fez foi para sobreviver.

— Como nós — Cameo murmurou.

Mas isso não era verdade no caso de Olivia. Tudo o que ela fizera recentemente fora para suprir as próprias necessidades. Ela deveria se sentir culpada por isso, pensou, mas... não se sentia. Ao descobrir o caminho para sua felicidade, poderia descobrir o caminho para a felicidade de Aeron também.

Não apenas “poderia” descobrir, sua recém-descoberta confiança falando mais alto.

Finalmente, Kaia terminou de aplicar a maquiagem, as pinceladas terminaram. A Harpia bateu palmas e assoviou.

— Tudo pronto. E como eu sou boa nisso!

Lentamente, Olivia abriu os olhos. E assim que se olhou no espelho, arfou. E ela pensara que era radiante antes... A sombra azul complementava a cor dos seus olhos, fazendo-os parecer elétricos. O rímel preto deixava seus cílios muito mais longos, quase chegando às sobrancelhas e servindo como uma moldura perfeita. O blush rosado nas bochechas lhe emprestava uma frescura de quem acabava de se levantar da cama e o batom vermelho deixava seus lábios com um brilho que dizia “beije-me agora”.

— Não precisa oferecer seu primeiro filho como agradecimento — disse Kaia. — Eu só aceito pagamento em dinheiro. Agora, se preferir, podemos ir à cidade encontrar Anya, pois acho que ela ainda está por lá, e depois encontrar um homem e pedir uma cerveja, para seguir em frente com a sua *deseducação*.

Ainda em transe, Olivia esticou o braço e passou um dos dedos pela parte escura debaixo de seus olhos. Estavam enfumaçadas, ardentes. Perfeitas.

Tente resistir a mim agora, Aeron, ela pensou. Eu desafio você.

Ter confiança era mais do que bom. Era uma experiência transformadora.

— Vocês não podem ir embora — Cameo protestou. — Eu ainda não terminei minhas perguntas.

Kaia girou os olhos.

— Então pergunte lá na cidade, enquanto estivermos bebendo até ficar inconscientes. Estou com sede, e Anya vai nos matar se não a incluirmos nisso.

— Você tem resposta para tudo — a Senhora resmungou.

— Eu sei. E não é maravilhoso?

— Difícil.

Enquanto as duas provocavam uma à outra, Olivia passava a mão sobre os lábios. Logo saberia

como era sentir os lábios de Aeron. Mais uma vez, não houve “talvez”. Ele não seria capaz de resistir-lhe. Ela mal conseguia resistir a si mesma. Os lábios dele seriam macios ou firmes? Seriam afobados ou gentis? Isso não importava, na verdade. Ela finalmente sentiria seu sabor, e isso era o que Olivia mais desejava.

— Essssa é ela? É esssa aí? Adivinhe? Você vai morrer, anjo — proclamou, de repente, uma nova voz, na qual havia raiva suficiente para acabar com um exército.

Olivia deu um pequeno salto e se virou, mal conseguindo se manter de pé. Havia um pequeno demônio do outro lado do quarto, com os olhos vermelhos brilhantes de malícia. Suas garras eram longas e estavam preparadas para atacar, seus dentes afiados estavam à mostra. Até mesmo suas escamas verdes pareciam afiadas, posicionadas sucessivamente como cacos de vidro, prontos para cortar.

Dessa vez ela não caíra no inferno. O inferno viera até ela.

Não! Um grito se formou em sua garganta, mas pouco antes que ele pudesse se libertar, ficou preso em um nó que estava se formando ali. Então, só o que se ouviu foi o som de alguém engasgando.

Acalme-se, fique firme. Ela já vira aquela criatura algumas vezes enquanto seguia Aeron e sabia quem ela era: Legião. *Você não precisa ficar com medo.*

Alinhando os ombros, tentou abrir as asas para ganhar equilíbrio. Mas logo se lembrou de que não as possuía mais. Engoliu em seco.

— Oi, Legião. Meu nome é Olivia. E-eu... não quero lhe fazer nenhum mal.

— Sssinto muito, masss eu não possso dizer o messsimo.

— Chega, chega — disse Cameo, pulando na frente de Olivia, agindo como um escudo. — Nada disso. Somos todas amigas aqui.

— Vou matá-la também ssse ficar no meu caminho — Legião rosnou. — Saia! Esssse anjo é meu.

Kaia se espremeu ao lado de Cameo, e as duas formavam mais que um escudo. Eram uma parede.

— Bem, imagino que vai ter que me matar também, então.

Elas a estavam... protegendo? Guardando-a? Apesar de todo o medo, o peito de Olivia arfava de prazer. Elas não a conheciam, mas ainda assim a tratavam como se fosse uma das suas. Como se já pertencesse àquele lugar.

— Então? — Kaia exigiu. — Como vai ser, menina demônio?

— Eu aceito a oferta. Vou matar você também. — Em seguida, Legião... desapareceu.

C-certo. Após suas palavras, o desaparecimento era um alívio. Mas por que ela iria...

Ela reapareceu entre as duas guerreiras. Antes que elas tivessem tempo de desviar ou se preparar, ela já tinha mordido o pescoço de ambas. As duas caíram no chão, debatendo-se e gemendo de dor.

Olivia mal teve tempo de processar o que testemunhara.

— Como pôde fazer uma coisa dessas? Pensei que elas fossem suas amigas. Elas não machucaram você, só queriam me salvar.

Aqueles olhos vermelhos ficaram fixos nela, e o ódio se intensificava.

— Aeron é meu. Você não pode ficar com ele.

— Bem, sinto muito, mas não concordo com você. — Mesmo tremendo, pois estava sozinha, desarmada, sem possibilidade de defesa e sem estabilidade nas pernas, ela permaneceu impassível. — Aeron será meu. — De uma forma ou de outra. Ela não mentiria sobre isso, mesmo se fosse para salvar a própria pele.

Uma língua bifurcada golpeou aqueles dentes pontiagudos.

— Você vai pagar por issso, anjo. Com a sssua vida.

Legião pulou em cima dela.

Capítulo Sete

SETE DIAS. SETE malditos dias, e nenhum resultado. Strider, guardião da Derrota, limpou seu rosto suado com uma toalha. Depois inclinou o corpo no pedregulho às suas costas e olhou em volta. O sol brilhava com força, muito mais quente do que jamais brilhara em Buda. A água imaculada seguia gentilmente em direção àquela ilha próxima a Roma, e o zumbido suave que fazia era um bálsamo para seus ouvidos.

Tudo o que restava do Templo dos Impronunciáveis eram pilares destruídos, idênticos aos que tinha atrás de si, alguns caídos, outros de pé, e um altar ainda manchado e com respingos vermelhos. Havia uma energia vibrante no ar. Energia que deixava seus cabelos eletrizados. E, ainda assim, apesar do altar e da tal energia, Strider sentia uma estranha familiaridade com o local. Afinal, muitas pessoas o consideravam um impronunciável. Malvado e desnecessário.

Não que ele concordasse. Era o guardião da Derrota e não podia perder um desafio sequer sem sofrer. Que mal havia nisso? Ele não saía matando indiscriminadamente só para ganhar um jogo de Xbox ou algo parecido.

Enfim... Da última vez em que estivera ali, arqueólogos estudavam todos os cantos e fendas. Os Caçadores também estiveram entre eles, tentando encontrar algum artefato poderoso de Cronos, ou até mesmo a própria caixa de Pandora. Mas não estavam mais ali. Por quê?

Apesar de o templo ter emergido do mar havia poucos meses, árvores já tinham crescido, altas, exuberantes e verdejantes, e circundavam a área onde o templo antes se erguia orgulhoso, mas elas não tocavam de fato no templo. Na verdade, as árvores ficavam *longe* dele, como se tivessem medo de chegar muito perto.

O que estava lá e ele não vira na última vez em que visitara aquele local eram ossos. Ossos humanos. Dos arqueólogos, provavelmente. Ele podia apenas imaginar o que os matara. Não havia qualquer vestígio de carne ou sangue. Sim, um animal poderia ter devorado todos eles durante os poucos meses desde que a primeira vez em que estivera ali, mas não deveria haver algum sinal do banquete? Quer dizer, além dos ossos. Uma poça de sangue aqui, um pedaço de carne estragada ali. Arranhões onde os humanos tenham lutado para se libertar. Pegadas onde eles tenham tentado fugir.

Não havia nada.

Então. O que poderia ter consumido tanta gente de forma tão limpa? Uma criatura divina, claro.

Any, deusa (menor) da Anarquia e namorada/futura esposa de Lucien, horror dos horrores, a terrível megera resolvera planejar um casamento sozinha, não sabia muito sobre os tais Impronunciáveis, portanto não poderia corroborar sua ideia de que teriam sido os responsáveis por transformar os humanos em comida. Os deuses nunca tinham falado nada sobre eles, dissera, e por isso ela não sabia muito bem o que seriam capazes de fazer. Os deuses os *temiam*, no entanto.

Ainda assim, Strider não queria ir embora. Precisava encontrar os artefatos. Precisava encontrar a caixa de Pandora. Precisava destruir os Caçadores. Finalmente. Sua vida dependia disso. Sua paz de espírito dependia disso. Todos os dias, Derrota falava um pouco mais alto em sua mente, então todos os dias ele se lembrava mais e mais dos primeiros dias de possessão. Dias que preferia esquecer.

Seu demônio urrava eternamente, gritava constantemente; a necessidade exaustiva de desafiar todos os que encontrava o guiava. Não importavam as consequências. Matar um amigo? Claro. Desde que vencesse.

Ele odiara a si mesmo naquela época. Seus amigos provavelmente também o odiaram. Bem, isso não era verdade. Eles também estavam sendo devastados por seus demônios da mesma forma que ele. Precisaram de séculos para aprender a controlá-los. Porém, enquanto seus amigos tinham o controle de seu lado negro, Strider estava a ponto de perder o controle do seu.

— Parece que alguém resolveu fazer um intervalo antes dos outros — disse uma voz ríspida, bem atrás dele.

Strider girou o corpo. Gwen, uma linda mulher de cabelos vermelhos e mais forte e cruel que qualquer dos Senhores, aproximou-se dele, com um brilhante copo de água nas mãos. Ofereceu-o e ele aceitou rapidamente. Em poucos segundos, o copo estava completamente seco. Deuses, que sensação boa a da água gelada em sua garganta seca.

— Obrigado.

— De nada. — Ela sorriu lentamente, e Strider soube exatamente por que Sabin se apaixonara por ela. As mulheres más eram as melhores. — Eu roubei isso de Sabin.

— Estou ouvindo, minha querida esposa — disse Sabin, surgindo de trás da rocha. Ele apertou o passo até chegar ao lado de Gwen, depois passou um dos braços sobre os seus ombros.

Imediatamente, Gwen esticou um dos braços e entrelaçou os dedos nos dele. Chegou até mesmo a inclinar a cabeça e encostá-la nele, sabendo que ele a seguraria e a manteria segura. Talvez gostassem de desafiar e ganhar um do outro, mas eram unidos. E isso sempre esteve bem claro.

Para dizer a verdade, a união deles inicialmente chocara Strider. Afinal de contas, Gwen era filha de Galen, e Galen era o líder de seu maior inimigo. Mais do que isso, Sabin era o guardião da Dúvida, e Gwen não passara de um ratinho tímido quando eles se conheceram. O demônio praticamente a comera viva.

Agora não havia mulher mais confiante no mundo. Mas Strider não sabia muito bem como aqueles dois tinham conseguido chegar àquele ponto e fazer a relação dar certo. Só estava feliz por não estar envolvido num relacionamento sério. Ele gostava de mulheres, até mesmo das que não eram más. Ah, e como gostava! Mas relacionamentos? Não muito.

Já tivera algumas namoradas ao longo dos anos e, no princípio, ele adorava. Gostava do compromisso, da exclusividade. Porém, quando elas descobriam sua necessidade de sempre sair

ganhando, a maioria tentava tirar vantagem disso.

“Aposto que não pode fazer com que eu me apaixone por você.”

“Duvido de que seja capaz de me convencer de que fomos criados um para o outro.”

Já participara desses joguinhos muitas vezes, conquistando corações que não tinha qualquer interesse em ter. Agora, ele se divertia com elas uma vez, talvez duas, está bem, talvez três vezes, e depois era adeus, velha, e olá, nova.

— Que história é essa de intervalo mais cedo? — Sabin empurrou Gwen até o altar e apoiou o quadril contra a pedra. Colocou-a à sua frente, mais uma vez com os braços em volta do seu corpo, e abraçou-a com força contra o peito, fazendo com que a cabeça de Gwen repousasse abaixo de seu queixo.

Strider deu de ombros.

— Eu estava pensando. — Em vez de estar examinando as pedras em busca de símbolos ou mensagens, como ele lhe ordenara.

Sabin foi o mentor de Strider durante toda a vida. Sim, Lucien fora comandante do exército de elite enquanto eles moravam no céu, mas Strider sempre procurara por Sabin quando queria conselhos e orientações. Ainda fazia isso. Ele teria sido capaz de decapitar a própria mãe, se isso lhe garantisse a vitória em uma batalha. Não que algum deles tivesse mãe. Todos os guerreiros tinham nascido completamente formados. Mas Strider valorizava esse tipo de comprometimento.

— Ouvi alguém dizer que era hora do intervalo? — perguntou Kane, guardião do Desastre, com um sorriso todo seu ao surgir de um canto. Seus cabelos, uma mistura de fios castanhos, pretos e dourados, assim como seus olhos, uma mistura de castanho e verde, brilhavam à luz âmbar do sol.

Ele sempre fora assim tão colorido?, Strider se perguntou. Eles estavam juntos desde sempre, mas Strider podia jurar que nunca o vira tão... feliz. Quase radiante. Talvez o templo lhe fizesse bem.

De repente, uma rajada de vento surgiu entre as árvores. Um galho se quebrou e voou na direção deles. E, claro, o galho atingiu Kane na nuca. Acostumado a catástrofes, ele nem se abalou.

Strider deu uma risada. Aquela não seria a última desgraça de Kane, sem dúvida. As pedras costumavam cair, e o chão tendia a se abrir sempre que o guerreiro aparecia em cena.

Atrás dele, ouviu-se o barulho de cascalho sendo triturado por botas, e Strider se virou novamente. Amun, Reyes e Maddox, os últimos do grupo, estavam bem perto.

— Intervalo? — perguntou Amun, com sua voz profunda e quase enferrujada pela falta de uso. Era um ser obscuro dos pés à cabeça, e, como guardião dos Segredos, raramente falava, pois tinha medo de revelar verdades devastadoras das quais os guerreiros não seriam capazes de se recuperar. Porém, como recentemente deixara escapar vários desses segredos para acalmar Gideon durante um acesso de raiva, estava um pouco mais falante.

E a mudança fizera bem ao coração de Strider.

— Acho que sim — ele respondeu.

— Veja bem o que você começou — disse Sabin, virando os olhos.

— O que há de errado com uma pausa? Estou cansado. E os deuses sabem que não estamos fazendo progressos — disse Maddox, provavelmente o membro mais perigoso do grupo. Ou melhor, fora o mais perigoso. Antes de conhecer Ashlyn. Agora havia uma gentileza em seus olhos

violeta que nenhum dos Senhores possuía.

Pena que tanta gentileza fosse dirigida apenas à delicada Ashlyn. Maddox era o guardião do demônio da Violência, e quando ele se manifestava... Ai! Strider já fora alvo de sua necessidade de ferir e mutilar uma ou duas vezes. E, sim, Strider vencera até aquelas batalhas, dando mais pancadas do que recebera. Ele simplesmente não conseguia evitar.

— Já buscamos no chão, usamos raio-X nas pedras, esperando encontrar algo dentro delas e derramamos nosso próprio sangue na esperança de atrair os Impronunciáveis com sacrifícios. — Reyes, tão obscuro como Amun, porém muito mais nervoso, esticou os braços, ainda com cortes e sangrando por conta de sua última oferenda. Ou de uma autotortura. Com Reyes, era impossível saber. — O que nos resta fazer?

Todos olharam para Sabin.

— Eles nos disseram que Danika era o Olho Que Tudo Vê. Não entendo por que não voltam para nos ajudar — disse o guerreiro, demonstrando clara frustração.

O Olho Que Tudo Vê podia enxergar o céu e o inferno. Ela sabia o que os deuses planejavam, o que os demônios planejavam, e sabia os resultados de tais planos, mas não necessariamente na hora certa. Os detalhes surgiam para ela em espasmos, fora de sequência.

Sabin girou o corpo, dizendo:

— Tudo o que queremos saber é onde estão os outros dois artefatos. Isso é pedir muito?

— Ajudem-nos, droga — gritou Kane, entrando no espírito.

— Caso contrário, vou arrancar todas as pedras dessa ilha e atirá-las ao mar — Maddox acrescentou.

— E eu vou ajudá-lo — jurou Strider. — Mas vou mijar em cima delas antes.

Enquanto suas vozes ecoavam entre as pedras, o ar pareceu mais pesado, desafiador. Os insetos nas árvores até ficaram em silêncio.

— Opa... Talvez vocês não deversem ter ameaçado violar a propriedade deles — murmurou Reyes.

Oops!

Em seguida, o mundo ao redor dos guerreiros desapareceu, restando apenas os pilares e o altar. Porém, cada um dos pilares estava repentinamente de pé, e o altar brilhava, com seu mármore branco totalmente limpo dos dejetos.

Confusos em relação ao que estava acontecendo, os guerreiros se levantaram, ficaram alertas e agarraram suas armas.

Strider era bom tanto com armas quanto com facas, mas normalmente preferia cortar e fazer em pedaços. Mas naquele dia, porém, usaria sua Sig Sauer. Manteve a boca da arma abaixada, mas isso não era garantia de que seria menos perigoso. Ele era capaz de mirar e atirar em um piscar de olhos.

— O que está acontecendo? — murmurou Gwen.

— Não sei, mas quero que esteja pronta para qualquer coisa — Sabin avisou.

Qualquer outro guerreiro teria escondido sua mulher atrás de si, para protegê-la. Mas Sabin não era assim. Homens e mulheres sempre foram iguais para ele, e embora amasse Gwen mais do que amava a própria vida, e quisesse protegê-la mais do que conseguir qualquer vitória, todos sabiam que

Gwen era a mais forte do grupo. Ela já salvara mais de um guerreiro.

Strider, no entanto, posicionou-se à frente dela e de todos os outros. Aquele sentido de desafio... Ele precisava ser o vencedor.

Seu demônio já estava cantarolando. *Vencer... vencer... você precisa vencer... não pode perder.*

Eu sei, ele grunhiu. *Vou vencer.*

Ele girou o corpo, olhando para todos os lados, buscando. Finalmente, encontrou sua presa. Um homem enorme... não, aquilo não poderia ser chamado de homem. Uma fera enorme se materializara entre dois pilares.

Mesmo com um nó no estômago, Strider tirou as medidas de seu alvo. A besta não estava vestida, nem precisaria. Sua pele era coberta de pelos, como a pele de um cavalo. Serpentes dançavam e assobiavam em sua cabeça, e com seus corpos finos serviam de cabelo. Dois longos caninos saíam de seu lábio inferior. Ele tinha mãos humanas, mas, no lugar dos pés, havia cascos.

Seu torso era uma massa de músculos, e seus mamilos estavam adornados por duas grandes argolas de prata. Correntes de metal circundavam seu pescoço, pulsos e tornozelos e o mantinham preso aos pilares.

— Quem é você? — Strider exigiu saber, pois nem seria preciso perguntar *o que* era a criatura. Estava coberta de excrementos.

Ele não esperara uma resposta, mas, que droga de silêncio era aquele que o estava deixando irritado.

Depois, além da primeira fera, entre dois outros pilares surgiu um segundo monstro, e Strider piscou à repentina aparição. Esse também era macho, mas apenas a parte inferior do seu corpo estava coberta de pelos vermelhos. Seu peito era uma massa de cicatrizes. Ele também estava preso às colunas por correntes.

Porém, tais correntes não diminuía a ameaça que irradiava dos dois.

— Meus deuses. Vejam — disse Kane, apontando.

Uma terceira besta apareceu, e daquela vez era fêmea. Assim como os homens, seu peito estava nu. Seus seios eram grandes, seus mamilos também tinham brincos, embora fossem de diamantes, e não argolas de prata. Uma saia de couro envolvia sua cintura e coxas. Ficou em pé, de perfil, e Strider pôde ver os pequenos chifres que surgiam de sua coluna. Ele até gostou dos chifres, pois serviriam para que alguém se agarrasse neles quando as coisas ficassem complicadas. Seu rosto, no entanto, era bicudo como o de um pássaro. Portanto, ir para a cama com ela? Não. Também era muito peluda e estava acorrentada.

Numa sucessão rápida, apareceram um quarto e um quinto monstros, todos tão altos e largos que pareciam ser montanhas vivas. Mas esses não tinham serpentes no lugar dos cabelos. O que tinham era pior. Um deles era careca, mas sombras pareciam jorrar de seu crânio. Sombras espessas, escuras e pútridas. O outro tinha lâminas. Curtas, porém afiadas, elas saíam de seu couro cabeludo, todas brilhantes graças a alguma coisa clara e molhada.

Eram os Impronunciáveis.

Sem dúvida. Strider deixou escapar um suspiro. Deveriam ter continuado sendo os Invisíveis. Droga.

Vencer.

Ainda não fomos desafiados, idiota. Graças aos deuses!, ele acrescentou, apenas para si mesmo. Seria capaz de derrotar aquelas criaturas?

A fêmea deu um passo à frente, arrastando as correntes. Os Senhores ficaram parados, o que pareceu agradá-la. Ela sorriu, seus dentes muito brancos e afiadíssimos como navalhas. Felizmente, ela não podia ir muito longe, não conseguia alcançá-los, pois estava presa aos pilares.

— Mais uma vez, vocês obscureceram o nosso umbral. — A voz dela ressoou com o pranto de milhares de almas presas no inferno, tentando desesperadamente escapar. Elas gritavam através dela, seus gritos ecoando pelo templo, suas lágrimas praticamente encharcando-o. — E, mais uma vez, nós lhes concedemos a honra de nossa presença. Mas não pensem, nem por um momento, que suas ameaças nos atingiram. Pretendem profanar nosso templo? Podem seguir em frente. No entanto, sugiro que digam adeus às suas pirocas antes de fazerem isso.

Vencer!

Isso não foi um desafio, não foi um desafio, não foi porra de desafio nenhum. Por favor, não permita que tenha sido um desafio. Ele sentia que a mulher estava falando sério. Se ele liberasse o Stridy Monster para se aliviar, iria perdê-lo. E não haveria pior tragédia que essa. Pergunte a qualquer pessoa que tenha estado com ele.

— Ah, pedimos desculpas — disse Sabin, num esforço de acalmar a situação.

— Desculpas aceitas — ela respondeu tranquilamente.

E aquela tranquilidade parecia fora de contexto. Estava errada.

Droga. Onde estava Gideon quando se precisava dele? Como guardião das Mentiras, ele sabia quando alguém estava ou não dizendo a verdade. Strider ficara apreensivo desde a aparição das bestas, mas agora se perguntava qual seria o objetivo delas. E a dúvida fez sua apreensão se transformar em medo.

— Agora, eis a razão que nos fez aparecer — ela continuou. — A determinação que vocês demonstram para vencer o inimigo é admirável, e resolvemos recompensá-los por isso.

Uma recompensa? daquelas criaturas? Seu estômago, antes apertado, começou a fazer uma pequena dança: gira, gira, dá um nó, gira, gira, dá um nó. Havia algo errado, ele pensou mais uma vez.

— Então vocês vão nos ajudar? — Reyes perguntou. Bobo e ingênuo. — Vão nos ajudar a vencer os Caçadores de uma vez por todas?

Uma risada.

— Como você mesmo disse, já os ajudamos uma vez. E o fizemos sem pedir nada em troca. — O olhar da besta era tão parecido com um buraco negro que ele teve a sensação de estar caindo, ter sido levado, aterrissado nele e rodopiado no próprio lugar. — Não foi isso?

Pura e simplesmente, o entendimento começou a surgir. Sempre que se quisesse deixar alguém viciado em suas drogas, era só oferecer-lhe a primeira prova gratuitamente. No caso deles, a ajuda que haviam recebido fora a droga, e agora os Senhores estavam viciados.

Eles teriam de pagar por qualquer assistência que quisessem, Strider percebeu. E pagar bem. Agora, sim! Finalmente, as coisas estavam *certas*.

— Talvez possamos nos ajudar mutuamente — Kane sugeriu, sentindo a terra se abrir sob seus pés. Deu um passo para o lado para evitar cair em seu próprio buraco negro.

Ela ergueu o queixo com um desdém malicioso.

— Não precisamos de nada que venha de vocês.

— Veremos — disse Sabin, sem demonstrar preocupação no tom de sua voz. Mas Strider podia ver as engrenagens funcionando na mente do amigo. — Vocês sabem onde está o Manto da Invisibilidade? E o Cetro Divisor?

— Sim — ela respondeu, abrindo mais um sorriso, que estava carregado como uma arma e pronto para disparar. — Nós sabemos.

Sim, estou viciado.

Vencer!; repetiu Derrota.

Strider lambeu os lábios de ansiedade, seus ossos já estavam vibrando ao pensar em vencer os Caçadores. Finalmente, o Super Bowl das vitórias estava bem ali, disponível para que eles o pegassem. Assim que estivessem com os artefatos nas mãos, poderiam encontrar e destruir a caixa de Pandora. Isso não destruiria os Caçadores, claro, mas *acabaria* com seus planos de usar a caixa para atrair os demônios dos Senhores, matando os guerreiros.

O homem não podia viver sem o demônio, não mais. Eram duas metades de um todo, ligados para sempre. Derrota era tão parte dele quanto Stridy Monster.

Os demônios eram igualmente ligados, mas não morreriam caso fossem separados dos homens. Porém, ficariam loucos, com uma fome eterna frente às suas necessidades mais corrompidas, mas incapazes de supri-las.

Após os Caçadores terem matado Baden, o demônio da Desconfiança saía do seu corpo, torturado, gritando, destruindo todos os que encontrava pela frente. Strider observara tudo, sem poder fazer nada.

Pior: aquele demônio continuava solto, causando destruição.

Por isso os Caçadores já não queriam matar os Senhores. Não queriam que os demônios ficassem livres, sem poder capturá-los. Mas com a caixa, poderiam fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

E graças a Danika, os Senhores agora sabiam que os Caçadores tinham um novo plano de ação. De alguma forma, eles *tinham* encontrado o demônio da Desconfiança. Conseguiram capturá-lo e estavam tentando forçá-lo a possuir um novo corpo. Caso conseguissem... Strider teve calafrios. Eles não precisariam esperar pela caixa. Poderiam matar os Senhores, colocar os demônios nos corpos de sua preferência e fazer o que quisessem com eles.

Eles diziam que queriam um mundo sem maldade. Mas será que diriam o mesmo se estivessem no comando de toda essa maldade? Claro que não. Não era fácil abrir mão do poder. Como o próprio Strider bem sabia. Ele não seria capaz de abrir mão do seu poder de jeito nenhum. Gostava de vencer; e não apenas por causa do seu demônio.

— Então, o que querem de nós? — perguntou Sabin, agora cauteloso. — Em troca dos artefatos?

Strider quase sorriu. Sabin não gostava de problemas na comunicação. Queria os fatos bem expostos, para que todos soubessem onde estavam se metendo.

A Impronunciável riu, e o som foi bem mais cruel que o anterior. Talvez porque, daquela vez,

fosse uma risada zombadora.

— Vocês acham que é assim, tão simples? Que podem nos dar uma moedinha e, em troca, nós lhes daremos o que vocês mais querem? Estão muito enganados, demônios. Vocês não são os únicos que buscam o que temos a oferecer. Observem.

Acima do altar, o ar ficou mais pesado, coagulado, e cores ganharam vida antes de se misturarem, formando o que parecia ser uma espécie de filme. Strider tentou decifrar as imagens e ficou tenso ao ver que Galen tomava forma. Seus cabelos loiros, suas feições bonitas, suas asas com penas brancas. Como sempre, usava uma túnica branca, como se fosse realmente um anjo, e não um guerreiro possuído por um demônio, como todos os demais.

Ao lado dele estava uma mulher alta e esbelta. Era bonita, de um jeito forte, com feições rígidas, cabelos pretos e pele clara. Ele já a vira antes, pensou, revirando os arquivos mentais da Grécia e Roma antigas, e também de todos os lugares onde estivera durante sua longa vida, mas não encontrou nada. Pensou em tempos mais recentes, e mais uma vez... Ah, merda, ali estava ela. Danika, ele se deu conta. Danika pintara. Era uma inimiga.

Merda, pensou mais uma vez. Danika pintara aquela mulher numa cena que se passava vinte e poucos anos antes, mas sua imagem permanecia idêntica. Não havia qualquer marca de envelhecimento nela.

Então, ela não era humana.

Naquele dia, estava usando uma roupa de couro preto e estava amarrada a uma mesa, mas não lutava contra suas amarras. Havia determinação em sua expressão, seu olhar seguia... Não. Claro que não. Não podia ser... Não era possível... Porém, enquanto Strider observava, viu uma figura fantasmagórica voando de um lado a outro do salão. Seus olhos eram vermelhos, seu rosto, esquelético, seus dentes longos e afiados.

Não havia dúvida: era um demônio. Um Alto Senhor, exatamente como o ser que possuía Strider.

Strider parou de respirar, e todos os músculos do seu corpo se agarraram aos seus ossos.

— Baden — disse Amun, naquela voz ríspida e quase não utilizada dele, e com tanto anseio em seu tom que doeu ouvir o que dizia. Houvera algo especial em Baden, algo na direção do qual todos eles haviam se movido. Algo que todos queriam. Eles amaram Baden mais do que haviam amado a si mesmos. Mais do que amavam uns aos outros. Ainda o amavam, apesar da morte do guerreiro.

— De jeito nenhum — disse Kane, sacudindo a cabeça de forma quase violenta.

Strider concordou. De jeito nenhum. Aquele demônio *não* carregava a essência do amigo deles. Não seria possível. Mas *havia* algo familiar naquele ser fantasmagórico... Algo angustiante.

— Entre nela — Galen ordenou. — Entre nela, e seu tormento cessará. Finalmente terá um hospedeiro. Finalmente será capaz de sentir, cheirar, provar. Não se lembra de como isso era bom? Finalmente poderá destruir completamente a confiança dos homens, como deve fazer.

Destruir a confiança dos humanos. Como Desconfiança devia fazer. Não, pensou mais uma vez.

O espírito grunhiu, e sua velocidade aumentou. Estava claramente agitado. Será que ele sabia o que estava acontecendo? Queria outro hospedeiro? Ou estava simplesmente muito louco para entender?

— Por favor — a mulher implorou. — Eu preciso de você. Preciso muito de você.

Então... ela estava disposta. Isso não significava que ela soubesse o que aconteceria com ela, caso conseguisse o que estava pedindo. Durante o primeiro século, pelo menos, não haveria remanescentes da pessoa que era antes. Seria um demônio completo, e muitos, muitos humanos sofreriam por isso.

— Vamos — disse Galen. — É isso o que você quer. É isso de que precisa. Tudo o que tem a fazer é tocá-la, e ficará aliviado. Não poderia ser mais simples.

O demônio estava entendendo?, imaginou mais uma vez. Como guardião da Esperança, Galen podia fazer qualquer pessoa ou qualquer coisa desejar um futuro que nunca almejaria para si sem a influência dele. Até mesmo um demônio. Fora assim que ele formara seus Caçadores, convencendo-os de que o mundo seria melhor sem os Senhores. Uma utopia de paz e prosperidade.

Enquanto Galen sussurrava de forma tão persuasiva, até Strider estava sendo atingido. *Ele* queria tocar aquela mulher. Ficaria aliviado... Seu futuro estaria garantido... seria melhor...

O demônio caminhou em direção à mulher, mas logo mudou de ideia e foi em outra direção. Ah, sim. Ele entendia.

Não faça isso, Strider projetou. Ele queria seu amigo de volta, claro. E queria isso mais do que qualquer outra coisa no mundo. E, em alguns aspectos, o demônio da Desconfiança era seu amigo, sendo ou não a essência de Baden. Mas ele não queria ver seu amigo abrigado no corpo de um inimigo.

— Vamos! — Galen rosnou. — Faça isso! Agora!

O espírito não parava de dar voltas pelo teto da sala.

Impaciente, Galen ergueu as mãos.

— Certo. Esqueça. Você pode passar o resto da eternidade exatamente como passou os últimos milhares de anos. Infeliz. Com fome. Não realizado. Estamos indo embora. — Ele esticou os braços para soltar as amarras dela.

Houve outro gemido, depois um uivo, e então o espírito estava mais uma vez se lançando de um lado para o outro, ganhando velocidade, já não passava de um borrão. Ele caiu... caiu... finalmente atingindo o ventre da mulher.

Se ela não estivesse amarrada, teria se machucado, pois o impacto foi muito intenso. As convulsões aumentavam a cada segundo. Ela uivava, com seus músculos em espasmos, suas feições contorcidas. Depois começaram os gritos.

Não. Maldição, não! Strider quase caiu de joelhos.

Galen abriu um sorriso maldoso de satisfação.

— Assunto encerrado. Finalmente. Agora tudo o que temos de fazer é esperar para ver se ela sobreviverá.

A porta do salão se abriu, e um grupo de seguidores de Galen marchou para dentro. Em perfeita sincronia. Deviam estar por perto, observando através de monitores.

— Voltamos ao templo, Grandioso? — perguntou o homem à frente.

A resposta de Galen se perdeu, pois a visão piscou e, em seguida, desapareceu.

De repente, o tempo pareceu ficar suspenso, preso entre correntes de horror e choque.

Sabin foi o primeiro a conseguir se libertar dessa sensação.

— Que merda foi essa que acabou de acontecer?

O que aconteceu? Os portões do inferno tinham acabado de ser abertos, as repercussões que ele acabara de contemplar eram repentinamente *reais*. Caso a mulher sobrevivesse, os Caçadores partiriam para a guerra, como Strider temera. Já não se contentariam em meramente ferir os Senhores. Desejariam a morte. E, caso os demônios dos guerreiros fossem libertados, os Caçadores os encontrariam e os penderiam no corpo de outras pessoas. Dessa forma, Galen construiria um exército de imortais demoníacos, todos sob seu comando.

— Traga as imagens de volta — disse Maddox, em voz de comando. — Mostre-nos o que aconteceu após a possessão.

— Com esse tom você não conseguirá nada além de descontentamento, Violência, pois seu inimigo quer exatamente o que você quer. O Cetro Divisor. — A Impronunciável abriu os braços, com suas unhas muito longas curvadas sobre os dedos. — *Nós* vamos decidir a quem conceder uma bênção como essa.

Maddox trincou a mandíbula antes de abaixar a cabeça.

— Peço desculpas.

— O que vocês querem de nós? Digam, e será seu. — Strider não se importava com o queriam. Ele lhes daria qualquer coisa.

Ela sorriu, como se não esperasse menos.

— Se quiserem adquirir o Cetro, terão de nos trazer a cabeça do seu rei.

E seguiu-se mais um silêncio de horror.

— Espere. Vocês querem... a cabeça de Cronos? — perguntou Gwen, olhando para os demais Senhores. — O deus-rei?

— Sim. — Não houve hesitação.

Strider *poderia* lhes dar isso? O deus-rei o ajudara a ganhar várias batalhas. O deus-rei estava do lado dele e faria qualquer coisa para destruir Galen e os Caçadores. Então... matá-lo? Matar o mais poderoso imortal vivo? E se falhasse, passar a ter Cronos como inimigo?

— Como vamos fazer isso? — perguntou Kane.

— Eu disse que não seria simples. Porém, ainda que ele seja um deus, e matá-lo seja a missão mais complicada de sua existência, saibam que ele se parece muito com vocês — respondeu a Impronunciável. — Mais do que vocês já tenham notado. Usem o seu conhecimento a seu favor.

Kane sacudiu a cabeça, e um cacho de cabelo bateu em seu olho.

— Mas ele está do nosso lado.

— Está? — Mais uma risada cruel. — Vocês não acham que ele vai destruí-los no momento em que não precisar mais de vocês? Além do mais, se não nos trouxerem a cabeça dele, o seu inimigo a trará. E receberá nossa recompensa.

Strider arregalou os olhos, acabara de receber mais uma resposta crucial. *Era por isso que* Galen tentaria conseguir a cabeça de Cronos. Por isso Danika tivera aquela visão.

Não podiam permitir que Galen conseguisse a recompensa daqueles monstros. As consequências poderiam ser terríveis. Muito piores do que deixar Cronos irritado. Droga. Merda! Cacete! Nenhum

xingamento parecia forte o suficiente.

— Por que vocês querem ver Cronos morto? — Strider perguntou. Como Sabin sempre dizia, conhecimento era poder. E talvez naquela resposta pudessem encontrar sua redenção.

A criatura rangeu os dentes.

— Ele nos escravizou, e nós não vamos tolerar esse destino. Claro que *vocês* nos entendem.

Sim, eles entendiam. Por muito tempo foram escravos de seus demônios. Mas não havia redenção na resposta dela. Aqueles seres estavam determinados. Não seriam demovidos.

O que aconteceria se eles fossem libertados? Vagariam livremente? Não seria nada bom, disso não havia dúvida.

— Vocês precisam de tempo para pensar — ela continuou. — Nós lhes daremos tempo. E, para provar nossas magnânimas intenções, oferecemos mais um presente a todos vocês. Aproveitem. Nós, com certeza, iremos.

E seu rosto sorridente e assustador foi a última coisa que Strider viu antes que ele e todos os Senhores se vissem sendo transportados a um outro lugar, a uma selva... com Caçadores por todos os lados.

Capítulo Oito

OLIVIA E LEGIÃO circundavam uma à outra. Quando o pequeno demônio dera o bote, Olivia saíra da sua frente, e Legião batera contra a parede. Agora, Olivia estudava sua inimiga. Já vira seres daquele tipo, um apaniguado, também conhecido como criado do demônio, serem vencidos antes. Todos os anjos já tinham visto, mesmo aqueles cujo único propósito na vida era levar paz e alegria ao mundo. Mas, claro, ela nunca lutara contra um deles sozinha.

Mas destruí-los nunca parecera uma verdadeira batalha para os anjos guerreiros. Não mesmo. Eles simplesmente esticavam os braços, e suas espadas de fogo surgiam. Quando aquelas chamas, que não tinham sido criadas no inferno, mas nascidas da boca da própria Divindade, cujo hálito era mais quente do que as labaredas que todos os demônios tanto amavam, entravam em contato com as escamas, os demônios se desintegravam. Aquilo ali... Bem, aquilo ali não seria nem de longe parecido com isso.

Kaia e Cameo estavam no chão, ainda se contorcendo, com a pele tingida de um tom verde-claro. Como anjo, Olivia teria sido capaz de curá-las, pegando o sofrimento delas para si e acabando com ele. Mas como estava presa naquele corpo frágil, não podia fazer nada.

Nada além de observar. E lutar.

Se ela esperava sobreviver, precisava reunir aquilo que nunca experimentara nem adotara antes: fúria. Afinal, era isso o que deixava os humanos mais fortes. Não era? Eles pareciam capazes de crescer, destruir, *derrotar*, quando abrigavam tal emoção.

Então... o que poderia deixá-la com raiva? O tempo que passou no inferno, definitivamente.

Embora preferisse ter arrancado os próprios olhos, Olivia permitiu que as memórias daquele tempo voltassem à sua mente. As chamas... o odor... aquelas mãos enlameadas... Sentiu um enjoo no estômago, o medo e a repulsa se misturando à primeira centelha de fúria. Depois disso, deixou-se levar pelo instinto, e a terrível cena de Kaia e Cameo sendo atacadas se juntou ao conjunto de emoções, neutralizando o medo. Apenas o medo, felizmente.

— Você morrer hoje, anjo.

Suas mãos se transformaram em punhos. *Eu sou forte.*

— Você nunca ficará com Aeron da maneira como deseja, demônio — ela disse, sabendo que a verdade em sua voz devia ser detestável para uma criatura criada entre mentirosos. — E não estou

falando isso para ser cruel, mas para...

— Cale a boca, cale a boca! — Legião balançou um dos braços, com as garras à mostra.

Olivia inclinou as costas, saindo do seu alcance. Sem as asas para lhe dar equilíbrio, ela tropeçou e quase caiu no chão.

— Aeron me ama. Ele me falou issso.

Grande parte da fúria de Olivia desapareceu, e ela não poderia fazer nada em relação a isso. A compaixão estava enraizada nela, bem como a necessidade de espalhar felicidade em vez de mágoa. Elas queriam a mesma coisa, ela e Legião.

— E é verdade. Ele ama você, mas não como um homem ama uma mulher. Ele a ama como um pai ama sua filha.

— Não! — Uma batida de pés. Um sibilo. — Eu vou cassar com ele um dia.

— Se isso fosse possível, eu provavelmente não teria aberto mão da minha vida anterior para vir até aqui salvá-lo. Eu nunca teria desejado estar com ele. — Olivia falava da forma mais gentil possível. Ferir o demônio emocionalmente não era o seu objetivo. Pela razão que fosse, Aeron realmente gostava daquela... coisa. Mas Olivia sabia como os demônios trabalhavam e sabia que Legião a repreenderia e a humilharia, a menos que entendesse o que dizia. — Eu já dormi na cama dele, colada ao seu corpo.

Legião não a acusou de estar mentindo. Como poderia acusá-la? Os anjos nunca sentiam necessidade de mentir, e o pequeno demônio sabia disso. Na verdade, parou e ficou olhando para Olivia, boquiaberta, ofegante e agitada. Mais veneno escorria de suas presas.

— Você quer o que não pode ter. Você sente inveja, tem desejos. Essa é a sua natureza — disse Olivia. — E eu entendo essa natureza muito melhor agora do que entendia antes, porque é exatamente por isso que estou aqui. Eu sinto inveja, tenho desejos. Mas o que você não percebe é que, ao sair do inferno para ficar com Aeron, você o sentenciou à morte. *Você* é a razão de eu ter sido enviada para matá-lo. Você é o motivo pelo qual outro assassino será enviado em meu lugar. — Ela respirou fundo. — Você é a razão pela qual ele vai morrer.

— Não, não! Eu vou matar o próximo anjo imundo exatamente como planejo matar você agora.

Foi o único aviso que Olivia recebeu. Em um segundo, Legião estava na sua frente, e no momento seguinte, surgiu em cima dela, e as duas estavam... caindo, caindo. Olivia sentiu o peso do impacto, sua cabeça bateu no parapeito da lareira e o oxigênio fugiu dos seus pulmões, como um míssil teleguiado. Sua visão foi invadida por luzes brilhantes, mas elas não foram capazes de obscurecer a imagem daqueles dentes descendo em direção ao seu pescoço.

Lysander começara a treinar Olivia para suas novas funções de guerreira no exato dia em que aquela penugem dourada surgira em suas asas, então ela sabia pressionar a palma da mão contra o queixo de Legião e empurrar, trincando os dentes do pequeno demônio dolorosamente.

Nunca se contentara com o pensamento de lutar contra demônios. Especialmente quando Lysander lhe disse que os guerreiros tinham que se distanciar completamente de suas missões, deixando que apenas uma séria determinação para derrotar sua presa. Será que ela conseguiria?

Um jorro frio tomou conta de seus dedos e se espalhou por seus braços... invadiu seu peito... E aquele frio foi mais forte do que o medo dessa vez, destruindo o que restava de sua fúria, juntamente

com sua compaixão e repulsa.

Sim. Ela conseguiria, percebeu. *Impressionante.*

Faça o que deve fazer, uma voz murmurou em sua cabeça. Você é um anjo. Ela é um demônio. Deixe seus instintos te guiarem. Deixe sua fé fluir através de você.

Por um momento, ela pensou que Lysander estava ao seu lado. Mas, de repente, Legião rosnou, tirando-a da sua sensação de alívio, e nada mais importava. Olivia estava preparada. Em vez de usar emoções com as quais não tivera nenhuma experiência, ela permitiu que tudo o que lhe era natural, a fé e o amor, a consumissem, como aquela voz lhe instruíra. *Essa* era a verdadeira força.

Com um movimento de braço, ela atirou Legião para o outro lado da sala. O demônio bateu contra a parede e deslizou para o chão. Durante todo o tempo, aqueles olhos vermelhos permaneceram sobre ela.

Levante-se. Agora.

Olivia se levantou de um pulo e pressionou as costas contra a lareira. A nova posição limitava o seu raio de ação, mas ela precisava de algo para garantir o seu equilíbrio quando...

Legião saltou em cima dela.

Olivia se desviou e, mais uma vez, o demônio bateu contra a parede. Ao ricochetear para trás, o ar se encheu de pó, atingindo também o nariz de Olivia, fazendo-a tossir. Mas nem assim ela hesitou em chutar Legião para longe. Fé; ela poderia ganhar aquela disputa. Amor; o bem contra o mal. O salto de Olivia deve ter perfurado as escamas de Legião de alguma forma, pois havia sangue escorrendo do peito do demônio.

— Não vou permitir que me machuque, demônio.

— Você não será capaz de me deter.

Mais uma vez, Legião se levantou. E voltou a se atirar contra Olivia, escalando seu corpo como se fosse uma videira. Dentes morderam, e garras atacaram. Olivia dava socos à direita, à esquerda e à frente, tentando manter distância, mas mal conseguindo ficar de pé. Legião movia a cabeça de um lado para o outro, querendo evitar o impacto, mas nem sempre conseguia. Uma das maçãs do seu rosto se rachou. Seu nariz foi quebrado.

Do outro lado da sala, um vidro se estilhaçou. E logo depois surgiu uma escura figura alada, seu olhar selvagem buscando algo... e pousando na mulher que ainda lutava. Aeron. Os olhos de ambos se encontraram, e o tempo pareceu parar. Ele pressionou os lábios numa expressão insatisfeita, e suas tatuagens eram tão escuras que pareciam sombras em sua pele.

Olivia sentiu um jorro de excitação e perdeu a concentração. Sua mão se chocou com a boca do demônio, uma área que estivera evitando. Legião aproveitou a vantagem e a mordeu, suas presas afiadas e cheias de veneno penetraram profundamente nas veias do anjo.

Olivia gritou. Estava queimando como ácido, sal e fogo... Oh, Divindade. Sua mão parecia estar se transformando em cinzas. Mas, quando ela olhou para baixo, viu que a carne estava apenas cortada e sangrando, um tanto inchada.

— Olivia — gritou Aeron, correndo na sua direção.

Os joelhos dela fraquejaram e ela caiu no chão, já incapaz de aguentar o próprio peso. Apertou a mão contra o peito, repentinamente respirando com muita dificuldade. A dor era muito intensa,

como se suas asas estivessem sendo novamente arrancadas.

Antes, durante a luta, estrelas tinham brilhado diante de seus olhos. Agora ela via pontos negros, que eram milhares de vezes piores. Eles aumentavam e ficavam intermitentes, arruinando sua visão e deixando-a num vazio escuro de solidão e dor.

— O que você fez com ela? — Aeron perguntou, tirando-a daquela ilusão de solidão. E, mesmo notando que ele estava nervoso, Olivia agradeceu a intromissão.

— Pro... protegendo a mim mesma — Olivia conseguiu balbuciar entre os lábios trêmulos.

— Você não — ele disse, e dessa vez seu tom era gentil. Seus dedos calejados acariciavam gentilmente sua testa, afastando os fios de cabelo.

Apesar da intensa dor que ainda fervia em sua mão, ela sorriu para Aeron. Ele poderia não querer que ela ficasse na fortaleza, podia até ter fugido para longe dela, mas de alguma forma se preocupava com o seu bem-estar. Ele passara por cima de Kaia e Cameo e viera diretamente na direção de Olivia. Sua recém-descoberta confiança não fora inapropriada.

Houve um som de passos. Depois:

— Aeron, meu Aeron. Ela não é nada. Deixe-a e...

— A única pessoa que vai deixá-la é você. Eu disse para ficar longe dela, Legião. Disse para não machucá-la. — As mãos de Aeron se afastaram de Olivia, e ela gemeu, triste por sua perda. — Você me desobedeceu.

— Mas... mas...

— Vá para o meu quarto. Agora. Vamos conversar sobre isso depois.

Silêncio. Depois um soluço.

— Aeron, por favor.

— Não discuta comigo. Vá. — Houve um farfalhar de roupas. Ele deve ter virado as costas para ela. — O que ela fez com você, Olivia?

— Mã-mão — ela conseguiu dizer, entre os dentes que batiam. Ainda se sentia como se estivesse em chamas, mas naquele momento, estava fria como gelo. — Mordeu.

Aqueles dedos fortes e calejados voltaram a tocá-la, mas dessa vez eles circundaram seu pulso e ergueram sua mão. Provavelmente para inspecionar a ferida, mas não importava. A ação fez com que seu sangue corresse mais rapidamente pelas veias, o que aumentou a intensidade da dor, e ela choramingou.

— Vou cuidar disso — ele prometeu.

— As outras foram mordidas antes. Cuide delas primeiro, depois de mim.

Ele não respondeu. Em vez disso, posicionou seus lábios ao redor da ferida e começou a sugá-la. Ao fazer isso, ele não era gentil. Olivia arqueou as costas e deixou escapar mais um grito. Tentou se livrar dele, mas Aeron a segurava firme, sugando, sugando, e depois cuspiendo. Sugando, sugando e cuspiendo.

Gradualmente, a dor foi passando, a queimação esfriou e o gelo derreteu. Olivia caiu no chão como uma boneca. Só então Aeron parou.

— *Agora* vou cuidar das outras — ele disse, com voz áspera.

A escuridão desapareceu de sua visão, e ela ficou observando, confusa, enquanto Aeron se

aproximou de Cameo e lhe ofereceu o mesmo tratamento, sugando o veneno da ferida em seu pescoço e cuspendo-o. Quando a guerreira finalmente se recuperou, suspirando de alívio, ele voltou suas atenções à Harpia.

Quando cuspia a última porção de veneno, a porta do quarto se abriu, e dois guerreiros entraram correndo. Paris e William. Os dois vasculharam o quarto, com as armas em punho. Paris utilizava algum tipo de arma de fogo; William, duas lâminas.

— O que está acontecendo? — Paris perguntou. — Torin nos mandou uma mensagem de texto dizendo que você tinha quebrado a janela de Kaia.

— Chegaram bem na hora... — respondeu Aeron, seco.

— O quê? — perguntou William, todo inocente. — Nós lhe fizemos um favor dando um tempo. Pensamos que estivesse fazendo excêntricos joguinhos sexuais.

— Eu... eu vou matar aquela... filha da puta! — Kaia se levantara e estava com expressão de raiva. — Ela me mordeu. Aquela filha da puta me mordeu!

— Eu cuido dela — disse Aeron, também levantando-se. Sua expressão era fria, mas não menos determinada. — Você não vai fazer nada.

Kaia encostou o dedo no peito dele e ficou na ponta dos pés, mas nem assim conseguiu ficar cara a cara com ele.

— Não, você vai mimá-la, como sempre.

— Eu vou lidar com ela — ele repetiu, firme.

— Parem tudo. Quer dizer que eu perdi uma luta entre quatro mulheres? E *depois* eu descubro que alguém esteve dando mordidas por aí — disse William, olhando para Olivia, que ainda estava caída no chão. — Por favor, diga que era seu doce anjinho quem estava mordendo. Isso vai me fazer desejá-la ainda mais.

Aeron grunhiu baixinho, bem no fundo da garganta, aproximou e ficou agachado ao lado de Olivia.

— Saia daqui, *Willy*. Você não é bem-vindo nem necessário.

— Permita-me discordar — ele bufou.

— Em vez de deixar Aeron matar você, vou lhe contar o que aconteceu no caminho — disse Cameo, passando uma das mãos no rosto antes de esticar o braço e esperar.

William apenas ergueu uma sobrancelha. Paris, franzindo a testa, moveu-se para a frente, pegou-a pela mão e a fez ficar de pé.

— Obrigada — ela murmurou, lançando um olhar irritado para William.

Ele deu de ombros.

— Você não é o meu tipo, então não me sinto obrigado a ajudá-la.

Ela virou os olhos.

— Todas as mulheres fazem o seu tipo.

Isso deveria ter feito todos na sala rirem, mas a voz de Cameo era tão trágica que eles se encolheram.

Aeron pegou Olivia no colo. Que coisa boa. Toda a energia abandonara seu corpo. Seus músculos continuavam tremendo, fazendo-a se lembrar dos abalos que se seguiam a um terremoto.

Sem dizer uma palavra aos outros, que ainda não tinham saído daquele quarto, ele a carregou pelo corredor.

— Sempre que encontro com você, está ferida — disse Aeron.

Era verdade, mas ela não pediria que ele se afastasse.

— Acho que eu deveria agradecê-lo por me salvar.

— Você acha, anjo? — ele bufou.

Certo. Olivia tinha certeza de que deveria fazer isso, mas nunca admitiria. Ele a chamara de anjo.

Mais uma vez. O que significava que ele ainda a enxergava como ela fora antes, e não como era agora.

Ele precisava entender que Olivia tinha deixado sua doçura para trás, juntamente com sua túnica.

— Com essa atitude — ela disse —, não conseguirá arrancar nenhum agradecimento de mim. Nunca.

Não houve resposta.

Ela lutou contra uma onda de decepção:

— E então? — ela perguntou.

— Então o quê?

Que homem impossível.

— Agora você está achando que agora eu sou fraca e que me quebro facilmente?

Mais uma vez, não houve resposta. O que significava que, sim, ele achava isso. Ela fez uma careta. E, como Aeron odiava a fraqueza, ela nunca conseguiria chegar à sua cama, com ele em cima dela nu, claro, se aquela situação se mantivesse.

Ela precisava encontrar uma maneira de provar quão forte realmente era.

As palavras *fê* e *amor* mais uma vez rondaram sua mente. Mas ela duvidava que estivesse pronta para uma delas. Além do mais, ela não o amava. Amava? Ela simplesmente não sabia. O que sentia por ele era diferente do que sentira por qualquer outra pessoa, mas ela nunca amara ninguém, no sentido romântico.

Tudo o que sabia sobre esse tipo de amor era que significava estar disposto a morrer pela outra pessoa. Como Ashlyn fizera por Maddox. Como Anya quase fizera por Lucien. Estaria *ela* pronta para morrer por Aeron? Não. Ela achava que não. Ela não propusera isso ao Conselho quando teve a chance, e seria algo que eles teriam levado em conta. O sacrifício *sempre* era recompensado.

— Para onde está me levando? — ela perguntou, mudando de assunto. Continuava muito grogue para pensar claramente. Mais do que isso, sabia que Legião estava no quarto de Aeron, e Olivia *não* estava pronta para outra briga. Se ele estivesse indo para lá, então...

— Para o meu quarto — ele respondeu, e ela sentiu um aperto no coração.

Eca, ele estava indo para lá.

— Mas...

— Legião não está lá. Como sempre, ela me desobedeceu. Eu senti quando ela abandonou este plano da existência.

Olivia arregalou os olhos, surpresa. Sabia que os dois eram ligados, mas aquilo era... Nossa!

— Você está *tão* ligado a ela assim?

Ele assentiu.

Talvez Legião tivesse razão. Talvez ela *devesse* ficar ao lado de Aeron. Esse pensamento foi como receber mais uma injeção de ácido nas veias. Olivia queria ser mais do que uma conhecida para Aeron, queria ser mais que sua amiga. Ela queria ser sua amante. E isso nunca esteve tão claro quanto agora, quando sentia aqueles braços fortes em volta do seu corpo, agarrando-a bem de perto. Enquanto o coração dele palpitava próximo ao seu ouvido, e seu hálito quente banhava sua pele. Mas ela não o dividiria com Legião, e não importava o quanto aquele demônio o desejasse.

Você não vai precisar fazer isso. Você é uma mulher confiante e agressiva agora, e deve ir atrás do que quer.

Verdade.

— Sinto muito por ela ter machucado você — disse Aeron, surpreendendo-a. — Legião é apenas uma criança, e eu...

— Espere, vou interrompê-lo por um momento. — Embora ela realmente gostasse de ouvir suas desculpas. — Legião não é uma criança. Não é muito mais nova que você.

Por um momento, Aeron apenas piscou para ela.

— Mas ela é tão inocente.

Inocente? Dessa vez foi Olivia quem bufou.

— Que tipo de vida você levou para achar que aquele pequeno demônio é um ser inocente?

Os lábios de Aeron se contorceram enquanto ele subia um lance de escadas. O peso de Olivia não parecia incomodá-lo.

— É que... A língua presa dela... eu acho. E ela adora se fantasiar e brincar de princesa.

— Ela passou a vida toda no inferno, cercada de maldades, de almas sendo torturadas em cada esquina. Claro que fantasiar-se é algo divertido para ela, mas isso não quer dizer que sua mente seja infantil. Ela ama você, Aeron. — Ou pelo menos foi o que dissera. Legião seria capaz de morrer por ele? — Ela deseja você como uma mulher deseja um homem. — Não havia dúvida em relação a isso.

Ele parou no meio de outro corredor, com um dos pés ainda no ar. Depois inclinou a cabeça até que seus olhos se encontrassem, suas íris violetas estavam selvagens.

— Você está errada. Ela me ama como um pai.

— Não. Ela tem planos de se casar com você.

— Não.

— Sim. Você está me ouvindo e sabe que eu só falo a verdade.

Um músculo trincou na mandíbula de Aeron.

— Se o que você está dizendo é verdade...

— É! Você ouviu a verdade na minha voz.

Aeron engoliu em seco e balançou a cabeça, como se quisesse afastar o que ela acabara de dizer.

— Vou conversar com ela e dizer que uma relação romântica não será possível. Ela vai entender.

Só um homem podia se iludir daquele jeito.

Ele voltou a caminhar, dessa vez em silêncio. Ao chegar à porta do seu quarto, entrou, abrindo caminho com o ombro. Olivia ficou tensa, mas, de fato, Legião não estava à vista. Suspirou aliviada quando Aeron a deitou sobre o colchão macio.

— Aeron — ela disse, ainda despreparada para que ele fosse embora, e suspeitando que ele

estivesse a ponto de fazê-lo.

— Sim. — Ele continuou parado no mesmo lugar, inclinado sobre ela, e passou uma das mãos pelos seus cabelos.

Ela quase ronronou ao ir de encontro ao seu toque.

— Eu não estava falando sério em relação ao que disse antes. Quando disse que não iria lhe agradecer. Sou verdadeiramente grata por sua ajuda.

O que você está fazendo? Ele nunca a verá como uma amante em potencial se ficar constantemente lembrando-o de sua natureza angelical.

— Ah, ótimo. — Claramente desconfortável com a situação, Aeron tossiu ao esticar o corpo. — Você está machucada em algum outro lugar? — Ele não esperou pela resposta e passou os olhos por toda a extensão do seu corpo. Aquela deve ter sido a primeira vez que ele viu suas novas roupas, pois ficou imediatamente de boca aberta. — Você... você está...

Talvez seu potencial como amante não estivesse perdido, no final das contas. *Confiante.*

— Não é lindo? Kaia me ajudou. — *Agressiva.* Ela passou as mãos abaixo dos seios, na barriga e no quadril, desejando estar sendo tocada por ele. Sua pele ficou toda arrepiada. Ah, que surpresa boa. Era bom. Muito, muito bom. Tinha que lembrar de se tocar assim mais vezes.

— Lindo — ele disse, em tom quente, intenso. — Sim.

— O que acha da minha maquiagem? — Quando os olhos de Aeron se ergueram até seu rosto, ela passou um dedo em volta dos lábios. — Espero que Legião não tenha borrado tudo.

— Está... legal. — Mais uma vez, seu tom era quente e intenso.

Isso era bom ou ruim?

E realmente importava? Ela o desejava e decidira partir para cima. Ela o teria.

Lambendo os lábios, que tinham gosto de coco, hum, ela se sentou, apoiando-se num cotovelo e esticando o outro braço para tocar Aeron. Pousou a palma da mão sobre seu coração acelerado. Parte dela ruborizou-se por sua coragem, gritando para que tirasse a mão dali. A outra parte estava orgulhosa, implorando para que seguisse em frente.

Para alcançar a alegria verdadeira, lembrou a si mesma, muitas vezes era preciso sair da nossa zona de conforto.

Então, saia agora mesmo.

— Você pode me beijar, se quiser. — *Por favor, por favor, que ele queira me beijar.*

Por um momento, Aeron parou de respirar. Pelo menos seu peito parou de se mover. Seus olhos se incendiaram, suas pupilas se dilataram e seus músculos se contorceram ao toque de Olivia.

— Eu não deveria. Você não deveria. Você é um anjo.

— Um anjo caído — ela lembrou. Mais uma vez. — E podia ter morrido no outro dia. Podia ter morrido hoje. E nos dois casos, teria morrido sem conhecer o seu sabor. O que teria sido uma pena, pois isso é tudo o que eu sempre quis de verdade.

— Eu não deveria... — ele repetiu, inclinando-se... inclinando-se... Porém, arrependendo-se, parou antes de estabelecer qualquer contato.

Ela tentou não gritar de frustração. Chegara muito perto de conseguir o que queria.

— Diga por quê. — Para que ela pudesse destruir cada motivo.

— Não preciso dessa distração. — Pelo menos ele não se afastara. — Não preciso de uma mulher. Não preciso de *nada*.

Olivia não tinha como refutar isso. Nunca um homem estivera tão decidido a permanecer sozinho. Então, em vez de discutir, ela simplesmente disse:

— Mas *eu* preciso de uma distração. — E passou a mão no pescoço de Aeron. Ela não apenas saíra de sua zona de conforto, dessa vez; ela saíra correndo.

Determinada, ela o puxou para baixo.

Ele poderia ter resistido. Poderia tê-la impedido. Mas não o fez. Deixou-se cair sobre ela. Permaneceram assim por um bom tempo, simplesmente olhando um para o outro, o corpo de Aeron pressionando o de Olivia, ambos com dificuldade para respirar.

— Aeron — ela finalmente murmurou.

— Sim?

— Eu não sei o que fazer — ela admitiu, com todo o desejo que sentia impregnando suas palavras.

— Eu posso ser um idiota, mas assumo o controle daqui para frente — ele respondeu, tomando a boca de Olivia para si.

Capítulo Nove

ELA É FRACA, praticamente humana. Pior do que humana, Aeron lembrou a si mesmo no exato momento em que suas línguas se entrelaçaram. Mas ele não conseguia se importar. Depois pensaria nisso. Depois se arrependeria, mas agora tudo o que queria era... ela. Olivia. Uma mulher que sua pequena Legião desprezava, uma mulher que se entregara à fúria de Legião, embora, para ser sincero, teria que admitir que ela estivera se segurando até que ele se distraísse, uma mulher que ele expulsaria da fortaleza em pouquíssimo tempo.

Aeron ficava confuso com a forma com que ela acalmava e encantava Ira, deixando-o de fora do jogo. Mesmo naquele momento, o demônio ronronava, aproveitando o que estava acontecendo. Ansioso com o que estava por vir.

Besteira. Olivia era uma distração que ele não poderia ter. Ele não mentira em relação a isso. Não poderia perder tempo se preocupando com ela, salvando-a sempre que se envolvesse em alguma confusão, e ela se envolveria em várias. Olivia não era capaz de resolver-se sozinha. Aquela mulher estava determinada a “se divertir”, pelo amor dos deuses!

Qualquer outro homem estaria disposto a ajudá-la nesse sentido, ele pensou em seguida, suas mãos caíram ao lado de suas têmporas e tocaram o lençol. Veja William. O sexualmente feliz William. Canalha.

Minha. Olivia é minha.

Ira? Reivindicando alguém? Ridículo.

Não é sua, e certamente não é minha. Mas, ah... bem que ele gostaria que fosse diferente.

Com suas novas roupas, ela expusera a pele lasciva e as curvas perigosas. Todas eram verdadeiros pecados, tentação pura que nenhum homem seria capaz de resistir. Nem mesmo ele. Olivia pedira um beijo, e algo dentro de Aeron exigira que ele lhe desse o que ela pedia. Dessa vez, ele não teve forças para se afastar. A única coisa que conseguira fazer foi pressionar seus lábios contra os dela, ultrapassar a barreira dos dentes de Olivia com a língua e tomá-la. Tomar sua doçura, sua inocência. Tomaria tudo o que pudesse através daquele beijo.

E, que perdição... aquele sabor... Olivia tinha gosto de uvas, doce e um pouquinho picante quando sua língua buscava a dele. Seus mamilos estavam rígidos, e por várias vezes ela pressionou seu sexo contra a ereção de Aeron. Em contraste, suas mãos acariciavam os cabelos raspados do

guerreiro, com um toque suave, seu beijo era gentil.

Seria uma amante doce, como ele sempre preferira.

Nunca entendera por que alguns dos outros procuravam mulheres que gostavam de arranhar, morder e até bater durante seus atos mais íntimos. Ele nunca tivera vontade de fazer essas coisas antes. Por que levar a violência do campo de batalha para o quarto? Não havia um motivo realmente convincente. Pelo menos para ele.

As amantes anteriores de Aeron, as poucas que ele se permitira ter, sempre esperaram maior intensidade de sua parte, muito mais do que ele estivera disposto a oferecer. Provavelmente porque ele parecia um ciclista, era um guerreiro e assassino confesso, que não demonstrava fraqueza frente a nada. Mas ele nunca permitira que elas o obrigassem a ser mais rápido ou mais duro.

Primeiro, porque ele era muito forte, e elas, muito fracas. Poderia quebrá-las facilmente. Depois, porque, ser mais rápido e mais duro poderia despertar seu demônio, e Aeron não aceitaria participar de um sexo a três com uma criatura que ele algumas vezes era incapaz de controlar. Mais uma vez, ele poderia destruir suas parceiras se passasse de amante a carrasco.

Mas... se fosse completamente sincero consigo mesmo, havia um desejo, ainda que pequeno, de levar Olivia além de todos esses limites, de deixá-la no limiar do seu autocontrole, tanto que ela reagiria, imploraria e faria qualquer coisa para atingir o clímax.

O ronronar de Ira aumentou de intensidade.

O que estava acontecendo com ele? O que havia de errado com o seu *demônio*? Com tanta interação, Aeron deveria ter tido mais medo de machucar Olivia do que já tivera de machucar qualquer outra pessoa. Mas não estava com medo. Ele aprofundou o beijo, arrancando mais do que ela provavelmente estava disposta a dar.

Sim. Mais.

A voz de Ira era um sussurro, mas ainda assim o trouxe de volta à realidade. Ele afastou sua cabeça de Olivia. *Não estou à beira de querer um derramamento de sangue. Você deveria ficar quieto.*

Mais!

Mesmo que o demônio tivesse ficado em silêncio quando Legião estava por perto, pois seu *bebê* o acalmava tanto quanto Olivia, Ira nunca tivera vontade de beijá-la.

Então, por que estava reagindo a Olivia daquela forma? Um anjo?

Precisamos ir mais devagar, ele respondeu, sem saber mais o que dizer.

Como uma criança petulante que teve seu prazer favorito recusado, o demônio choramingava: *Mais céu. Por favor.*

Mais... céu? Aeron arregalou os olhos. Claro. Para Ira, Olivia devia representar um lugar onde ele nunca seria bem-vindo, fazendo com que o inatingível parecesse ao alcance de suas mãos. Mas, para ser sincero, Aeron nunca suspeitara que o demônio gostaria de visitar o lar dos anjos. Afinal de contas, anjos e demônios eram inimigos.

E talvez ele estivesse errado, mas nada mais explicava a... afeição do demônio por ela.

— Aeron? — Suas pálpebras se abriram, seus cílios pretos e grossos formavam uma moldura perfeita para aquelas íris azuis. Seus lábios estavam úmidos e vermelhos, e ela os lambeu lentamente. — Seus olhos... suas pupilas... Mas você não está nervoso.

O que havia com suas pupilas?

— Não, não estou nervoso. — Por que ela pensaria isso?

— Você está... excitado, não é isso? — E seus lábios se curvaram num sorriso devasso, salvando-o da necessidade de responder. — Então por que você parou? Estou fazendo algo errado? Dê-me outra chance, por favor, e prometo que vou aprender a fazer isso direito.

Ele se afastou um pouco mais e piscou os olhos.

— Esse foi o seu primeiro beijo? — Ele sabia que sim. *Eu não sei o que fazer*, ela dissera antes. Mas, até aquele momento, ele ainda não tinha percebido a força daquela confissão. Os anjos permaneciam seres completamente inocentes, mesmo em situações como aquela? Deve ter sido por isso que Bianca escolhera ir para o céu com Lysander. Aquilo era... encantador.

Olivia assentiu. Depois, surpreendentemente, abriu outro sorriso.

— Você não percebeu? Pensou que eu fosse experiente?

Não exatamente, mas não queria acabar com a alegria dela. Além do mais, ele gostava bastante daquela inexperiência. Gostava de ser o primeiro dela, o único. Gostava do sentimento de posse que agora o consumia e inundava.

Uma posse que era errada em inúmeros sentidos.

— Talvez devêssemos...

— Fazer de novo — ela completou. — Eu concordo.

Inocência e entusiasmo, tudo embrulhado num lindo pacote. Ah, sim... Era encantador.

— Não era o que eu ia dizer. Talvez devêssemos parar — disse, antes que a apresentasse a muito mais que um beijo.

Antes que ele, e Ira, fossem apresentados ao céu. Um céu de onde eles poderiam nunca mais querer sair.

— Só dessa vez — ela disse, como se ele não tivesse falado nada. — Vou ficar por cima. Sempre quis tentar fazer isso. Quero dizer, desde que conheci você.

Ela era mais forte do que parecia e conseguiu virar o corpo do guerreiro, deixando as costas de Aeron pressionadas contra o algodão frio do lençol. Sem esperar por permissão, ela se sentou sobre a cintura do guerreiro. A saia de Olivia era tão curta que, subindo alguns centímetros sobre suas coxas, ofereceu a Aeron uma pequena e proibida visão de sua calcinha. Era azul dessa vez, como sua camisa, e pequena. Muito pequena.

Aeron ficou com água na boca e se viu com as mãos nos joelhos dela, afastando-os e roçando o corpo de Olivia contra sua ereção antes que pudesse evitar. Pelos deuses! Droga, droga, droga. Céus. Ele não devia estar fazendo isso.

Mais.

Gemendo, ela jogou a cabeça para trás, e seus cabelos sedosos tocaram a barriga de Aeron. Seus seios arquearam para a frente. Seus mamilos ainda estavam rígidos e eram visíveis através da camiseta. Claramente, ela não estava usando sutiã.

Aquilo não o surpreendeu.

Ela o encarou, queimando sua alma com os olhos em chamas.

— Eu não estava brincando quando disse que precisava de um pouco de distração. O ataque de

Legião me fez lembrar do que os outros demônios fizeram comigo. E eu quero esquecer, Aeron. *Preciso esquecer.*

— O que eles fizeram com você? — ele se viu perguntando, embora tivesse prometido a si mesmo que não queria saber de nada.

Ela perdeu um pouco de sua volúpia, seus lindos olhos se entristeceram, e ela balançou a cabeça.

— Não quero falar sobre isso. Quero beijar.

Ela inclinou o corpo, mas ele virou o rosto.

— Conte-me. — Saber o que aconteceu de repente era mais importante que encontrar o prazer.

— Não — ela disse, fazendo beicinho.

— Fale. — Ele iria descobrir a verdade e vingá-la. Simplesmente isso.

Ira rosnou, concordando com Aeron.

Um grunhido escapou da garganta do anjo, surpreendendo ambos.

— Quem iria imaginar que um homem preferiria conversar a fazer... outras coisas.

Ela trincou os dentes. Mulher teimosa.

— Mesmo se nos beijarmos, não vamos tra... Não vou dormir com você — ele disse. O aviso de Lyander escolheu aquele momento para ecoar em sua cabeça. *Não a suje. Se fizer isso, vou sepultar você e todos os que você ama.*

Ele ficou tenso. Como podia ter se esquecido de tal ameaça?

— Eu não lhe pedi para dormir comigo, pedi? — Ela soava puritana e correta. — Como eu disse, eu só queria outro beijo.

Talvez fosse verdade. Talvez não. Sim, a voz dela dizia que sim, mas ele se recusava a acreditar. Não *queria* acreditar. Não que fosse admitir isso em voz alta algum dia. Se dormissem juntos, como *ela* claramente queria, ela esperaria mais. As mulheres sempre esperam mais, independentemente do prazer que sentiam. E, mais do que isso, ele não poderia oferecer. E não apenas por causa do seu poderoso mentor. Complicações, ele se lembrou. Não precisava delas.

Mais!

— Se eu beijá-la novamente — ele disse, pensando, *cale a boca, cale essa droga de boca* —, não vou abraçá-la depois. — Um beijo não era “mais”, Aeron disse a si mesmo. Um beijo não era nada que sujasse. Um beijo era apenas um beijo, e ela estava em cima dele, pelo amor dos deuses. — Isso não mudará nada entre nós. — Era melhor que ela entendesse isso agora. — Além disso, espero que me conte o que fizeram com você.

Barganha? Sério? *Ótima forma de resistir.*

— Sou uma mulher confiante e agressiva, então concordo com isso de não mudar nada entre nós — ela disse, dando de ombros casualmente; de forma forçada? — Aliás, abraçar não é a prioridade mesmo. Mas falar sobre o que aconteceu? Isso eu não posso prometer.

Será que aquela mulher “confiante” e “agressiva” realmente não se importaria em mergulhar ao lado dele e abraçá-lo bem forte quando seus lábios estivessem mais uma vez abertos? Será que ela realmente o queria para apenas mais um beijo e nada mais? Isso o encantou. De verdade. E *não* o decepcionou. Nem um pouco.

— Neste instante, tudo o que eu quero é usar sua boca e seu corpo — ela disse, corando. Talvez

não fosse tão confiante quanto parecia. — Mas não se preocupe. Só vou me esfregar um pouco contra o seu corpo. Então, se já tivermos terminado esta conversa, gostaria de partir para a ação.

Apesar de sua decep... ou melhor, seu encantamento por ela querer beijá-lo sem esperar nada mais, o sangue de Aeron ferveu, espalhando-se por suas veias, que, em pouco tempo, se transformaram em rios de lava, todos os seus músculos contraídos e prontos, fervendo. Usar seu corpo? Por favor, por favor, por favor.

Eu disse mais!

Que estranha mistura de inocência e hedonismo era aquela mulher.

Que estranha mistura de relutância e entusiasmo *ele* era.

Ele deveria interromper tudo naquele momento, antes que as coisas saíssem do controle.

Controle. Dane-se. Ele precisava treinar para ganhar algum controle e para agir racionalmente, em vez de ficar mudando de ideia, indeciso sobre convencer-se a ficar ou não com ela. Na verdade, precisava convencer-se, e a seu demônio, pela última vez, de que não deveria ficar com ela de sair dali.

— Como você mesma me lembrou, você poderia ter morrido hoje — ele falou, em tom sombrio. Ótimo. Nada o deixava mais chateado do que a morte. — Você é muito frágil. — A não ser isso.

— E...?

— E...? — Tudo o que ele podia fazer era balançar a cabeça. Assim como os humanos que ele sempre observava, ela não parecia se importar. Não estava de joelhos, implorando por mais tempo, e obviamente não tinha planos de fazê-lo. Ele trincou a mandíbula dolorosamente. Ela deveria estar implorando.

— Já acabamos de conversar agora? — ela perguntou, corando mais uma vez. — Se não, acho que eu poderia me tocar um pouco mais. Gostei de fazer isso antes. Talvez goste de novo. — Sem esperar pela resposta dele, ela agarrou os seios e gemeu. — Ah, sim. Eu gosto.

Talvez ela não estivesse corada de vergonha, afinal. Talvez estivesse corada de prazer.

Ele engoliu em seco.

— Não, ainda não acabamos de conversar. Por que você não tem medo de morrer?

— Tudo e todos têm um fim — ela disse, sem deixar de tocar o próprio corpo. — Quero dizer, você será assassinado em breve e, embora eu não queira nem pensar nisso, você também não me vê chorando por causa disso. Eu sei o que vai acontecer, e aceito o que não pode ser mudado. Estou tentando viver enquanto posso. Enquanto *nós* podemos. Insistir nas coisas más é o que destrói nossos momentos de felicidade.

Ele sentiu um músculo latejar sob os olhos.

— Não vou ser morto.

Ela ficou parada, um pouco do brilho em sua expressão desapareceu. Ele tentou não lamentar a perda.

— Quantas vezes vou ter que dizer? — ela perguntou. — Você não será capaz de vencer o anjo que será enviado para destruí-lo.

— Então me diga outra coisa. Você abriu mão de sua imortalidade para se divertir e veio

correndo para mim. Isso significa que você espera que eu lhe proporcione toda essa diversão. Mas por que faria isso, por que abriria mão de tanta coisa e dependeria tanto assim de mim, se eu estou prestes a ser assassinado?

Ela abriu um sorriso tristonho.

— Prefiro estar com alguém por pouco tempo do que não estar nunca.

O que ela disse o fez lembrar do que Paris dissera no outro dia, e ficou arrepiado. Paris não estava errado. *Eles* estavam.

— Você está falando como um amigo meu. Um homem muito bobo.

— Então, é uma pena que eu não tenha escolhido o seu amigo em vez de você. Melhor um bobo que participe do jogo do que um que não entra em campo.

Aeron mostrou os dentes ao fazer uma careta. *Nem pense em ficar com outra pessoa*, ele quis gritar.

Ira também ficou nervoso. Não com Olivia, mas com Paris. O demônio projetou imagens da cabeça do guerreiro numa bandeja, sem o corpo.

Aeron reagiu instantaneamente. *Ah, não. Você não vai fazer isso. Deixe Paris em paz.*

Ela é minha.

Não, ela é minha, e depois se deu conta do que acabara de fazer. *Quero dizer, ela não pertence a nenhum de nós. Eu já disse isso. Agora, por favor, cale a boca.*

— Já acabamos de conversar *agora*? — perguntou Olivia, passeando um de seus dedos pelo próprio ventre, ao redor do umbigo. — Ou deveríamos fazer essa conversa ficar mais interessante?

— Ela mordeu o lábio inferior, pensando. — Ah, já sei sobre o que podemos falar. Será que as pessoas podem mesmo morrer de tanto prazer?

Ah, droga, não. Ela não poderia ter acabado de perguntar isso.

Não a suje.

— Nós nunca vamos saber. — Ele se sentou, com a intenção de se afastar dela e deixá-la ali. Sozinha. Excitada, porém sozinha. A vontade de matar seu amigo e a lembrança das palavras de Lysander não foram suficientes para amainar seu desejo. Portanto, sua única opção seria a retirada.

— Você, talvez não, mas eu prometo que vou descobrir.

Ele ficou paralisado. O quão longe aquele anjo iria para descobrir a verdade? Enquanto essa pergunta vagava em sua mente, seu pênis pulsava. A imagem de Olivia deitada, com as mãos entre as pernas, os dedos mergulhando profundamente... estava consumindo-o. Pelos... deuses...

— Não. Você precisa se comportar — ele disse, sem medir as palavras. — Agora eu preciso ir embora.

Fique!, Ira ordenou.

Que os deuses o ajudassem, mas ele ficaria. E ficou. A decisão foi fácil, como se estivesse acorrentado à cama, com sua vontade de lutar morrendo antes mesmo que tivesse tempo de se fortificar.

— Certo. Mas eu realmente gostaria... Não. Não! — ela repetiu, com força. — Você poderá ir embora quando terminarmos. Mas não antes. — E passou os braços em volta do pescoço de Aeron, com as mãos firmes em seus cabelos, as unhas fincadas em seu couro cabeludo. — Agora eu já sei o que fazer. — Ela puxou a boca de Aeron até a sua, mergulhando a língua profundamente nela.

Ah, sim. Uma aprendizagem rápida.

Os lábios de Olivia inclinados sobre os dele, seus dentes roçando. O calor... o suor. Consumindo, destruindo sua determinação. Tudo o que ele precisava, tudo o que queria. Destruindo todos os pensamentos de sua mente, menos um: ir até o fim.

Sim. Sim! Mais.

Ela gemeu, e ele engoliu aquele som quase indecente. Quando Olivia se esfregou contra seu corpo, ele pôde sentir o quanto ela estava molhada, mesmo ainda estando de calça. Sua gentileza desaparecera. Sua relutância fora abolida. Ele arqueou o corpo na direção dela. Como isso não foi suficiente, ele a agarrou pela bunda e forçou-a a se mover mais rapidamente, com movimentos fortes. E mais profundamente.

— Quero tocá-lo em todas as partes — ela disse, rascante, enquanto se abria ainda mais. — Quero saboreá-lo por inteiro.

— Eu primeiro. Eu... — Não. Não, não, não. *Não a suje, não a suje.*

Ela abriu caminho em direção ao queixo de Aeron com pequenas mordidas, depois foi descendo, mordiscando seu pescoço para tentar abrandar o desejo.

Sim, por favor. Suje-a o dia inteiro, a noite inteira.

Mais, Ira exigia, outra vez.

Mais. Sim. Mais... Não! Droga. Ameace-a, Ira. Isso vai me fazer sair voando desse quarto, sem dúvida.

Mais.

Essa é a única palavra que você conhece?

Mais, droga!

Aeron rosnou. Ninguém queria cooperar naquele dia.

— Por que eu? — Ele rolou o corpo de Olivia, prendendo-a embaixo dele novamente, querendo interromper a loucura, mas, em vez disso, lambendo o vale entre o pescoço e o ombro dela. Aquela pulsação vibrante era deliciosa demais para ser ignorada. Que homem idiota. Que demônio burro. Que mulher linda.

Com as mãos agindo por conta própria, ele massageou os seios de Olivia. Um grande erro. Eles eram perfeitos, seus mamilos estavam mais rígidos do que ele notara. *Continue conversando. Tire essas mãos daí.*

— Eu devo ser tudo o que sua espécie despreza. — Afinal de contas, seus terríveis feitos estavam bem cravados em seu corpo, para que o mundo inteiro pudesse ver.

— Você é tanto a bondade que conheço como a alegria que busco. — Ela passou as pernas em volta dele, quebrando qualquer distância que ainda pudesse existir entre os dois. — Como não gostar disso tudo?

Droga, droga, droga. Mais um encaixe perfeito.

— Eu não sou bom. — Não comparado a ela. Nem se comparado a qualquer outra pessoa, na verdade. Se Olivia soubesse a metade das coisas que ele fizera ou a metade das coisas que ele iria fazer, estaria correndo dele. — Como posso estar com alguém como você? Você é um anjo. — Um anjo que o tentava como nenhum outro.

Céus.

— Sou um anjo caído, lembra? E estou um pouco cansada de ouvir você dizendo coisas como *da minha espécie* ou *alguém como eu*. Isso é irritante. E você sabe como é difícil irritar um anjo? Mesmo um anjo caído? — Suas mãos passearam pelas costas de Aeron, pelos orifícios de onde saíam suas asas. Mergulhou os dedos ali, sentindo as delicadas membranas. — Sinto muito se meu castigo fere seus sentimentos, mas... Não. Eu *não* sinto muito! — Ela o acariciou.

Um jorro de felicidade o fez abrir os lábios. Ele teve de agarrar a cabeceira da cama para evitar arranhar ou bater em alguma coisa, pois ficou completamente embriagado pela onda de prazer que o invadiu. Maldição. Ele estava perdido. Já não podia resistir.

O suor brotava de sua pele, e seu sangue esquentou mais um grau. Ninguém jamais tinha... Aquela era a primeira vez que alguém... Como ela aprendera a fazer aquilo?

— De novo — ele exigiu.

Mais, concordou Ira.

Mais uma vez, os dedos de Olivia arranharam suas asas escondidas. Mais uma vez, ele urrou de prazer, sem fôlego. Com aquele primeiro toque, seus pensamentos tinham sido estilhaçados. Com o segundo, eles se ordenaram novamente, um eco do seu desejo. Termine.

Mais do que um beijo? Claro! Ele lhe daria isso.

Mais, mais, mais.

Olivia ergueu a cabeça e passou a língua sobre um dos mamilos de Aeron.

— Hum, eu sempre quis fazer isso. — E lambeu mais uma vez. E depois, mais uma vez. Mas logo aquilo já não era suficiente, e ela mordeu o pequeno e rígido botão com os dentes.

Aeron deixou que ela o mordesse. Algo que nunca permitira mulher alguma fazer. Estava muito perdido para interrompê-la, e parte dele *não queria* interrompê-la. Parte dele, como o seu demônio, só queria mais. Droga, *todo* o seu corpo queria mais. Que o controle se danasse.

Ela voltou as atenções para o segundo mamilo. Não lambeu dessa vez, apenas mordeu. Ele ficou surpreso ao se ver louco de desejo, cheio de expectativas e ansiedade. Para sua surpresa, a ação não foi um lembrete das festas vingativas de Ira, como ele sempre imaginou que fosse. Tampouco foi um lembrete de sua primeira vez com uma mulher, como ele também imaginara. Um momento que preferia esquecer. Era uma declaração da intensidade de sua parceira, de uma excitação *incontrolável*.

E ele ainda queria mais forte. Mais rápido.

Mais!

Ele soltou a cabeceira e rolou na cama mais uma vez, deixando Olivia em cima dele. Ela rastejou pelo seu peito, passando suas unhas ao longo da pele de Aeron, e o barulho de sua calcinha roçando contra ele ecoava em seus ouvidos. Aeron agarrou a barra da camiseta de Olivia e tirou-a por cima da cabeça, libertando aqueles seios maravilhosos. Ele só os tocara antes, e a camiseta fora uma barreira odiosa, mas naquele momento viu seus mamilos duros, roliços. Faminto, ele estava faminto. Ele percorreu os olhos por ela antes de erguê-la, totalmente consumido. Seu ventre era lindamente suave.

Ah, sim, suave, pensou, ao passar os dedos naquela pele quente. Suas mãos tatuadas eram quase obscenas sobre uma mulher tão delicada, mas ele não conseguia forçar-se a tirá-las dali. *Onde está a força de que você tanto se orgulha agora, hein?*

Desaparecera, como seu controle.

Ela envolvera os dedos dele com os seus e olhou para o contraste que faziam. Inocência e perversidade.

— Lindo — ela murmurou.

Ela achava mesmo?

— Vou colocar um *piercing*, eu acho — ela disse, acariciando a mão dele com um dedo.

— Onde? — ele perguntou, olhando o rosto cheio de paixão de Olivia.

— No umbigo.

— Não. — *Não a suje*. Uma joia maravilhosa brilharia contra a pele dela e atrairia sua atenção constantemente. Faria sua boca ficar cheia de água. Faria sua língua ter vontade de estar lá. E depois de ir mais para baixo. Sujando.

— Você não vai fazer isso. Você é um anjo.

— Caído. — Seu sorriso foi lento e malicioso. — Imaginei que já tivéssemos terminado a conversa. Especialmente porque estávamos fazendo algo de que gostei muito, muito mesmo, e quero fazer de novo. *Degustação*. — Ela jogou o corpo para trás e lambendo o umbigo *dele*, rodopiando a língua por sobre algumas de suas tatuagens.

Grunhindo, Aeron relaxou o corpo sobre o colchão. Aquela língua travessa era quente, os dentes de Olivia ainda eram afiados, mas... droga! Ele já estava viciado naquela sensação. *Mais*. E dessa vez foi ele quem pediu. Talvez tenha sido ele em todas as vezes anteriores.

Até que... os dedos de Olivia chegaram ao botão de sua calça jeans, e a realidade voltou à tona. *Você vai acabar com isso*. Ele não poderia permitir aquilo, lembrou-se. Havia muita coisa em jogo.

Droga de realidade.

Racional. Seja racional. Ele agarrou os pulsos de Olivia, tentando detê-la.

— O que você está fazendo? — Aquele tom incompreensível realmente lhe pertencia?

— Quero ver o seu... — Ela lambeu os lábios, suas bochechas ficando novamente coradas — ... o seu pênis.

Ele quase engasgou. *Não a suje. Seja racional*.

— Depois quero chupá-lo — ela disse, com um ligeiro tremor na voz.

Meus... deuses.... ele pensou mais uma vez. Alguém precisava dizer a Lysander que ela já estava a meio caminho de ser suja, do jeito mais delicioso, e que não seria culpa de Aeron se ele completasse o trabalho.

— Você não vai fazer isso comigo.

Idiota!

Olha só, seu demônio sabia outra palavra.

Ela passou um daqueles dedos maldosos sobre a barriga de Aeron e subiu para acariciar seu mamilo, com a mão trêmula, tanto quanto sua voz estivera.

— Mas eu quero. *Muito*.

— Você é um anjo. — Ele lembrou-se disso pela milésima vez, balançando a cabeça para enfatizar. Pois ele podia ser um assassino, mas não era um libertino.

Mas poderia ser... O demônio?

Pelos deuses, ele queria ser.

— Não — ele disse, mais uma vez pensando no bem de todos; dele, de Olivia e de Ira. *Agora volte para o seu cantinho*, ele gritou para o demônio. *Você não é mais bem-vindo aqui*. Embora Ira estivesse tendo um ótimo comportamento.

— Ah... Quantas vezes vou ter que dizer... Sou um anjo caído.

— Eu sei, mas não quero ser o responsável pela sua ruína.

Com os olhos estreitos, ela bateu com o punho no peito de Aeron.

— Certo. Sendo uma mulher agressiva e confiante, sei que posso encontrar outra pessoa. Queria que fosse você, mas como aprendi nos últimos dias, nem sempre conseguimos o que queremos. William flertou comigo, eu acho, e está claro que ele gosta de... você sabe... *sexo*.

Ela saiu de cima dele, como se realmente estivesse decidida a seguir adiante com sua ameaça, e talvez estivesse mesmo, aquela gatinha selvagem e determinada, embora sua voz tivesse falhado ao dizer a palavra *sexo*, numa prova de que não era tão confiante e agressiva quanto queria que ele acreditasse. Quando isso aconteceu, um uivo de raiva emergiu dele, que agarrou-a pelo braço. Ele a atirou de volta sobre o colchão.

William não a tocaria. Nunca.

Quando ela parou de quicar, ele a cobriu inteiramente com seu corpo.

— Só porque eu não permito que você faça algumas coisas comigo, não quer dizer que eu não vá fazer coisas com você. Eu já estou arruinado mesmo. — Enquanto falava, ele escorregou a mão pela coxa de Olivia. Suave... quente...

Minha.

Outra reivindicação de Ira, mas ele não poderia protestar dessa vez. Automaticamente, ela afastou os joelhos. Quente? Não. Quentíssima. Ultrapassou sua calcinha em direção ao centro do seu corpo. Ela estava perfeita e úmida, pingando. Seu polegar, agora trêmulo, pressionou seu centro de doçura e prazer.

— Isso — ela gemeu. — Sim. Isso é tão bom... Exatamente como eu tinha imaginado... — Ela fechou os olhos e cravou as unhas nas costas de Aeron.

Longe de suas asas, mas ainda assim era muito estimulante para ele. Ele queria penetrar lentamente um dos dedos dentro dela, mas aquele gemido... aqueles pedidos... aquelas carícias... Seu desejo mais uma vez foi levado a outras dimensões e ele empurrou um dedo para dentro dela. *Cuidado*. Mas ela pareceu não se importar. Não, ela parecia estar gostando.

— Isso — ela gemeu. O joelho de Olivia roçou contra a cintura de Aeron. — Mais.

Sem poder fazer outra coisa além de obedecer, seria sempre assim com ela?, Aeron mergulhou um segundo dedo. Ela se contorceu e tremeu, e ele pensou que Olivia poderia até mesmo tê-lo feito sangrar. *Felizmente*, seu pênis estava escondido, *graças aos deuses*, ou naquele exato momento ele a teria penetrado com força.

Retire isso. *Infelizmente*, seu pênis estava escondido, *malditos fossem os deuses*, ou naquele exato momento ele a teria penetrado com força.

Dentro dela. Estava louco de vontade de estar dentro dela.

Após tudo isso, após ela ter explodido em seus braços, gritando, implorando por mais e dizendo seu nome, ele tinha de se livrar dela. Olivia causara muitos problemas, confundiu seu bom-senso,

distraíndo-o.

Não a suje, ele se lembrou. Leve-a à cidade limpa.

Fique com ela, disse Ira.

Eu já disse para ficar quieto, respondeu Aeron. Não precisava lutar contra o demônio, pois já estava lutando contra suas próprias necessidades.

E por que Ira estava tão falante?, ele se perguntou novamente. Ainda para ter uma mulher, e não buscando a punição de alguém. Sim, ele já tinha percebido que o demônio gostava do que Olivia representava. O céu. Era um pensamento estranho aquele. Mas aquela insistência...

Será que seu demônio se parecia com ele mais do que imaginava? Ambos amando e odiando as mesmas coisas, como eram capazes de matar? Sempre imaginara que o demônio gostasse dos derramamentos de sangue e das consequências. Mas e se Ira sempre tivesse sido tão impotente quanto Aeron? Desesperado pela absolvição?

— Aeron?

— Sim — ele respondeu por entre os dentes, a voz de Olivia tirando-o de seus pensamentos.

— Você parou — ela disse, ofegante. — Preciso de mais. Continue, por favor.

Ela retornara à sua prioridade. Encantadora. Mas ele não queria ouvir suas súplicas por mais, pois isso só enfraqueceria sua decisão. E tampouco queria ouvir os pedidos de Ira.

Ele os silenciou da única maneira possível. Pressionou sua boca contra a de Olivia e a beijou.

Queria ser gentil, como costumava ser, como poderia lidar com a situação, mas ela não aceitou nada daquilo e se ergueu ao encontro dele, sua língua dançando sobre a dele, seus dentes deslizando sobre os dele.

Logo começou a se contorcer contra ele novamente, gemendo. Chegou a embrenhar-se por entre seus corpos, alcançando sua calça e agarrando seu pênis. Ele gemeu de prazer, de dor. Ela também não era gentil com isso, e embora não soubesse muito bem o que fazer, e seus movimentos fossem um pouco desorientados, seu toque era tão bom que ele não pôde evitar de se aproximar ainda mais dela. Forte, rápido, incontrolável.

Alguém bateu na porta.

Ele não parou. Não poderia. Ela pressionou a abertura da cabeça do seu pênis com o polegar, espalhando o líquido, e em poucos segundos ele se lançou e já não podia mais voltar. A realidade não o invadiria daquela vez.

— Não pare — ele disse.

— É tão... só um pouco... mais. — Ela aumentou a pressão de sua mão. — Aeron.

Mais uma vez, ele soltou um espasmo de prazer. Teve de engolir um gemido quando novamente bateram na porta.

— Nem se atreva a parar! — Olivia gritou, voltando a colocar sua língua na boca de Aeron, percorrendo todo o seu corpo com as unhas, pressionando seus flancos com os joelhos.

Aeron saía e entrava nela várias vezes com os dedos. Ela o apertou com ainda mais força, puxando sua pele, mas, pelos deuses, aquela queimação era muito boa. Maravilhosamente boa. E quando seu polegar encontrou o clitóris de Olivia novamente, ela gritou, alta e prolongadamente, com tanto prazer que uma onda de orgulho o inundou, e com o orgulho, veio seu próprio clímax.

Foi um clímax tão profundo que ele nem se importou por estar espalhando seu sêmen por toda a barriga de Olivia. Não se importou por estar gritando obscenidades nem estar batendo sua mão livre contra a cabeceira da cama e rachando a madeira. E também não se importou de estar fazendo algo que poderia deixá-lo muito mal aos olhos de Lysander.

Quando bateram na porta pela terceira vez, Aeron se deixou cair por cima de Olivia, com suas forças totalmente drenadas. Ofegando, suando, ele girou o corpo na cama para não machucá-la.

— Certo — ela disse, passado um momento, encolhendo-se sobre o colchão. — Agora já posso riscar uma tarefa da minha lista de Coisas a Fazer. Bom trabalho, e obrigada. Sei que outros homens gostam de ficar abraçados, mas acho que você tinha mencionado que não queria fazer isso, então...

Estava sendo dispensado, ele pensou, com os olhos arregalados. Sem mais nem menos.

Droga. Não. Ele estava a ponto de se inclinar da direção dela, para puxá-la para seus braços e forçá-la a ficar abraçada quando outra batida ecoou na porta. Fazendo uma careta, frustrado, ele passou o lençol em volta do corpo de Olivia, levantou-se da cama e caminhou até a porta. Alguém estava a ponto de morrer.

Capítulo Dez

QUEM ESTAVA ALI?

Nu, Aeron abriu a porta, e Olivia ficou observando-o desavergonhadamente. Aquela linda borboleta voava no topo das suas costas, e ela a tocara. Na verdade, a pele de Aeron ainda estava marcada e sangrando nos pontos em que suas unhas a arranharam. Talvez aquilo devesse deixá-la constrangida. Mas não. Estava orgulhosa. Ela o marcara. Marcara o homem que desejava. E ele respondera; ele chegara ao clímax. Ela queria fazer tudo de novo. Mas agora, queria mais. Queria ir até final.

Malditos intrusos.

Quem estaria ali, e o que queria? Se não fosse assunto de vida ou morte, Olivia esperava que aquela pessoa caísse pelas escadas ao ir embora.

Aquele pensamento violento, tão estranho a ela, fez com que parasse. Talvez aquela violência *não* lhe fosse algo tão estranho. Afinal, ela era uma pessoa nova e mais completa.

E a nova e mais completa Olivia podia, sim, ter feito com que Aeron mudasse de ideia em relação aos abraços apenas mencionando sutilmente que outros teriam gostado. E, para ser sincera, abraçar-se a ele parecia uma ideia cada vez mais deliciosa. Sentiria o seu calor, sua força, seu rude *sex appeal*, tudo aquilo envolvendo o seu corpo.

Talvez da próxima vez. Se houvesse próxima vez. Ele parecera muito decidido em que aquela fosse a primeira e única vez.

— O quê? — Aeron gritou. Seu corpo volumoso bloqueava sua visão, então Olivia não conseguiu ver quem era.

— Ouvi alguém gritando — disse Cameo, dando um passo para o lado, para dar uma espiada dentro do quarto, finalmente respondendo à pergunta silenciosa de Olivia. Ao ver o anjo daquela maneira, Cameo ficou de boca aberta.

Olivia apenas sorriu e acenou para ela. Não tinha vergonha pelo que acontecera com Aeron. Bem, não muita. Estava sobretudo radiante. Ela abria mão de tudo o que tivera para estar ali e experimentar os prazeres da carne, portanto, inibições não seriam toleradas.

Além do mais, ao longo dos anos, ela vira os humanos fazendo todo tipo de coisas. Sexo, drogas. Tanta coisa boa, tanta coisa ruim. O que ela acabara de fazer tinha sido lindo. Não havia por que

sentir vergonha.

— Você parece ótima — disse Olivia.

— Você, também. — Se a voz de Cameo não fosse tão triste, Olivia diria ter ouvido uma risada em seu tom.

— Olhe para mim, Cameo — disse Aeron, claramente irritado por algum motivo. — O que está fazendo aqui?

Cameo olhou para ele, com seus lábios tremendo.

— Torin viu algumas cenas que gravou na noite passada e conseguiu enxergar vislumbres de Pesadelos. Pelo que ele viu, ela entrou num prédio e não saiu mais.

— Do que está falando?

— Da sua Garota das Sombras. Olivia nos contou que ela é possuída pelo demônio dos Pesadelos. Seja lá como for, nós vamos à cidade para, bem... — ela fixou os olhos em Olivia — ... para *conversar* com ela. Você vem ou não vem conosco?

Aeron enrijeceu o corpo, depois seguiu-se um silêncio. Em seguida, ele disse:

— Vou. — E olhou para Olivia por sobre o ombro. — Não fique aí parada. Você vem com a gente. Enquanto estivermos lá, vou aproveitar para encontrar um lugar onde você possa ficar até você resolver onde quer morar permanentemente.

O quê? Ele ainda planejava se livrar dela? Depois de tudo o que tinham feito? Claro, ela tinha dito a ele que aquilo não mudaria nada, mas isso foi antes que tudo mudasse. Aquele pequeno gostinho de prazer não seria suficiente para ela.

Você foi agressivo antes, na cama. Não pode ser assim novamente.

— Sinto muito, mas eu não posso. Provavelmente eu quase morreria outra vez — ela disse, e quase sorriu quando ele arregalou os olhos. Ele tinha sérios problemas só em pensar na morte dela. — Acho que vou ficar aqui.

E você vai gostar, ela projetou para o futuro de Aeron. Algumas pessoas não sabiam do que precisavam para encontrar a felicidade. E, claramente, Aeron era uma delas. Tudo o que ela tinha a fazer era ensiná-lo, como já planejava.

Ele massageou a nuca.

— Já conversamos sobre isso, Olivia. Você não pode ficar aqui. Não importa o que tenha acontecido entre nós.

— Certo. — Ela colocou as pernas para fora da cama e ficou de pé, carregando o lençol com ela.

— Então você vai à cidade comigo? — ele perguntou, obviamente suspeitando de algo; com raiva e aliviado ao mesmo tempo. Que estranha combinação de emoções!

— Claro que não. — Colocar um pé à frente do outro enquanto seus joelhos tremiam era difícil, mas ela conseguiu. Sem cair. Passou por Aeron, ah, santa Divindade, aquele calor, aquela força, e sorriu para ele e para Cameo, que piscou um dos olhos para Olivia.

Ao lembrar-se de uma coisa, parou no corredor.

Olhando para Aeron por sobre o ombro, disse:

— Vou explorar sua fortaleza. Ah, Aeron, quando você não conseguir encontrar Pesadelos, cujo nome é Scarlet, a propósito, por favor não volte para casa e desconte seu mau humor em mim. A

menos que queira que eu o beije até melhorar. Isso sim seria aceitável.

Ela não esperou uma resposta dele e desapareceu ao virar no final do corredor.

— Olivia — ele chamou.

Ignorando-o, ela seguiu em frente. Tinha a impressão de que Aeron queria discutir com ela. Seu corpo ainda vibrava com jorros de prazer que ele lhe proporcionara, e discutir acabaria com aquela sensação.

— Olivia! Você está praticamente nua!

Nua? Ela parou, olhou para baixo, onde o lençol caía sobre seus seios e engoliu em seco. Nudez parcial era uma coisa boa ao lado de Aeron, mas não quando provavelmente esbarraria com os outros. E isso não tinha nada a ver com falta de confiança, garantiu a si mesma.

Estar com Aeron ajudou a esquecer o que acontecera no inferno, sim. Mas as duas experiências não tiveram nada a ver. Aeron buscara prazer, os demônios haviam buscado dor. Ainda assim. Ver a luxúria nos olhos de outra pessoa poderia trazer aquelas memórias rugindo de volta.

Com um suspiro, Olivia correu de volta para o quarto, passando por Aeron e por sua expressão furiosa sem dizer nada. Cameo já tinha ido embora. Olivia largou o lençol, pegou sua camiseta e passou-a sobre a cabeça. Felizmente, ainda estava de saia e calcinha.

— Melhor assim — ela disse, com um aceno de cabeça.

— Não está, não. Não para o que vamos fazer. E sim, estou dizendo que você virá comigo.

Ela se aproximou, ficou na ponta dos pés e deu-lhe um beijo na bochecha.

— Vejo você mais tarde. E, por favor, tenha cuidado. — E pelo corredor ela caminhou novamente.

— Olivia.

Ela o ignorou, atenta às muitas portas à sua frente. Enfiou a cabeça em uma delas, sem saber o que encontraria. Claro. Uma sala de ginástica. Ela deveria ter imaginado, mas mesmo tendo estado ali muitas vezes, só tivera olhos para Aeron.

— Olivia — ele voltou a chamar, e dessa vez soou resignado. — Certo. Fique. Faça o quiser. Eu não me importo.

Mentiroso. Pelo menos ela esperava que estivesse mentindo.

Ela viu que o segundo quarto estava vazio. No terceiro, ouviu vozes antes de chegar à porta. Sem se deixar levar pelo medo ou pela insegurança, ela olhou para dentro.

Era um quarto, como o de Aeron, mas sem coisas rosas ou enfeites de renda. Paredes escuras, móveis de metal em vez de madeira e a última coisa que Olivia esperava encontrar: um aparelho de karaokê em um canto. Um mulher estava sentada à beira de uma grande cama, lendo para um homem deitado em cima do colchão.

Olivia deve ter feito algum barulho, pois o homem olhou na sua direção. Ele tentou se levantar, mas a mulher protestou:

— Gideon. O que está fazendo? Deite-se!

Gideon. Olivia vasculhou a mente. Guardião das Mentiras?

— Estou descansando — ele disse. — Estamos sozinhos.

Ah, claro. Ele era mesmo o guardião das Mentiras, incapaz de contar uma única verdade sem

sofrer dores terríveis. E também era bonito, muito bonito, com cabelos azuis, olhos faiscantes e sobrelha com piercing. Mas estava claramente machucado. Tinha curativos brancos em volta dos punhos, na área onde deveriam estar suas mãos.

Confiante. Agressiva.

— Desculpem por interromper. Eu estava apenas... passando por aqui. — Verdade. — Sou Olivia — disse, dando um aceno. Apesar de aquele demônio deixá-la assustada, como Torin o fizera, ela não gritou com ele, nem saiu correndo. Da primeira vez, ela estava ferida e perdida naquelas lembranças terríveis. Mas agora seu corpo estava mais forte, ou pelo menos tão forte quanto poderia ficar o corpo de um humano. Ela poderia aguentar. — Estou com Aeron.

O que não era mentira. Aeron era uma das razões pelas quais ela estava ali. Ela acabara de beijá-lo em cima de um cama e... ah, seu coração ainda precisava se acalmar por causa disso. Ela nunca o vira fazer aquelas coisas com outra mulher.

No mesmo instante, sua mente ficou imersa no que acontecera. Nossa. Mas... Nossa! Seu corpo era duro como uma pedra, mas sua boca, suave como uma pétala de rosa. Suas mãos haviam percorrido todo o corpo de Olivia, ela havia se esfregado contra aquela ereção descomunal, e aqueles dedos enormes a penetraram com força. O prazer... o calor... a surpreendente desinibição... Ela nunca sentira nada parecido antes.

Agora ela sabia. Sim, era *possível* morrer de amor.

Aeron tinha gosto de menta, doce e picante; juntos, esses sabores haviam sido um afrodisíaco perfeito, capaz de impressionar os sentidos de Olivia. A total satisfação se transformara em sua fonte de sobrevivência.

— Você é o anjo — disse a mulher, com um sorriso de boas-vindas, tirando-a de seus pensamentos.

— Sim. Anjo caído, mas sim.

Gideon relaxou contra os travesseiros.

— Maravilhoso.

— Não ligue para ele. Está rabugento de tanto tédio. Eu sou Ashlyn, a propósito. — Ashlyn tinha cabelos e olhos dourados e era tão delicada quanto uma íris. — Esposa de Maddox.

— Maddox, guardião da Violência — disse Olivia. Um gigante de cabelos pretos, olhos violeta idênticos aos de Aeron, e temperamento aparentemente indomável. — Vocês se casaram?

— Tivemos nossa própria cerimônia particular — respondeu Ashlyn, corada. Ela se levantou. — Mas ele não é tão mau, prometo. — Suas mãos acariciaram o ventre arredondado. — É um doce quando passa a conhecê-lo.

Olivia não conseguiu evitar. Deu um passo à frente e passou as mãos naquela barriga. Mulheres grávidas sempre a atraíram, pois sempre soubera que nunca poderia ter filhos, outro de seus desejos secretos. Os anjos eram criados, não nasciam, então, mesmo que sentisse atração física por outro anjo, ela nunca conceberia.

Agora que era humana... talvez existisse uma possibilidade.

Com Aeron? Era permitido ter esperanças. Por um momento, ficou imaginando como seriam seus filhos. Não nasceriam com todas aquelas tatuagens, claro, o que era uma pena, mas poderiam ter

aqueles lindos olhos violeta, e até mesmo suas asas. Todos deveriam experimentar as alegrias de voar uma vez na vida, pelo menos uma. Talvez os filhos deles herdassem a coragem e a determinação de Aeron, deixando-a louca e encantada ao mesmo tempo.

Ela suspirou, voltando sua atenção à missão que tinha nas mãos.

— Seus gêmeos são fortes — ela disse, sabendo que as mães gostavam de comentários desse tipo.

— Fogo e gelo. Você terá muito trabalho evitando que tenham problemas, mas será mais feliz por isso.

Ashlyn ficou de queixo caído por um bom tempo, apenas piscando para Olivia, que era mais alta do que ela.

— Ge... gêmeos? Como você sabe que eu vou ter gêmeos?

Ah, não. Ela estragara a surpresa, não é mesmo?

— Sentir o que uma mulher carrega em seu ventre é um dom que todos os anjos possuem.

— Isso... não pode ser verdade. — Ela estava ficando pálida a cada segundo, e até manchas verdes apareceram. — Só existe um ser dentro de mim. Quero dizer, está tudo correndo bem, certo?

O que lhe contar naquele momento? Apenas o suficiente para acalmá-la, talvez.

— Não. Você está progredindo bem devagar. Seus filhos são imortais e requerem uma gestação bem mais longa. Mas não se preocupe. Assim como você me prometeu, eu prometo a você. Tanto seu filho como sua filha são saudáveis.

— Um filho? Uma filha?

Ótimo. Estragara mais uma surpresa.

Com a mão trêmula, Ashlyn tirou um cacho de cabelo cor de mel do rosto, colocando-o atrás da orelha.

— Preciso me deitar um pouco. Preciso falar com Maddox. Eu... eu... — E olhou para Gideon.

— Você se importaria muito se eu...

— Sim — ele disse, sorrindo. — Eu me importaria.

Ela respirou fundo.

— Obrigada. — Como se estivesse presa num transe, a linda Ashlyn saiu do quarto, não sem voltar a olhar para Olivia uma última vez.

— Sinto muito — disse Olivia. Por várias coisas. Agora ela estava sozinha com Mentiras. Situação na qual nunca se imaginara antes. Mas ele estava ferido, e ela não poderia deixá-lo sozinho. — Você gostaria que... ahn eu continuasse lendo a história? — ela perguntou. E, sem esperar resposta, pegou o livro que Ashlyn deixara para trás... Ah, era um romance, que horror! Então, se sentou no lugar da guerreira.

— Eu adoraria que você lesse para mim — ele disse. — Sua voz não é... assustadora.

O que significava que não queria que ela lesse e que sua voz era assustadora. *Rejeitada.*

Ela ficou passando as páginas do livro, fazendo o melhor possível para esconder sua decepção.

— O que está ouvindo é a pura verdade. Não há nada que eu possa fazer. Exceto mentir, claro, mas isso não é algo que eu quero fazer. O gosto da mentira é horrível. Além do mais, as mentiras são muito complicadas. Pessoas se magoam, brigas começam.

— Eu não sei do que você está falando. Mentiras são incríveis — ele disse, mas Olivia sabia que

concordava com ela. Havia inveja em seu tom. — Eu não queria... nada. Nada.

Pobre homem. Devia querer tantas coisas.

— Então... ainda quer que eu vá embora?

— Sim.

— Ótimo. — Um progresso. — Posso ler agora?

— Sim — ele disse mais uma vez. — Eu preferiria não conversar.

Ah, então nada de romance para ela ainda.

— Sobre o quê?

— Sobre você. Não tenho a mínima vontade de saber por que você está aqui.

— Para você me ajudar? — ela perguntou, cheia de esperança. Mudara do medo à carência, e tão rapidamente. Talvez isso provasse sua enorme necessidade de ser bem-sucedida.

— Claro, por que não?

Escolhendo ignorar a mentira, talvez ele simplesmente *imaginasse* não ser capaz de ajudá-la, mas se surpreenderia, Olivia lhe contou sobre sua decisão de cair, sobre o que esperava conseguir em troca e sobre os progressos que fizera com Aeron. Era legal ter um ouvinte imparcial com quem compartilhar sua história. Alguém que não a julgaria.

— Então você odeia Aeron? — o guerreiro perguntou, e ela sabia que ele queria dizer amor.

Amar. Ela amava Aeron?

— Não. Sim. Talvez. — Ela ainda não sabia. — Eu penso nele o tempo todo. Quero estar com ele, entregar-me por completo a ele. Você sabe... sexualmente — disse, ficando corada, para o caso de ele não ter entendido. *Confiante*. — Mas ele disse que não faria sexo comigo.

— Espertinho de merda, o nosso Aeron. — O sorriso de Gideon se formou lentamente, mas era malicioso e sensual justamente por isso. — Ouça, vou lhe dar um conselho inútil. Não pense em entrar sorrateiramente no quarto dele esta noite... e não faça muito barulho, para que ele não mate você, pensando ser um inimigo. Ah, e não esteja nua.

— Ótimas sugestões, obrigada — ela disse, sua expressão se iluminando. Ela colocou os pés em cima da cama. Ainda usava as botas, e o couro negro cintilava contra a luz. — Os homens gostam mesmo da nudez, eu já percebi. Aeron não queria que ninguém mais visse meus... seios.

Seu novo e melhorado “eu” ainda podia ficar constrangido, como ela mesma notou.

— Você está muito equivocada. Ah, e... Olivia? Nessa posição em que você está, eu não posso ver sua calcinha — ele disse, claramente se divertindo.

Confiante, você é confiante.

— Você gosta do que vê?

Ele piscou os olhos, surpreso, pois claramente esperava que ela mudasse de posição.

— *Odeio*.

— Sério? — Aquilo não era constrangedor, ela pensou, era algo que lhe dava poder. — Gostaria de ficar com ela, de lembrança? Já que eu realmente planejo aceitar o seu conselho e subir de fininho na cama de Aeron, nua, não vou precisar mais dela.

Gideon soltou uma risada.

— Não. Eu não quero. Odiaria ficar com sua calcinha de lembrança. E não apenas porque sei

que Aeron ficaria maravilhado ao saber que tenho a calcinha de sua namorada.

Namorada? Era uma mentira, do ponto de vista de Gideon, mas ela poderia ter se derretido toda.

— Então ela é sua. Vou lhe dar antes de sair.

E ele voltou a rir.

— Cara, eu não gosto nada de você. Nada mesmo.

Ela abriu um sorriso radiante.

— Idem. Então, agora que eu já falei de mim, fale-me sobre ele. Aeron. Quero dizer, eu sei quem ele é, mas não sei nada sobre o seu passado. Quero entendê-lo melhor. Chegar mais perto dele. Ajudá-lo a parar de se preocupar com a minha eventual morte. — E aceitar a própria morte.

— De jeito nenhum. — O que significava: *claro que sim*.

Gideon se ajeitou na cama. Um cacho dos cabelos azuis se encaixou na cabeceira e ficou preso com o movimento. Ele fez uma careta, esticou o braço, mas não foi capaz de pegar um único fio com seus pulsos enfaixados. Ao ouvir seu grunhido de frustração, ela tomou a iniciativa de ajudá-lo.

Ela tirou as pernas de cima da cama, inclinou-se para a frente e gentilmente soltou seus cabelos.

— Melhor assim?

— Não — ele murmurou, irritado.

— Ótimo. Aliás, adorei seu tom de azul. Talvez eu pinte os meus cabelos. — Ela deixou a ideia guardada no fundo da mente, para ser analisada depois. Junto com aquele piercing no umbigo. Naquele momento, o que queria era saber mais sobre Aeron. Como fora sua vida, como se transformara no homem que era.

— Esquecendo Aeron... por onde não gostaria que eu começasse?

— Sei que vocês, guerreiros, foram expulsos do céu e enviados à Grécia antiga. Ouvi histórias sobre os tormentos que causaram, matando humanos inocentes, torturando, atacando, saqueando, destruindo tudo o que encontravam pela frente, e assim por diante.

Ele deu de ombros.

— Você ouviu tudo errado. Nós tínhamos controle total dos nossos demônios e não nos perdemos numa sede de sangue. E quando finalmente perdemos o controle, a culpa pelo que tínhamos feito, bem, foi mínima.

Culpa. Que fardo terrível para ser carregado. E pelo que ela já vira daqueles Senhores, eles carregavam muito mais do que uma pessoa deveria suportar. Mereciam um pouco de paz, ela resolveu. De uma vez por todas.

— Aeron não era um guerreiro — Gideon continuou —, e suas ações, mesmo quando não justificadas, não o atormentavam. Embora eu sempre tenha tido certeza de que ele odiava demais o que fazia e sentia orgulho de si mesmo por isso. Ainda assim, ele quase não fazia nada, deixando que o resto de nós fizesse toda a matança para proteger o deus-rei.

Olivia rapidamente traduziu as palavras de Gideon. Aeron, às vezes, gostara de seu trabalho um pouco demais e odiara a si mesmo por isso, mas também amara seus amigos, e por isso fizera o trabalho deles também, poupando-os um pouco da carga, o que provavelmente fora torturante para ele.

Culpa, ela pensou novamente. Até mesmo naquele tempo, ele carregara uma quantidade enorme

de culpas. Ele sentira prazer em ferir quem ferira outras pessoas, e provavelmente considerara a si mesmo tão cruel quanto eles.

Antes que ele morresse, antes que ela morresse, ela lhe ensinaria o contrário. Ele não era mal. Era um protetor. Por isso ficava tão perturbado com a ideia da morte dela. Ao olhos deles, seria como se ele tivesse falhado ao protegê-la. Que homem doce e maravilhoso.

— Por favor, vá em frente — ela implorou.

Gideon assentiu.

— Todas essas mortes nunca o afetaram, nunca o fizeram ver a fatalidade em cada esquina. E então, quando nosso odiado inimigo, Baden, não foi decapitado, Aeron notou que os imortais podiam viver para sempre. E isso não o assustou.

Então, tudo bem. As mortes que ele causara no cumprimento do seu dever lhe proporcionaram uma saudável apreciação da mortalidade, especialmente quando seu querido amigo foi decapitado. Agora ele esperava que todos à sua volta morressem, e sabia que não havia nada que ele pudesse fazer para impedir, nada que pudesse fazer para protegê-los, como ela acabara de descobrir.

Para um homem que valorizava tanto a força e o poder, aquela impotência devia incomodá-lo bastante. Talvez por isso ele se mantivesse distante de todos, menos de Legião. Quanto menor a quantidade de pessoas com quem ele se importasse, menor seria o número de pessoas com que ele se preocuparia em salvar.

Então, como Legião conseguira penetrar em suas defesas?

Mais do que isso, como ela conseguiu escapar da necessidade que seu demônio tinha de repreender? O pequeno ser maligno dificilmente tivera uma vida sem culpas. Uma prova era o que a criatura tinha feito à inocente Olivia.

— Quanto a Legião — disse Gideon, como se tivesse lido os pensamentos de Olivia —, acho que Aeron nunca desejou ter uma família secretamente, e Legião não lhe oferece isso.

Então, Aeron secretamente queria ter uma família, exatamente como ela, e Legião lhe oferecia isso. De alguma maneira. *Eu também poderia me transformar na família dele*, pensou Olivia. Não que ela quisesse ser madrastra de Legião, mas para ter o prazer de estar ao lado de Aeron, ela talvez fosse capaz de suportar um título tão odioso.

— Não vejo entusiasmo em seus olhos, anjo, e fico muito feliz por isso. Você deveria saber que, mesmo no céu, ele sempre preferiu as mulheres selvagens, e eu percebo que, no fundo, você não poderia ser mais selvagem, apesar de claramente ter se convencido do contrário. Embora Aeron pense que é isso o que ele quer, eu posso garantir que não do que ele precisa.

Ah... não, ela pensou, repentinamente triste. Aeron preferia as mulheres dóceis, mas Gideon acreditava que ele precisava de alguém mais selvagem. Gideon também achava que, não importava o que Olivia dissesse ou fizesse, ela não *era* uma mulher selvagem, nem nunca seria.

— Por que está me prevenindo de tudo isso? Há apenas alguns minutos você me disse como fazer para seduzi-lo.

— Meu amigo Aeron não merece um pequeno tormento uma vez ou outra.

Ah. Um pouco de *diversão*. Era isso o que Gideon imaginava que ela era.

Ele estava errado. Talvez ela tivesse sido gentil antes, ou fingira ser, mas, quanto mais tempo

passava naquela fortaleza, mais coisas aprendia sobre si mesma.

A gentileza a acompanhara durante a vida inteira. Lysander sempre fora gentil com ela. Os outros anjos haviam sido gentis com ela. E ela fora gentil com eles.

Nos braços de Aeron, ela ganhara vida através das sensações. Ele queria mais, e com mais força, de maneira mais caótica, incontrollável. Queria de forma *selvagem*. Em alguns momentos ele tentou diminuir a velocidade. Tentou suavizar o toque, provando o que Gideon dissera, que ele preferia a gentileza. Ou imaginava preferir.

Ele realmente pediu que eu acariciasse suas asas, ela se lembrou, e aquelas carícias haviam sido qualquer coisa, menos gentis.

Ainda assim, ele não queria que ela colocasse um piercing no umbigo. O que ele iria pensar quando ela colocasse um de verdade? Quando fizesse uma tatuagem, como planejava? Talvez uma borboleta. Será que ele não iria querer nem beijá-la mais?

— Essa conversa me deixou oficialmente deprimida — ela disse. — Não que eu não tenha gostado de conversar com você. Você me deu os detalhes que eu tanto queria saber, e sou grata por isso, mas acho que vou ler para você agora, se estiver tudo bem. Preciso de uma distração antes que eu vá à cozinha e experimente todas as garrafas que encontrar no armário de bebidas.

— Não acho que podemos fazer as duas coisas — ele disse, apontando para uma fileira de garrafas em cima da sua cômoda.

— Sério? — Agitada, Olivia ficou de pé, atravessou o quarto e pegou o maior número das garrafas mais cheias que pôde carregar. O líquido dançava dentro dos frascos, e vários odores chegavam às suas narinas. Maçã, pera, limão. Um aroma sombrio. — Suco do sorriso, é como eu sempre chamei tudo isso — ela disse. — E sempre quis provar.

— Agora não é a sua chance. Nem ouse colocar qualquer dessas bebidas na minha garganta.

— Seria um prazer.

Ela entornou uma garrafa na boca de Gideon, que tomou um gole atrás do outro, depois ela mesma tomou todo o resto de cada garrafa e quase engasgou; não era tão gostoso quanto esperara. Então, ela voltou a se sentar e abriu o livro, sem se preocupar em que página estava.

As palavras estavam levemente embaçadas.

— Ela agarrou os próprios seios e os apertou — ela leu. Interessante. — Exatamente como fizera antes. Seus mamilos palpitavam como nunca, querendo suas mãos. Deixou escapar uma lamúria. Em condições normais, teria odiado a si mesma por fazer aquele barulho, mas, naquele momento, estava possuída pela paixão.

Eu conheço essa sensação, pensou Olivia. Infelizmente, talvez nunca a experimentasse de novo.

Ela começou a beber outra garrafa.

AERON ENTROU NA fortaleza, com as mãos em forma de punhos. Não olhou para os lados nem seguiu para a cozinha, embora estivesse faminto. Começou a subir os degraus.

— Para onde você está indo? — Cameo perguntou, mantendo o ritmo ao lado dele.

— Encontrar Olivia. — Para interrogá-la. Não a beijaria, como quisera fazer nas últimas horas,

quando estava pensando nela em vez de procurar Pesadelos. Seu medo era ficar tão obcecado por ela quanto já estivera por matar Danika.

Só que ele não queria matar Olivia.

Queria finalmente terminar o que eles tinham começado na sua cama. Sim, os dois tinham chegado ao orgasmo, mas ele não afundara dentro dela. Não a levara até o fim.

Ainda assim. Ele já a sujara, pensou, pois espalhara seu sêmen por sua barriga. Ele já despertara a ira de Lysander. Não que ele se importasse mais. Não que o anjo já tivesse aparecido para atirar nele. Então, que outro mal poderia causar ao fazer amor com ela?

E assim, de repente, seu foco mudou. Em vez de interrogá-la, quando a encontrasse, tiraria sua roupa. *Lá vai você outra vez. Pensando nela em vez de cuidar dos seus deveres.*

E o silêncio do seu demônio não ajudava em nada. Se ele ouvisse a palavra *mais* de novo, explodiria em sua própria loucura sanguinária.

Concentre-se. Interrogue-a. Sim. Era isso o que faria. Não tiraria sua roupa. A menos que elas estivessem muito apertadas, assim estaria lhe fazendo um favor, tirando-as e ajudando Olivia a respirar.

Concentre-se, droga. Faça perguntas. A ela. Olivia tinha dito que ele não conseguiria encontrar a Garota das Sombras. Pesadelos. Scarlet. Qualquer coisa. E ela estava certa. Como ela poderia saber que a tal mulher desapareceria sem deixar rastros?

Parecia que ele precisava dela, afinal, pensou Aeron, fazendo uma careta. Mas isso não queria dizer que ficaria com ela. Definitivamente não. No entanto, deixá-la nua...

Ele socou a parede.

— Nossa. Você gosta tanto dela assim? — perguntou Cameo, incrédula. — Quero dizer, eu sei que você está dando uns pegadas nela, mas nunca o vi tão nervoso por causa de uma mulher.

— Não quero falar sobre ela.

— Certo. Não fale.

— Mas, se você insiste... Eu não consigo entendê-la, e isso está me deixando louco. — Ele raramente compartilhava seus problemas com os amigos. Eles já tinham muito no que pensar. Mas, naquele momento, ele não sabia mais o que fazer. Precisava de ajuda. Antes que perdesse completamente a razão.

Em um dos degraus, ele parou, e Cameo fez o mesmo. Aeron esfregou uma das mãos pelo rosto.

— Ela está me fazendo sentir coisas que nunca senti antes e desejar coisas que nunca desejei antes. Cronos deve estar querendo me dar uma lição. É a única explicação para o efeito que ela causa em mim. — Nenhuma outra mulher chegara perto de amarrá-lo daquele jeito. — Eu nunca deveria ter desafiado o deus-rei a me enviar uma mulher que me deixasse louco. Embora, nesse caso, eu nem tenha ido atrás dela, então ela não deve ser a enviada de Cronos. Meus deuses, isso não faz sentido. Algo tem que estar errado comigo.

Cameo bateu levemente no ombro de Aeron, com expressão de quem o entendia, apesar de toda a tristeza estampada nela. Ela abriu a boca para responder, mas o eco de um soluço feminino a deteve.

Trocaram um olhar confuso antes que Aeron voltasse a se mover. Ele reconheceu aquele timbre

encorpado e sexy, mesmo em sua tristeza. Mas o som não saía do seu quarto, nem do quarto ao lado do dele.

Um riso masculino ecoou em seguida, e Aeron fez uma cara feia. Gideon. Estava rindo. Isso deveria deixá-lo muito feliz, pois Gideon estava sofrendo muito recentemente. No entanto, não ficou nada feliz.

Aeron correu em direção ao quarto do amigo. Lá estava Olivia, deitada ao lado de Gideon, com a cabeça enterrada em seu ombro enquanto seu corpo tremia. Gideon, aquele idiota insensível, ainda estava rindo.

— O que está acontecendo? — Aeron exigiu saber, correndo em direção à cama. E não, o que estava correndo em suas veias como fogo não era ciúme. Era fúria. Estava irado pois Olivia estava incomodando seu amigo ferido. Sim. Estava furioso. Com Olivia. Não queria apunhalar Gideon no coração com uma de suas adagas.

— É melhor alguém me explicar o que está acontecendo antes que eu faça algo de que todos vamos nos arrepender.

Minha, seu demônio grunhiu.

Melhor do que “mais”, Aeron achou.

— Aeron? — Olivia encontrou seu olhar antes de afastar seus olhos cheios de água de Gideon. Ela chegou a esticar os braços e passá-los em volta do pescoço dele, agarrando-o com toda a força do mundo. Suas lágrimas encharcaram a camisa do guerreiro, e seu corpo voltou a tremer violentamente.

— Ah, que maravilha. Agora ele está zangado.

— Se você machucá-la... — Aeron ameaçou. Sim, ele admitia. Queria esfaquear Gideon.

Nunca machucara um amigo seu de propósito. Lutara contra eles? Sim. Bater a cabeça uns dos outros contra uma parede era simplesmente uma forma de aliviar a tensão. Mas Sabin já o apunhalara pelas costas uma vez, literalmente, e não para aliviar a tensão, mas por raiva mesmo, e Aeron jurara que nunca faria seus amigos se sentirem daquela forma: traídos.

Naquele momento, no entanto, não imaginou que seria capaz de se controlar. E também não poderia culpar seu demônio. Não havia qualquer imagem ruim piscando em sua mente, nenhum desejo de punir um pecador. Tudo o que havia era aquela mesma raiva cega.

Você não se importa com essa mulher. Vai se livrar dela na primeira oportunidade, lembrou a si mesmo, mesmo enquanto a agarrava e a puxava. Os soluços de Olivia se intensificaram, e ela tentou se agarrar a Gideon.

Aeron a soltou.

— Gideon! Responda. O que aconteceu? O que você fez com ela?

— Tudo. Ela é apenas uma bêbada muito feliz. — Gideon lhe deu um sorriso de desculpas.

A pura e doce Olivia estava bêbada? Pior, alguém, que não Aeron, a corrompera?

Raiva, sim. O obscuro sentimento se espalhou. Surpresa, também. E um ciúme que já não poderia negar.

— Ah, Aeron — disse Olivia, entre soluços, finalmente tentando buscar consolo nele, e não em seu amigo. — Isso é terrível. Eu não tenho asas, e você está determinado a me colocar na rua, sozinha

e desesperada. Legião foi tão má, e por alguns minutos eu fiquei com raiva. Nunca tinha sentido raiva antes. Não mesmo. Eu não gostei nada. E eu sei tantas coisas, poderia ajudá-lo tanto, mais até do que você imagina, mas você não quer a minha ajuda. Talvez Lysander estivesse certo. Talvez eu deva voltar para casa.

Ele se lembrou de como ela sangrava quando a encontrara, suas asas tinham sido recentemente arrancadas. Lembrou-se da dor que ela sentira quando Legião a mordera. A culpa substituiu todos os outros sentimentos dentro dele. Ele deveria... espere. Voltar para casa?

— Você pode voltar? — perguntou Aeron, estupefato.

— Ahã. — Sniff, sniff. — Em 14... não, dez dias. Estou perdendo as contas. Você disse que eu fiquei doente por três dias, certo? Mas, se eu voltar *mesmo*, serei forçada a matá-lo. É a única maneira de me aceitarem de volta no céu.

Então, se ela voltasse para casa, ainda teria de matá-lo. Ou pelo menos tentar. Ele podia viver com aquilo. Literalmente, era o que esperava. Assim ela estaria fora de alcance, longe de sua influência negativa e das necessidades nocivas, longe do perigo.

— Eu posso cuidar de mim mesmo, Olivia — ele disse, e ela explodiu em uma nova sequência de soluços.

— Mas não deveria ter de fazer isso sempre, Aeron. Alguém precisa protegê-lo da mesma forma como você sempre protege os outros.

Era assim que ela o mataria, ele imaginou. Com lágrimas e gentilezas. Ele já podia sentir uma dor forte e aguda no peito. Sempre fora o protetor, o responsável por manter os outros em segurança. Saber que outra pessoa queria tomar conta dele era quase irresistível.

— Descanse um pouco — ele disse a Gideon, que ainda sorria, antes de sair do quarto.

Foi então que ouviu Ira murmurando em sua cabeça, tão chateado quanto Olivia: *Minha. Machucar. Melhor.*

Estou fazendo o melhor que posso.

— Talvez não seja capaz de resolver nada do que você disse, mas se você finalmente me contar o que os demônios lhe fizeram, eu posso tentar ajudar a melhorar. Lembra como?

Olivia apoiou a testa em seu queixo com pelos levemente eriçados.

— Com um beijo.

— Sim. — Ele a apertou com mais força. Pelos deuses, ele era generoso. — Conte.

Sniff, sniff

— Não. Eu não quero.

— Você contou a Gideon?

— Não.

Mesmo bêbada, não havia chance de ela deixar nada escapar. Ele poderia ter insistido, mas não o fez. Por favor, deuses, sem mais lágrimas.

Dentro do quarto dele, Aeron a deitou sobre o colchão. Olivia olhou para ele, com seus olhos quase girando dentro das órbitas.

— Você quer fazer sexo agora? — ela perguntou, e depois soluçou. — Acho que dei minha calcinha para Gideon, então estou pronta para começar.

— Você deu sua calcinha para Gideon? E ele aceitou? — Incrédulo, Aeron lutou contra a vontade de conferir embaixo da saia dela, depois lutou contra o desejo ainda mais forte de voltar ao quarto de Gideon e finalmente atacar.

— Sim, e ele aceitou. Então, vamos fazer ou não?

Infelizmente, Aeron estava tentado. Mesmo com aqueles olhos inchados e com a pele manchada, Olivia era encantadora; e poderia levá-la para a cama facilmente. Seu corpo ainda a desejava, e ninguém jamais precisara de tanto conforto. Não que ele soubesse como confortar alguém. Mas ela merecia algo melhor do que uma primeira vez bêbada.

— Vá dormir, Olivia. Pela manhã... — Quando ela, e ele?, teriam apenas nove dias antes que ele garantisse que ela voltaria para casa. — ... temos muito o que conversar.

Capítulo Onze

LEGIÃO DEIXOU DE lutar contra as lágrimas enquanto corria entre as chamas e os gritos do inferno. O que antes fora seu lar passara a ser um odiado refúgio. Ela estava de quatro, galopando como um animal rasteiro, sensação que conhecia muito bem. Isso a mantinha próxima ao chão, sem ser notada, e aumentava sua velocidade. Além do mais, era a única posição permitida para alguém como ela. Se ela levantasse e caminhasse, todos os Altos Senhores ao seu redor se sentiriam compelidos a puni-la por tamanho atrevimento.

E, falando em Altos Senhores, eles estavam por todos os lados, torturando almas humanas que foram enviadas ali para apodrecer eternamente. Eles riam, pois adoravam cada segundo em que causavam sangue, dor e vômito.

Aeron nem ligava que ela estivesse ali, um lugar que ele sabia que Legião também odiava. Não mais. Como ele poderia? Ele protegera o anjo. Seu inimigo. E depois a salvara e, pior, confortara daquele anjo.

Por quê? Por que não tentara proteger Legião? Por que não a salvara e confortara? As lágrimas começaram a rolar, e como se misturavam ao veneno, causavam uma ardência em suas escamas.

Quando chegou a uma alcova escondida, cheia de sombras e pedras, ela parou, ficou de pé e pressionou as costas contra um muro de pedras pontiagudas, banhadas de sangue. Ela mal podia respirar, e seu coração, que agora estava partido ao meio, por culpa do maldito Aeron, batia acelerado.

Sua comprida língua bifurcada surgiu entre os lábios, e assim ela enxugou algumas lágrimas. Aquele veneno ácido deixaria qualquer um de joelhos, chorando e implorando por misericórdia, mas apenas ardeu um pouco. Ela quisera tanto que o anjo morresse com o seu veneno, mas não aconteceu. Aeron estivera muito determinado em salvá-la, e o que ele queria, ele sempre encontrava uma maneira de conseguir. Sempre.

O que ela faria? Na primeira vez em que vira Aeron, acorrentado e sedento por sangue, ela o amara. Ele estivera lutando para saciar sua sede, e até mesmo odiara a si mesmo por isso, e Legião nunca conhecera alguém que preferia salvar a destruir. *Ele pode me salvar*, ela pensara.

Em um piscar de olhos, ela resolvera morar com Aeron. Casar com ele. Dormir em sua cama todas as noites e acordar ao seu lado todas as manhãs. Em vez disso, ele pedira ao seu amigo Maddox

que construísse uma cama só para ela. Ainda assim, Legião desejava ser tudo para ele. E sabia que tudo de que precisava era tempo.

Mas tempo era um luxo que ela já não possuía. Não poderia voltar à fortaleza, pois ele convidara aquele anjo para ficar lá. Anjo idiota e feio, com seus cabelos longos e encaracolados, sua pele branca como uma nuvem. Legião, e todos os demônios, na verdade, não aguentariam a presença de tanta bondade por muito tempo. Aquilo doía. De alguma maneira, corroía tudo o que eles eram, destruindo-os pouco a pouco.

Mas Aeron não sentia dor, ela pensou sombriamente. Como ele conseguia isso? Ele recebera aquela vagabunda. Talvez Ira já tivesse vivido por muito tempo entre humanos, e por isso não reagia aos anjos como reagiria um demônio normal. Talvez Ira estivesse enterrado muito profundamente em Aeron.

De qualquer forma, Aeron deveria ter se preocupado com a dor de Legião. Mas ele não o fizera. Assim como já não se preocupava com *ela mesma*. Ele a mandara embora.

— O que há de errado, minha filha querida?

Legião arfou ao notar a repentina intrusão, encarando o recém-chegado com olhos arregalados. Não o ouvira se aproximando, mas ele já estava na sua frente, como se tivesse simplesmente se materializado. Ou já estivesse ali, esperando, invisível, todo aquele tempo.

Sentiu um tremor na espinha. Ela quis sair correndo, mas a pedra atrás dela a deteve. Muito, muito, muito ruim. Aquilo era muito ruim. Uma visita à qual ela não esperava sobreviver.

— Deixe-me em paz! — ela conseguiu falar, mesmo com o nó repentino em sua garganta. Um nó que segurava milhares de lamúrias.

— Você me conhece? — ele perguntou tranquilamente, não demonstrando estar ofendido.

Ah, sim. Ela o conhecia. Por isso as lamúrias. Ele era Lúcifer, irmão de Hades e príncipe da maioria dos demônios. Ele era o mal. O puro e verdadeiro mal.

Minha filha querida, foi como ele a chamara. Sei... Ele a apunhalaria pelas costas no momento em que ela se virasse e gargalharia ao fazer isso. Por pura diversão, como diria Anya. Legião engoliu em seco.

— Então? — Ele estalou os dedos, e, no momento seguinte, os dois estavam no meio de sua sala do trono. Em vez de pedra e cimento, as paredes do palácio de Lúcifer eram feitas de chamas crepitantes. — A pergunta é simples: você. Me. Conhece?

— E-eu... ssssim. — Legião já estivera ali antes, apenas duas vezes, mas na primeira, durante sua vinda àquele mundo, já saíra convencida de que nunca mais queria voltar. Na segunda vez, fora levada ali por punição, já que se recusara a torturar uma alma humana.

— Concentre-se — Lúcifer disparou.

Ela piscou os olhos e se obrigou a se concentrar nele. Nuvens de pó preto subiam do chão, das paredes e até mesmo do trono posto em cima de um tablado, envolvendo-a como dedos malditos. Havia gritos presos naquelas nuvens, e aqueles gritos a insultavam.

Tão feia, diziam.

Tão burra.

Tão desnecessária.

Ninguém a quer. Ninguém a deseja.

— Eu lhe perguntei outra coisa, Legião. Você vai responder.

Embora quisesse olhar para qualquer lugar, menos para ele, forçou-se a encará-lo. Lúcifer era alto, com cabelos pretos brilhantes e olhos dourado-alaranjados. Era musculoso, como Aeron, e bonito, mas não tanto quanto Aeron, embora o inferno estivesse evidente em sua expressão.

O que ele tinha perguntado? Ah, sim. O que havia de errado com ela?

— Eu... — O que responder? Uma mentira, claro, mas algo em que ele acreditaria. — Eu ssssó queria brincar.

— Brincar, hum... — ele disse, curvando os lábios lenta e maliciosamente ao girar em volta dela, aproximando-se, estudando-a, tirando suas medidas e claramente vendo o que lhe faltava. — Eu tenho uma ideia melhor.

O calor do seu hálito de alguma forma chegou à nuca de Legião, e ela estremeceu. Pelo menos ela não a apunhalara, como temera.

— Ssssim?

— Poderíamos fazer um pacto, eu e você.

O estômago de Legião ficou completamente revirado. Os pactos de Lúcifer eram notórios, pois sempre terminavam a seu favor. Dessa maneira ele conseguira escapar do inferno por um ano para viver livremente na Terra. Fizera um pacto com a deusa da Opressão, a responsável por garantir que as paredes que cercavam aquela prisão subterrânea estivessem sólidas e impenetráveis. Ela fora a responsável por permitir que muitos Altos Senhores escapassem. Aquela que, depois de tudo isso, morreu, e seus ossos foram usados para construir a caixa de Pandora.

— Não? — ela disse, e embora tivesse a intenção de fazer uma afirmação, deixou escapar uma pergunta.

Mais uma vez à sua frente, Lúcifer estalou a língua no céu da boca.

— Não seja tão precipitada. Você nem ouviu o que eu tenho a oferecer.

Não seria bom para ela, isso ela já sabia.

— Eu... eu deveria ir.

— Ainda não. — Ele girou o corpo e deslizou em direção ao seu trono, onde parou, sentou e relaxou, totalmente seguro de si. A fumaça o alcançou, cercando-o, e logo chegaram as chamas, dançando ao seu redor como se estivessem contentes de estar ao seu lado.

Legião tentou mudar o peso do corpo de um pé para o outro, apenas para perceber que seus pés estavam colados ao chão. Não poderia escapar. Não até que ele tivesse terminado com ela. Mas Legião não entrou em pânico. Já havia sido apanhada uma vez, e sobrevivera. Fora chamada de coisas horríveis e muitos já tinham rido dela. Fora atirada em buracos aparentemente sem fim e mandada para campos de gelo, incapaz de ir para qualquer outro lugar.

— Eu poderia ajudá-la a conseguir algo que você quer — disse Lúcifer. — Algo que você faria qualquer coisa para ter.

Ah... Não havia nada que ele pudesse oferecer que iria...

— Eu posso ajudá-la a conquistar o coração de Aeron.

Por um momento, ela se esqueceu de respirar. Apenas quando seus pulmões e sua garganta

começaram a arder e queimar, ela se forçou a abrir a boca e a inspirar um pouco de ar. Ele podia... o quê?

— Assim como você gosta de espiar o que acontece aqui para os Senhores do Mundo Subterrâneo — quando acabou de falar, a amargura era evidente em seu tom —, eu gosto de espiar o que acontece na superfície. Sei que está apaixonada por Aeron, guardião do meu querido Ira.

Ouvir seu escárnio fez com que ela erguesse o queixo.

— Ele também me ama. Ele me disssse isso.

Lúcifer levantou uma sobrancelha.

— Tem certeza disso? Ele ficou com tanta raiva quando você machucou o seu anjo querido.

A palavra *querido* usada para descrever aquele anjo imundo fez Legião ver manchas vermelhas à sua frente. *Ela* era a queridinha de Aeron. Ela. Ninguém mais.

Lúcifer acenou com uma das mãos majestosamente, e o ar à frente de Legião ficou mais espesso e se moveu, partículas de poeira brilhavam. Cores explodiram e ganharam vida. Em seguida, Aeron apareceu, inclinando-se e gentilmente levando o pulso do anjo à sua boca. Ele sugava o veneno que Legião injetara nela. E seu corpo flexível se acalmou.

Ver a boca de Aeron tocar aquela intrometida nojenta fez com que as manchas vermelhas que via brilhassem ainda mais e a raiva invadiu seu corpo. Raiva, ódio e determinação.

— Como você pode me ajudar? — ela se viu perguntando. A cena desapareceu e ela estava olhando para Lúcifer novamente. Fazer um pacto com ele talvez não fosse tão ruim. Talvez ela fosse a primeira a se dar bem. Ela era esperta. Tinha seus recursos. Certo?

— Vamos encarar os fatos — ele disse, seu olhar sondando seu corpo escamoso. — Você é tão feia quanto uma criatura pode ser.

Seu queixo caiu, enquanto uma onda de dor após a outra a atingia, e ela tentou recuar, querendo se esconder. Ela não era feia. Era? Era diferente de Aeron, claro. Também era diferente do anjo. Mas isso não significava que fosse *feia*.

— Eu quase posso ouvir os seus pensamentos. Permita-me opinar sobre eles. Sim, você é mesmo muito feia. Na verdade, dizer que você é feia é ser gentil. Eu mal suporto olhar para você. Na realidade, para acalmar meu estômago, vou ter que olhar por cima dos seus ombros enquanto terminamos essa conversa.

Então ela era feia, horrenda. Um monstro. Nem o próprio demônio suportava olhar para ela. Os olhos de Legião se encheram de lágrimas.

— Então, como você vai me ajudar? — ela perguntou mais uma vez.

Lúcifer baixou o olhar para as próprias unhas, amarelas e compridas, como se não tivesse nenhuma preocupação.

— Eu, um ser poderoso, posso fazê-la ficar bonita.

— Como? — ela insistiu.

— Para começar, eu lhe daria cabelos sedosos e ondulados. Da cor que você quisesse, e muito mais bonitos que os do anjo. Eu lhe daria uma pele sedosa e macia. Mais uma vez, da cor que quiser. Eu lhe daria olhos sedutores aos quais nenhum homem seria capaz de resistir. Um corpo alto e esguio, com seios fartos. Os homens são loucos por isso, você sabe. E, embora línguas bifurcadas

tenham sua utilidade na cama, talvez fosse melhor se livrar dela. A sua língua presa é irritante.

Ele poderia deixá-la bonita? Bonita o suficiente para seduzir Aeron? Ela sentiu a esperança florescer em seu peito; só de pensar em finalmente estar ao lado do homem dos seus sonhos, vivendo como marido e mulher, fez com que ela baixasse todas as suas defesas.

— O que quer em troca?

— Ah, isso... — ele disse, dando de ombros, como se não tivesse qualquer importância. — Tudo o que quero é possuir o seu novo corpo.

Ela fez uma careta.

— Não entendo. Como eu poderia ssseduzir Aeron ssse não vou ssser... eu messssma? Como poderia ssseduzir Aeron ssse na verdade *você* for eu?

Ele apertou o osso do nariz.

— Vejo que você também é burra, o que significa que vou ter que consertar isso. Eu não quis dizer que possuiria o seu corpo imediatamente, minha ingênua amiga. Eu teria permissão para fazer isso somente se você não conseguisse seduzi-lo.

Sua expressão de surpresa se intensificou. Ser bonita não significaria sedução automática?

O silêncio lhe rendeu um balanço de cabeça.

— Explicar as coisas claramente, como se eu estivesse falando com uma criança não funcionou. O que mais eu posso fazer?

As bochechas de Legião ferviam, e isso não tinha nada a ver com o fogo ao redor deles. Ela não era burra, nem era uma criança, droga!

— Você esstá tentando me confundir de propóssito.

— Na verdade, não estou. Não quero vê-la reclamando de ter sido injustiçada depois. Então, escute bem. Vou lhe dar nove dias para seduzir Aeron. Eu diria que tudo o que você precisa ganhar é uma declaração de amor dele, mas isso você já tem. O que você não tem é atração sexual, e é isso o que realmente quer. Então leve-o para a cama, sem forçá-lo, e ganhará nosso pacto. Você vai poder ficar com seu novo corpo e viver feliz para sempre. Sem a minha interferência.

Tudo soava justo, maravilhoso e perfeito. Tudo, menos o tempo.

— Por que nove diasss?

— O motivo importa? Não vai mudar nada em relação ao pacto.

Resistência. Com certeza o motivo importava.

— Diga — ela insistiu.

— Está bem. Nove é o meu número preferido.

Uma mentira, obviamente. Ela poderia insistir, mas... Descobrir a verdade era realmente mais importante que conseguir uma chance de alcançar o que mais desejava?

Não.

— E se eu falhar? — ela perguntou. Ele já lhe dissera o que queria em troca, sim, mas Legião precisava saber de todos os detalhes.

— Bem — ele respondeu, e com as pontas dos dedos traçava círculos nos braços de seu trono. — Se você não conseguir levá-lo para a cama, para foder, *não* para dormir, no prazo que combinamos, você deverá permitir que *eu* possua seu novo corpo, como já disse. Pelo tempo que eu

quiser.

Ali estava ele. O detalhe final. Lúcifer poderia controlá-la “pelo tempo que quisesse”. Em outras palavras: para *sempre*.

Mas por que ele iria... A resposta a atingiu de repente, e ela arfou. Lúcifer a via como uma oportunidade de escapar do inferno. Como Legião não estava ligada ao inferno, mas sim, a Aeron, ela podia sair dali. Lúcifer, não. Ele estava preso ali. Se ela lhe desse permissão para tomar seu corpo, então *ele* estaria livre para sair. O que ele quisesse, todos fariam. Ela ainda estaria consciente, mas seus desejos não importariam mais.

Se escapar do inferno e controlar seu corpo fosse tão simples, Lúcifer não perderia tempo fazendo pactos com ela. Mas os demônios não podiam possuir corpos, humanos ou não, sem permissão. Até mesmo os demônios da caixa de Pandora precisaram da bênção dos deuses para possuir os Senhores.

— Tudo depende de você achar se é ou não capaz de conseguir — disse Lúcifer. — Você acha que sim? Eu não tenho dúvida, o que faz com que eu me sinta um pouco bobo por oferecer esse acordo. Talvez eu nem devesse ter proposto nada. — Em um único movimento fluido, ele se levantou. — Quero dizer, existem outros demônios, até mais fracos que eu posso...

— Esssspere — ela se apressou a dizer. — Esssspere um pouco.

Lentamente, ele se sentou mais uma vez.

Ela não poderia deixar aquela chance escapar. O anjo, incapaz de dizer uma mentira, tinha lhe dito que Aeron a via como uma criança. Que Aeron se considerava um pai para ela. E isso nunca mudaria, a menos que ela fizesse algo drástico.

— Osss termosss devem esstar clarosss.

— E já não estão?

— Da minha parte, não.

Ele colocou uma das mãos sobre o peito.

— Você não confia em mim?

Ela balançou a cabeça negativamente. Um pacto era algo sério, mesmo para criaturas como eles. Uma vez que ambas as partes concordassem, ela estaria atada, e o pacto seria uma criatura viva dentro dela. Não poderia mudar de ideia. Se falhasse, teria de fazer o que prometera, sem hesitar.

— Fico magoado, mas muito bem — ele disse. — Diga exatamente o que espera de mim.

Se ela não falasse nada, não receberia nada além do combinado. O mais provável era que recebesse menos.

— Tenho que ficar maisss bonita que o anjo, com cabelosss clarosss, pele dourada, olhosss cassstanhosss e ssseiosss fartosss. — Exatamente o oposto daquela vadia. — Quero osss nove diasss completosss, sssem dessscontar nada. — Enquanto falava, sua animação aumentava. Ela iria se transformar mesmo. Iria tentar conquistar o coração de Aeron, de verdade. — E quero esstar acordada enquanto esstiver com ele.

— Droga — disse Lúcifer, com um brilho divertido nos olhos ardentes. — Aí você me pegou. Eu planejava deixá-la em coma até que seu tempo se esgotasse.

E ela o impedira de fazer isso. Ficou muito orgulhosa de si mesma ao perceber isso. Viu? Não era tão burra, afinal.

— Você também não pode matá-lo. Se ele morrer antes do meu prazo acabar, a apossta também morre.

— De acordo. Essas são suas únicas exigências? — ele perguntou, sempre indulgente.

— Eu não quero mais ter a língua presa, como você messsso disse. E quero aparecer primeiro na frente de Aeron, e não num ponto qualquer do mundo, e como essstou, e depoissss quero mudar de aparência na frente dele. — Dessa forma, ele não pensaria que ela era uma Isca ou um Caçador e tentaria se livrar dela antes que pudesse seduzi-lo.

— Isso é fácil. Só *isso*?

Ela engoliu em seco, pensando, depois assentiu.

Mais uma vez, Lúcifer ficou de pé. Ele esticou os braços, havia fogo saindo da ponta dos seus dedos.

— Então, estamos combinados. Você terá tudo o que pediu. Mas se não conseguir seduzir Aeron, Senhor do Mundo Subterrâneo e guardião do demônio da Ira, e levá-lo para a cama no prazo de nove dias, retornará a esta sala do trono, onde, de bom grado, concederá a mim o direito de possuir o seu corpo.

Outro aceno positivo com a cabeça.

— Diga em voz alta? — ele exigiu, deixando de lado a máscara de homem gentil e benevolente que fingira ser.

— Eu concordo.

No momento em que tais palavras saíram de sua boca, ela sentiu uma dor aguda atravessar seu corpo. Gemendo, ela caiu de joelhos. Não podia respirar, estava desaparecendo, todos os seus músculos tendo espasmos. Mas tão rapidamente quanto a dor surgira, o pacto ganhou vida dentro dela, depois a abandonou, e ela ficou ereta.

— Então, está feito — disse Lúcifer, abrindo o mesmo sorriso que lhe concedera no momento em que chegaram àquela sala. Um sorriso malévolo, satisfeito. — Eu esqueci de dizer que, quando você falhar, minha primeira atitude será assassinar todos os Senhores do Mundo Subterrâneo e libertar os seus demônios?

Capítulo Doze

ENQUANTO A NOITE abria espaço para o amanhecer, e os cidadãos acabavam de acordar e se preparavam para começar o dia, Aeron caminhava pelas ruas, com Paris ao seu lado, e os dois seguiam em meio às sombras, silenciosos. Talvez Paris, que não hesitara na escolha de sua companhia naquela noite — será que isso significava que estava finalmente superando a perda de Sienna? — parecesse estar tão perdido em seus pensamentos quanto Aeron, enquanto voltavam à fortaleza.

Olivia chorara até cair no sono, e ele a abraçara durante todo esse tempo. Quando ela finalmente ficara inconsciente, Aeron a levou para o apartamento de Gilly, imaginando que dessa forma tudo seria mais fácil. Se ela não pudesse falar com ele, não poderia tentá-lo a se desviar de seu propósito. Mas ele não saía imediatamente. Paris precisava de um tempo para ficar com sua escolhida, então Aeron se aninhou ao lado do anjo.

Mais uma vez, ele percebera que gostava de abraçá-la, o que era mais uma razão para finalmente se livrar dela. Porém, ao afastar-se, com a intenção de fazê-lo permanentemente, já não tivera tanta certeza de que realmente *queria* se livrar dela. Não que alguma vez tivesse tido certeza, mas, droga, sua determinação tinha sido abalada.

Vê-la nos braços de Gideon fez nascer um sentimento de posse que ele nem imaginava ter, pois os acontecimentos anteriores com Paris e William não serviam de comparação. Só de pensar em Olivia vagando por aquelas ruas, determinada a “se divertir”, sozinha, tão passível de ser enganada... Seus dentes rangiam, o que sempre acontecia quando pensava nela.

Um homem passou, chamando sua atenção. Um humano. De 20 e poucos anos. Grande. Instantaneamente, Ira começou a rugir, rosnando por liberdade, enviando imagens de mãos que se moviam e tocavam um rosto feminino que chorava.

Um que bate em mulheres, Aeron percebeu enquanto Ira lançava mais daquelas imagens em sua mente.

Você é uma inútil, o homem gostava de gritar, com cuspe jorrando de sua boca. *Não sei por que me casei com você. Já era uma vaca gorda naquela época, e agora é uma vaca ainda mais gorda.*

Pra variar, Aeron nem tentou se deter. E se Olivia tivesse sido o alvo de tanta ira? E se Legião também tivesse sido alvo? Permitindo que Ira tomasse as rédeas sem resistência alguma, amando seu

demônio mais do que deveria, *sem qualquer* sinal de culpa, ele girou nos calcanhares, correu para a frente e se aproximou do homem, que arfou quando Aeron o agarrou e girou no ar.

— Que merda é essa...?

— Aeron — Paris gritou, cansado.

Aeron o ignorou.

— Você me dá nojo, seu bosta, insignificante. Por que não tenta bater em *mim*?

O homem ficou pálido e começou a tremer.

— Eu não sei quem é você nem o que acha que está fazendo, mas é melhor sair da minha frente, seu idiota.

Devia ser um turista, pensou, ou então o teria reconhecido.

— Ou você vai fazer o quê? — Aeron abriu um sorriso lento e cruel. — Vai me xingar outra vez?

O homem deu um grunhido baixo. Ele tinha uma faca no bolso, Aeron percebeu repentinamente. Queria apunhalar Aeron na barriga e no pescoço, e vê-lo sangrar até morrer.

Sem aviso prévio, Aeron atacou. Seu punho direito chegou ao nariz do homem. Seguiu-se um gemido, um uivo de dor. O sangue se espalhou. Ele não parou, mas começou a movimentar a outra mão. Seu punho esquerdo alcançou a boca do homem, rasgando sua carne. O uivo se transformou em grito.

Aeron ainda não tinha terminado.

Não posso lutar limpo. Tenho que machucar. Ira estava totalmente no controle.

Mas Aeron não se importava.

Enquanto o homem tentava recuperar o equilíbrio e se soltar, Aeron bateu com o joelho na sua virilha. Seu oponente caiu de joelhos, deixando todo o ar dos seus pulmões escapar por seus lábios ensanguentados. Sem piedade. Aquele canalha nunca demonstrara piedade. Aeron chutou seu ombro, e ele voou para trás. Depois disso, ele estava sentindo tanta dor que não conseguia levantar nem se defender.

Encarou Aeron com os olhos cheios de lágrimas.

— Não me machuque. Por favor, não me machuque.

— Quantas vezes sua esposa lhe disse algo parecido? — Aeron se ajoelhou à sua frente, agarrando a cintura do homem com as pernas.

Utilizando um reservatório de força que ele provavelmente nem sabia que tinha, o homem de rosto pálido tentou escapar, arrastando-se para trás. Porém, Aeron simplesmente o apertou com ainda mais força, mantendo o canalha no lugar.

— Por favor. — A voz do homem tremia, ele estava desesperado.

Aeron atacava sem parar, dando um golpe atrás do outro. A cabeça do homem se dobrava para a esquerda e para a direita a cada novo impacto. Mais sangue jorrava. Até dentes voavam como se fossem pedaços de doce. Sua pele era rasgada e os ossos, quebrados.

Logo, já não havia grunhidos nem gemidos.

Aeron sentiu que alguém tocava seu ombro.

— Você já o puniu. Pode parar agora — disse Paris atrás dele.

Aeron ficou paralisado. Estava arfando, com as articulações pulsando. Muito fácil. Tinha sido

muito fácil. O homem ainda não pagara o suficiente por todo o sofrimento que causara. *Mas talvez tenha aprendido uma lição*, disse a voz da razão na mente de Aeron. E, para que a razão tivesse voltado, o controle devia ser seu novamente.

— Vamos para casa — Paris sugeriu.

Casa, não. Ele não estava pronto para voltar ao seu quarto, para a cama onde beijara e tocara Olivia. Parado, Aeron continuava de pé. Ele deu um último chute no estômago do homem antes de olhar para o amigo.

— Preciso de um tempo. Sozinho.

Ficaram em silêncio por um momento. Paris estudava a expressão dura do amigo. Finalmente, ele assentiu.

— Tudo bem. Talvez consiga usar esse tempo para baixar a pressão, porque nossa...

— É o que pretendo fazer.

Mesmo depois de Paris ter ido embora, Aeron permaneceu no mesmo lugar, tentando se recuperar. *Estou no controle*, ele lembrou a si mesmo, mesmo preferindo não estar. *Eu estou no controle*.

Ira continuava a vagar por sua mente, trabalhando freneticamente, pronto para atacar a próxima vítima.

Ele precisava de Legião.

Ou de Olivia, pensou em seguida.

Seu coração começou a bater forte por outro motivo, e Aeron precisou de um tempo para perceber por quê. Era uma mistura de excitação e arrependimento que o atingia, justamente como seus pulsos tinham feito àquele humano. Olivia não despertara quando ele a deixara no quarto de hóspedes de Gilly. Nem quando ele disse a Gilly que o chamasse assim que Olivia acordasse. Não, ela se deitara na cama, adoravelmente espalhada, com os cabelos caídos ao redor do corpo, roncando delicadamente. Lutar contra o desejo de se enroscar com ela mais uma vez já se provara ser uma missão impossível. Mas ele já conseguira. Ele saíra para baixar o nível com Paris.

Talvez devesse voltar para onde ela estava, pensou, seguindo em direção ao apartamento de Gilly antes de se deter. Olhou para os céus, esperando alguma orientação. Mas seus olhos nunca chegaram às estrelas. Em vez disso, viu asas brancas e com penas, e parou.

Galen. Líder dos Caçadores. Anjo falso. Idiota.

Automaticamente, Aeron agarrou duas lâminas e entrou ainda mais nas sombras. Não deveria ter ido à cidade sem uma arma, mas estava tão preocupado com Olivia que nem se lembrara de pegar algo mais. Galen estava empoleirado no topo de um prédio, com as asas abertas enquanto observava as ruas.

Se ele sabia que Aeron estava ali embaixo, olhando para ele, não deu qualquer sinal.

Durante todo aquele tempo, Ira não parou de maquinar na cabeça de Aeron. O guerreiro cometera pecados demais para que o demônio fosse capaz de processar; a necessidade de matar simplesmente inundou Aeron. *Controle. Controle absoluto*. Não poderia perder daquela vez.

Inesperadamente, Galen deixou o corpo ereto. Aeron pressionou as costas contra a parede do prédio atrás dele, tinha certeza de ter sido visto, mas se recusava a fugir. Talvez naquela noite eles

acabassem com isso. Finalmente.

Galen pulou, caiu... caiu... Suas asas se abriram ainda mais, ele as bateu uma vez e pousou suavemente, distante de Aeron.

Aeron retesou o corpo. Não poderia matar Galen sem sofrer sérias consequências, mas *podia* torturar o idiota antes de trancafiá-lo. E depois voltar a torturá-lo.

Um momento se passou, depois outro, e Galen simplesmente guardava as asas em suas costas e esperava. Ele não se aproximou.

Todas as fibras do corpo de Aeron queriam saltar para frente e atacar. Afinal, os ataques surpresa eram o seu ponto forte. Mas se manteve quieto. Algumas vezes, a batalha não era a melhor tática em uma guerra. Algumas vezes, simplesmente observar e aprender rendia recompensas ainda maiores. O que estava acontecendo ali? O que Galen estava fazendo em Budapeste?

Já estivera ali antes, claro, mas recentemente partira para combater um contingente de Senhores que invadira uma instalação em Chicago, onde os Caçadores estavam criando, e educando, crianças metade humanas e metade imortais. Todas eram ensinadas a odiar os Senhores.

Agora que a escola estava em ruínas, os Senhores tinham libertado as crianças e encontrado lares que as aceitaram de bom grado. Casas que os Caçadores, com sorte, nunca encontrariam.

Então Galen estava ali em busca de vingança?

Punir, disse Ira.

Ainda não.

— Finalmente — disse Galen, com sua voz densa preenchendo o silêncio.

Aeron olhou a área em volta, mas não viu ninguém se aproximando. Com quem ele estava falando? Consigo mesmo? Ou...

Um par de pernas surgiu poucos centímetros à frente de Galen. Só que as pernas não estavam presas a nenhum torso. O que era aquilo? Mal teve tempo de formular a pergunta quando surgiu uma cintura, depois ombros, braços, e ali estava, a parte interna do pulso direito da aparição, o símbolo do Infinito, a marca de um verdadeiro e dedicado Caçador, e finalmente, um rosto. Até que um homem estava de pé ali, completamente formado, segurando um pedaço de tecido escuro e ondulante.

Não era um fantasma, pois não havia nenhum halo brilhante ao seu redor. Era apenas um homem, tão real quanto Aeron. Mas como ele tinha ... *Tecido*. A palavra ecoou na mente de Aeron, seguida por outra: *Invisível*.

Ele arregalou os olhos de horror e surpresa. Tecido. Manto. O... Manto da Invisibilidade?

— Eu fico com isso. — Galen confiscou o manto e o dobrou uma, duas vezes. Em vez de fazer com que o material encolhesse, mas ficasse mais grosso, cada dobra diminuía tanto o tamanho quanto a largura do tecido, e em pouco tempo o guerreiro parecia carregar um simples quadrado de papel.

Claro! Aquilo não poderia ser outra coisa além do Manto da Invisibilidade. Galen guardou o artefato na sua túnica, enquanto Aeron automaticamente esticou o braço. *Espere. Fique aqui*. Deixou cair o braço ao lado do corpo. Primeiro a informação, depois, o artefato.

— Há câmeras aqui — disse o humano. — Eu não as encontrei, mas sei que os demônios

mantêm a cidade vigiada.

— Não se preocupe. — Galen riu, convencido. — Nós já cuidamos disso.

Ah, sério? Como? As câmeras não tinham sido desativadas. Torin teria lhe enviado uma mensagem de texto. Alguém tinha entrado no sistema e talvez estivesse repassando as mesmas imagens ininterruptamente? Isso tinha acontecido num dos filmes que Paris o obrigara a assistir. Ou talvez forças ainda mais poderosas estariam em jogo?

Cronos algumas vezes ajudava os Senhores, então, era possível que algum outro deus pudesse estar ajudando os Caçadores?

— Você confirmou que eles têm um anjo no meio deles? — Galen perguntou.

— Sim, embora ela não pareça ser tão poderosa quanto você.

— Poucos anjos o são. É verdade que estão apenas com metade da tropa?

— Sim.

Galen riu novamente.

— Ótimo. Agora junte-se aos outros e que fiquem escondidos até que eu volte. Algumas de nossas tropas desapareceram ontem, e mesmo nossa querida rainha os perdeu de vista. Assim que os encontrarmos, podemos atacar. E dessa vez, sem compaixão.

Punir!, disse Ira mais uma vez.

— Sem compaixão. Mas eu pensei que...

Galen balançou a cabeça.

— Diga aos outros que nosso experimento foi um sucesso.

O sorriso do homem foi contido, mas não menos satisfeito.

— Sem compaixão, certo.

Aquelas asas brancas se agitaram, bateram e depois se aquietaram. Galen franziu as sobrancelhas.

— Minha filha. Quero que seja mantida viva e que a deixem sozinha. — Com isso, ele voou pelos ares.

Sua surpreendente preocupação com Gwen não iria salvá-lo, Aeron pensou, lançando-se pelo ar também. Suas asas estavam completamente curadas e ele não teria problema algum em seguir...

Galen desapareceu. Estava ali um momento antes, e desaparecera logo em seguida.

PUNIÇÃO!

Droga, Aeron se irou silenciosamente. *Eu não posso*. O Manto tinha ido embora, estava fora do seu alcance, nas mãos de Galen. A única coisa que restava ser feita era conseguir mais informações. Embora isso não lhe redimisse por sua falha.

Estreitou o olhar, observando o humano logo abaixo dele. O homem vagava por entre os prédios e carros estacionados, sempre observando tudo ao seu redor. Aeron o seguiu. Finalmente, sua presa entrou no recém-remodelado Clube Destiny, sob nova direção e com novo nome: The Asylum. Entrou e não saiu mais.

Seria aquele o acampamento dos Caçadores?

Impossível. Alguns dos Senhores adoravam se divertir naquele lugar, então Torin instalara câmeras de segurança lá dentro. Eles teriam notado a presença de inimigos. Mas...

Talvez não fosse impossível. E se as imagens das câmeras estivessem sendo alteradas, como fora

nas ruas.

Outras perguntas começaram a brincar em sua mente. Que experimento tinha sido um sucesso? Para onde tinham ido as tropas de Galen? Quem era a “rainha” deles?

Com Ira ainda gritando em sua cabeça, exigindo ação, ele pegou o celular e enviou uma mensagem de texto para Torin. Convoque uma reunião. Duas horas. Tinha algumas coisas a resolver antes. Ou seja: Olivia. Se ela realmente tinha respostas, ele as conseguiria. Enquanto isso, ela poderia acalmá-lo, como ele planejara originalmente. Encontrei algo. Até vi Galen com o maldito Manto da Invisibilidade.

Torin, que parecia nunca dormir, respondeu instantaneamente. Uma hora. Se o que você sabe é mais importante do que nosso inimigo ter um artefato, quero ouvir o mais rápido possível.

Pronto. Aeron guardou o telefone no bolso e girou nos calcanhares, para voltar ao apartamento de Gilly, acordar Olivia se fosse preciso e conseguir as tais respostas. Mas, na metade do caminho, uma figura alta e ameaçadora o deteve.

Cronos, rei dos deuses, franzia a testa. Como sempre, vestia uma túnica branca comprida, e seus pés estavam envoltos por sandálias. Seus dedos estavam visíveis, com as unhas amareladas e curvas.

Mas Aeron não pôde deixar de notar que ele parecia mais jovem do que jamais estivera. Seus cabelos já não ostentavam fios grisalhos, mas estavam fartos e da cor da areia. Seu rosto quase sem rugas, seus olhos de um castanho mais brilhante do que Aeron estava acostumado a ver. O que causara tamanha mudança?

— Meu Senhor — ele disse, com cuidado para não deixar transparecer a irritação que sentia. Cronos raramente aparecia quando era invocado, mas não se importava em fazer uma visita nos momentos mais inoportunos.

Ira, ainda agitado e preparado, não projetou nenhuma imagem na mente de Aeron, mas ele nunca fazia isso na presença de Cronos. Como acontecera quando ele vira Galen, dono de vários pecados para serem processados, ele simplesmente recebia um ataque devastador. Não para matar, dessa vez, mas, curiosamente, para roubar tudo que o deus possuísse. Um desejo que ele não entendia, e que não fora capaz de decifrar.

— Você me decepcionou, demônio.

Não é o que eu sempre faço?

— Esse não é o lugar para esse tipo de discussão. Os Caçadores...

— Ninguém pode nos ver nem nos ouvir. Eu mesmo cuidei disso.

Da mesma forma como algum outro deus garantira que os Caçadores não pudessem ser vistos?, Aeron se perguntou novamente.

— Então, por favor, diga-me por que eu o decepcionei. Não posso viver nem mais um segundo sem saber o motivo.

Cronos estreitou os olhos castanhos.

— Seu sarcasmo me irrita.

Como ele bem sabia, coisas ruins aconteciam quando o rei ficava irritado. Coisas como a mente e o demônio de Aeron ficando loucos por sangue e colocar a vida dos seus amigos em perigo.

— Desculpe-me. — Ele curvou a cabeça para esconder o ódio que certamente cintilava através de

seus olhos.

— Preciso lembrá-lo de que a morte de Galen é tão importante para você quanto é para mim? Mas ainda assim você deixou que o anjo o distraísse.

— Não era isso o que você queria? — Ele não conseguiu evitar a pergunta.

Cronos acenou uma das mãos no ar.

— Você acha que eu dei algum crédito ao seu ridículo pedido? Não quero que se distraia, então por que eu enviaria uma mulher para garantir que sua atenção fosse desviada?

Aeron se perguntara a mesma coisa.

— Livre-se dela.

— Estou tentando — Aeron respondeu, com as mãos em formato de punho.

Fique com ela, Ira se intrometeu.

— Tente com mais vontade — ordenou Cronos.

— Ela só ficará por mais dez... não, nove dias. — Com a manhã se aproximando, ele perdera um pouco mais de tempo com ela. O que era uma coisa boa. Sim, uma coisa boa. — Depois ela vai voltar para o céu. — Onde deveria estar. E ele mesmo garantiria que isso acontecesse.

Uma forte dor devido à tristeza o atingiu, mas ele a ignorou. Da mesma forma como ignorou o choro de Ira.

Cronos pareceu apenas levemente satisfeito com tais palavras.

— Se ela não for embora, eu vou...

— Vai fazer o quê? Outro homem apareceu sem avisar. Ele era alto e musculoso, com cabelos claros e olhos escuros. Como Galen, ele tinha asas. Porém, as suas eram totalmente douradas.

Lysander.

Aeron só vira o anjo guerreiro algumas poucas vezes, e assim como acontecia com Olivia, não surgiam imagens de maldades em sua mente, nenhuma necessidade de punir de maneira alguma. O que não significava que Aeron gostasse daquele idiota.

Ela é boa demais para você, Lysander tinha dito. *Não a suje, ou vou enterrar você e todos os que você ama.*

Aeron não sentira o anjo em nenhum nível, nem antes nem agora, e odiou o sentimento de impotência que isso de repente lhe trouxe. Lysander poderia ter cortado sua garganta, e ele não teria tido chance de revidar.

Olivia tinha razão.

Cronos ficou pálido, muito pálido, de um jeito não lisonjeiro.

— Lysander.

— Machuquem-na — Lysander falou, seu olhar se revezando entre os dois —, toquem num único fio de cabelo de sua cabeça, e irei destruí-los.

— Como ousa me ameaçar? — Cronos trincou os dentes, numa expressão ameaçadora, com a cor voltando lentamente ao seu rosto, juntamente com sua fúria. — Eu, que sou todo-poderoso. Eu, que sou...

— Um deus, sim, mas você *pode* ser morto. — Lysander riu, mas sem demonstrar qualquer traço de humor. — Você sabe que eu não faço ameaças vazias. Pode ouvir a verdade em minha voz.

Machuque-a, e sua ruína será assegurada por minhas próprias mãos.

Silêncio.

Denso, pesado.

— Farei como quiser — disse Cronos, finalmente. — E você não poderá me deter. — Porém, contrariando suas palavras, ele desapareceu.

Aeron lutou para se orientar novamente. O deus-rei nunca recuara de nada. E se fizera isso agora, na diante de um anjo... Aquilo não trazia boas perspectivas para Aeron, que era muito menos poderoso.

— Quanto a você. — Lysander esticou a mão, e uma espada composta apenas de fogo surgiu. A ponta da espada estava apontada para a garganta de Aeron antes que ele pudesse piscar.

Sua carne fez um chiado, mesmo quando seus olhos se estreitaram.

— Isso tem a ver com a... sujeira?

— Você não faz ideia de como eu desejo matá-lo — disse o anjo. — Friamente, sem compaixão.

— Mas não vai me matar. — Caso contrário, o anjo já teria atacado. Eles eram claramente muito parecidos nesse ponto. Quando era preciso, os guerreiros agiam sem hesitação. Não paravam para conversar.

— Não, não vou. Bianka não iria gostar. Nem Olivia. — A espada abaixou, desapareceu. — Eu a quero de volta, mas ela... gosta de você. — A repulsa cobriu sua voz confiável. — Portanto, você vai viver. Por enquanto. Mas quero que a faça sofrer, que a faça odiar essa vida mortal, e quero que faça isso enquanto a mantém em segurança.

— Combinado.

— Tão facilmente? — Aqueles olhos escuros se ampliaram. — Você não quer ficar com ela?

Querer... sim. Naquele instante, só de pensar em perdê-la de uma vez por todas, ele admitia que parte dele realmente queria ficar com ela. Pelo menos por um tempo. Queria ajudá-la a se divertir, queria vê-la sorrir e ouvir sua risada. Queria abraçá-la novamente. Beijá-la novamente. Tocá-la novamente. E finalmente mergulhar naquele corpo pequenino e doce. Mas não faria nada disso. Ela ficaria muito melhor no céu, e ele poderia retomar a vida que criara para si mesmo. Uma vida sem complicações. Sem preocupações. Bem, sem contar as esperadas ameaças de acabar com sua vida.

Caso ela permanecesse na Terra, seria humana. Frágil. Em pouco tempo definharia e morreria. E ele só poderia assistir. Isso era algo que nunca se permitiria fazer. Em relação a ninguém. Nem mesmo a ela. *Especialmente* em relação a ela.

Minha, Ira grunhiu.

— Não — ele se forçou a dizer para... Ira, para Lysander. Não poderia continuar ignorando ou aceitando os clamores do demônio. Era muito arriscado. — Não quero ficar com ela. — Ao contrário do anjo, ele podia mentir descaradamente.

— Mas, ainda assim, você gostaria de... sujá-la completamente?

Aeron pressionou os lábios até que formassem uma obstinada linha. Eles *não* estavam tendo aquela conversa. Mas seu corpo já reagia ao pensamento de possuí-la, ficando rígido em todos os pontos sensíveis.

— Posso ver que sim. Muito bem, então. — Talvez eles estivessem mesmo tendo aquela

conversa. — Fique com ela... dessa forma, se é o que vocês dois querem. Eu não vou puni-lo por isso, pois ninguém sabe melhor do que eu o que é ter uma mulher tentando nos seduzir... É irresistível. E ninguém conhece Olivia melhor do que eu. Se ela não experimentar *tudo*... — e Lysander, o temível anjo, ficou de fato corado — ... não vai deixá-lo em paz. Então. Terminado o ato, faça com que se sinta péssima, como eu disse. Convença-a a ir embora, mas sem machucá-la fisicamente, e vou fazer o possível para convencer o Alto Conselho dos Céus a poupar você e a seu amiguinho demônio.

O melhor de Lysander seria igual a ter êxito. Não havia dúvida na mente de Aeron.

E isso significava que Aeron e Legião continuariam vivos, e Olivia estaria protegida para sempre. Olivia, a quem Lysander conhecia melhor do que ninguém. Aquela declaração provocara mais emoção do que qualquer outra; mais até do que a notícia de que eles seriam poupados.

— Obrigado — ele se forçou a dizer. Engraçado. As palavras pareciam ter sido empurradas por lâmina.

Lysander se afastou, um, dois passos.

— Vou embora agora, mas não sem antes lhe conceder uma informação que há tanto tempo deseja, pois você não poderá proteger Olivia como ela precisa se não souber o que acontece ao seu redor. — Ele não esperou por uma resposta de Aeron. Mas Aeron não tinha qualquer resposta. Caso dissesse algo, poderia acidentalmente fazer com que Lysander fosse embora, e não implorando para que continuasse. — Você sempre se perguntou por que Cronos se recusa a matar Galen com as próprias mãos. A razão é simples. Cronos e sua esposa, Rhea, odeiam um ao outro. Eles tomaram lados opostos nessa guerra travada por vocês e juraram não capturar nem matar qualquer Senhor com as próprias mãos. Foi a forma que encontraram de manter a luta um tanto quanto justa, imagino. Claro que Rhea é o escudo protetor e a informante de Galen.

Então era verdade... Um deus *realmente estava* ajudando os Caçadores. E não qualquer deus, mas a rainha dos Titãs.

Deveria ter descoberto, deveria ter imaginado. Aeron já a conhecera antes, quando os Titãs haviam derrotado os gregos pela primeira vez e tomado o céu. Eles o invocaram, esperando que lhes desse informações sobre os Senhores. Rhea tinha aparência tão velha quanto Cronos já tivera, com cabelos prateados e a pele cheia de rugas. Ela irradiava tanta frieza e ódio que Aeron se surpreendeu, embora naquela época estivesse mais preocupado com as novidades sobre a mudança da guarda celestial do que com o olhar frio de uma única deusa.

— Vou lhe dar mais uma informação — disse Lysander —, pois isso o ajudará mais do que qualquer outra coisa. Cronos e Rhea são exatamente como você.

Exatamente como ele?

— O que você está querendo dizer?

— Eles são deuses, sim, mas também são Senhores. Ela é possuída pelo demônio do Conflito, e ele... Ele é possuído pelo demônio da Cobiça.

Capítulo Treze

OLIVIA SOLTOU UM gemido. Suas têmporas pulsavam, e seu cérebro parecia ter sido banhado em gasolina e queimado. Ainda assim, ela piscou e abriu os olhos, determinada a descobrir o que havia de errado consigo mesma. Rapidamente, lágrimas se formaram, gotas que queimavam mais que sua cabeça. E naquele momento, quando a consciência a inundou, ela percebeu que sua boca parecia ter sido recheada de arame farpado e algodão.

Ela estalou os lábios, confusa, preocupada.

— Boa menina — disse Aeron. E ainda que as palavras em si fossem positivas, ele soava perturbado. Talvez até chateado. E falava alto. Muito alto. — Acorde. Vamos, Olivia. Você consegue.

— Fique quieto. — Através de uma grossa neblina, ela conseguiu focar nele, que estava agachado ao seu lado, com as duas mãos estendidas. Em uma delas, havia duas pequenas pílulas. Na outra, um copo com algum líquido escuro e fumegante. — Por favor.

— Preciso que tome essas pílulas e beba isso. — Pelo menos dessa vez ele sussurrou.

Sendo anjo, os sentidos de Olivia não estavam sintonizados com os daquele plano, e ela nunca sentira o cheiro real do que os humanos cozinhavam, bebiam ou passavam em seus corpos. Mas agora ela conseguia sentir, e o cheiro daquele líquido escuro era maravilhoso. Parecia uma espécie de poder engarrafado, algo que prometia um novo começo, que talvez até curasse todo o seu corpo.

Café, ela sabia que era assim que os humanos o chamavam. E não era de se estranhar que esperassem em longas filas, dispostos a dar todas as moedinhas de seus bolsos para tomar um único gole daquele líquido.

— O que são essas coisas? — ela conseguiu balbuciar, apontando para as pílulas com um movimento do queixo. Que erro! Fazer aquele movimento a deixou tonta.

— Apenas tome. Elas vão fazer você se sentir melhor.

Mais uma vez, ele não murmurou, e ela tapou os ouvidos.

— Você tem uma voz interior? Poderia usá-la, por favor.

Ele colocou as pílulas nas mãos de Olivia, gentilmente.

— Pare de brincadeira. Não temos muito tempo.

— Shh! Livvie está falando, e ela não hesitaria em acabar com suas cordas vocais se você não falar

baixo.

Por que ela gostava daquele homem mesmo?

— Levante-se. Agora.

Cautelosamente, ela se sentou e esfregou os olhos sonolentos. Sua mente ainda queimava e quase explodiu; ela gemeu.

Aeron fez uma cara feia para ela, impaciente. Não, impaciente não. Sua expressão era dura, sim, mas o que quer que ele sentia era ainda mais duro. Mais carente? Seu gemido o teria *afetado*?

Ela queria melhorar a aparência. Conseguiu arrumar o cabelo, apenas para perceber que seus cachos caíam sobre os ombros em incontáveis fios emaranhados. Suas bochechas ficaram vermelhas quando ela puxou o cordão do roupão. Ou tentou puxar. Franzindo a testa, olhou para baixo. Camiseta azul e uma saia preta curta.

Por que ela estava... Sua ousada transformação, lembrou-se. Ah, sim. Mas aquilo não explicava sua dor de cabeça. Ergueu as pálpebras e encontrou o olhar penetrante de Aeron.

— Eu me machuquei?

Ele bufou.

— Dificilmente.... Você bebeu demais e agora está pagando o preço.

Aquele não era o único preço que estava pagando. Terríveis lembranças a inundaram, uma após a outra. Depois daquela primeira garrafa de suco do sorriso, que claramente não lhe rendera muitas risadas, ela experimentara uma terrível sensação de perda. Depois da segunda garrafa, uma depressão angustiante a invadira, e ela chorara descontroladamente. Gideon a abraçara e ela chorara em seu ombro. Por causa de Aeron. *Constrangedor*.

Aeron levou a mão à boca de Olivia.

— Tome essas pílulas, mas não mastigue. Entendeu? Engula-as inteiras.

Ela conseguiria? Naquele momento, pareciam do tamanho de laranjas. Seu braço tremia enquanto ela colocava as pílulas entre os dedos e as enfiava na boca. Tentou engolir. Não conseguiu. *Argh*. Que gosto horrível! Seu rosto se contorceu com náusea.

— Beba. Isso vai ajudar. — Ele segurou a xícara fumegante perto dos lábios dela e derramou o líquido em sua boca.

Olivia se engasgou. O cheiro da bebida era maravilhoso, mas o gosto era como ácido de bateria misturado com poeira. Quão refinado seria se cuspsse tudo em cima da cama?

— Engula — ele insistiu, quando ela colocou a xícara de lado.

Ela engoliu. Muito mal. As pílulas escorregaram por sua garganta, esfolando-a ainda mais, como também o fizera o nojento café. Quando parou de tremer, olhou para ele e disse:

— Nunca mais faça isso comigo!

Ele girou os olhos e sentou sobre o quadril novamente:

— Foi você quem fez isso consigo mesma, ao permitir que Gideon a deixasse bêbada.

Quantas vezes ele teria de lembrá-la de sua estupidez?

— Agora eu preciso que você se levante. *Livvie*. Temos algo a fazer.

Tudo o que ela queria naquele momento era voltar para a cama. De fato, ela caiu de costas no colchão e olhou para o teto. Havia um pôster de uma mulher de biquíni, com pele dourada,

bochechas rosadas e mamilos rígidos. Seus longos cabelos loiros balançavam ao vento. Olivia franziu a testa, a confusão voltava. Aquilo não estava ali antes.

Ela olhou o resto do quarto, mas não reconheceu nada. Havia uma cômoda de madeira com um vaso de cristal que brilhava sob as luzes que atravessavam as cortinas brancas, quadros de flores de diferentes cores nas paredes e um bonito tapete bege no chão.

— Esse não parece o seu quarto — ela disse.

— É porque não é.

Ela franziu ainda mais a testa.

— Então... de quem é?

— Seu. Você vai ficar aqui com Gilly, nesse quarto de hóspedes. Você conhece Gilly? — Ele não lhe deu tempo para responder. — Paris e William já ficaram aqui antes, por isso esse pôster no teto. Mas, enfim, você ficará por aqui até resolver voltar ao céu.

Olivia finalmente entendeu tudo. Aeron estava tão desesperado para se livrar dela que a levava até a cidade enquanto ela dormia. Ah, isso doeu.

— Olivia?

Lute contra sua dor.

— Sim, eu conheço Gilly — ela respondeu, com voz trêmula. Ela conhecia aquela menina melhor do que qualquer Senhor, na verdade. Gilly era jovem e doce, e vivera tragicamente até chegar ali. Seus pais a feriram de tantas formas.

Em certo momento, Olivia fora a responsável por levar alegria à vida de Gilly. Fora por isso que, quando Gilly fugiu de casa, Olivia guiara a adolescente até Los Angeles. De uma forma que nem Olivia entendera, ela soubera que Gilly encontraria salvação ali. O que não soubera na época era que a salvação seria Danika e os Senhores do Mundo Subterrâneo.

Sua Divindade trabalhava de maneiras misteriosas.

— Mas — ela continuou —, eu não vou voltar ao céu.

A determinação fez brilhar os olhos de Aeron, mas tudo o que ele disse foi:

— Conversaremos sobre isso mais tarde. Agora, como eu disse, temos um trabalho a fazer. Você tem tempo para tomar um banho rápido, mas tem que ser um banho multitarefa. Tenho algumas perguntas a lhe fazer, então conversaremos enquanto você se limpa.

Ele não esperou pela resposta de Olivia, mas tomou-a nos braços e levou-a até o banheiro. Não houve tempo para desfrutar do passeio. Aeron a sentou, evitando maior contato, inclinou o corpo e abriu o chuveiro. Ele tinha uma bunda legal, ela observou, bem abraçada por sua calça jeans. E com “legal” ela na verdade queria dizer “tão maravilhosa que seu estômago revirava”.

Água quente começou a jorrar da torneira, levando-a a desviar os olhos. Quando ele percebeu o que tinha feito, *queria mais*, ele já tinha levantado novamente. Tão frustrante. Talvez não. Aquela água prometia força, vitalidade e... ela baixou as pálpebras até a metade dos olhos. Diversão, segundo *round*? Possivelmente. Era o seu primeiro banho, e Aeron a observaria. Com sorte, ele não seria capaz de ficar olhando sem tocá-la.

De repente, aquela manhã parecia estar começando de um jeito muito melhor.

O desejo fez o corpo dela tremer.

Aeron olhou para ela, e mesmo tendo exatamente a mesma altura de sempre, parecia maior, mais ameaçador. Seus olhos violeta brilhavam, suas tatuagens eram plenas, e a pulsação em seu pescoço martelava violentamente. Ele vestia camiseta e calça pretas, ambas facilmente removíveis, e Olivia podia ver a protuberância causada pelas armas que carregava na cintura e nos tornozelos.

Tão lindo, ela pensou, com o coração a mil. Queria tocá-lo novamente. Queria fazer seus lábios dançarem sobre o corpo de Aeron. *Especialmente* entre suas pernas. Quando ela o agarrara ali, sentira aquele jorro de umidade.

Qual seria o gosto daquele líquido?

Ele engoliu em seco. Teria captado os pensamentos de Olivia?

— Você sabe como tomar banho, certo? Primeiro... tire a roupa — ele engasgou nas palavras —, depois vá para debaixo da água e se ensaboe da cabeça aos pés.

— Você vai me acompanhar? — Ela tirou o top por cima da cabeça, deixando-o cair no chão. Revelar seu corpo deveria tê-la deixado desconfortável, ela supôs, mas queria que ele a visse e que a desejasse, assim como ela o desejava. Além do mais, era uma mulher confiante, agressiva e agora que sabia o tipo de prazer que poderiam proporcionar um ao outro, ela faria qualquer coisa, diria qualquer coisa, para recebê-lo novamente. — Ou vai ficar só olhando?

Se esse for o caso, pode me olhar. Ela agarrou os seios, exatamente como o imaginava fazendo, incapaz de parar. Ah, sim. Que sensação boa.

Ele arregalou os olhos, parecendo colado a ela, e o ar no banheiro começou a mudar. Ficou carregado de eletricidade.

— Não faça isso — ele disse, áspero, sufocado.

— Por que não?

— Porque sua Divindade deveria receber um prêmio por ter criado tudo isso. — Ele sacudiu a cabeça, sem desviar os olhos estreitos dela. — Quero dizer... Porque eu... Droga. Droga. Eu deveria ser punido. Esses pensamentos na minha mente...

Eram iguais aos dela?

— Aeron — ela suplicou.

— Acabei de perceber que eu nunca os beijei — ele disse, com uma voz rouca, que continha a mesma eletricidade que vibrava no ar. — Pelos deuses, mulher, isso é um *crime*.

— Beije-os agora. — *Por favor*.

— Sim. — Ele se inclinou na direção dela, curvando a cabeça, suas pupilas se dilatando... E daquela vez ela *sabia* que era desejo, e não raiva.

Os mamilos de Olivia se transformaram em pérolas, esperando, ansiosos... Mas pouco antes do contato, ele caiu em si, endireitou o corpo e resmungou. Ela soltou todo o ar que nem sabia que estava prendendo. Ele quase... Doce Divindade. Ele realmente quase a beijara lá.

— Aeron. — Que dor aquele desejo provocava... *Continue. Não pare agora*.

— Não.

— Por quê?

— Porque sim! — Ele sabia o que ela queria, do que ela precisava, mas ainda assim negava. *Porque sim*. Idiota! — Faça isso sozinha. — Ele passou por ela e saiu do banheiro, batendo a porta

atrás de si, deixando apenas uma fenda de luz.

Tão perto.

Ela poderia ter gritado, sua pele de repente parecia muito apertada para seu corpo. Em vez disso, ela tirou o resto de suas roupas e entrou no box. No momento em que o primeiro jato de água caiu sobre ela, Olivia desejou *ter gritado*. Faria qualquer coisa para aliviar aquela pressão dentro dela. Pressão provocada pela simples e suave carícia da água.

Tentou deixar a mente livre, mas uma avalanche de palavras continuava chamando sua atenção.

Beijo. Seios. Corpos. Movimento. Massagem. Argh!

— Não estou ouvindo você se ensaboando — disse Aeron.

— Vá se catar — ela respondeu, repetindo uma expressão que ouvira os humanos dizerem para alguém que os irritava. Ah, e como Aeron a irritava.

Beijo. Seios. Corpos. Movimento. Massagem. Deslizando. Tomar. Seus joelhos quase fraquejaram.

— Olivia. — Seria um aviso?

— Cale-se, demônio! — Tremendo, ela colocou um pouco do sabonete com cheiro de rosas nas mãos e finalmente começou a limpar o corpo. Até isso a incomodava, aumentando a pressão. Como ele era capaz de excitá-la tão rapidamente, e de forma tão intensa? *Sem beijá-la!*

Beijo. Seios. Corpos. Movimento. Massagem. Deslizando. Tomar. Possuir. Lamber. Chupar.

Em pouco tempo, ela não aguentaria mais.

Distração. Sim, era disso que ela precisava.

— Paris e William usaram esse sabonete? Ah, sim, você já pode falar.

— Não sei, e isso não importa. Você nem deveria estar pensando neles. Mais do que isso: sou eu quem vai fazer as perguntas aqui. Como você sabia que nós falharíamos ao tentar capturar Scarlet ontem?

— Eu já disse. Eu sei muitas coisas que podem ajudá-lo, mas até agora você nunca se mostrou interessado em saber.

— Bem, estou interessado agora, então comece a falar. Existem outros imortais possuídos por demônios na cidade?

Confiante, lembrou a si mesma.

— Você acha que isso é fácil assim? — *Agressiva*. — Basta você exigir algo e eu tenho que ceder?

Seguiu-se uma pausa. Depois ele disse, hesitante:

— O que você quer?

Alívio!

— Vamos começar com um pedido de desculpas.

— Sinto... muito.

Um pedido feito com raiva e recebido com ambição.

— Não — ela respondeu, finalmente. — Não existem outros imortais possuídos por demônios na cidade.

— Tudo bem, então. Preciso que você me leve aonde Scarlet está.

— Desculpe-me, mas não. — Olivia girou o corpo e voltou para debaixo da água, fazendo as bolhas deslizarem por seu corpo. *Beijo. Seios...* Argh! — Não vou fazer nada por você.

— Vai, sim.

Mais uma exigência, feita com tanta determinação... Essa determinação deveria soar irritante, e não sexy. *Pressão acumulando... mais uma vez...*

— Por que está tão ansioso para obter minha ajuda agora?

— Quero que veja o tipo de vida que levo. Quero que veja as lutas, o sangue e a dor. Quero que veja que não me importo com ninguém além dos meus amigos e de Legião. E eu vou machucar qualquer pessoa, *qualquer pessoa mesmo*, que os ameace.

Qualquer pessoa? Até mesmo... Olivia? Apesar de ele ter escolhido ajudar Olivia no dia anterior e mandado Legião embora? Sem dúvida. Adeus, pressão. Olá, vazio. As palavras de Aeron foram frias, duras, mais uma promessa do que uma ameaça. Ele poderia não querer fazer isso, mas não impediria a si mesmo.

— Tudo bem — ela disse. Se o que ele queria era passar o resto da vida lhe mostrando tudo aquilo, Olivia aceitaria. E retribuiria o favor! Ela lhe mostraria exatamente o que ele estaria perdendo se ela fosse embora. Como os seios, pois ele deveria ser “punido” por ignorar. Como a boca que tanto desejava chupá-lo.

Pressão... pior do que antes...

Respirar. Ela precisava respirar. Fechou o registro até a água parar de cair, e o ar à sua volta instantaneamente a deixou fria. Mas nem isso conseguiu esfriar suas necessidades. Pequenas protuberâncias se formaram ao longo de sua pele molhada, e ela gemeu. *Chega.*

Talvez devesse proporcionar alívio a *si mesma*, pensou, intrigada. Aeron usara os dedos... e ela também tinha dedos... Lambeu os lábios, com o coração pulando novamente. Ele não precisaria saber. Voltaria a ligar o chuveiro, fingindo estar se ensaboando outra vez, e...

— Terminou? — ele perguntou.

Ela ficou tensa.

— Eu... eu... só...

— Olivia, acho que comentei que não tenho muito tempo.

Era verdade. Ele não permaneceria vivo por muito mais tempo.

Aquela lembrança a deixou um pouco mais lúcida e esfriou o seu desejo, o que o ar não fizera. Ela imaginava já ter aceitado a ideia de sua morte vindoura. Mas... apenas nove dias curtos? Não era tempo suficiente para que ela experimentasse tudo o que queria ao lado dele. Ainda mais teimoso como ele era.

Cabe a você fazer com que seja suficiente.

— Certo — ela disse com um suspiro e saiu do box. Ir com ele agora lhe proporcionaria mais tempo com ele. Ela achava que não iria torturá-lo com o que nunca teria, pensou amargamente, odiando ter de abrir mão de tão doce vingança. Ela *supunha* que ofereceria seus seios e sua boca desejosa, além de tudo o mais que ele quisesse, sem restrição.

Entre um oferecimento e outro, poderia proteger Aeron, como prometera fazer, caso alguém ou algo o ameaçasse.

— Certo o quê? — ele perguntou, confuso.

Havia uma escova de dentes em uma prateleira, junto com um pequeno tubo de pasta de dente

de menta. Já vira os humanos fazendo aquilo milhares de vezes, então sabia como proceder e conseguiu escovar os dentes sem qualquer incidente.

— Certo, eu vou mostrar onde Scarlet mora.

Com a boca limpa e fresca, ela pegou a escova de cabelos em cima da pia. As cerdas se prenderam a vários cachos, e ela fez algumas caretas de dor, mas não parou até que seus cabelos estivessem macios. Da próxima vez, deveria lembrar-se de levar seu roupão, mesmo que não planejasse vesti-lo.

— O que a fez mudar de ideia? — Havia uma pitada de suspeita em cada palavra.

— Discutir com você é perder um tempo precioso. — O que era verdade, apesar de um pouco equivocado.

— Uma mulher racional. Quem imaginaria?

Ela deixou a escova na pia.

— Um homem insensível que não receberá beijo algum se continuar assim. — Mais uma vez, era verdade. E aquilo era chocante. O seu lado vingativo... ela gostava dele.

O silêncio foi sua resposta. Aquilo significava que ele queria outro beijo? Apesar de seu recém-descoberto prazer com o tormento, Olivia tentou não alimentar muitas esperanças.

— Eu não machuquei Legião, você sabe disso — ela disse. — Mesmo quando ela me machucou.

— Na verdade, anjo, ela se sente mal sempre que você está por perto. Ou costumava ficar mal, quando você tinha asas. Mas eu nunca me senti mal, nem os outros guerreiros, e somos tão demoníacos quanto Legião. Por que isso acontecia? Você fazia isso de propósito?

— Claro que não. Embora seja verdade que os demônios odeiam ficar perto de anjos, você conseguiu humanizar o seu. Em alguns aspectos, pelo menos. — Agora chega de falar de Legião, mesmo que tenha sido Olivia a responsável por tocar no assunto dessa vez. — Você quer ou não quer saber como capturar Scarlet?

— Sinto muito — ele murmurou. — Quero, sim.

Ela lutou contra um sorriso. Outro pedido de desculpas. Também feito com ressentimento, mas doce.

— O que sei é o seguinte. Como ela é possuída por Pesadelos, fica enfraquecida durante o dia. — Enquanto falava, Olivia observava seu reflexo no espelho embaçado. Havia marcas sob seus olhos e suas bochechas estavam um pouco inchadas. Ela sempre quis que Aeron a visse em seu melhor estado, e não daquela forma, mas não poderia fazer nada. — Nesse ponto, ela é como os vampiros. Dorme durante o dia, quando seu corpo está muito frágil, até mesmo para caminhar.

Aeron precisou de um momento para absorver o que ela tinha dito.

— Vamos capturá-la hoje, então, enquanto estiver dormindo.

— Por que tanta urgência? E o que planeja fazer com ela?

— Os Caçadores estão na cidade. Nós encontramos seu esconderijo e agora sabemos que eles estão sendo ajudados por Rhea, a deusa-rainha. Queremos fazer algumas perguntas a Scarlet, evitar que ela ajude os Caçadores.

— Eu poderia ter lhe dito que eles estavam na cidade, mas você se recusou a me escutar.

— Eu sei, eu sei, e sinto muito por isso também. Então, o que você sabe sobre Rhea?

Mais um pedido de desculpas. Ele merecia uma recompensa.

— Sei que ela intitulou a si mesmo como Mãe Terra, e que está ajudando os Caçadores — respondeu Olivia, embora só conseguisse pensar em dar aquela recompensa a Aeron. — Sei que ela estava enfraquecida no Tártaro, como todos os Titãs, e foi assim que os gregos conseguiram fazer com que o demônio do Conflito a possuísse.

— Não acredito que essas informações estavam debaixo do meu nariz esse tempo todo — ele murmurou. — Se o seu demônio for libertado, ela morre? Como nós?

— Sim.

— Então, por que ela está ajudando os Caçadores?

— Pela mesma razão que fez Galen se transformar em seu guia. Eles planejam matá-los e salvar a si mesmos, e depois usar seus demônios para proveito próprio. No caso de Rhea, o que ela quer é tomar o controle dos céus e destruir Cronos de uma vez por todas.

Se ele tinha mais perguntas, e ela estava certa de que sim, Aeron não se permitiu fazê-las. Ele estaria planejando buscar essa outra fonte, seja lá quem ou o que fosse? E ele tinha mesmo uma fonte. Isso estava claro. Nunca soubera tanto das coisas. Se soubesse, não precisaria de Olivia, e ela odiava pensar nisso.

— Obrigado pelas informações — ele disse, de forma grosseira.

— De nada. — *Desafie-o. Seja confiante. Agressiva. Prove que ele precisa de você para ter mais respostas.* — Aceito o pagamento em forma de beijos. Aliás, acho que lhe devo dois. Afinal, você já pediu desculpas por ter sido tão insensível.

Aeron limpou a garganta.

— Sim, bem... eu nunca disse que iria lhe pagar alguma coisa. Nem que eu *aceitaria* pagamento. E... nós, ahn... precisamos ir embora.

Que homem decepcionante.

— Apenas me deixe... — Olivia olhou para a toalha. Se envolvesse o corpo com ela, estaria desistindo, e não estava pronta para desistir.

Ela mordeu os lábios quando as palavras de Gideon voltaram à sua cabeça. Na verdade, a sua tradução para as palavras dele. Os homens gostavam de mulheres nuas. Eles tinham dificuldade em resistir a mulheres nuas. Então, nada de toalha, ela pensou, vibrando de expectativa.

Pressão...

— Não importa — ela disse, com voz rouca. — Estou pronta.

Arqueando as costas para levantar os seios, sim, ele gostava dos seus seios, ela agarrou a maçaneta e abriu a porta completamente. *Confiante.* Aeron estava encostado contra a parede, de costas para ela. Seus braços ainda cruzados sobre o peito. Infelizmente, continuava vestido.

Agressiva. Eles teriam de dar um jeito nisso.

Nua e molhada, ela surgiu na frente dele, com o coração batendo pesado, ainda mais forte do que quando pensara em se tocar. Quando Aeron olhou para ela, seu queixo caiu. Suas narinas se alargaram. Suas pupilas praticamente explodiram, deixando as íris violetas completamente obscurecidas.

Olivia quase gemeu. Ora, ora... Gideon tinha razão; Aeron gostava mesmo de olhar para uma mulher nua.

Avance mais. Aquela dor... ela precisava de Aeron para aliviar aquela dor.

— O que acha da minha roupa? — ela perguntou, dando um rodopio.

Sons desconexos saíram da boca de Aeron.

Ela nunca deveria voltar a se vestir.

— Sou humana agora, e os humanos sempre cobram por seus serviços. — Será que ele notava o nervosismo e a excitação na voz dela? — Então, se quiser qualquer outra informação de mim, e acredite, eu tenho muito mais a oferecer, terá de fazer por onde...

— Como? — E a palavra saiu como um rosnado, mas sem qualquer indício de raiva. — Com os tais beijos que você mencionou?

— Essa era a taxa há cinco minutos, e você se recusou a pagá-la. Portanto, meu preço subiu agora. Caso queria saber algo mais, terá de me esquentar com seu corpo. Estou com frio. — *Estou tão quente, estou pegando fogo.*

Ele engoliu em seco. Ficou com o corpo ereto. Seu olhar viajou por toda a extensão do corpo de Olivia, parando em seus seios, entre suas pernas. Sua respiração ficou entrecortada, superficial.

— Bendito inferno. Estou morrendo. Morrendo.

Eu também.

— *Aeron. Dê-me. Aceite-me.*

— Não... não temos tempo.

— Arrume tempo — ela disse, aproximando-se dele. *Devo... tocar...*

Ele poderia ter tirado Olivia do seu caminho, e ela não seria capaz de detê-lo, mas não o fez. Suas grandes mãos pousaram em sua cintura, com os dedos pressionando bem fundo. Finalmente!

— Eu não deveria — ele disse. — Eu disse a mim mesmo que não faria, mesmo que ele não...

— Ele? — *Mais.* — Ele quem?

Num primeiro momento, Aeron não respondeu, não disse nada.

— Meu... demônio — ele finalmente disse, em tom duro, com os dedos se espalhando para cobrir uma área maior do corpo de Olivia. Ele a tocou, da base de suas costas até suas nádegas. Ele a queimava. — Ele não vai... machucar você. Pelo menos dessa vez, não preciso me preocupar.

“Ele” e não “isso”? O que tinha mudado entre aqueles dois seres?

Quem se importava? *Continue!*

— Então por que diz que não deveria ficar comigo? — Se Aeron esperava dissuadi-la desse caminho, nunca deveria ter lhe apresentado à paixão. Fora um erro seu, e Olivia tiraria total proveito dele. — Não existem obstáculos.

— Obstáculos... — Ele ficou pensando na palavra, com o olhar colado nos lábios dela. — Nós somos...

Ela pousou as palmas das mãos no peito de Aeron, não querendo ouvi-lo falar sobre sua interminável lista de inconvenientes. Como ele provavelmente planejara. O coração de Aeron batia mais forte e mais rapidamente que o dela. Um bom sinal. Ainda assim. Querendo que ele batesse ainda mais forte e ainda mais rapidamente, ela arqueou a parte inferior do corpo contra o dele e gemeu. *Ah, isso...*

— Você gosta de obter respostas, certo Aeron? Isso é importante para você? Então, para o seu

bem e para o bem das pessoas que você preza. Apenas *pague-me*.

Ele lambeu os lábios, deixando-os brilhantes e úmidos. Uma prova, era tudo de que ela precisava...

— Quem iria imaginar que um anjo poderia ser tão manipulador? — ele comentou, bruscamente.

— Sou um anjo caído — ela o lembrou. Mais uma vez. — Agora chega de papo. Vamos ao pagamento.

— Sim...

Ele se inclinou ao mesmo tempo em que ela ficou na ponta dos pés. Seus lábios se chocaram, mas, num primeiro momento, Aeron não correspondeu. Ela teve de forçar para que sua língua ultrapassasse seus dentes trincados, mas, no momento em que sua língua tocou a dele, ele gemeu e assumiu o controle.

Ah... e como assumira o controle. Seus braços envolveram a cintura de Olivia, e ele a levantou. Ela teve de passar as pernas em volta do corpo dele e cruzar os tornozelos, senão teria ficado simplesmente pendurada ali. A nova posição era deliciosa, exatamente o que ela precisava, pois estava com o centro do seu corpo posicionado bem acima de sua ereção dura e grossa. Ereção que já estava saindo pelo cócs da calça de Aeron.

Maldita calça.

Os cabelos de Aeron, cortados tão rentes à cabeça, faziam cócegas nas palmas de suas mãos enquanto ela os esfregava para cima e para baixo. Uma das mãos de Aeron tomou a base do pescoço de Olivia e colocou sua cabeça em um ângulo que lhes permitia aprofundar o contato. Contato que ela sentia em todos os poros de sua pele, em todas as células que corriam em suas veias, em todos os ossos que gritavam, implorando por mais.

— Você está usando roupa demais — ela disse, quase sem fôlego.

— Não o suficiente — ele rebateu, e pousou os lábios em seu pescoço, chupando-o. Desceu um pouco mais. Ele lambeu um de seus mamilos, finalmente cumprindo sua promessa de beijá-la naquele ponto, e ela gemeu. Com a mão livre, ele tocou o seio até então desprezado, massageando-o. — Acho que nem mesmo uma armadura poderia me proteger de sua atração.

Que confissão maravilhosa.

— Deveríamos ir mais devagar.

O quê? Não!

— Vamos mais rápido! — Ela acariciou uma das orelhas de Aeron, recebendo em troca um gemido.

Ele voltou a sugar seu mamilo, e uma pequena dor a fez arfar... Em seguida, ela gemeu enquanto ele lambia o lugar que antes mordiscara. Ela arqueou o corpo contra ele, esfregando-se exatamente como gostava de fazer.

— Vou deixá-lo todo molhado.

— E isso é ruim? — ele perguntou.

Ruim, ruim. As palavras ecoaram na mente de Olivia, e ela se lembrou de quando tentara chupar seu pênis da última vez em que tinham se beijado daquela maneira, mas ele não permitira. Pensara

que Olivia fosse pura demais para fazer isso.

Ela deixou cair as pernas, seus pés tocaram o carpete macio.

Aeron franziu a testa.

— O que você está...

Ela caiu de joelhos, puxando a calça de Aeron até liberar aquele mastro. Grosso, longo e magnificamente duro.

— Olivia... — Um gemido, como se ela o torturasse. — Você não deveria.

Olivia ficou com a boca cheia de água ao pressionar a bochecha contra a carne macia como seda. Quente, marcante. Os dedos de Aeron enrolavam seus cabelos. Ela se afastou um pouco, abriu bem a boca e engoliu seu membro. Sua grande ereção esticou sua boca, o que era um pouco desconfortável, mas aquele sabor agri-doce a deixava louca.

— Eu estava errado. Você deveria... — ele murmurou. — Claro que deveria.

Para cima e para baixo, ela o chupava. Suas mãos massageavam o seu pesado saco. Ela gostava dele, gostava do que estava fazendo, destruindo sua relutância, estimulando a se entregar com entusiasmo. Mas ele não permitiu que ela fosse até o fim. Muito rapidamente, ele a agarrou pelos ombros e a puxou para cima.

— Chega. — O suor escorria pelo rosto de Aeron, que a girou e prendeu-a contra a parede. Sem dizer nada, foi a vez de *ele* se ajoelhar. Suas mãos fortes afastaram as pernas de Olivia, e lá estava ele, chupando-a, lambendo-a, *devorando-a*.

Ela precisava de um lugar para se agarrar, mas não encontrava nada, e suas mãos arranhavam a parede às suas costas. Ao mesmo tempo, sua cabeça se movia de um lado para o outro, seus cabelos tocavam suas costas e faziam cócegas. *Tudo* era estimulante. E ela estava perto... muito perto... só precisava...

Ele se levantou de repente, ofegante, com o rosto lambendo os fluidos do sexo de Olivia.

— Quero tê-la... não posso... tem um gosto tão bom... preciso de mais... mas não posso ter mais...

Mais. Sim.

— Aeron...

Ele balançou a cabeça, qualquer sinal de resistência desaparecia, apenas para ser substituída por determinação. Ele colocou a mão por entre seus corpos e alisou sua ereção. Com a outra mão, agarrou a cintura de Olivia.

— Não posso... não posso... preciso me lembrar de...

— De quê? Precisa se lembrar de quê? Você vai... nós vamos... — *Por favor, por favor, por favor.*

— Não posso. — Ele parou. O único som naquele quarto vinha de suas respirações ofegantes e ásperas, que se misturavam de forma selvagem, tão selvagem quanto seu desejo de estar com ele. — Não posso. Nós vamos... — Outro grunhido. Ele afastou a mão dela, esfregando-a no próprio rosto. Enquanto a mão descia, revelando suas feições, Olivia viu a mudança nelas. De determinação para raiva. — Grande parte dos humanos têm de andar pelo mundo com seus desejos não realizados. Se você quer ser humana, deveria saber como é se sentir assim.

Desejos não realizados? Ela preferiria morrer.

— Você pode me ensinar da próxima vez. Por favor, Aeron. — Ela precisava muito dele naquele momento. — *Por favor.* — Ela moveu o quadril, para frente e para trás, dessa vez encaixando seu sexo contra a já liberta ereção de Aeron, quente e dura como aço, ereção que ela já provara. Ela escorregava para baixo, para cima, e para baixo novamente. Ah, Divindade... Que prazer... incomparável. Abrasador, emocionante... proibido.

Ele deve ter sentido o mesmo, pois voltou a entrar em ação. Ele agarrou sua bunda e pressionou-a contra seu membro, repetidas vezes. Não a penetrou nenhuma vez, mas ela não se importou com isso. O que ele estava fazendo era bom demais, eletrizante, e em pouco tempo ambos estavam gemendo, ofegando ainda mais, tremendo.

Até mesmo o beijo ficou fora de controle, suas línguas duelavam, rolando juntas, seus dentes rangiam, batendo uns nos outros. Ela cravou as unhas em sua pele, em suas asas escondidas... Estaria sendo *muito selvagem*? Gideon dissera que Aeron precisava de uma mulher selvagem, mas aquilo poderia ser exagerado, rápido demais para seu guerreiro, e ela não queria assustá-lo.

Mesmo às custas do que restava de sua sanidade mental, Olivia diminuiu a intensidade de seu toque, tirando as unhas de suas costas, afastando-se daquelas cavidades sensíveis.

— O que está fazendo? — ele perguntou.

— Aproveitando você... — ela respondeu. — Pelo menos estava, até você abrir a boca.

Ele franziu a testa, afastando o rosto do dela para olhá-la bem nos olhos.

— Bem, por que não volta a aproveitar?

— Eu adoraria. — Ela mordeu o lábio inferior e arqueou o corpo na direção dele. — Mas primeiro quero ter seu pênis dentro de mim.

Ele deixou escapar um som abafado.

Mais uma vez, ela arqueou o corpo. A ponta do seu membro esfregou o clitóris de Olivia, e ela arfou. Ele sibilou. Era tão bom. *Tããã* bom. Ela deixou a cabeça cair para trás, seus cabelos úmidos mais uma vez lhe fizeram cócegas. Tão perto, ela pensou. Tão perto de alcançar o auge do prazer que ele a fizera sentir quando se beijaram daquele jeito pela última vez. O clímax que aliviaria a pressão que não parava de crescer dentro dela, ainda torturando-a.

— Aeron, Aeron. Só um pouco mais — ela murmurou. — Eu... eu vou...

— Não. Não! — Ele a soltou, de repente e sem avisar, e ela se desequilibrou. Caiu no chão e ficou sem fôlego. Mas nem isso abrandou sua paixão. — Não posso.

Ele passou a mão trêmula na própria boca, como se quisesse se livrar do gosto dela, escondendo, por alguns instantes, as linhas de tensão ali demarcadas. Em seguida, voltou a vestir a calça, com dedos trêmulos.

— Nada de clímax — ele disse, naquele tom duro que ela odiava tanto. Raiva, e não desejo.

— Eu... eu não entendo.

Seu olhar estreito pousou em Olivia, sua expressão dura como granito.

— Eu já falei que os humanos sempre têm desejos não correspondidos. Se você quer tanto ser humana, pode aguentar isso também. Agora, vista-se. Como eu também já disse, temos que sair.

Capítulo Catorze

STRIDER CAIU NO chão quando uma bala passou zunindo por sobre seu ombro.

— Sinto muito — Gwen murmurou fazendo uma careta. Seus cabelos vermelhos estavam presos num rabo de cavalo e seus olhos dourado prateados brilhavam. — Estou com problemas para controlar meu lado obscuro, sua Harpia, e por isso achei melhor carregar uma arma.

Uma arma com a qual nunca trabalhara antes. Uma Dead Hunter especial que ele mesmo melhorara.

Droga, aquela tinha sido por pouco. Quase fora atingido por fogo amigo. Aí sim as coisas poderiam ter piorado bastante. Mesmo que ela não tivesse tido a intenção de atingi-lo, seu demônio teria encarado o tiro como um desafio. Gwen teria vencido, e ele teria ficado se contorcendo no chão por dias, em agonia.

Como ele perdera um desafio para os Caçadores havia poucas semanas, pois Gwen e Sabin haviam deixado o pai dela escapar, algo pelo qual ele ainda estava tentando perdoar os dois, as consequências da derrota continuavam vivas em sua mente, e ele não estava ansioso por repetir tal experiência.

— Apenas tire o dedo do gatilho — ele disse. — Não sabemos para onde foram os Caçadores, nem onde estão escondidos, e eles não sabem onde estamos. Tiros poderiam delatar nossa localização.

— Certo.

Balançando a cabeça, Strider esticou o corpo. Olhou em volta. Árvores grandes e exuberantes o cercavam e a grande parte dos guerreiros que haviam estado com ele no templo, e que, assim como ele, tinham sido enviados para... para seja lá onde estivessem. Próximos à água, como antes, isso ele sabia. Podia ouvir o barulho calmo do mar a alguns metros de distância, e a areia dourada brilhava a seus pés, grudando em sua pele.

Amun e Maddox estavam naquele momento em busca de sinais do inimigo.

Obviamente, ideia de “presente” dos Impronunciáveis fora levá-los, juntamente com 16 Caçadores armados, para um lugar desconhecido. Todos já estavam ali havia 24 horas, tinham enfrentado um intenso tiroteio, haviam se esforçado bastante para ficar em segurança, e agora isso. Esperar. Procurar. Era como as lutas de box que Strider gostava de ver pela televisão: os Senhores de

um lado, os Caçadores do outro. Mas quando tocaria o maldito sino que dava início à luta?

Em pouco tempo, se tudo acontecesse como ele queria.

Seu telefone tocou, sinalizando um possível êxito. Em um aspecto, pelo menos.

— Ótimo! — ele disse, socando o tronco de uma árvore, animado. — Minha mensagem finalmente foi entregue a Lucien.

Estivera tentando contatar seus amigos em Buda havia mais de 24 horas, mas sem sorte. Ou aquelas criaturas poderosas haviam impedido que ele se comunicasse, ou as torres de telefone celular eram escassas naquela área. Ele apostava que era culpa das criaturas. Ele precisava que Lucien trouxesse mais armas e munição. De jeito nenhum eles sairiam daquele lugar sem antes capturar cada um dos Caçadores. Ou matá-los. Ele não deixaria por menos.

Agora que a mensagem estava entregue, as linhas de comunicação se abririam. Seria um sinal de que os Impronunciáveis estavam deixando de interferir na batalha?

Poucos segundos mais tarde, seu telefone fez um novo sinal. Ele levantou a tela para ler a mensagem de Lucien: *Tentei viajar até aí, mas algo está me bloqueando.*

Droga. Eles ainda estavam interferindo, embora não estivessem tão restritos.

Passou a má notícia aos demais, dispersos ao seu redor, e todos suspiraram.

— Vamos ficar bem — disse Sabin. — Se nada mais puder ser feito, Gwen é capaz de rasgá-los, como uma faca rasga a seda.

Strider sabia que tal declaração não era um típico exagero de marido orgulhoso, mas sim a verdade. Quando era tomada por seu lado obscuro, Gwen era capaz de imobilizar um exército de imortais sozinha. Humanos seriam brincadeira de criança para ela.

— Se a minha Harpia decidir aparecer... — ela murmurou. — Esperem. Não há *se*. Ela vai aparecer... Eu vou acordá-la. — Quando se tratava de Sabin, ela faria qualquer coisa para protegê-lo. Algo que todos naquele pequeno acampamento sabiam muito bem, pois já tinham sido cortados pelas garras de sua Harpia uma ou duas vezes durante os treinamentos.

Não se preocupe, Strider digitou, voltando sua atenção ao telefone. Vamos dar um jeito.

A boa notícia é que Galen está aqui em Buda, e não junto ao grupo.

Estranho, pois Galen estivera presente naquela visão. *Vocês estão prontos para ir?*

Vamos ficar bem. Mas devo avisá-lo que aquele idiota, de alguma maneira, conseguiu colocar as mãos no Manto. Ele poderia estar na fortaleza, e nós nunca saberíamos.

Merda! Aquilo só piorava. Galen tinha um dos artefatos, e um bem poderoso. Assim que tudo ali terminasse, Strider faria o que fosse necessário para roubá-lo. Enquanto isso, era a sua vez de dar uma notícia-bomba: *Parece que Esperança está tendo muito trabalho ultimamente. E eu devo avisar a VOCÊ que Galen conseguiu unir o demônio da Desconfiança a um de seus soldados. Uma mulher. Achemos que ele deve estar em busca de sangue agora.*

Num primeiro instante, Lucien não respondeu. Estaria provavelmente lutando contra o choque, assim como Strider e os outros tinham feito. Desconfiança, a única coisa que restava de Baden, agora estava em mãos inimigas.

Galen ainda precisava da Caixa de Pandora?, ele se perguntou agora. Com a caixa, ele poderia reunir todos os demônios de uma vez, sem ter de procurar por eles depois. Então sim,

provavelmente.

Finalmente, veio outra mensagem: *Isso é ruim. Muito ruim. E acho que só vai piorar. Aeron convocou uma reunião. Descobriu alguma coisa. Darei mais notícias quando souber do que se trata. Enquanto isso, tenha cuidado.*

Você também.

Um galho se quebrou. Todos ficaram paralisados, e imediatamente a metade deles apontou suas armas na direção do barulho; e a outra metade, na direção oposta, só para garantir. Amun e Maddox apareceram no meio do arbusto, e todos relaxaram. Amun carregava um homem, um humano, atrás dele. Com expressão séria, atirou o corpo imóvel no centro do acampamento.

Enquanto Maddox o amarrava, Amun contou o que tinham descoberto.

Strider sempre admirou a capacidade de Amun de reter as lembranças, o deixava com uma nova voz na cabeça sempre que isso acontecia, mas parecia um preço baixo a ser pago por saber o que as pessoas ao seu redor pensavam. Porém, como acabara de receber uma nova leva de memórias, Strider sabia que seu amigo demoraria um tempo antes de voltar a falar novamente.

— Os Caçadores montaram acampamento mais ou menos dois quilômetros ao norte do nosso, e este cara estava de guarda. Eles planejam esperar o nosso ataque no terreno deles, onde poderiam facilmente nos ferir, enquanto ficavam protegidos atrás de barricadas — disse Sabin, interpretando Amun. Depois riu, mas sem demonstrar humor. — Todos nós vimos Desconfiança se unir àquela mulher. Eles não vão apenas tentar nos ferir. Vão querer cortar as nossas cabeças.

— Fica ainda melhor — disse Strider, colocando o telefone no bolso. — Galen está de volta a Buda, e ele tem o Manto da Invisibilidade.

Por longos minutos, o silêncio dominou o círculo dos Senhores. Depois, ele sentiu as vibrações de raiva enquanto pensavam nas consequências. Só *em seguida* ele pôde escutar os xingamentos murmurados.

— Obviamente não podemos ficar aqui por muito mais tempo, mas também é óbvio que não podemos deixar esses caras irem embora. Maddox poderia nos levar ao acampamento deles, e lutaremos com eles, em seu terreno, como eles queriam. — Sabin ficou de pé, com as mãos em punhos. — Mas eles não vão gostar nada do resultado. Não demonstraremos qualquer compaixão. Não levaremos prisioneiros.

Entre murmúrios de concordância, Strider e os outros se levantaram. Facas foram empalmadas por Kane e Reyes. Armas foram empunhadas por Gwen e pelo próprio Strider. Não, não, não. Ele venceu a pequena distância para se colocar à frente dela e pegou a Sig Sauer modificada da sua mão.

— Eu fico com isso — ele disse.

— Ótimo. — Ela sorriu timidamente, depois acenou com seus dedos em forma de garras. — Posso fazer melhor sem isso mesmo.

— Todos nós daremos o nosso melhor.

Sabin a abraçou com força.

— Vou ajudá-la a invocar sua Harpia depois que Maddox nos der as indicações. Maddox?

Maddox foi até o centro do grupo e ajoelhou na areia. Desenhou um círculo deformado.

— Estamos em outra ilha. Estamos aqui, e eles estão aqui. — Seus dedos dançavam entre os

grãos dourados. — Os Impronunciáveis devem ter oferecido a eles fortificações extras, pois encontrei armadilhas de aço aqui, aqui e aqui.

Amun sinalizou.

Mais uma vez, Sabin traduziu para Maddox e Reyes, que não tinham passado os últimos mil anos ao lado do guerreiro silencioso.

— O dorminhoco ali — ele disse, apontando para o guerreiro imóvel — estava patrulhando o perímetro do acampamento junto a outros três.

— Se nos dividirmos, podemos cercá-los e nos aproximarmos mais, com um guerreiro diferente abatendo cada um dos guardas remanescentes, sem deixar espaço para que os outros fujam e se escondam. — Strider adoraria acabar sozinho com todos eles, um a um, mas não havia tempo.

— Ótimo — disse Sabin, com um aceno positivo de cabeça. Ele esquematizou quem iria para que lugar. — Não me importa se tiverem que rastejar, mas não deixem que eles vejam vocês. Estão esperando por nós, como disse Sabin, então, quanto mais surpresa for o nosso ataque, maiores as chances de termos sucesso. E quando forem espiar o acampamento deles, não se movam até escutarem meu sinal. Quero liberar meu demônio em cima deles antes do nosso ataque. — Dúvida poderia fazer o mais bravo dos guerreiros se transformar num bebê chorão. — Quero que se movam o mais sutilmente que puderem. Vamos pegá-los antes que se deem conta de que eliminamos um dos seus. Isso se já não se deram conta.

Com um sorriso forçado, Strider os saudou e saiu de cena. Na maior parte do tempo, ele adorava essa parte da sua vida. Adorava o desafio das batalhas, a corrida pela vitória. A adrenalina sempre pulsava em suas veias, deixando-o mais rápido e mais forte. Como agora. Ele se esquivava de galhos de árvores e saltava sobre pedras, sempre se misturando às sombras.

Você precisa de um triunfo, seu demônio choramingou.

Alguns Senhores podiam ouvir seus demônios claramente; outros simplesmente os desejos de suas metades. Strider só conseguia escutar o seu antes e depois de uma batalha. Talvez porque, naqueles momentos, Derrota fosse o mais forte e o mais preocupado.

Vou conseguir um. Prometo.

Tem certeza?

Quem é você? Dúvida? Sim, claro que tenho certeza.

De vez em quando, o sol surgiria por entre os topos das árvores e se derramaria no chão como um refletor. Como de costume, ele rolou até que se encontrasse nas sombras novamente. Infelizmente, ela não estava entre os que encontrariam um guarda. Porém, finalmente chegou ao seu destino e diminuiu o ritmo. Teve cuidado, evitando que alguma coisa fosse esmagada sob suas botas. Depois, ouvindo um murmúrio de vozes nada familiares, ele se deitou, como lhe fora ordenado, e abriu caminho devagar por entre um arbusto, às margens do acampamento dos Caçadores.

Tudo o que via era um muro de pedras, mas havia brechas entre várias daquelas pedras, com canos de armas posicionados em todas elas. Então ele ouviu os sussurros.

— Rick ainda não voltou.

— Ele está apenas cinco minutos atrasado.

— Talvez tenha se perdido.

— Por favor. Os Senhores do Mundo Subterrâneo estão aí fora. Rick já está morto.

— Sim, você está certo. Eu sei que está. Eles não têm moral nem consciência, então matar um homem inocente não seria estranho para eles. Mas, droga, eu gostava dele.

Inocente? Por favor.

— Não deveríamos esperar que eles viessem até nós. *Nós* deveríamos atacar primeiro. Está claro que temos um ou dois deuses do nosso lado. Esse esconderijo apareceu do nada. Nossas armas e armadilhas, também. E por que teríamos sido trazidos aqui, com os Senhores, se não fosse para finalmente destruí-los?

Boa pergunta. Aqueles Caçadores deveriam ser o presente para os Senhores, mas estavam armados e protegidos. Ou talvez o presente fosse a própria batalha. Não para os Senhores, mas para os Impronunciáveis. Talvez eles gostassem de assistir a derramamentos de sangue.

Um homem deve ter ficado de pé, pois de repente Strider pôde ver o topo de sua cabeça.

— Calem suas malditas bocas, todos vocês! Estamos lidando com demônios, a praga das nossas vidas. Precisamos nos manter em alerta.

Fanáticos, pensou Strider, com nojo. Queriam jogar a culpa de seus problemas em alguém. O que era perfeitamente compreensível, ele pensou, mas errado. Os humanos tinham o livre-arbítrio. E, na maioria dos casos, esse livre-arbítrio era o real motivo de seus problemas. Eles decidiam o que iriam comer, quanto iriam beber e com quem iriam dormir. Decidiam se usariam drogas ou não, ou se entrariam num carro destinado a bater.

— E se... e se eles forem muito fortes e nós morrermos aqui?

— Eles querem se vingar pelo que fizemos a Mentiras, sem dúvida. Vão cortar nossas mãos, assim como nós cortamos as dele.

Strider lutou contra um sorriso. Dúvida estava fazendo seu trabalho. A qualquer momento Sabin iria...

O assobio de Sabin ecoou.

Ding, ding. Enfim, lá estava ele, o sino que indicava o início da luta. Strider se levantou de um salto, os canos de suas duas armas a postos. Mirou em todos aqueles espaços vazios entre as pedras e apertou os gatilhos simultaneamente. *Pow, pow.*

Gritos surgiram.

Com o canto do olho, viu Reyes aparecer de trás de uma árvore, sair correndo e subir o muro, lançando uma faca pelo caminho. Mais um grito. Maddox também correu para a frente e pulou o muro com um único salto. Tiros foram ouvidos. Porém, Maddox não carregara nenhuma arma, Strider percebeu, sentindo seu estômago se revirar. Ele era o alvo, e usava seu corpo como distração.

Sabin rapidamente se juntou a ele, e Kane tentou fazer o mesmo, até uma bala ricochetear em uma pedra e atingir seu ombro. Kane xingou alto e por um bom tempo, enquanto Strider deu a volta no muro, destruindo o maior número de armas que pôde através dos buracos.

Depois, um vento com cheiro de limão bagunçou os cabelos de Strider, e ele ficou imóvel. Gwen, pensou. E como previra, identificou o borrão dos seus cabelos enquanto ela se lançava por sobre o muro e caía dentro do círculo. Sabin claramente cumprira sua promessa. Strider foi atrás dela, permanecendo na parte mais alta do muro, com a arma em punho, para o caso de uma

necessidade.

Ele precisava ter se preocupado. A Harpia soltou um guincho lancinante, suas garras atacavam, e seus dentes afiados mastigavam. Homens gritavam e eram derrubados. Alguns tentavam fugir, para se esconder entre as pedras. Mas não chegavam muito longe. As pequenas asas nas costas da Harpia permitiam que ela se movesse muito rapidamente, e ela facilmente os alcançava e quebrava seus pescoços.

E assim o inimigo foi conquistado.

Sim. Sim!, Derrota cantava em sua cabeça.

Muito fácil, ele pensou. E nem chegou a suar. Não que estivesse reclamando. Muito. Pois quanto mais difícil fosse alcançar a vitória, maior era a euforia depois. Algumas vezes, quando a vitória era suficientemente saborosa, seu demônio se contorcia de *prazer* por dias. Pelos deuses, isso era melhor do que sexo. Melhor do que qualquer outra coisa, na verdade. Ele só experimentara tal sensação duas vezes, mas desejava a próxima oportunidade como se fosse uma droga.

Reyes e Maddox estavam sangrando abundantemente enquanto serpenteavam pelos corpos caídos, chutando armas para longe. A poucos metros, do lado de fora, Strider ouviu um barulho de pedras e o ranger de um galho. Ele se virou, juntamente com sua arma. Mas relaxou ao ver que Kane se recostara junto ao tronco de uma árvore, tentando arrancar a bala do seu ombro. Desastre já tivera de se recuperar de catástrofes como aquela milhares de vezes antes, então sabia o que fazer.

Ao lado dele estava Amun, deitado e se contorcendo. O grandalhão não devia ter participado da luta. Ele claramente continuava fraco, pois as memórias que roubara daquele Caçador já o atormentavam, exigindo toda a sua atenção.

— Gwen — Sabin chamou.

Mais uma vez, a atenção de Strider se desviou. Uma Gwen ofegante estava pressionada contra as pedras. Seu rosto e suas mãos estavam cobertos de sangue. Todos os guerreiros tinham se afastado dela. Todos, menos Sabin. Ele era o único capaz de acalmá-la quando era tomada por seu lado obscuro.

Enquanto Sabin se aproximava dela, Strider se juntou aos outros, ao desviar dos humanos caídos. Grande parte deles estava sem vida, silenciosa. Alguns estavam gemendo. Ele rapidamente mirava e atirava, acabando com aquela agonia. Exceto no caso de um. Ele se ajoelhou ao lado desse. Havia algo naquele homem... Não, não era um homem, era um menino. Algo naquele menino o fez parar. E com a pausa uma compaixão relutante surgiu.

O menino olhou para ele com olhos vidrados, viu quem ele era e franziu as sobrancelhas:

— Idiota. — Ele cuspiu, o sangue espirrando de sua boca. — Não pense que este é o fim. Eu me levanto do túmulo, se for preciso. Vou acabar com você.

Tanto ódio parecia fora de lugar em alguém tão jovem. O menino não devia ter mais de 20 anos, com cabelos e olhos escuros, fazendo-o lembrar de Reyes, na época em que ainda viviam no céu. Havia cortes por todo o seu rosto e buracos no ombro esquerdo e na barriga, e de todos eles jorrava sangue. Os guerreiros tinham decidido matar aqueles Caçadores, não levar nenhum prisioneiro, mas Strider de repente se arrependeu de tal decisão.

O que não fazia sentido. Se o menino pudesse, teria destruído Strider sem hesitar. Ainda assim.

Sua força diante da derrota era humilhante.

Com um suspiro, Strider tirou a camiseta, cortou o tecido em duas partes e usou a primeira para atar o ombro do menino.

— Que diabos está fazendo? — ele perguntou.

— Salvando sua vida.

— Imediatamente depois de ter tentado acabar com ela? Não. Isso não. Eu não quero ser salvo por um demônio. — Ele tentou se afastar, mas estava muito fraco e trêmulo para se arrastar por mais do que alguns centímetros.

— É uma pena. — Strider usou o outro pedaço de pano para tapar e pressionar a ferida na barriga dele. — Eu nunca faço o que os Caçadores querem.

Houve uma pausa tensa. Depois ouviu, em voz fraca:

— Isso não vai mudar nada.

— Ótimo. Não quero que você fique com impressão errada.

Finalmente, o menino desistiu e simplesmente ficou lá deitado, enquanto Strider o enfaixava. O que era uma coisa boa. O demônio começara a enxergar aquela interação como um desafio.

— Então, o que fizemos para conseguir o ódio eterno de vocês?

As pálpebras que estavam quase se fechando se abriram rapidamente.

— Como se você não soubesse. — Foi a resposta dada por entre os dentes.

Strider virou os olhos.

— Como quiser, cara. Mas, só para você saber, não podemos estar em todos os lugares ao mesmo tempo, e já temos trabalho suficiente cuidando de nossas próprias vidas. Portanto, não existe a menor possibilidade de termos feito seja lá o que vocês imaginam que fizemos às pessoas que vocês amam.

— Meu nome não é cara, idiota.

Foi gentil de sua parte ignorar tudo o que Strider acabara de lhe dizer.

— Bem, imaginei que seria melhor do que chamá-lo de Esburacado.

— Vá para o inferno.

— Já estive lá, não é novidade.

O menino passou a língua pelos dentes.

— Ótimo. Quer saber o nome do homem que um dia vai destruí-lo? É Dominic. O meu nome é Dominic.

— Na verdade, não me lembro de ter lhe perguntado seu nome. E não me importo muito — disse Strider, e era verdade. — Agora que salvei a sua merda de vida, quero que entregue uma mensagem para mim. Diga a Galen que sabemos tudo sobre a garota. A garota possuída pelo demônio, se precisar de mais detalhes.

Já pálido, Dominic ficou quase transparente.

— Eu não sei... sobre o que você... está falando. — A perda de sangue fez com que ele engasgasse. Ah, sim. Claro.

Várias sombras repentinamente se projetaram sobre o menino, e Strider olhou para cima. A maioria dos outros guerreiros tinha se aproximado e estava em volta deles. Nenhum deles reclamou

de sua desobediência. A compaixão transformara suas feições da mesma forma que transformara a de Strider.

Ele voltou sua atenção ao menino.

— E faça um favor a você mesmo — disse, terminando o trabalho com os pedaços de pano. — Quando voltar para onde quer que seja o buraco onde se esconde, dê uma boa e longa olhada em seu líder. Sei que aquelas asas o deixam parecido com o anjo que ele diz ser. Mas, adivinhe só? Ele é exatamente como nós: possuído por um demônio. A única diferença é que o demônio dele, por acaso, é Esperança. Por que você acha que se sente tão otimista em relação ao futuro quando está na presença dele? E por que acha que sempre fica mortalmente decepcionado sempre que sai de perto dele? É isso o que ele faz, sabia? Essa é a fonte de sua força. Ele joga as pessoas para cima, depois as atira ao chão.

— Não. Não... Você está errado. — Os olhos de Dominic se fecharam. Mas, dessa vez, eles não voltaram a abrir. Havia linhas de tensão e dor em volta dos seus olhos e de sua boca, e suas bochechas já estavam ficando profundas. Precisava de uma transfusão, mas sem equipamentos médicos seria impossível.

— Envie uma mensagem de texto a Lucien e peça para ele tentar se teletransportar para cá novamente, onde quer que esteja. — Strider apertou as mãos; não queria que aquele idiota morresse. Não depois de todo o trabalho que tivera.

Houve um roçar de roupas quando Gwen fez o que lhe fora pedido. Poucos segundos depois, ela disse:

— Sim! Ele conseguiu. Está no templo e vai seguir o nosso rastro espiritual para nos encontrar.

Lucien já estivera em todos os cantos do mundo e podia se teletransportar para onde quisesse. Mas nunca sabia de antemão onde estavam as pessoas que buscava. Tinha de seguir os rastros de energia que deixavam para trás no plano espiritual.

Strider segurou o queixo do humano e o sacudiu.

— Abra os olhos, Dominic.

Um momento se passou. Nada. Ele o sacudiu outra vez. Dominic gemeu.

— Abra. Os. Olhos! — Ele fez questão de falar com bastante fúria e ameaça em seu tom capaz de despertar um morto. Dominic tinha ameaçado se levantar do túmulo. E não havia ocasião melhor para provar tal ameaça do que naquele exato momento.

Os olhos do menino finalmente se abriram.

— O que você quer? — Foi a fraca resposta. Ele respirava com mais dificuldade, em curtos espasmos.

— Assim que ele chegar aqui, um de nossos homens vai te levar para um hospital. Você vai sobreviver. E vai entregar a mensagem que eu lhe dei. Ah, vai. Quer saber o nome do cara que acabou de salvar sua vida? É Strider. Eu também considerarei um favor pessoal se você disser a Galen que estou indo atrás dele.

E assim como Galen, Strider não demonstraria compaixão. Galen cometera um erro ao colocar Desconfiança no corpo de um de seus soldados, porque agora *Strider* poderia matar *Galen*. E poderia colocar Esperança no corpo de quem *ele* escolhesse.

Derrota riu com vontade. *O jogo começou.*

Isso mesmo, pensou Strider, sério. O jogo começou.

Capítulo Quinze

AERON LEVANTOU VOO pelo ar, com Olivia presa em seus braços. Ela tinha os próprios braços abertos, o vento batia em seus cabelos de todas as direções. De tempos em tempos, ela suspirava levemente, e ele ficava imaginando o seu sorriso. Com certeza, Olivia sentia falta de voar.

— Está se divertindo? — Ele não aguentou e teve de perguntar.

Ela não respondeu.

Estivera em silêncio desde que saíram do apartamento de Gilly. Estava claramente irritada com ele. Afinal, ele a deixara na vontade, levando-a ao limite do prazer e parando abruptamente, antes que ela se rendesse. Mas ele era um *idiota*. Por que outro motivo ele teria prometido que lhe mostraria a dura realidade de sua vida? Antes tarde do que nunca? Era que ele não seria capaz de fazer, se cedesse às suas vontades sempre que ela sorrisse para ele, e implorasse de forma doce. E o tocasse.

Maldito idiota.

A raiva de Olivia o chateava, e ele estaria mentindo se dissesse o contrário, mas encorajar esse sentimento seria melhor. Para ambos. Quando ela se rendesse, Legião poderia voltar. Lysander garantiria que Aeron e Legião fossem perdoados, ou, pelo menos, tentaria. Aeron não se esquecera da implicação. Ainda assim. Teria sido legal possuir Olivia... Não. *Não*. Nada mais importava. Olivia não importava, muito menos construir algum tipo de vida ao lado dela.

O pensamento em si era paradoxal. Se ela ficasse, ele não teria vida. Apenas alguns dias.

De repente, ele conseguiu ouvir... Ficou confuso e enrugou a testa... Seria Ira... choramingando? Ouviu com mais atenção. Pelos deuses, o demônio *estava choramingando*. Por que não podiam ficar com Olivia?

Eram dois idiotas, então.

Quando chegaram à fortaleza, ele pousou nos degraus da entrada principal e colocou-a de pé. De jeito nenhum a levaria novamente ao seu quarto. Obviamente, ele não poderia ter uma cama e Olivia no mesmo local sem perder o controle.

— Vamos. — Ele pegou sua mão e guiou-a pelo hall. Mais uma vez, ela estava vestindo sua longa túnica branca. A túnica estava larga nela, escondendo aquelas curvas pecaminosas. Ele mesmo voara até a fortaleza para pegar essa roupa antes de trazê-la de volta. Uma viagem de ida e volta que se mostrava necessária à sua própria sobrevivência.

Olivia era o perigo encarnado. Quando saíra daquele chuveiro, molhada, nua e claramente louca de desejo por ele, Aeron quase morrera de prazer, ali mesmo. E a única coisa que lamentava era o fato de não poder vê-la daquele jeito novamente.

Seus seios eram pequenos, mas firmes, e seus mamilos pareciam saborosas ameixas. Sua pele era como uma nuvem fofa de creme com toques de ambrosia. E aqueles cabelos cor de chocolate, em cachos até a cintura... *É melhor eu deixar isso para lá*, pensou.

O que já praticamente tinha feito, mas, de alguma forma, não tinha. Ela gemera, implorara e se contorcera, querendo mais. Droga, *Ira* gemera, implorara e se contorcera querendo mais. E ele chegara tão perto de ceder aos dois. Mas então Olivia abrandara o beijo, e ele ficara decepcionado e com raiva, e essa combinação volátil felizmente o ajudara a cair em si.

Porém, ele não deveria ter sentido decepção *nem* raiva. Ele deveria estar radiante, mas se viu imaginando se o desejo dela por ele desaparecera. Se ela estava interessada em outra pessoa em vez dele. Em alguém como Paris ou William, pois mencionara os dois durante o banho, enquanto acariciava o próprio corpo, prolongadamente. Ao pensar nisso, mais uma vez desejou que ela estivesse totalmente fora de controle, louca por *ele*, afundando as unhas nas suas costas, aranhando seu pescoço com os dentes.

O que havia de errado com ele?

— Você ouviu isso? — Olivia perguntou, tirando-o de seus pensamentos obscuros e sensuais. Ela soltou a mão da dele. *Minha*, Ira rosnou, não mais chorando, e sim exigindo-a. Olivia parou.

Aeron jurara a si mesmo protestar contra aquelas declarações dali em diante, mas não conseguia se forçar a fazê-lo. *Idiota*.

— Ouvi o quê? — Ele também parou e escutou. Além dos pedidos contínuos de seu demônio, tudo o que ele ouviu foi o silêncio. Franzindo a testa, Aeron a encarou. E, como sempre, seu coração disparou. — Não estou escutando nada.

— Mas a voz... — E Olivia girou o corpo, seu olhar percorrendo o hall. — Está me dizendo para agarrar o seu saco com uma das mãos e o seu pau com a outra.

Seria possível que ela estivesse escutando seu demônio e...? Espere. *O quê?*

— Uma voz está dizendo para você me assediar? — Não era Ira, então. O demônio não mencionara nada tão específico. Infelizmente.

— Sim.

— Essa é uma tentativa de me seduzir? — Que mulher mais deliciosa e maliciosa, que usava poucas roupas, fazia perguntas indecentes e saía nua do box do banheiro. — Você pretende...

— Não! Eu não gosto nada disso! — Ela o interrompeu. — Estou ouvindo as palavras, pensando nelas, mas elas não me pertencem. Sei que isso não faz nenhum sentido, mas não sei como descrever melhor.

Atrás deles, passos ressoavam. Aeron se virou. Torin estava na metade das escadas, descendo dois degraus de cada vez. Naquele dia, vestia uma camisa preta de gola rulê, luvas pretas e uma calça que arrastava no chão, para que, mesmo que ele se sentasse e que suas meias se enrolassem para abaixo dos tornozelos, nenhum centímetro de sua pele fosse exposto.

— Delicioso. — Aeron ouviu Olivia murmurar. — Eu seria capaz de te comer vivo.

— Você tem que parar de dizer essas coisas, Olivia. — Aeron deu uma olhada rápida para ela, e depois ficou paralisado, trincou os dentes e xingou ao soltar o ar. Ela não estava olhando para ele, como imaginara; estava olhando para Torin, como se ele fosse um pedaço de carne, e ela estivesse morrendo de fome.

Minha, Ira avisou.

Aeron estalou o queixo, repentinamente irado... com Torin. Não que ele se preocupasse com quem Olivia desejasse. Mas ela abria mão da imortalidade por *ele*, queria que *ele* lhe proporcionasse diversão, queria que *ele* penetrasse seu corpo; ela não deveria ser tão volúvel.

— Ahn, o que foi? — perguntou Torin, confuso, parando no último degrau.

Aeron estudou seu amigo, tentando enxergá-lo como Olivia provavelmente o via. Além daquele impressionante contraste de cabelos claros e sobancelhas pretas, daquela pele suave, naturalmente bronzeada e sem tatuagens, e... Certo, certo, talvez aqueles olhos verdes penetrantes... Fora isso, ele não era *tão* atraente assim. E mais: era alguns centímetros mais baixo que Aeron e menos forte.

— Não ligue para o que eu digo — Olivia pediu, tomada pelo horror. — Por favor. Não sei o que está acontecendo comigo.

Torin, ao que parecia, estava tentando não sorrir.

— Fico feliz que não tenha mais medo de mim.

Aeron gostaria de poder dizer o mesmo.

— Vamos começar a reunião. — Aquele tom decidido e irado não era mesmo seu.

— Sinto dizer, mas é tarde demais. — Torin encostou um dos ombros no corrimão, a perfeita imagem do macho domesticado, exceto por aquele brilho malicioso em seus olhos. — Todos saíram.

— O quê?

— Você não é o único com grandes novidades. Lucien se transportou para Roma, atrás de Sabin, e os outros descobriram que Galen conseguiu fazer com que Desconfiança entrasse no corpo de um dos seus soldados. Uma mulher.

Aeron passou uma das mãos em seus cabelos raspados. Desconfiança, o demônio de *Baden*, agora estava no corpo de um Caçador? Ele sabia que Galen queria fazer isso, mas a confirmação ainda o deixou louco. Inaceitável!

Punição, concordou Ira.

Nenhuma imagem surgiu em sua mente, mas Aeron não se surpreendeu. Estava começando a se acostumar a uma presença mais vocal.

— Vamos ter que fazer algo em relação a isso, mas com muito cuidado. Hoje eu descobri que Rhea, esposa de Cronos, está ajudando os Caçadores.

Torin absorveu suas palavras e ficou pálido.

— Você está brincando, não está?

— Bem que eu gostaria...

Olivia agarrou uma das mãos de Aeron, entrelaçando seus dedos. A raiva de Ira desapareceu, deixando Aeron com uma sensação estranha. Ele preferia a raiva.

— Se houver algo que eu possa fazer para ajudar, por favor, avise-me — ela disse. — Eu nem vou pedir nada em troca.

Sua tentativa de confortá-lo era... reconfortante. Droga! Ele estava igualzinho a Ira. Louco por ela. E não gostava nada disso. Mas gostava dela. Mais do que deveria. Estava acostumado a esconder suas emoções, ignorando-as e se concentrando no que precisava ser feito, mas Olivia se recusava a aceitar qualquer coisa além de sua total rendição.

Talvez fosse por isso que... a percepção o atingiu com força. Droga. Era mesmo. Por isso sempre preferia mulheres gentis. Quer dizer, preferia não, mas temia as outras, as mulheres mais fortes. As mulheres gentis não ameaçavam quebrar o recipiente onde ele escondia aqueles sentimentos indesejados. Mulheres mais fortes poderiam estragar tudo, obrigando-o a sentir de verdade.

— O quê? — perguntou Torin, inclinando a cabeça para o lado.

— Nada. — Não admitiria sua fraqueza de jeito nenhum. — Melhor voltarmos aos Caçadores. Rhea está escondendo-os de nós enquanto estão na cidade.

Torin mordeu os lábios.

— Primeiro descobrimos que Galen é o líder dos Caçadores, agora que uma Titã também os está ajudando. Se houver mais alguma surpresa, acho que eu prefiro nem saber.

— Na verdade, Cronos...

— Acabou de me fazer uma visita — Torin o interrompeu —, mas convenientemente não falou sobre nada disso. Apenas ordenou que nós entrássemos em ação e encontrássemos Scarlet, que está no mesmo lugar que os outros. Procurando por ela. Ele nos ameaçou como sempre, falando em morte e destruição, se não a encontrarmos. Hoje.

O deus-rei estava certamente rondando os Senhores. Primeiro visitou Aeron, depois, Torin. Mas por que encontrar Scarlet era tão importante para *ele*? Para garantir que Rhea não a encontrasse antes?

Olivia apertou seus dedos enquanto prestava atenção em Torin.

— Acho que eu posso ajudar, então. Aeron quer que eu mostre a vocês onde ela mora, e eu concordei em fazer isso.

Torin a observou atentamente.

— É, Cameo comentou algo sobre você conhecer essa mulher.

Quando ele pronunciou o nome de Cameo, sua expressão se suavizara. Interessante. Seria verdade que, como alguns guerreiros suspeitavam, aqueles dois estavam envolvidos? Eles não poderiam se tocar, então, se fossem amantes, teriam de encontrar outras formas de dar prazer um ao outro.

Aeron nem conseguia imaginar como seria não poder tocar nem sentir o gosto de Olivia. Ele não conseguia... se concentrar claramente.

— Conte a ele — pediu a Olivia, forçando-se a voltar ao caminho certo.

Ela alinhou os ombros e falou sobre o lugar. Assim, fácil e rápido. Quem dera.

— Vou enviar uma mensagem de texto a todos — disse Torin, e suas palavras demonstravam certo alívio. Ele não perguntou como Olivia sabia aquilo, nem a acusou de tentar enganá-lo. Mesmo sem aquela aura de verdade em sua voz, ele teria confiado no julgamento de Aeron.

— Não. Não conte a eles onde ela está — disse Aeron. Ele deu uma olhada para a janela mais próxima. As cortinas estavam fechadas, mas havia uma pequena fresta entre os dois painéis, permitindo que um tímido raio de sol entrasse. A noite não cairia tão cedo, o que significa que Scarlet

estava dormindo. — Diga a todos para virem para casa. Eu e Olivia cuidaremos de Pesadelos. Com os Caçadores em Buda, de posse de um artefato, quero que haja o maior número possível de guerreiros aqui o tempo todo.

— Certo. Existe alguma forma de convencê-lo a levar um ou dois guerreiros com vocês? É sempre bom ter ajuda.

— Não vamos precisar. Ela vai estar dormindo até o cair da noite, não haverá problema. Certo, Olivia?

O anjo concordou, um tanto relutante. Ela claramente não gostava de dividir suas informações com ninguém além dele, mas era o que estava fazendo. Por Aeron. Talvez ele pudesse perdoá-la por sua instabilidade anterior.

Ira ficou em silêncio, e pelo menos daquela vez parecia não se importar com a ideia de perdão, um conceito que normalmente confundia o demônio.

— Ah, e eu sei que você não queria saber de mais surpresas, mas preciso lhe contar mais uma coisinha sobre seu amigo Cronos — disse Aeron. — Acontece que temos mais em comum com ele do que nosso ódio mútuo por Galen.

Torin franziu a testa.

— Não estou entendendo.

A única forma branda de dizer aquilo era falando rapidamente.

— Ele é o guardião do demônio da Cobiça.

Num primeiro momento, a boca de Torin se abriu. Depois, seus olhos se arregalaram. Depois, ele tropeçou para trás, bateu no primeiro degrau da escada e quase caiu.

— O deus-rei é possuído por um demônio? Como você pode...

— Lysander me fez uma visita. — Assim como ele, Torin agora sabia que os anjos não podiam mentir. — Cronos estava preso no Tártaro quando abrimos a caixa, então faz sentido.

— Nossa... Inacreditável!

— Acrescente um *que merda* e terá minha reação ao receber a notícia...

— Quando Lysander o visitou? — Olivia perguntou. — O que mais ele disse? Falou sobre mim? Eu sei que falou. — Antes que Aeron pudesse responder, ela acrescentou: — E você quer transar antes que a gente saia? — Ela balançou a cabeça, como se não tivesse certeza de que ouvira mesmo o que acabara de dizer. — Eu acabei de perguntar se você quer fazer sexo comigo?

Sim, ela tinha perguntado, e o corpo de Aeron reagira de acordo. Ele apenas assentiu positivamente, pois não confiava em sua voz para falar.

— Mas eu não disse isso. Quero dizer, eu disse, e quero fazer isso, mas não fui eu. A voz...

O sorriso de Torin era um pouco satisfeito.

— Então, você está falando comigo ou com Aeron?

— Comigo — Aeron rugiu, embora ela tenha respondido:

— Com você, claro.

— O quê? — Aeron e Ira gritaram em uníssono.

Minha!

Torin riu... aquele idiota.

— Eu adoraria, meu anjo, mas eu a mataria de verdade com o meu prazer.

Ela ficou corada, e isso emprestou à sua pele um brilho incandescente.

Aeron trincou os dentes mais uma vez.

— É melhor dizer a essa maldita voz que cale a porcaria da boca.

Alguém estaria falando através dela? Lysander certamente tinha poder para fazer isso, mas o anjo guerreiro não diria aquele tipo de coisa. Sabin também podia fazer aquilo, mas não estava ali.

Quem seria, então? Cronos? Rhea? Mas por que seria um dos dois?

Olivia endireitou os ombros, erguendo o queixo e deixando claro a Aeron que sua teimosia lhe atingira, depois o encarou.

— Talvez não tenha sido a voz dessa vez. Talvez tenha sido eu mesma. Você não é tão divertido quanto eu imaginei que seria. Nem sabe como me proporcionar um orgasmo decente.

Torin soltou outra risada, e foi a vez de Aeron ficar corado.

— Eu poderia ter lhe proporcionado um, se quisesse.

— Ah, sim. Claro — ela bufou. — Então prove.

Sim!

Um uivo escapou do fundo da garganta de Aeron, e ele se aproximou de Olivia, inclinando-se para baixo e ficando cara a cara com ela. Proporcionar-lhe um orgasmo? Não havia nada que ele quisesse mais.

— Se você não tomar cuidado, vai acabar...

— Aeron, Aeron — uma voz familiar chamou.

Aeron se levantou de um pulo, como se tivesse sido pego fazendo algo que não deveria. O que não era mentira. Legião estava ali. Como fora capaz de se esquecer dela? Como pôde se descuidar de sua segurança? Deveria ter ido atrás dela em vez de estar respondendo às provocações de Olivia.

— Vou para o meu quarto invocar Cronos mais uma vez, antes que a guerra comece — disse Torin. — Talvez ele apareça, talvez não. Mas, se aparecer, vou perguntar por que o seu nome não está na lista dos possuídos, e também se ele poderia *nos* bloquear frente aos *Caçadores*. Depois eu conto o que aconteceu. Vejo vocês depois. Ah, e Olivia... Boa sorte com essa voz. — E, piscando um dos olhos na direção dela, girou o corpo e voltou a subir as escadas.

Toque o que é meu e pagará com...

Pode parar de ameaçá-lo assim?, perguntou Aeron a seu demônio. *Ele não pode ouvi-lo.* Mas, por favor, não pare de repetir seus clamores, Aeron quase acrescentou. Que grande idiota.

Um segundo mais tarde, Legião apareceu num canto distante, com seus olhos vermelhos selvagens. Ela parou ao ver Aeron, e sibilou ao ver Olivia, depois caminhou até ficar na frente deles. Ela estava ofegante, suada.

Instintivamente, ele se colocou na frente de Olivia.

— Algum problema? — ele perguntou, a culpa o consumindo. Se ela tivesse sido ferida por causa dele...

— Tudo vai... melhorar... logo... — E quando a última palavra saiu de sua boca, seu joelhos fraquejaram, e ela caiu.

Aeron se aproximou, agarrando-a antes que batesse no chão e amortecendo sua queda. Legião era

tão pequena que ele mal sentia o seu peso.

— Aeron — ela disse, respirando aliviada, antes de se encolher e soltar mais um grunhido de dor.

— Legião — ele disse, tomado pelo pânico. — Diga-me o que está...

Outro grunhido. Todos os músculos de Legião começaram a se contrair e a relaxar, depois a se contrair e relaxar novamente. Seu corpo parecia estar... crescendo? Não era possível. Ou não deveria ser... Enquanto ele a observava, seus braços, pernas e tronco se esticaram. Suas escamas começavam a cair como gotas de orvalho, deixando em seu lugar uma pele linda e dourada.

Em pouco tempo, os grunhidos se transformaram em gritos incessantes. E em sua boca completamente aberta, ele pôde ver que seus dentes estavam se encolhendo, e sua língua, antes bifurcada, estava se unindo. Em seguida, cabelos loiros começaram a brotar em sua cabeça, e seios enormes surgiram em seu peito.

— Que diabos está acontecendo?

— Ela está se transformando em... humana — murmurou Olivia. Suas palavras, embora muito mais suaves que as dele, ainda continham o mesmo horror e choque.

Sem saber mais o que fazer, Aeron saiu correndo pelo hall. No quarto mais próximo, pegou um lençol jogado sobre um sofá. Sua mente estava repleta de perguntas, ele não conseguia processar o que estava acontecendo. Legião. Humana. Por quê? Como?

Outra vez ao seu lado, cobriu sua pele nua com o lençol. Pelo menos ela parara de crescer. E também de gritar e ter espasmos. Lágrimas desciam por suas bochechas, e seu lábio inferior tremia.

Ela olhou para Aeron, e seu olhar, escuro e fluido, não tinha mais qualquer sinal do antigo vermelho demoníaco.

— Aeron — ela disse, suspirando. — Eu estou... tão... feliz em ver... você...

Ela já não falava como uma criança, e não tinha mais a língua presa. E embora suas palavras fossem hesitantes, como se não soubesse muito bem com usar a língua, ela soava como uma adulta, com um tom de voz rico e rouco.

Completamente pasmo, ele se ajoelhou ao lado dela e afastou os cabelos caídos na sua testa.

— Quero que me diga como isso aconteceu — ele pediu, gentilmente, fazendo o melhor que podia. Não queria assustá-la.

Ela esticou um braço trêmulo e passou as pontas dos dedos pelos lábios de Aeron, por seu queixo.

— Você é tão bonito, meu Aeron.

Pela primeira vez desde que conhecera Legião, ele quis se livrar do seu abraço. Ele a amava, de verdade, mas aquela adoração estampada em seu novo rosto, adoração que vira centenas de vezes antes, e que costumava desejar, agora estava... errada. Pois, sem aquele brilho vermelho nos olhos, ele pôde ver o desejo sensual presente ali.

Pelos deuses.

Ela era um banquete para os olhos, ainda mais bonita que Olivia. Sua pele era como mel; seus olhos, como canela; e seus lábios eram tão vermelhos quanto cerejas. Seu nariz era pequeno e arrebitado, e suas sobrancelhas eram perfeitamente arqueadas. Não havia qualquer defeito nela. Mas...

Nada daquilo fazia seu sangue ficar quente, seus dedos não formigavam nos lugares onde ela tocara, e pensar em retirar o lençol de cima do seu corpo para olhar suas curvas era verdadeiramente repugnante para ele. Ele preferiria arrancar os próprios olhos. E, embora Ira gostasse da nova garota tanto quanto gostava da velha Legião, o demônio estava quieto, sem reivindicar nada.

— Só existe uma razão para que isso tenha acontecido — Olivia disse, com tanto terror que Aeron sentiu um nó no estômago. — Ela fez um pacto com Lúcifer.

Um pacto com o diabo? Para quê? Ela já tinha tudo o que seu coração poderia desejar.

— Isso é verdade? — E se fosse, o que significava para ela? Para ele? O que Lúcifer teria pedido em troca?

Ira entrou em ação, andando para a frente e para trás em sua cabeça. Não havia imagens piscando, mas o demônio ficou agitado de repente, como se não estivesse gostando nada do que acontecia.

Legião olhou para Olivia.

— Claro que não é... verdade. Eu nunca... faria algo tão horrível.

— Está mentindo — Olivia rebateu. — Eu posso ouvir a mentira em sua voz.

Aeron, por sua vez, não conseguia ouvir nada, mas *podia* ouvir a verdade na voz de Olivia. Ainda assim. Não sabia em quem acreditar. Em Legião, a quem amava. Ou em Olivia, a quem desejava, mas que não poderia ter.

Cuidadosamente, Legião se sentou, e o lençol escorregou até sua cintura. Aeron olhou para o outro lado imediatamente, mas não sem ter um vislumbre de seus mamilos perolados.

Ele quis esfregar os olhos com uma lixa.

Aquele dia nunca iria terminar?

OLIVIA FICOU OBSERVANDO enquanto Legião esticava um dos braços e o examinava. Depois, esticou o outro braço, examinando-o também. Em seguida, tocou os seios, beliscou de leve os mamilos e arfou de medo.

— Eu estou linda — ela disse, muito animada. Suas palavras já eram mais fluentes e ficavam mais suaves a cada vez que falava. Devia estar se acostumando à nova língua. Ergueu o olhar, a soberba estampada ali ao encarar Olivia. — Sou mil vezes mais bonita que você.

Talvez fosse mesmo. Não que Olivia se importasse. Muito. O que Aeron achava de tudo aquilo? Ele estava tendo o cuidado de não olhar para Legião, de não tocá-la.

Beije a nuca dele... lamba o seu pescoço... e deixe Legião ver tudo.

Olivia parou de respirar. Lá estava ela outra vez. A voz. A tentação. Desde que Aeron a trouxera de volta à fortaleza, essa voz a atormentava, encorajando-a a fazer todo tipo de coisas, todas com a intenção de seduzir Aeron e levá-lo para a cama. Acariciar seu pênis, tirar a roupa e dançar para ele, até mesmo flertar com seu amigo para deixá-lo louco de ciúme.

Nada disso a teria incomodado. A não ser o fato de que tais desejos não nasciam de dentro *dela*. Sim, ela queria acariciar seu pênis, e sim, ela queria tirar a roupa para ele. Como foi evidenciado pelo episódio em que aparecera nua. E sim, ela até gostava de pensar no ciúme dele. Mas, quando aquela

voz produzia os desejos, manchas de escuridão eram deixadas em sua alma. Ela podia senti-las.

Como isso estava acontecendo? *O que* estava acontecendo?

Aeron limpou a garganta, tirando-a dos próprios pensamentos.

— Vamos pegar algumas roupas para você, Legião.

— Eu gosto de estar nua — ela disse, fazendo um beicinho.

— Que pena. — Ainda mantendo o olhar afastado, ele esticou uma das mãos. — Cubra-se e venha comigo.

— Não. — Encarando Olivia, ela se atirou para a frente, passou os braços ao redor do pescoço de Aeron e pressionou o corpo contra o dele. — Quero que me carregue.

Ele fez uma careta, mas segurou-a no colo.

— Tudo bem. Olivia, venha conosco. Por favor. — Ele não esperou pela resposta dela, mas começou a subir os degraus com dificuldade.

De jeito nenhum Olivia o deixaria sozinho com o demônio transformado em humano, mas ficou feliz que ele tivesse solicitado sua companhia. Até que, no meio do caminho até o quarto dele, ela ouviu: passe a mão *na bunda dele...* e se viu com os dedos bem perto de seu traseiro quando se deu conta do que fazia o braço. Ela franziu o cenho e trouxe o braço para o lado do corpo, mas era tarde demais. Outra mancha obscura acabara de se formar em sua alma.

O que aconteceria se aquela escuridão a consumisse?

Pare, Olivia gritou dentro da cabeça. *Quem ou o que quer que você seja, por favor, pare.*

Legião apoiou a cabeça no ombro de Aeron, voltando a olhar para Olivia, e acariciou os contornos de suas costas.

— Tão forte — murmurou.

Olivia estreitou os olhos enquanto seu corpo era tomado por um acesso de raiva. *Ele é meu, só eu posso acariciá-lo. Só eu posso elogiá-lo.*

Faça alguma coisa. Você merece Aeron, e não Legião. Então prove isso a ele. Fique na frente dele, ajoelhe-se, abra a calça e chupe o seu pau.

Ela tropeçou no próprio pé, e a raiva rapidamente desapareceu e deu lugar ao desespero. O que aconteceria se fosse consumida pela escuridão?, ela se perguntou. Com aquele desejo recente, a resposta começava a se delinear. Ela não seria mais capaz de distinguir entre os seus próprios desejos e as emoções contidas naquela voz. Tudo o que a voz dissera ela queria fazer. Desesperadamente.

Resista. Não poderia permitir que isso acontecesse.

— Quero falar com você... em particular — Legião continuou, e aquela pequena pausa no final da frase não teve nada a ver com sua nova língua, mas teve tudo a ver com uma insinuação sensual. — Mande esse anjo feio embora.

— Pare com isso — ele bradou. Depois, mais calmo, disse: — Você precisa parar com isso.

Finalmente, a soberba se esvaiu dela e ela voltou a olhar para Aeron, com os olhos agora cheios de água.

— Você não me ama mais?

— Claro que amo, mas isso não significa que... Nós não podemos... Droga! — Ele acelerou o passo, passou apressadamente pelo corredor e praticamente derrubou a porta com um chute.

Colocou Legião de pé e saiu do quarto. — Pegue o que quiser entre as minhas coisas, apenas vista-se. — Ele não esperou por uma resposta, simplesmente bateu a porta com força e se virou para Olivia. — Conte-me sobre o pacto que ela fez com Lúcifer.

Ajoelhe-se...

— Não! — Um passo, dois, ela se afastou dele.

— Olivia — disse Aeron, com a expressão de quem não estava entendendo. — Pare.

Beije-o, depois... em algum lugar, em qualquer lugar...

Sua atenção caiu nos lábios de Aeron, e ela lambeu os próprios. Um beijo, tão inocente. Tão necessário. *Deve... resistir...*

— Pare — ele gritou mais uma vez.

Ela engoliu em seco.

— Parar o quê?

Atrás da porta, ele podia ouvir os passos de Legião, que atirava coisas ao chão e murmurava algo relacionado a “anjos idiotas”.

— Primeiro, pare de negar a minha ordem e, segundo, pare de tentar me seduzir.

— Por que eu tentaria seduzir você? Você nem é tão bom entre lençóis mesmo. — No momento em que as palavras saíram de sua boca, Olivia a tapou com uma das mãos. Sinceramente. Como aquilo estava acontecendo?, ela se perguntou mais uma vez. Aquela não tinha sido uma provocação sua, e sim daquela voz.

Aeron ficou enfurecido.

— Não sou bom? Eu lhe proporcionei um orgasmo na primeira vez em que nós... Na sua primeira vez, droga!

Ela arregalou os olhos ao perceber o que estava acontecendo. Um outro perigo apresentado pela voz: ela gostava dos resultados. Aeron mal podia controlar a sua raiva, e só de pensar nele estando fora de controle, determinado a provar o quanto era bom ao lhe dar prazer, ela ficava louca.

Resistir? Talvez não fosse uma ideia tão boa.

Sério? Então, se é assim, Aeron vai ser apaixonar pela voz, não por você. É isso o que você quer? Finalmente. Um pensamento racional. Um pensamento que conseguiu quebrar um pouco da escuridão, deixando que a luz penetrasse nela.

— O que você vai fazer com essa sua amiguinha demônio aí dentro? — ela perguntou, retornando ao único assunto que importava naquele momento.

Aeron esfregou uma das mãos no rosto subitamente cansado. Um gesto que estava se repetindo muito ultimamente.

— Não sei o que fazer com ela.

— Para ter feito um pacto dessa grandeza, ela deve ter prometido algo muito importante a Lúcifer.

— Como o quê?

Olivia deu de ombros.

— Só ela poderia responder isso. E Lúcifer, claro. Mas posso garantir que ele não vai nos contar nada.

— Como você sabe que ela fez um pacto com Lúcifer, e não com Hades? E realmente importa com quem o pacto foi feito?

— Sim, claro que importa, mas Hades atualmente está preso e impossibilitado de fazer pactos, então não precisa se preocupar com ele.

Quando os Titãs haviam escapado de sua prisão imortal e venceram os gregos tantos meses antes, Hades estivera entre eles. Lúcifer, no entanto, fora deixado de lado pelos Titãs. Alguém precisaria ficar no controle do Mundo Subterrâneo, supôs Olivia. Mesmo que fosse alguém tão cruel quanto o demônio, o criador do próprio mal. Mas ele era melhor do que o louco do Hades.

Esfregue o corpo contra o dele...

— Chega! — Se aquilo continuasse, ela iria bater a cabeça contra a parede até desmaiar. Bastava de escuridão, não importava o quanto ela gostasse dos resultados. — Não vou fazer isso, mesmo que eu queira, então pode ficar quieta.

Aeron ergueu os braços, dando adeus ao que lhe restava de paciência.

— Fazer o quê?

— Esqueça. Mas a verdade é que, até você descobrir algo mais sobre a parte de Legião no pacto, eu não confiaria nela. Ela pode ter contado alguns segredos, ou prometido matar algum de seus amigos.

Ele balançou a cabeça negativamente, confiante.

— Ela nunca faria isso. Ela me ama.

Sua fé naquele demônio trapaceiro era irritante. Por que ele não sentia o mesmo por Olivia, que já tinha sido um anjo e que nunca, nunca mentira? Por que estava sempre tentando afastá-la?

A porta do quarto foi repentinamente aberta, e Aeron quase caiu para trás. Legião olhou para ele e soltou uma gargalhada rouca. Ele rapidamente endireitou o corpo e virou-se na direção dela. Ela estava vestindo uma de suas camisetas e uma calça de moletom, ambas muito largas para ela.

— Está feliz agora? — ela perguntou, ficando na ponta dos pés e dando um giro. — Isso foi... tudo o que eu pude encontrar. Mas sabe o que foi... mais engraçado? Eu *continuo...* linda. — Em sua exuberância, as pausas hesitantes voltaram à sua fala.

Aeron se afastou dela e se aproximou de Olivia, que colocou as palmas das mãos na parte de trás dos ombros dele, impedindo que o guerreiro saísse correndo. O coração de Olivia ficou acelerado. Contato.

— Eu e Olivia precisamos ir à cidade. Você vai ficar aqui. E estou falando sério dessa vez. *Não vá* a lugar nenhum. Precisamos conversar quando eu voltar.

O sorriso sedutor de Legião rapidamente desapareceu.

— O quê? Não. Isso não! Eu vou... com você.

— Você vai ficar aqui, e não vamos discutir sobre isso.

Com expressão petulante, ela bateu os pés.

— Por que você... vai levar esse anjo feio, então?

Eu não sou feia!

— Eu preciso dela — foi tudo o que Aeron disse, mas o tom de sua voz era cortante, como aço fervente.

Legião respirou fundo ao olhar nos olhos de Olivia, que ainda espreitava ao lado de Aeron. Havia mais ódio naqueles olhos do que Olivia jamais vira.

— Toque-o, e eu... mato você. En...tendeu? — Quanto mais intensas eram suas emoções, mais dificuldade ela tinha para falar.

— Você não vai fazer mal a ela. — E, sem fraquejar, Aeron passou um braço duro ao redor da cintura de Olivia, com os dedos colados à base de suas costas. — Chega de ameaças. *Você* entendeu? Não vou mais tolerar isso.

Legião pressionou os lábios e ficou em silêncio por um momento. Depois sorriu. Um sorriso forçado, exageradamente doce.

— Qualquer coisa... que você quiser, Aeron. Eu amo você e... só quero que esteja feliz.

Era mentira. Olivia ouviu isso nas correntes ocultas da voz do demônio. Não mentia em relação ao seu amor por Aeron, mas em relação à promessa de deixar Olivia em paz. Teria de ficar atenta, pois já vira demônios em ação e sabia o quanto podiam ser traiçoeiros e quanta destruição poderiam causar.

— Tente — ela disse, e se aquele desafio vinha dela mesma ou da voz tentadora, ela não saberia dizer. Na verdade, nem ligava. — Pois eu estou planejando fazer muito mais do que simplesmente tocá-lo. — Verdade.

Aeron girou o corpo, colocando-a no seu devido lugar apenas encarando-a. Suas pupilas estavam dilatadas, exatamente como tinham estado antes de beijá-la no apartamento de Gilly, com o peito se movendo para cima e para baixo, como se não conseguisse recuperar o fôlego.

— Não. Mais. Uma. Palavra. Sua. — ele falou por entre os dentes.

Beije-o.

Dessa vez, ela não resistiu. Que se danasse a escuridão. Ela se aproximou de Aeron, ficou na ponta dos pés e colou seus lábios aos dele. Legião precisava saber que Olivia estava tão determinada quanto ela a conquistar aquele homem. A tê-lo de todas as formas imagináveis.

Ela enfiou a língua na boca de Aeron, mas por pouco tempo. O bastante para sentir o seu gosto. Ele abriu a boca, claramente querendo mais, o que a surpreendeu e fez aumentar seu desejo, mas ela se forçou a se virar e a se afastar.

— Vamos, Aeron — ela disse. — Temos algumas coisas a resolver. Juntos. — E, sem olhar para Aeron, ou para Legião, que agora estava xingando, ela seguiu em frente como se não temesse encarar o resto do dia.

Capítulo Dezesseis

— NÃO ESTOU VENDO nada — Aeron murmurou, uma hora depois. — Está muito escuro. — Uma escuridão nada natural, aliás. Não havia qualquer sinal de luz, e a lanterna que levava não iluminava nada, apenas desaparecia em meio à pesada escuridão.

— Na noite em que Lysander apareceu para mim, ele me disse que eu continuaria sendo anjo em todos os aspectos importantes até meu prazo terminar — disse Olivia. — Acho que posso...

— Shh. Use sua voz interior. — Ele não queria que ela se tornasse um alvo. Na verdade, esse pensamento o irritava muito. Mas só poderia culpar a si mesmo. Ele não deveria tê-la trazido até ali, fosse Pesadelos uma ameaça ou não. Ele simplesmente... não quisera deixá-la perto dos ataques de Legião. Ou perto dos toques de Torin. E ele *prometera* mostrar-lhe o lado difícil de sua vida.

Sou um verdadeiro idiota. Um idiota se afogando numa tempestade que ele mesmo criou. Desejo por Olivia: confirmado; ele não diminuía. Na verdade, apenas crescera. Uma pseudofilha ciumenta, sedenta por sangue, e determinada a acabar com a vida do seu anjo: confirmado. Uma promessa de convencer o citado anjo a voltar para casa: confirmado, mesmo que agora ele se odiasse por ter prometido isso. Enviá-la de volta, sem saber como ela se sairia? Tortura!

— Ela está dormindo — disse Olivia, a todo volume.

— Mas pode acordar — ele murmurou. — Aeron se importara com a escuridão, mas desceu os degraus lentamente e apalpou as paredes da casa de Scarlet, que na verdade era uma cripta subterrânea num cemitério local, esbarrando em... móveis? Caixões?, sem ter ideia do que o esperava, e com a possibilidade de estar levando Olivia à destruição; tudo isso fez com que correntes de medo se misturassem com sua raiva. Como ele poderia protegê-la dessa forma?

— Ela não vai acordar, eu prometo. *Aliás*, como o meu prazo ainda não terminou, talvez eu possa...

Ao ouvir as palavras de Olivia, ele parou e se virou. Ela bateu nele e soltou um *humpf* contrariado. Mesmo que a tenha sentido apenas por um breve momento, ele saboreou o contato. Suave, quente. Excitante. Era tudo de que seu corpo precisava para se preparar. Mais uma vez.

Minha, disse Ira.

Eu sei. Você já disse isso. Inúmeras e malditas vezes. E Aeron permitira, deixara de ser importar. Pois... *Não. Isso não.*

O momento seguinte se passou em silêncio, o único som era a respiração deles. O ar era pesado, como se carregasse o passar dos anos, cheio de poeira e morte, mas ele teria ficado contente de esperar ali pelo resto de sua vida. Ali, ela estaria a salvo. Ali, eles estavam juntos.

— Talvez possa o quê? — ele finalmente perguntou.

— Isso. — Surgiram faíscas de luz.

Ele piscou e esfregou os olhos. Aquelas faíscas estavam realmente saindo de sua pele, ele notou. Elas se misturavam e a intensidade do brilho aumentava. Tanto que Olivia já era capaz de dissipar as sombras, e os olhos de Aeron estavam marejados.

— Como...

Ela sorriu lentamente, com seu lindo rosto iluminado, brilhando como se fosse a mais pura estrela, seus longos cílios servindo de moldura àqueles olhos azuis como o céu. Ele poderia ter beijado o ar que saía de seus lábios. *Não ouse*. Mas agora que ele já conhecia o seu sabor, que já sentira sua pele esfregando-se contra a dela, como poderia resistir?

Legião. Lysander. Liberdade.

Ah... Ele poderia ter xingado.

— Algumas vezes os humanos ficavam presos na escuridão, e cabia a mim mostrar-lhes a saída. — Olivia mudou o peso do corpo de um pé para o outro e, com o queixo, apontou para a área logo atrás de Aeron. — Scarlet está logo ali, depois daquela curva. Eu posso senti-la.

— Obrigado. — Com movimentos firmes, Aeron forçou o próprio corpo a se virar. Seus olhos imediatamente lamentaram a falta dela.

Ira também uivou em protesto.

Calma. Ainda estamos com ela. Aeron começou a andar pelo caminho certo e empoeirado, e logo entrou num quarto improvisado. Lanças se erguiam em vários pontos do chão, pontiagudas e bem presas ao concreto. Entre elas, fios esticados formavam uma armadilha, e do outro lado do quarto, protegido pela zona da diversão, estava um caixão.

Por que um caixão? Porque assim ela poderia se fechar, garantindo mais proteção? Se fosse por isso, era uma mulher esperta.

Ele apalpou uma lâmina e se aproximou, driblando as armadilhas. Olivia seguia logo atrás, medindo cada passo.

— Cuidado — ele murmurou. — Fique atrás de mim. — Ele abriu a tampa, esperando uma luta já no meio do caminho.

Nada. Como Olivia prometera, Scarlet dormia em paz, completamente alheia à invasão. Ele a estudou. Cabelos pretos e sedosos emolduravam um rosto aparentemente delicado. Não parecera delicada antes, quando o encurralara naquele beco. Seus cílios eram mais longos do que ele se lembrava. Seu nariz era pequeno, e seus lábios estavam mais vermelhos do que antes.

Ela vestia uma camiseta e uma calça jeans, ambas pretas, e havia armas espalhadas por todo o seu corpo. Ela não se desarmava, nem para dormir. Interessante. Até ele tirava suas lâminas antes de dormir. Mantinha todas elas por perto, claro, mas não coladas ao corpo.

Relaxando, desviou os olhos. As paredes estavam sujas, assim como o chão, e havia lâminas em vários pontos. Quem caísse, fosse contra a parede ou no chão, morreria na hora.

Pesadelos poderia ter colocado armadilhas na entrada e até mesmo nos degraus que levavam até lá embaixo, mas não o fizera. Por quê? Talvez por saber que a escuridão absoluta assustaria a maior parte das pessoas, as inocentes, pelo menos. Mas quem persistisse, quem seguisse em frente, claramente teria intenções mais sinistras. Talvez essas fossem as únicas pessoas que ela queria matar.

Se isso fosse verdade, significaria que ela não matava indiscriminadamente. Significava que havia um limite que ela não ultrapassaria. Ou talvez gostasse de matar coisas que estivessem por perto, para que, ao acordar, a primeira imagem que visse fosse sangue e morte.

De qualquer forma, ela não brincava em serviço quando o assunto era se proteger.

Ele quase sentiu vontade de vê-la despertando e atacando-o. Ele *precisava* de uma batalha. Seus nervos estavam no limite, e um derramamento de sangue o acalmaria. Muitas coisas estavam acontecendo, mudando. Muitas coisas estavam dando errado.

O demônio de Baden encontrara um novo hospedeiro, graças a Galen. Descobrira que Cronos e Rhea eram possuídos. Tudo o que acontecera entre ele e Olivia, claro, e suas roupas provocantes e seus beijos quentes, suas sugestões irresistíveis (naquele momento, inclusive, ele quase sentia falta da voz), e sua tentativa de seduzir outro homem, tudo isso era como lenha na fogueira de sua excitação. E o ciúme. E a raiva.

Sim, ele precisava matar alguém naquele dia.

E, como se tudo isso não fosse o bastante, Legião olhara para ele da forma como ele gostaria que Olivia o olhasse. Ela fizera um pacto com o criador de todo o mal, e mentira descaradamente sobre ele. Foi bem no final dos acontecimentos, antes que ele sáísse e a deixasse sozinha; ele não se iludiria mais em relação a isso. Ela demonstrara uma determinação dissimulada.

O que faria com ela? Como deveria lidar com aquela situação? Ainda a amava como se fosse uma filha, ainda planejava mantê-la em sua vida. Não a abandonaria de jeito nenhum. Então... tinha de haver uma solução.

Não pense nisso agora. Você tem um trabalho a fazer. O trabalho, claro. Então. Voltando a Scarlet, o problema mais próximo. Será que Galen sabia algo sobre ela?

— Ela costumava viver numa igreja — disse Olivia, com voz de culpa, antes que Aeron lhe dissesse que precisavam sair dali. — Mas não deu certo para ela.

Por que aquela culpa? Por que ela o trouxera até ali? Provavelmente. *Cuidado.* Ele não podia deixar que a culpa de Olivia provocasse a sua própria.

— Acho que já pedi para ficar quieta.

— Eu já disse. Ela não vai acordar.

— Como você sabe? — Pergunta boba. Olivia sabia de tudo, ou pelo menos era o que parecia algumas vezes. O que significava que Aeron iria adorá-la. Informação era a melhor amiga dele. Graças à Única Divindade Verdadeira de Olivia, ela iria embora antes que o guerreiro retornasse. Aeron odiaria ter de apunhalar seu amigo por interrogar sua mulher.

Ao pensar nisso, Ira gargalhou de felicidade.

Bem, talvez ele não *odiar*ia ter de esfaquear o guerreiro. Devia aquela a Sabin, afinal. *E ela não é sua mulher!*

— Esqueça isso. Não importa. Temos de correr, antes que encontremos outros visitantes.

— Quem, por exemplo?

— Os Caçadores.

— Ah.

Aeron talvez quisesse uma batalha com Pesadelos, mas não com o exército de Galen. Não queria ver Olivia envolvida em algo assim. Ele lhe mostraria os horrores de sua vida de outra forma. A uma distância segura.

A cripta de Scarlet ficava a uma boa distância de The Asylum, e isso era um ponto a favor deles.

— ... tão escuro. — Uma voz desconhecida disse de repente, e as palavras ecoaram pelos degraus de pedra logo acima, chegando ao pequeno local onde estavam.

— Minha lanterna não funciona.

— Eu não vejo nada.

— Continue seguindo em frente, droga.

Que inferno. Sim, aquele dia ainda poderia ficar pior. Os Caçadores estavam ali, exatamente como ele temera. Alguém o seguira? Usando o Manto da Invisibilidade?

Alguém o estava observando, ameaçando sua mulher até mesmo naquele momento?

As mãos de Aeron se transformaram em punhos. Ele mapeou a cripta mais uma vez, mas não viu nada fora do lugar. Olhou para Olivia, que ainda estava brilhando, mas com a testa franzida. Depois olhou para Scarlet, que ainda dormia. E, por fim, olhou para a porta.

Aquele espaço aberto e escuro era a única forma de sair dali. Mas para alcançá-lo tinham de passar pelos humanos. Provavelmente, humanos *armados*.

Aqueles humanos não seriam capazes de enxergar através da escuridão, mas Aeron também não enxergaria nada sem a luz de Olivia. Mas, com ela, todos poderiam ver a todos.

Só havia uma coisa a ser feita. Apenas uma opção manteria Olivia a salvo.

Aeron colocou uma lâmina na mão dela.

— Mantenha-a pressionada contra a garganta de Scarlet — ele sussurrou. — Se ela se mexer, mesmo que muito pouco, não hesite em cortá-la.

Sem dar chance para que ela respondesse, Aeron agarrou Olivia pelo pulso e colocou-a no caixão, ao lado de Scarlet. A mulher que dormia continuou exatamente como estava, mas Olivia arfou. Imediatamente, ele colocou uma das mãos sobre sua boca, balançando a cabeça. Ela engoliu em seco de tanto medo, mas assentiu, indicando que entendera o que ele queria dela. Silêncio.

— Apague a luz.

Mais uma vez, ela assentiu, e o brilho de sua pele começou a enfraquecer... aos poucos, até desaparecer completamente. As sombras deveriam estar esperando por isso, porque elas tomaram conta de tudo, preenchendo todos os espaços com sua escuridão sufocante.

— Merda. Olhe para onde está indo!

— Sinto muito.

As vozes estavam mais perto.

Como Aeron era grande, ele sabia que não caberia dentro do caixão, para proteger Olivia. Não sem amassá-la. Em vez disso, colocou a mão no ombro de Olivia, ou no que imaginara ser o ombro dela. Ele rapidamente puxou a mão, que agora queimava, pois, na verdade, ele tinha segurado seu

lindo seio. E seu mamilo imediatamente enrijecera.

Minha. Proteger.

Com mais cuidado dessa vez, ele mirou mais acima. Ombro. Ótimo. Tremendo. Nada bom. Isso significava que ela estava tão nervosa, e distraída, por seu erro quanto ele. Ou talvez estivesse com medo. Aeron preferia pensar que estava nervosa.

Claramente, era *ele* o distraído. Voltando à ação, obrigou-a a deitar e ficar quieta. Por sorte, ela não protestou. Se ela tinha feito o que ele lhe ordenara e colocado a ponta da lâmina no pescoço de Scarlet, ele não sabia. E só para garantir, ele deixou sua outra mão próxima ao rosto de Pesadelos. Ótimo. Ela continuava parada, e seu hálito banhava sua pele, quente, estável.

Ele não vira qualquer armadilha ao redor do caixão, então deu alguns passos até a parte da frente, afastando-se da passagem para o corredor. E em nenhum momento afastou suas mãos das duas mulheres. Queria que Olivia soubesse que ele estava ali, que a protegeria. Sempre. Teria fechado o caixão, mas preferia ter acesso rápido, caso a outra mulher realmente despertasse.

— Espere — disse um dos homens. — Pare.

— O quê?

— Ar... Está sentindo uma brisa?

— Devemos estar perto de uma abertura.

Muito perto, na verdade.

Seguiram-se sons de passos. Vários. O tremor de Olivia aumentou, e ele a apertou com mais força, para reassegurar que continuava ali.

— Isso só pode ser um quarto. — Uma pausa. Um barulho. — Sim. Sim! É muito espaçoso para ser apenas mais um corredor.

— Ela não pode estar aqui. Não teria conseguido encontrar o caminho.

— Ela é a guardiã da merda do demônio dos Pesadelos. Claro que teria encontrado o caminho. Apenas...sinta o que está à nossa volta. Ela deve estar dormindo. Se encontrar uma pele quente, comece a atirar.

Como eles sabiam tantas coisas? Cronos teria contado algo à sua esposa? Ou alguém teria usado o Manto mais uma vez e escutado suas conversas particulares?

— Claro que não. Nada de tiros. Vamos acabar atirando um no outro.

— Melhor do que permitir que um demônio seja liberto.

Seguiu-se um silêncio de surpresa enquanto o outro Caçador absorvia a vontade de morrer de seu companheiro.

— Ou nós a cortamos, ou eu pulo fora — alguém finalmente disse. Não me recrutei para uma missão suicida.

— Então corte-a, droga, apenas tenha certeza de que vai deixá-la incapacitada, para que possamos carregá-la para fora daqui sem que ela tenha força suficiente para atacar. Todos os sonhos ruins que tivemos na vida foram por culpa dela. Todas as coisas ruins pelas quais passamos vieram dela. Mais passos. Aeron ficou alerta, esperando. Se algum deles conseguisse chegar até o caixão, ele teria que...

Um homem gritou.

— Que merda...

Outro grito. Uma golfada. Seguido de outro, e mais outro.

Não restaria ninguém para se aproximar do caixão.

As armadilhas de Pesadelos dariam conta do recado. Vários dos Caçadores atiraram, mesmo com medo de fogo amigo, mas a escuridão escondia as centelhas causadas pela pólvora. Uma das balas atingiu o ombro de Aeron, jogando seu corpo para trás.

Conseguiu se equilibrar no momento em que vários outros gritos humanos encheram o ar. Mesmo não querendo ver Olivia presa com aquela mulher, incapaz de se proteger, ele também não queria que ela fosse atingida por um tiro. E fechou a tampa do caixão.

— O que está acontecendo?

— Parem — alguém conseguiu dizer, entre as tosses.

Outro grito, dessa vez misturado a uma onda crescente de murmúrios de dor e a um cheiro de sangue fresco.

— Retirada! — alguém ordenou. — Reti... ahhhh!

Seguiu-se mais uma onda de sons de passos, mas o número de pés diminuía consideravelmente. E depois, enquanto abundavam os gritos e murmúrios, o barulho de passos cessou por completo. Terminado. Era o fim. Era a batalha que ele quisera e desejara, mesmo não tendo levantado um dedo sequer para vencer.

Ele esperou até que o silêncio reinasse antes de levantar a tampa do caixão e dizer:

— Luz.

Imediatamente, Olivia obedeceu. Mais uma vez, aquela luz quase ofuscante irradiou do seu corpo, cresceu e conquistou a escuridão. E Aeron viu que ela estava pálida, mas não estava ferida. Scarlet ainda não se movera.

— Aeron, eu fiquei tão... — Olivia se sentou e girou o rosto na sua direção. Mas sua expressão imediatamente mudou: — Você está ferido.

Ele olhou para sua ferida. Havia um buraco em seu ombro, com sangue jorrando dele, passando pelos músculos de sua barriga, cada gota sendo absorvida através da cintura de sua calça. Agora que sua preocupação com Olivia desaparecera, e sua adrenalina baixara, ele começou a sentir que aquilo *doía*. Uma dor que se espalhava como fogo, rápida e certamente, como se suas veias bombeassem gasolina em vez de sangue.

Mas não importava.

— Vou ficar bem — ele disse. — Já tive machucados piores, então não tem por que se preocupar.

— Não consigo evitar. — Mordendo o lábio inferior, ela se aproximou e passou os dedos pelo queixo de Aeron. — Estou preocupada.

Aquele toque deveria ser para confortá-lo. Mas, como sempre, senti-la o deixou atormentado. Precisava de mais. *Ira* precisava de mais e murmurava dentro de sua cabeça.

Agora não é hora para isso. Corpos sangrentos estavam empilhados uns sobre os outros, com lâminas transpassando cada um deles. Alguns tinham caído com o rosto para baixo, outros aterrissaram virados para cima. Todos tinham morrido. Ele teria de agradecer àquela menina pela escolha da decoração, pois ela, mais do que ele, fora a responsável por salvar a vida de Olivia.

Ele não sabia se algum dos Caçadores conseguira escapar daquela sala do terror, mas não esperaria para ver se eles voltariam com reforços. Após ajudar Olivia a se levantar... merda!, e fazer com que sua ferida se abrisse, pegou Pesadelos nos braços, exatamente como pensara em fazer antes de serem interrompidos.

— Fique por perto — ele disse. — E pise somente onde eu pisar.

— Tudo bem.

Ele abriu caminho em direção à entrada, driblando os corpos por onde passava, e fazendo uma careta à medida que o fogo dentro dele aumentava.

Machucado, gritou Ira.

Ele curvou os lábios.

Você, também?

Feio.

Vamos para casa. Descansar. Não havia trilhas de sangue nas escadas, nem mesmo uma mancha. O que significava que ninguém conseguira sair dali. Ótimo. Porém... quando chegaram ao topo das escadas, ele estava tremendo. Estava enfraquecendo. Seus olhos estavam se fechando, e para todos os lados que olhava, via tudo embaçado.

Ira gemeu.

O fogo finalmente desapareceu, mas foi substituído por um frio congelante.

— Aeron?

Ele diminuiu o ritmo, seus movimentos preguiçosos, seus pés tropeçando um no outro.

— Coloque a mão no meu bolso de trás. Pegue o meu telefone. — Naquele ritmo, ele não teria forças para voar com as duas mulheres em direção à fortaleza.

— O que está acontecendo com você? — perguntou Olivia, fazendo o que ele pedira. — É por causa da sua ferida? Você disse para eu não me preocupar!

Ele ignorou a pergunta e a preocupação. Não queria mentir para ela, de novo, e dizer que tudo terminaria bem, mas ele também não tinha uma resposta para dar. Ele e Ira nunca tinham reagido daquela maneira frente a uma simples ferida de tiro.

— Você sabe enviar mensagem de texto? — perguntou, ao virarem uma esquina.

— Não. Já vi humanos fazendo isso, mas nunca tentei.

— E FAZER UMA ligação? — Logo acima, ele finalmente via a luz do sol entrando na cripta. Estava banhado em suor, mas isso não ajudava a aliviar aquela sensação de frio. Seus movimentos estavam cada vez mais lentos, ele estava se arrastando.

— Não — ela respondeu novamente. — Sinto muito.

Droga. Se ele soltasse a mulher, não conseguiria pegá-la no colo novamente. Disso ele sabia. Droga, droga, droga.

Havia apenas duas possibilidades para explicar sua reação, ele percebeu. Ou os Caçadores tinham usado algum tipo especial de bala, ou ele ainda não tinha se recuperado completamente do último ataque.

Já do lado de fora, finalmente, graças aos deuses, Aeron vasculhou em busca de Caçadores que pudessem estar esperando. Não viu nenhum, mas não sabia se realmente não estavam por lá, ou se sua visão continuava embaçada. Pelo menos, ninguém pulou em cima deles.

Voando ou não, ele não conseguiria chegar em casa.

Deu uma olhada em volta mais uma vez, agora buscando um lugar para se esconder. Poucos metros à sua frente, havia uma pedra grande, com flores de todas as cores ao redor, formando uma alcova escondida.

— Por aqui. — Ele caminhou pesadamente para a frente, mais fraco a cada passo.

Olivia passou o braço pela cintura de Aeron, transformando-se em sua muleta.

— Venha, apoie-se em mim.

Ele não queria, ficava envergonhado por precisar fazer isso, e ainda *mais* envergonhado por realmente gostar de ter alguém cuidando dele. Mas, com a ajuda dela, ele conseguiu.

— Obrigado.

Ele tentou deixar Scarlet no chão, mas seus joelhos fraquejaram e os dois praticamente viraram uma cambalhota para a frente. Ela despencou no chão sem cerimônia, e ele caiu ao lado dela. Mas nem assim Scarlet se moveu.

Exatamente como Ira. O demônio estava em silêncio agora. Misteriosamente.

Aeron rolou para o lado. Olivia, ele notou, estava ocupada arrumando as flores para que formassem um escudo para escondê-los dos olhares curiosos.

— Boa... menina — ele disse.

O sorriso que Olivia lhe dirigiu era cheio de bravura e demonstrava uma vontade de ferro. Fez o coração de Aeron bater com força. Ou ele estava vendo coisas que não estavam lá, ou borboletas estavam realmente voando ao redor da cabeça dela. Havia esquilos aos seus pés, e pássaros pousavam na grama ao seu redor. Todos os animais a observavam, como se quisessem atrair sua atenção.

Com certeza, ele estava tendo alucinações. O que significava que estava bem pior do que pensara. Como sabia que não conseguiria ver os números no telefone, disse a Olivia o que deveria discar.

— Está chamando — ela disse, pressionando o aparelho contra o ouvido.

— Torin — ele disse, quando seu amigo atendeu. — Siga o sinal. Venha nos... buscar.

Ele não ouviu a resposta do guerreiro. Uma escuridão muito parecida com a que experimentara dentro da cripta se fechou ao seu redor, e dessa vez ele podia apenas recebê-la.

Capítulo Dezessete

APÓS TER RASGADO um pedaço da parte inferior de sua túnica e enrolado a tira no ombro de Aeron, Olivia tirou uma das lâminas do estojo guardado em seu tornozelo. Vou protegê-lo. Seja lá o que for preciso para isso. Da mesma forma como ele fizera com ela. Ela se agachou na frente dele, esperando que seus amigos chegassem. Ou os Caçadores. Se alguém que não fosse um Senhor se aproximasse, ela não hesitaria em atacar.

Nunca se sentira mais guerreira, mais confiante em si mesma e com muito mais medo, pela vida do homem que estava ao seu lado. Ele já levara tiros antes; ela mesma vira. Já fora apunhalado, espancado e cortado com facas e flechas. Mas nunca reagira daquela maneira. Nunca ficara pálido, gemera ou tremera. E não permanecera sangrando até enfraquecer.

Os minutos se sucediam, e ele não melhorava. Pelos céus, onde estariam aqueles Senhores? Seria melhor que se apressassem, e não apenas pelo bem de Aeron. Se esperassem muito tempo, a noite viria e Scarlet acordaria. E ficaria muito, muito irritada.

Ninguém sobreviveria.

Pelo menos aquela voz tentadora se calara no momento em que ela deixara a fortaleza, parando de encorajá-la a fazer coisas más, maravilhosamente más. Dificilmente um pequeno alívio em meio a tanta aflição. Nada seria. Os animais não paravam de se amontoar por entre os arbustos e as flores, atraindo a atenção dos passantes. Estavam tentando chegar perto dela? Ou de Aeron? Ela não se lembrava de animais se aproximando de Aeron antes, mas não entendia por que esquilos, coelhos, pássaros, gatos, e até um cachorro se aproximariam *dela*.

— Vão embora — ela sussurrou, pois não queria que se machucassem se uma batalha realmente se instalasse por ali.

Eles não se mexeram. Na verdade, chegaram ainda mais perto. Dela. Então era *ela* o ímã. Por quê?

— Vocês precisam ir embora agora...

Um galho se moveu, calando Olivia.

Um cachorro latiu e os gatos ronronaram, mas nenhum foi embora. Eles se encolheram, prontos para o ataque.

Ela pressionou os lábios, todos os músculos do seu corpo imóveis. Chegou a parar de respirar.

Quem estava ali? Os Senhores? Ou os Caçadores? A mão que segurava a lâmina tremia. *Por Aeron*, ela pensou, preparando-se como os animais. Ficou repentinamente feliz por eles terem permanecido ao seu lado.

Dois homens deram um passo além da folhagem, e num primeiro momento, ela não os reconheceu. Estava bastante preparada, bastante determinada a salvar o homem que... amava? Mas, no exato momento em que ela se lançou para frente, o cachorro correu na direção do alvo e atacou.

— Ai! Saia de cima de mim, seu vira-lata sarnento — ele gritou.

Olivia reconheceu aquela voz, era William, mas não baixou a lâmina a tempo, seus movimentos muito lentos. Pouco depois do contato, outra mão dura agarrou seu pulso, atirando-a para o lado antes de imobilizá-la.

— Ei, Liv, calma — ele disse com uma risada. Sua voz também era familiar. Paris. — Posso chamá-la de Liv, certo? Largue a lâmina para mim, por favor, está bem?

Ela ficou aliviada e soltou a arma.

— Agora diga para esse vira-lata me soltar! — gritou William.

— Eles são meus amigos — ela disse ao cachorro. — Estou segura agora.

O cachorro tirou os dentes do tornozelo de William, e todos os animais foram embora, como se estivessem apenas esperando por isso; pela garantia de sua segurança.

Que fofos.

— Obrigada — ela disse, grata.

— Agora que William foi devidamente recebido — disse Paris, com outra risada —, melhor colocarmos o pé na estrada. — Seu rosto demonstrou preocupação quando olhou para Aeron. Ele se inclinou, colocou os braços em volta do guerreiro, que ainda dormia, e o levantou. — Há quanto tempo ele está assim?

— Por muito tempo.

William se aproximou de Scarlet e fez o mesmo, mas ele a aconchegou nos braços como se fosse um tesouro precioso.

— Pelo menos eu fiquei com o pacote bonito.

— Sim, boa sorte com ela — disse Paris. — Eu acho que fiquei com a melhor parte do negócio. Aparentemente, ela é possuída por Pesadelos.

William virou os olhos.

— E isso é ruim?

— Se você não gosta de ter o seu saco arrancado, então, sim, acho que é ruim.

— Venha com o papai — disse William, segurando Scarlet ainda mais forte.

Olivia ouvia as provocações dos guerreiros, sua cabeça ia de um lado para o outro entre eles.

— Chega. Havia dois Caçadores aqui, vocês sabem. Este local é perigoso. Mais do que isso, há algo errado com Aeron. Eu o quero na cama.

— Claro, claro — disse William, com um aceno positivo. — Soubemos disso desde o início. Mas vai ter que esperar até que ele acorde para praticar esse tipo de esporte. Mas quando terminar com ele, eu adoraria fazer uma tentativa com você. Mostrar o que é estar com alguém que sabe o que está fazendo, e tudo o mais.

As mãos de Olivia tomaram a forma de punhos. Ele não levava nada a sério?

— Nós estacionamos por aqui — disse Paris, apontando para o lado com a cabeça.

Finalmente.

— Vamos.

Juntos, passaram por entre os arbustos, e todos os homens ficaram em alerta. Em poucos segundos, era como se fossem pessoas diferentes. Escondidos, faziam brincadeiras uns com os outros e implicavam com ela sobre levar Aeron para a cama. Agora eles eram soldados, sérios, capazes de qualquer coisa.

Ela já notara esse tipo de mudança em Aeron muitas vezes. Mas até então, ela nunca a apreciara.

Aeron. O bravo e ferido Aeron. Quando seus nove dias chegassem ao fim, e ele fosse tirado dela, para onde iria? O que faria? Duvidava que aqueles homens a convidassem para continuar com eles. E ela gostaria de ficar com eles? Aeron já não estaria mais lá, e a lembrança dele a provocaria em todos os cantos.

Pela segunda vez, Olivia se viu chateada com o pouco tempo que lhe restava ao lado de Aeron. Talvez houvesse uma forma de salvá-lo. Talvez existisse uma maneira de permanecerem juntos para sempre. Sim. Claro. Sua Divindade era a criadora do amor. Na verdade, sua Divindade *era* o amor. Ele gostaria que duas pessoas que se amavam permanecessem juntas. Certo?

Mas ela ainda não estava totalmente certa se realmente amava Aeron. Ela o admirava, sim. Ficava excitada ao vê-lo e desejava seu toque... ah, isso sim. Mas morrer em seu lugar?, ela se perguntou mais uma vez. E mais uma vez não estava certa. Já abrira mão de tudo para estar com ele; de tudo, exceto de sua vida.

Seria capaz de fazer isso?

Além do mais, morrendo por Aeron, ela também estaria morrendo por Legião. Pois Olivia sabia, *sim, ela sabia*, que Aeron nunca seria feliz sem a sua pequena, agora, grande, tirana. E, caso Aeron sobrevivesse, ela queria que ele fosse feliz. Porém, a ideia de morrer por uma pirralha mentirosa e manipuladora não lhe caía nada bem.

Mais do que isso: Aeron teria de amar *Olivia*. E naquele momento, estava claro que não a amava.

Olivia suspirou enquanto entravam no carro. Aeron foi deitado no banco traseiro, e Olivia apoiou a cabeça do guerreiro em seu colo. Paris assumiu o volante, e William se sentou no banco do carona, com Scarlet ainda nos braços. Era a primeira vez de Olivia num carro, algo que ela sempre quisera fazer, mas, naquele momento, ela não ligava. Sua mente estava girando.

Nunca pensara na morte para si mesma. Não mesmo. Ela simplesmente sempre existira, e sabia que existiria para sempre. Agora ela *poderia* morrer. Não para salvar alguém, mas simplesmente porque, digamos, um carro poderia atingi-la. Como se sentia em relação a isso? Não sabia. Tudo o que sabia era que morrer, sem antes experimentar tudo o que queria, seria terrível. Mas e depois? Ficar sem Aeron seria bem pior.

Já vira milhares, milhões de humanos morrerem. Mas nenhuma daquelas mortes a afetara, pois simplesmente faziam parte do ciclo da vida. Todo começo tinha um fim. Talvez por isso, num primeiro momento, ela não tenha ficado triste ao pensar em perder Aeron. Seria apenas mais uma morte na longa lista que ela presenciara.

Mas a dele era pessoal. Ela o conhecia intimamente, ela o beijara e sentira o seu gosto. Experimentara o prazer total com ele. Dormira nos seus braços, enroscada com ele. Ele a protegera. E poderia ter entrado naquele caixão sozinho, mas não entrou. Ele a colocou lá dentro, para garantir que *ela* saísse ilesa em vez dele.

Portanto, ele estivera disposto a morrer *por ela*. Por quê? Mas ela ainda não tinha a ilusão de que Aeron a amava.

Olivia suspirou mais uma vez e passou a palma da mão na cabeça de Aeron. Seus cabelos eram muito curtos e faziam cócegas na pele dela. Mais tarde, ela invocaria Lysander. Perguntaria sobre tudo aquilo, e também sobre a visita que ele fizera a Aeron. Ele não seria capaz de mentir para ela. E se o que ele dissesse fosse ruim e destruísse suas esperanças de um futuro junto àquele homem maravilhoso, ela iria... o quê? Engoliu em seco.

— Não deveríamos deixar Gilly naquele apartamento — disse William, de repente, tirando Olivia de seus pensamentos. — Não com inimigos rondando por ali como moscas.

— Primeiro: Aeron precisa ir para casa. Segundo: ela ficará melhor por lá, não estando associada a nós — disse Paris, olhando pelo retrovisor, observando todos os lados. — Os Caçadores não têm ideia...

William bateu com a mão no painel do carro.

— Permita-me discordar, Luxúria. Eles sabiam sobre Scarlet, e que contato nós tivemos com ela? Quase nenhum. E com Gilly? Muito. E com Rhea entre eles, não podemos deixar Gilly lá sozinha. Além do mais, Aeron é imortal. Ele vai sobreviver. Mais uma vez, repito, não podemos deixá-la sozinha lá.

— Droga. Você tem razão.

— Sempre tenho.

— Passaremos para pegá-la a caminho da fortaleza.

— Ela vai estar no colégio — disse William, e Paris xingou ao fazer uma curva proibida, com os pneus cantando.

Olivia pensou em reclamar. Queria ver Aeron a salvo e medicado o mais rápido possível, mas aqueles dois tinham razão. Gilly era humana e precisava ser protegida.

— Droga — repetiu Paris. — Ela está na Escola Internacional Americana de Budapeste, no campus Nagykovácsi. Eu acho. Vamos ter que percorrer uma boa distância até lá.

— Valerá a pena.

Havia uma estranha doçura na voz de William quando falava sobre a menina. Mas Gilly era muito jovem para ele. Muito jovem para *qualquer* um naquela fortaleza. Se Olivia tivesse de afastá-lo de Gilly, ele não gostaria nada dos seus métodos. Envolveriam uma faca e uma pequena bolsa de plástico.

Está adotando a vida de guerreiro que antes rejeitava tão facilmente?

— Duvido que ela fique feliz em nos ver — disse Paris.

— Fale por você. Anya sempre diz que ela tem uma queda por mim. — William parecia orgulhoso disso.

— Ela é apenas uma criança — disse Olivia. *E não me importa se sou considerada uma guerreira ou*

não, vou roubar mesmo uma das facas de Aeron...

William se revirou no assento e olhou para ela, e Scarlet nem se perturbou. Os lábios dele se erguiam em um sorriso maldoso.

— Eu sei disso, mas quando o assunto é o meu poder de atração, vai descobrir que essa história de idade não importa. Nem de gênero. Sou irresistível.

— Quais são as suas intenções com ela?

Ele virou os olhos.

— Não tenho intenções com ela. Gosto de ser admirado, e ela gosta de me admirar. Só isso.

— Certo. — Olivia não notou mentira em seu tom de voz. Mesmo assim, não se arriscaria. Não quando o bem-estar de Gilly estava em jogo. — Ela teve uma vida difícil. O marido de sua mãe... fez coisas a ela. — Talvez não devesse estar contando a ninguém os segredos de Gilly, mas aquelas lembranças pareciam apodrecer dentro dela. Trazê-las finalmente à luz poderia ser o primeiro passo para curá-las. — Ela contou à mãe, que se negou a acreditar. Chegou até a acusá-la de querer destruir sua nova e maravilhosa vida.

— Já sabemos disso — disse Paris, gentilmente. — Danika nos contou.

— Eu não sabia — disse William, voltando a olhar para a frente, mas Olivia foi capaz de notar uma expressão de completa e pura raiva em seu rosto. — Como *você* ficou sabendo disso?

— Já recebi a missão de cuidar dela.

O resto da viagem foi tenso, marcado por um silêncio opressivo. Finalmente, chegaram a um subúrbio da cidade, com casas de aparência convidativa, aconchegante. Árvores frondosas e verdes cercavam a área, e uma parte do lugar ficava em uma colina e se erguia majestosamente.

Pararam o carro num estacionamento. Paris deu uma olhada para William e disse:

— Vou ser rápido. Fique de olho na bagagem.

Sem avisar, e movendo-se tão rapidamente que Paris não pôde fazer nada, William largou Scarlet no colo do demônio, dessa vez sem tanto cuidado, e retrucou:

— *Eu* não vou demorar nada. Você assusta Gilly, e não vou aceitar isso. Hoje, não.

— Eu não assusto as mulheres. Eu as deixo maravilhadas. Além disso, você não está na lista de responsáveis por ela; eu, sim.

William virou os olhos, aparentemente, adorava fazer isso, e saiu do carro.

— Como se isso fosse me impedir. Já viu meus olhos? Eles são elétricos. As mulheres me olham uma vez, e eu entro *imediatamente* na lista de todas elas.

— Pare de ficar se gabando e ande logo — disse Olivia, batendo a porta rapidamente.

Ele a cumprimentou com um sorriso amarelo.

Ela ficou observando enquanto ele entrava no colégio, acariciando a testa morna de Aeron. Ele não estava melhorando, na verdade, estava começando a piorar. Sua testa estava banhada em suor, e seus dentes estavam perfurando seu lábio inferior.

Sem saber mais o que fazer, Olivia começou a cantar. Canções suaves de paz e bem-estar. E depois de alguns acordes, Aeron se acalmou, sua expressão contorcida de alguma maneira ficou mais relaxada.

— Meus deuses — murmurou Paris.

Olivia parou de cantar e olhou para ele.

— O quê? O que foi?

Aeron começou a se mover novamente.

— Não pare! — disse Paris. — É lindo. Meus ouvidos já estão viciados e precisam de mais.

— Ah, obrigada. — Olivia começou mais uma serenata. Do lado de fora, ela podia ver vários animais saindo do bosque e se aproximando do veículo. Mais uma vez, Aeron ficou mais calmo, e ela poderia ter chorado de alegria.

Seria capaz de morrer por ele? Traçou uma das tatuagens de caveira em sua bochecha. Talvez.

WILLIAM ESTAVA DE pé na secretaria da escola, esperando por Gilly. A recepcionista já a tinha chamado. Como ele tinha dito à mulher que seu nome era Paris, o Senhor, ela chamou a menina sem pensar duas vezes. As tais listas realmente funcionavam.

A recepcionista era baixinha e encurvada, com 30 e poucos anos, cabelos castanhos lisos e bem curtos e olhos da mesma cor, olhos que, naquele momento, pareciam estar arrancando a roupa de William. Algo que acontecia com certa frequência. E do qual ele gostava muito. Não tanto agora. Só queria tirar Gilly dali. Gostava daquela menina espertinha, e não descansaria até que ela estivesse em segurança.

Não tivera ideia de que sua vida tivesse sido tão terrível, e sentia vergonha de si mesmo. Ele conhecia as mulheres. Era capaz de descobrir tudo sobre elas com uma rápida olhada de cima abaixo. Então, como não percebera que Gilly estava ferida?

Sua maldita mãe e seu futuro padrasto! Duas pessoas que deveriam protegê-la. Mas William estava ali agora e asseguraria que nada disso voltaria a acontecer. Estava tentado a cortar a garganta da mãe e do padrasto dela. E talvez dar a ela a cabeça deles como presente de Natal, ou algo parecido.

— Você é o pai de Gilly? — perguntou a recepcionista, deixando o seu posto de trabalho e contornando o balcão, ficando de frente para ele.

Droga. Ele não notara o seu movimento. Aquele nível de distração era perigoso.

— Irmão — ele respondeu, um pouco irritado ao notar que tinha aparência de ser pai de uma menina de 17 anos. Tudo bem que ele estivesse completando dois mil anos, mas não tinha nenhuma ruga!

— Ah, legal — ela respondeu, sorrindo e entregando-lhe um pedaço de papel. — Caso queira discutir seus progressos na escola, este é o meu telefone. Ligue quando quiser.

— Entrarei em contato, definitivamente. — Ele também sorriu, embora o seu fosse um sorriso forçado. E colocou o papel no bolso, sabendo que nunca o usaria. — A educação é muito importante — ele disse.

Ela deu uma risadinha, e ele tentou não ficar constrangido.

Mulheres. Eram uma bênção e uma maldição ao mesmo tempo. Sexo, isso ele amava, precisava, desejava. Sexo com a mulher errada o levava à prisão. Sexo com as deusas que o visitaram na prisão o fez ser expulso do céu. Mas nem isso conseguiu deter sua libido. Na verdade, nada poderia deter sua libido. Nem mesmo a maldição que pairava sobre sua cabeça.

Um dia, uma mulher de grande beleza e poder o tentaria. Um dia, essa mulher o deixaria apaixonado. Um dia, essa mulher o escravizaria. E por fim, essa mulher o mataria.

A profecia já fora anunciada.

Talvez, apenas talvez, nada provável, ele pudesse evitar todas as mulheres e salvar a si mesmo de tal sentença de morte. Mas nem isso o salvaria, pois também fazia parte da profecia. Evitando as mulheres e o sexo, ele simplesmente seria condenado a uma morte muito mais rápida e dolorosa.

A única forma de deter tal mulher e quebrar a maldição estava escrita num livro. Um livro quase impossível de ser decodificado, então ele ainda não encontrado a resposta. Além do mais, uma puta deusa menor da Anarquia estava com o livro nas mãos, e só o entregava página a página. Ele odiaria Anya por isso, se não a amasse tanto.

Eles haviam passado centenas de anos sendo vizinhos de cela no Tártaro. A sagacidade daquela mulher fora a única coisa que o manteve são.

— William? — chamou Gilly, com sua voz rouca.

Ele girou o corpo, e ali estava ela, de pé no final de um longo corredor. Era esbelta, com cabelos pretos, olhos pretos e... era mais inteligente do que qualquer pessoa de sua idade deveria ser. Essa deveria ter sido a primeira pista, pensou.

Talvez ele tenha percebido algo, mas não quisera aceitar.

Ela vestia calça jeans, camiseta e tênis com um sistema de rastreamento escondido nas solas, embora não soubesse disso. Seus cabelos estavam presos num rabo-de-cavalo, sem nenhum traço de maquiagem no rosto.

O que não parecia importar para o menino ao seu lado. Ele olhava para Gilly, hipnotizado. Porém, ao vê-la chamar o nome de William, o rapaz franziu a testa. E quando seguiu o olhar de Gilly e viu o guerreiro, franziu ainda mais a testa e ficou pálido.

Namorado? Ou potencial namorado?

Alguém teria de colocar um ponto final naquilo. Ela era muito jovem, com um passado muito traumático. Precisava ficar sozinha. Até, *pelos menos*, seus quarenta anos.

— Oi, querida — respondeu William, acenando com a mão.

Sorrindo, ela correu na sua direção e atirou-se nos seus braços. Ele a abraçou com força antes de pegar o seu pulso e arrastá-la para fora dali. Ele podia gostar dela, querer o melhor para ela, mas não queria mais sua atração.

— O que está fazendo aqui? — ela perguntou.

O menino com quem ela estivera apareceu atrás dela. Era alto para um adolescente, chegando à altura das orelhas de William, com cabelos castanhos e olhos azuis.

— Quem é você? — perguntou William, sem fazer cerimônia.

— Ahn... Corbin, senhor.

— Que tipo de nome é Corbin Senhor? E se algum dia você fizer mal a Gilly, eu juro pelos deuses que vou pessoalmente...

Gilly bateu no ombro de William.

— Pare com isso. Cori é meu amigo. Ele só queria garantir que eu chegasse bem à secretaria.

— Isso é admirável — disse William, sem tirar os olhos estreitos do rapaz. — Desde que o seu

único objetivo seja protegê-la.

Corbin puxou o colarinho da camisa.

— Você é o... namorado dela, ou algo parecido?

— Irmão — respondeu William.

Ao mesmo tempo em que Gilly disse:

— Sim.

Seu olhar finalmente se voltou para ela, e ele arqueou uma sobrancelha. Sim? Então, eles precisavam conversar. Talvez, mais tarde. Ouvir aquela palavra fez alguma coisa se apertar em seu peito. Descobriria o significado daquilo depois.

— Então, por que está aqui? — ela perguntou mais uma vez, com as bochechas ficando vermelhas.

Ele não gostou de saber que a deixara sem graça. Mas não poderia fazer nada.

— Aeron foi ferido. Temos problemas na cidade e queremos que fique na fortaleza com os outros até que tudo esteja seguro outra vez.

— Aeron? — perguntou Corbin.

— Outro irmão — William informou.

O menino arregalou os olhos.

— Quantos irmãos você tem?

— Muitos — respondeu Gilly, com um suspiro cansado. — Então você vai estar lá na fortaleza, Liam?

Liam. O apelido que ela lhe dera. Já gostara de ser chamado assim. Agora o enxergou como a demonstração de carinho que deveria ser. Ah, sim. Eles estavam conversando. Maldita beleza irresistível a sua...

— Sim, vou estar lá. Então, vamos para casa, querida. Aeron está no carro e precisa de cuidados médicos.

Mesmo com o medo que sentia dos Senhores, ela ficou pálida de preocupação, agarrou sua mão e o guiou até a saída do prédio.

— Tchau, Cori — disse por sobre o ombro.

— Tchau — o menino respondeu, e havia um certo nervosismo na voz dele.

William deu uma olhada para o carro, mas não conseguiu ver Olivia pela janela com vidro fumê, sem falar na quantidade incrível de cervos que agora rodeava o veículo. No entanto, nem precisava vê-la para saber que, se não conseguissem levar Aeron à fortaleza em segurança, o anjo, mesmo com toda a sua bondade, explodiria em um caldeirão fervente de fúria feminina. Estava estampada nos olhos dela uma paixão arrebatadora e irrefreável. Algo do qual ela provavelmente nem sabia que era capaz, mas que William percebeu, pois, embora não soubesse nada sobre o passado de Gilly, fora capaz de identificar os sonhos, medos e necessidades de Olivia no momento em que a vira.

Aeron era tudo para ela. Se o guerreiro morresse, nem os deuses seriam capazes de aplacar a sua violência.

Capítulo Dezoito

OLIVIA SE SENTOU na beirada da cama de Aeron, com o quadril pressionado contra o do guerreiro. Legião se sentou do outro lado, também com o quadril pressionado contra o dele. Preocupadas com o seu estado, as duas tinham trabalhado juntas para tirar suas roupas. Olivia não se permitira olhar para o seu pênis, mesmo que a voz lhe tenha dito inúmeras vezes para fazê-lo.

Ah, sim. A voz da tentação retornara.

Aeron estava fraco, e qualquer tentativa de aproveitar-se disso teria sido um erro. Ele estava tão fraco que não se movera nenhuma vez. Ele parara até de gemer, embora ela não estivesse cantando. E Olivia imaginou que isso não seria um bom sinal.

Sua ferida continuava sangrando, e mesmo que aquele pedaço de tecido atado ao seu ombro se limpasse sozinho, não conseguia absorver tanto fluxo e estava completamente encharcado. Sua pele tatuada estava viscosa e não mais quente e suada. Para aquecê-lo, elas tinham colocado cobertores em toda a sua volta, mas isso não fizera subir sua temperatura.

Como último recurso, sentaram-se ao seu lado, esperando que o calor de seus corpos fosse a cura mágica.

— O que você fez com ele? — Legião exigiu saber, acariciando-o com mãos nervosas.

— Nada — respondeu Olivia, mas sem conseguir afastar o tom de culpa da voz. Deveria ter feito mais por ele. — Ele foi atingido pelos Caçadores.

— Porque você não o protegeu.

Bata nela.

Ignorar a voz já não era tão difícil, pois sua preocupação por Aeron superou todas as outras coisas.

— O que eu poderia ter feito? — E a pergunta lhe trouxe uma nova onda de tormento.

— Poderia ter levado o tiro no lugar dele. Eu teria feito isso.

Sim, Legião provavelmente teria feito isso. *Eu sou um fracasso como namorada.* Não que ela fosse sua namorada. Mas queria ser, então deveria ter agido como tal.

— Mesmo que Aeron sobreviva... — o que aconteceria, pois ela não aceitaria outra coisa — ... morrerá em poucos dias por culpa sua. — Ah, Divindade. A culpa se juntou ao tormento.

— Mentirosa! — Ainda que a palavra tenha sido resmungada, Legião arqueou o corpo e

gentilmente beijou a testa de Aeron. — Você ouviu isso, querido? O seu anjo é mentiroso. Você nunca vai morrer. Eu não vou deixar.

Livre-se dela e exija seu homem.

Mais uma vez Olivia ignorou aquela voz e toda a escuridão que vinha com ela.

— Em nove dias, um anjo assassino virá atrás dele. Esse assassino lhe cortará a cabeça. Por culpa sua. Porque você não ficou no inferno, onde é o seu lugar. — Agora era raiva.

Legião esticou o corpo, virou-se na direção de Olivia, com os dentes à mostra em uma expressão de puro ódio. Mais uma vez, seus olhos brilhavam com aquele vermelho demoníaco.

— Mais uma palavra, e vou esfaqueá-la quando estiver dormindo.

— ENQUANTO EU ESTIVER dormindo ao lado de Aeron? — A provocação era toda dela, e não poderia se arrepender.

— Sua puta!

— Opa, briga de mulher — disse uma voz divertida que vinha da porta.

William.

Se ao menos tivesse ficado fascinada por William, pensou Olivia. Ele a teria seduzido naquele primeiro dia, e como ele não era capaz de manter a atenção focada em uma única pessoa por mais que alguns dias, ela teria facilmente aberto mão dele após suas duas semanas de experiência.

Mas, por outro lado, ela provavelmente teria arrancado sua cabeça, se lhe fosse ordenado, então não teria sacrificado todo o seu futuro por pouco tempo ao lado dele, pra começo de conversa. Enquanto Aeron era altruísta, William era egoísta, uma característica que teria sido irritante em qualquer outra pessoa. Mas William a usava muito bem, isso sem dúvida.

Ele estava com um dos ombros apoiado na soleira da porta, os braços cruzados sobre o peito.

— Sinto muito se tentamos atacar você quando chegamos em casa — ele disse a Legião.

Ele e Paris haviam ficado completamente assustados ao ver a estranha mulher descer as escadas correndo, gritando o nome de Aeron. Eles a atiraram ao chão. Apenas a explicação de Olivia sobre quem era ela, e sobre como conseguira tal aparência, evitou que os dois lhe aplicassem o golpe fatal.

Eu deveria ter ficado quieta, pensou Olivia. Não que isso garantisse uma consequência positiva. Torin, cujos ouvidos e olhos estavam em todo lugar na fortaleza, ao que parecia, rapidamente confirmara sua história.

— Mas você não pode nos culpar — disse William, calmo. — A mudança é estarrecedora. Além do mais, eu achava que já tínhamos atingido nosso limite de mulheres bonitas há muito tempo, e que não poderíamos ser tão sortudos a ponto de receber mais uma.

Eca. Ele estava flertando. William nunca parava? A única vez em que não o vira flertando fora no banco de trás do carro, quando voltavam para a fortaleza. Gilly bem que tentara atrair sua atenção, mas ele estranhamente permanecera em silêncio.

— Bem, isso não quer dizer que você seria um adversário à minha altura — disse a menina demoníaca, provavelmente involuntariamente encantada por William. Todas se encantavam, certo?

— Assim você está ferindo minha honra. — Ele bateu no peito. — Vamos ter de lutar de novo

depois, para ver quem sai por cima. Eu prefiro lutar nu. E você?

— Você disse que conversaria com os outros — disse Olivia, interrompendo-os. — Alguém tem ideia do que pode ter acontecido a Aeron?

— É exatamente por isso que estou aqui — disse William, aceitando a mudança de assunto sem reclamar. — Torin acha que ele foi envenenado.

Veneno. Fazia sentido. E, considerando as pessoas de alto escalão que se relacionavam com os Caçadores, ela poderia apostar que tratava-se de veneno enviado pelo céu. Pois um veneno humano, assim como álcool humano, não o teria afetado de forma tão severa.

— Torin tem algum antídoto? — ela perguntou, com esperanças.

William fez que não com a cabeça, sério.

— Ele já pediu às mulheres que procurem entre os antigos pergaminhos de Reyes, por isso eu lhes daria algumas horas antes de começar a entrar em pânico.

Horas? Aeron aguentaria tanto tempo? Ela engoliu em seco, as lágrimas queimavam seus olhos. Talvez fosse o momento de mudar mais uma vez de assunto. Se ela se desesperasse, não poderia ajudar ninguém.

— Como vai Scarlet? — ela perguntou, tremendo.

— Trancada, e ainda dormindo. Aquela belezinha... — ele acrescentou, pensativo. — Eu acho que poderia ter algo com ela.

— Bem, eu acho ela feia — Legião bufou. — Assim com o anjo.

— Anjo caído — disse Olivia, sem nem olhar para Legião, concentrando-se em William. — Saiba que essa *belezinha* pode matar a todos nós. Diga aos Senhores e às mulheres que fiquem sempre acordados, se possível. No momento em que eles caírem no sono, Scarlet pode invadir seus sonhos, mesmo que ela própria esteja dormindo. E eles vão pensar que o que está acontecendo nos sonhos é real, e seus corpos vão reagir de acordo com o que sentirem, fazendo com que todo mal que sofram nos sonhos vire realidade.

Espere. Aeron... Dormindo... Pesadelos... Scarlet já tinha atacado Aeron? Olivia teve de sufocar um grito ao pensar nisso. Tinha de despertá-lo. Rapidamente.

William apertou os lábios.

— Você não poderia ter nos contado essa pérola antes de chagarmos aqui?

— E teria resolvido? — Salvaria Aeron? *Sou uma namorada bem pior do que imaginava.*

— Não — ele respondeu, com um suspiro. — Provavelmente não.

Estaria dizendo a verdade, ou apenas tentava absolvê-la de sua culpa?

— Ah, e falando em pesadelos — ele disse —, temos animais em volta de toda a fortaleza, exatamente como havia ao redor do carro, na porta da escola de Gilly e no cemitério. Quer explicar isso?

— Bem que eu gostaria — ela respondeu, repentinamente grata a ele e ansiosa para ajudar como pudesse. — Desde que saí daquela cripta, eles estão me seguindo, e eu não sei por quê. — A última coisa que ela fizera fora invocar sua luz interior e...

E ali estava a resposta. Sua luz interior. Claro. Eles perceberam a presença da luz e estavam procurando sua fonte. Olivia explicou a William.

— Ótimo truque, mas isso está deixando todo mundo louco. E quando eu digo todo mundo é todo mundo *mesmo*. Lucien teletransportou o restante dos homens de volta. Você sabe, os que estavam em Roma. E aí vai uma fofuquinha. — Sorrindo, ele esfregou as mãos. — As viagens de Lucien deixam Reyes se sentindo mal, e, enquanto ele estava vomitando, teve de afastar pássaros e roedores.

— Sinto muito.

— Claro que sente — disse Legião, lançando-lhe uma expressão de puro ódio. — Você só arruma problema. Tudo dá errado quando você está por perto.

— Ah, cale essa boca! — Olivia disparou. — Nós deveríamos estar pensando em formas de salvar Aeron. Ou, no mínimo, em arrumar um médico para ele.

— Ele não precisa de médico. Só precisa de mim. E eu vou estar aqui, ao lado dele — disse Legião, livrando-se do vestido que encontrara enquanto Olivia e Aeron lutavam para salvar suas vidas. Um vestido que mal se via, claramente escolhido para rivalizar com a roupa ousada de Olivia.

Olivia ficou boquiaberta.

— Você quer ficar ao lado para seduzi-lo enquanto ele dorme?

— Exatamente. — Nua e completamente desavergonhada, Legião levantou os lençóis ao lado de Aeron e cobriu-se, claramente levando a cabo o que planejava.

— Mas isso vai ter que esperar um pouco, minha querida Legião. Preciso que venha comigo — disse William, fazendo um sinal com o dedo para chamá-la.

Franzindo a testa, ela parou, e seus seios fartos balançaram.

— Por quê?

— Por quê? — ele perguntou, como se não tivesse pensado tanto à frente.

— Sim, por quê?

— Ah, bem... Preciso apresentá-la aos guerreiros que estavam fora da cidade. Assim eles não vão tentar atacá-la quando vierem visitar Aeron. E eles vão. Visitá-lo e atacá-la, quero dizer.

Ele estava inventando aquilo enquanto falava, suspeitou Olivia, tentando lhe proporcionar um tempo sozinha ao lado de Aeron. Sentiu vontade de abraçá-lo.

— Mas não posso deixá-lo — Legião choramingou.

— Será apenas um instante. — Ele abriu um lindo e experiente sorriso. — Eu prometo.

— Certo — Legião resmungou, passando o vestido por sobre a cabeça, o tecido branco e suave caía perigosamente sobre seu corpo cheio de curvas generosas. Ela fez um barulho de desaprovação na direção de Olivia: — Se você tocar nele, vou comer seus olhos na sua frente, e você vai ter que assistir, incapaz de me deter!

Olivia não apontou a falha evidente no plano dela. Enquanto os dois saíam, William olhou para trás e deu uma piscadela para ela por sobre o ombro, fechando a porta em seguida. Como não sabia quanto tempo teria ao lado de Aeron, resolveu não perder tempo deitando-se ao seu lado.

Beije-o.

Quando as coisas se acalmassem, ela descobriria quem estava invadindo sua cabeça, e por quê.

Não o beijaria, mas *rezaria*.

Enquanto acariciava o peito de Aeron, ela fechou os olhos.

— Querida Divindade Celestial. Venho a Ti, como humilde serva que te adora. Este homem, ele não é maldoso, apesar do mal que carrega dentro de si. Ele é bom. É generoso. Capaz de demonstrar grande afeição e infinita lealdade. Estas são as coisas que mais valorizas. Ele deve morrer, eu sei. Mas não agora. Não assim. Tu, capaz de resolver todas as coisas, mesmo as piores, para o nosso bem, podes curá-lo, deixando-o ainda mais forte. Tu, que há muito tempo conquistastes a morte, podes salvá-lo.

Por favor, escute-me. Por favor, ajude-me.

— Por que está fazendo isso com você mesma, Olivia? Ele vai acabar morrendo de qualquer maneira.

Lysander. Fora mais rápido do que ela esperava. *Obrigada, obrigada, mil vezes obrigada!*

Aquela voz, que ela passaria a chamar de Tentação, deu um berro de frustração. *Ele, não. Qualquer um, menos ele. Não suporto esse idiota.*

— Então vá embora — ela disparou, com uma suspeita se formando. Tentação claramente odiava seu mentor, um anjo, e os únicos seres que odiavam os anjos eram os demônios.

Isso significava que Tentação era um demônio.

E vou. Por enquanto, até mais, querida.

Quando o demônio retornasse, e ele retornaria, sem dúvida, ela teria de estar mais protegida.

— Olivia? — disse Lysander.

Ela arregalou os olhos. Como era de se imaginar, seu mentor estava de pé ao seu lado. Alto, imponente, poder pulsava através dele. Suas asas douradas se arqueavam sobre os ombros, e sua túnica balançava em seus tornozelos.

O que ele tinha perguntado? Ah, claro. *Por que está fazendo isso com você mesma?*

— Aeron não merece morrer assim.

— Muitos não merecem a morte que lhes sobrevêm.

Ela encolheu o corpo bem perto de Aeron, agindo como seu escudo, como uma verdadeira namorada deveria fazer.

— Você teve uma segunda chance com a sua Harpia. Eu mereço uma segunda chance com Aeron.

— E quando o tempo dele acabar, vai pedir uma terceira?

Responder o que ele queria seria mentir.

— Por que está aqui, Lysander?

Um músculo tremeu no seu queixo.

— Estou aqui para anunciar que sua prece foi ouvida. Estou aqui para dizer que Aeron será curado, mas que você terá de fazer um sacrifício em troca, como é nosso costume.

Sacrifício. Sim, esse era geralmente o costume. Desde o início dos tempos, sacrifício próprio, provas irrefutáveis de amor, tudo isso sempre teve o poder de comover sua Divindade; e mudar o mundo.

— Eu aceito. Portanto, você pode fazer o que foi enviado para fazer, e depois ir embora.

Ele permaneceu imóvel.

— Você não quer saber o que vai perder?

— Não.

— Tem certeza? Bem, não importa. Eu vou dizer de qualquer maneira. Você perderá sua Voz da Verdade. As pessoas não mais acreditarão em tudo o que você diz. Você não será mais imune à dúvida. Não vai mais reconhecer uma mentira no momento em que é dita. E, caso decida voltar ao céu e ser o anjo que deveria ser, nem assim terá a Voz da Verdade. Você a perderá para sempre.

Automaticamente, suas mãos buscaram sua garganta. Perder sua verdade? Preferiria perder as mãos, como acontecera com Gideon. Como lidaria com Aeron se ele desconfiasse dela, mesmo que ela soubesse estar dizendo a mais pura verdade?

Seu olhar se voltou para ele. Tão calmo, tão pálido. Tão frágil.

— Pense com cuidado — disse Lysander. — A cada hora, a cada minuto, o caminho que está percorrendo apresenta curvas mais perigosas. E sabe o que eu vejo no final desse caminho, não importando a direção que você tome? Você sabe o que espera por você? A morte, Olivia. A sua morte. E em troca de quê? De mais alguns dias ao lado dele. Uns poucos dias ao lado de um homem que fez um acordo comigo.

— Que... que acordo?

— Eu prometi que, se ele conseguisse convencê-la a voltar para o céu, eu tentaria convencer o Conselho a poupar-lhe a vida, e também a de seu amigo demônio.

O queixo de Olivia caiu e depois sua boca se fechou. Em choque, sim, pois Lysander agora estava disposto a desafiar o Conselho, quando sempre negou os pedidos dela para que fizesse isso. O que explicava muita coisa. A visita secreta de Lysander a Aeron. Por que Aeron não lhe dera aquele orgasmo. Por que ele queria lhe mostrar o lado duro de sua vida.

Ela não significava nada para ele. Não mesmo. Como poderia significar se ele estava tão disposto a usá-la como moeda de troca? Mas ainda assim, era um homem admirável, capaz de qualquer coisa para salvar alguém a quem amasse. Para salvar Legião.

Se pelo menos a amada estivesse ali.....

— Se eu voltar com você, pode me garantir que ele sobreviverá? — ela resmungou.

— Posso tentar. — O que não soou como garantia para ela. — O importante é que ele concordou — Lysander disse, antes que ela tivesse chance de responder. — Ele está disposto a se separar de você para salvar a si mesmo.

A dor aumentava, consumindo-a, sufocando-a.

— Isso vai fazer você mudar de ideia sobre a cura? — perguntou Lysander, calmamente, esperançoso. — Este sacrifício?

— Não — ela respondeu sem hesitar. Aeron colocara o bem-estar de Legião acima do dela, sim, mas isso Olivia já esperava. O que ela não esperava era perdê-lo antes que o tempo deles acabasse. Apesar de tudo, não poderia perdê-lo. — Eu ainda quero fazer esse pacto.

Os olhos de Lysander se encheram de tristeza.

— Então, que assim seja.

Após sua última palavra ter sido pronunciada, as cordas vocais de Olivia ficaram presas. Por um momento, ela não conseguiu falar nada. Nem mesmo gemer, murmurar ou respirar. Passou as unhas sobre a garganta, sua mente se escurecendo, como se fogo e gelo estivessem se misturando em

seu sangue.

— Vai passar — disse Lysander, de repente na frente dela, acariciando sua testa. Era o que ele sempre fizera quando ela falhara em tentar alegrar um ser humano. Oferecera consolo. Ele sempre quisera o melhor para ela, e claramente era o que continuava querendo. Não era um homem mau, e ela deveria se lembrar disso.

Como ele prometera, o oxigênio finalmente voltou à sua garganta e aos seus pulmões. O fogo se abrandou, o gelo derreteu. A escuridão se dissipou. Aliviada, ela respirou fundo.

— Aeron teria feito o mesmo por você? — perguntou Lysander. — Não. Não responda. Apenas pense em tudo o que eu disse.

Ela assentiu. Não poderia fazer nada além disso.

— Prepare-se, querida Olivia. Aeron pode se ferir assim outras vezes. Temo que Rhea tenha oferecido aos Caçadores água dos cinco rios do Reino de Hades.

Olivia se encolheu. Aquela água usada como arma significava morte certa. Um gole, um toque, e adeus para sempre. Até mesmo a alma seria destruída. A única forma de combater o terrível veneno era bebendo água do Rio da Vida. Um rio que nem ela sabia como encontrar.

— Eles prepararam suas próprias balas, e cada uma delas contém uma única gota dessa água. — Ele pegou um pequeno frasco de dentro de sua túnica. — Aeron precisa apenas de uma gota para se curar. Eu esconderia o resto. Só por precaução. Use cuidadosamente, pois quando terminar não receberá mais.

Água do Rio da Vida? Com mãos trêmulas, ela pegou o frasco.

— Mas não pense, nem por um momento, que isso o salvará quando ele tiver a cabeça cortada. E isso vai acontecer, Olivia. Um assassino virá.

Ela baixou os olhos. Lysander a conhecia muito bem, ela *estivera* pensando em tudo aquilo. Não importava. Olivia sacudiu a cabeça, afastando toda a decepção e renovando sua determinação. Ela simplesmente encontraria outra saída.

— Pensei que faria um pedido ao Conselho em nome dele.

— E vou fazer. E *nós sabemos* qual resultado essa petição acarretará. Ele não sabe. O Conselho foi tolerante com você, mas você é uma de nós. Ele é um demônio. Não haverá tolerância.

Seria bom contar tudo a ele?

— Você me preocupa, Olivia. — Lysander suspirou. — Deixarei que faça sua tarefa.

Capítulo Dezenove

GIDEON, GUARDIÃO DAS Mentiras, não parava de se revirar na cama. Sua cueca estava colada ao corpo molhado de suor, e suas mãos enfaixadas, ou a falta delas, pulsavam dolorosamente. O sangue tomara conta dos curativos, e mesmo tendo feito progressos, aquilo não acontecia havia semanas. Regressão?

Ele estava com sono, mas ainda estava consciente, o que era muito estranho. Estava preso na mais profunda escuridão que já encontrara. O que também era estranho, embora tecnicamente não fosse verdade. Pelo menos não para o seu demônio, claro. A escuridão dentro da caixa de Pandora fora exatamente como aquela, sufocante e enlouquecedora. Algo que Mentiras não parara de gritar desde que entrara naquele lugar estranho; gritos que se misturavam aos que estavam presentes na própria escuridão. Milhares e milhares de berros estridentes, cada um mais torturado que o outro.

Conseguir sair dali parecia impossível.

— Gideon. Gideon, acorde, cara. Você não pode dormir.

Ele ouvia a voz de Paris, queria obedecer, mas não conseguia. A escuridão era muito intensa, envolvendo por completo, apertando forte, quase afogando-o. Até o momento em que ele *realmente* se afogou, perdendo a consciência. *Não posso respirar...*

As trevas se dissiparam, e ele respirou fundo e caiu para trás. Ah, não, droga. *Aranha!*

Não se acalme, disse seu demônio.

Não se acalme! Ofegando, tentando não gritar como uma moça, ele colou o corpo contra a parede. A aranha monstruosa o seguia, com suas oitocentas patas batendo no chão, aqueles olhos brilhantes praticamente invadindo sua alma.

Inimigo, disse Mentiras, querendo dizer *amigo*.

Até parecia. *Droga, droga, droga*. Todas as células do seu cérebro, as quais estavam presas naquele terrível ataque de pânico, de repente o avisaram que ele seria o jantar daquela criatura. Preferia ser queimado vivo. Estrangulado. Preferia ser estripado.

— Eu vou ser tão saboroso — ele disse, desesperado. A verdade era que o seu gosto seria horrível, mas nem em sonhos poderia dizer o que isso significava. Pelo menos era o que ele achava. Nunca tentara fazer isso. E não tentaria. As consequências podiam ser devastadoras, exatamente como na vida real. Dor, dor e mais dor.

As lembranças de sua última aventura com a verdade estavam frescas na sua mente. Poucas semanas antes, dissera a um Caçador o que realmente sentia, *ódio*, e o que realmente queria fazer, *ferir, mutilar, matar*. Tudo porque ele, capaz de farejar uma mentira a milhares de quilômetros de distância, fora levado a acreditar que Sabin, guardião da Dúvida, estava morto, por obra de um Caçador. Foi estúpido da parte dele! Mas quando foi atingido pela dor, ele pensou: *posso aguentar um pouco mais*, e se ofereceu para a tortura, para que seus amigos não precisassem passar por ela.

Foi assim que perdeu as mãos numa serra elétrica. Elas agora eram cotocos com alguns dedos. Inclusive em seus sonhos. Por isso, não poderia se defender corretamente do Senhor Fome, que ainda o observava como se ele fosse um pedaço de carne, enquanto pulava de um lado a outro do quarto do sonho.

Aqueles cantos se fecharam sobre ele, o espaço estava encolhendo.

Droga. Não!

— Aproxime-se! *Fique longe de mim*. — Você quer fazer isso. — *Você não quer fazer isso*.

Não se acalme, repetia Mentiras.

Não havia tempo para analisar o estranho comportamento de seu demônio. Uma das patas peludas atacou. A ponta era afiada, como uma lâmina, e fez um corte na sua coxa. Talvez a pata estivesse envenenada, pois a ardência que explodiu em seguida por todo o seu corpo o fez cair de joelhos, colando seus músculos aos ossos, quase quebrando-o ao meio.

— Faça de novo — ele disse. *Cale-se, apenas cale-se!* Ele raramente desprezava seu demônio. Na maior parte dos dias, chegava a gostar daquele idiota. Ficava feliz por ser um soldado mais forte e mais durão graças ao seu pequeno amigo demoníaco. Mas não naquele momento. Tudo o que queria era enviar aquela maldita aranha para o fogo.

Por que tinha tanto medo de aranhas ele não sabia. Mas sempre fora assim.

A aranha atacou mais uma vez com a pata. Outro corte, dessa vez nas costas, enquanto ele tentava se virar e evitar o impacto. A dor se espalhou rapidamente, seus músculos tremiam. Os ossos de seu braço *realmente* se quebraram dessa vez.

— De novo — ele repetia, e as palavras saíam de sua boca como flechas. — De novo.

Não se acalme!

A aranha ficou quieta, com aquela cabeça nojenta inclinada para um lado. Observando-o, estudando-o. Droga! Ele não poderia fugir, estava encurralado.

— Fique aqui! — *Vá embora!* Sua respiração pesada batia contra as paredes muito próximas e ecoava.

— Por que você diz o contrário do que a sua expressão demonstra?

A voz surgira do nada. Ou talvez fosse a aranha falando. Mas ele achava que uma aranha tão feia fosse macho, e aquela voz era puramente feminina. Familiar, de certa maneira. Suave, mas forte. *Relaxe*, disse a voz.

Mentiras suspirou de contentamento.

— Pare! — Gideon mais forte para o animal. Não queria demonstrar passividade, como seu demônio.

Lentamente, muito lentamente, a aranha desapareceu, sua imagem piscando até não existir mais.

Outro truque. Você precisa...

Uma mulher surgiu das trevas que se seguiram. Era alta e esguia, com cabelos pretos à altura dos ombros, sem uma única ondulação. Havia algo familiar em seu rosto, assim como notara antes em sua voz.

Quem era ela?

Seus olhos eram como veludo preto, seu nariz, majestoso, e seus lábios, tão vermelhos que pareciam milhares de pequenos rubis polidos e posicionados bem perto uns dos outros, em forma de coração. Suas bochechas eram bem desenhadas, seu queixo, decidido. Pelos deuses, ela era muito bonita. Uma deusa guerreira.

Seu coração continuou batendo freneticamente, ainda que Mentiras tivesse suspirado. O pânico o abandonou, deixando em seu lugar uma fascinação incandescente. Seria um truque? E daí! Sua mente certamente usara suas fantasias mais profundas para criá-la.

O suor secou em seu corpo, e o gelo se derreteu em seu sangue à medida que um rio de sangue o inundou, destruindo tudo o que tocava. Ele queria tanto esticar os braços e tocá-la, queria acariciar o seu rosto e passar os dedos pelos seus cabelos. Queria saber se ela era tão macia e sedosa quanto ele imaginava que fosse.

— Por que você diz o oposto do que quer dizer? — ela perguntou mais uma vez.

— Eu não sei — ele respondeu, querendo dizer que sabia. Poderia ter mentido com maiores detalhes, permitindo que ela decifrasse a verdade, mas foi detido por um pensamento: e se ela fosse uma Isca, uma mulher enviada para destruí-lo?

Os Caçadores agora estavam tão poderosos que podiam invadir sonhos?

Era possível. Torin o visitara antes e lhe dissera que Galen estava com um dos artefatos, e que o traidor conseguira introduzir o demônio da Desconfiança no corpo de uma mulher de cabelos pretos. O quê? Uma mulher... de cabelos pretos?

Ele ficou paralisado. Como aquela que estava na sua frente?

— Venha ao calabouço — ela disse. — Sozinho.

— Quem não é você? — ele perguntou.

— Quem não é *você*? — ela devolveu a pergunta.

Seguiu-se um silêncio, e a raiva tomou conta daqueles olhos escuros. Raiva e uma boa pitada daquela estranha curiosidade.

— Venha ao calabouço, ou trarei a aranha de volta — ela disse, e desapareceu.

Gideon arregalou os olhos, e sua mente consciente saiu daquele estado de sonho como se fosse um foguete.

— Graças aos deuses — disse Paris, frenético. — Finalmente.

Gideon arquejava. Ao contrário do que acontecera no seu sonho, o suor do seu corpo não secara, mas o encharcara, deixando-o completamente molhado. Porém, assim como no seu sonho, seu braço, coxa e costas latejavam, sangrando nos pontos em que tinham sido cortados.

— O que aconteceu? — ele perguntou, tremendo. — Um mosquito pequeno, mosquito sem pelos...

— Um pesadelo, como eu temia.

Uma tímida luz do sol entrou pela única janela do quarto, mas a luz elétrica estava acesa, iluminando seu amigo. Os cabelos de Paris eram multicoloridos, e cada uma das cores brilhava fortemente. Sua pele era clara, mas ainda assim tinha o brilho de uma pérola.

Gideon ficou pensando que ele poderia até ter agido como uma moça, mas que Paris *parecia* uma, pensou, ao recuperar os primeiros sinais de seu humor.

— Você dormiu antes de eu lhe dizer que não poderia e deve ter encontrado nossa nova hóspede. A mulher.

— Quem não é nossa nova hóspede?

— Scarlet, este é o seu nome. E ela é um Senhor do Mundo Subterrâneo. Ou Senhora, eu acho. Eles tinham mesmo encontrado um dos elos perdidos e trazido aquela mulher para a fortaleza?

— Ela não é guardiã do quê? — Gostaria de poder passar a mão pelo rosto e livrar-se do sono que ainda lhe restava, mas não podia.

Paris notou sua necessidade e esfregou os olhos de Gideon com a manga de sua camisa.

— Pesadelos, aparentemente. Muito bonita, se você gostar do estilo durona, mas evidentemente tão louca quanto os Caçadores.

Pesadelos. Por algum motivo apenas aquela palavra era suficiente para quase levar seu próprio demônio a um orgasmo. Ele ficou imediatamente imaginando por que a garota lhe parecera tão familiar.

Fique, fique, fique. Mentiras não parava de repetir em sua cabeça.

— Olivia nos ajudou a capturá-la, está presa no calabouço — disse Paris.

— Ela está ferida, certo? — ele perguntou, jogando suas pernas fracas para fora da cama.

— O que você está fazendo, cara?

Gideon conseguiu ficar de pé, cambaleando, mas, felizmente, sem cair, e olhou para o próprio corpo. Ainda estava de cueca, estava sujo de tanto suor e provavelmente cheirava mal.

Não foi a vaidade que o levou diretamente ao banheiro, pensou, mas um senso de educação. Não havia razão para torturar aquela garota... Scarlet, como Paris lhe dissera, pois ela não fizera nada de errado. Bem, mais ou menos, para ser exato. Suas novas feridas *doíam*, derramando sangue por todo o chão limpo. Era culpa dela?

Aeron, que era ótimo na manutenção da limpeza da casa, ficaria furioso, e só de pensar em sua reação, os lábios de Gideon tremeram. No mínimo, seria divertido assistir. Aeron com um esfregão. Clássico.

Todos os Senhores tinham suas tarefas domésticas. O que era ótimo para seus amigos, claro, mas Gideon era um parasita profissional. Fama que já carregou com orgulho. Até o momento em que Paris o condenara a ajudar com as compras. Eles se revezavam, cada um indo ao supermercado uma vez por semana. Paris no início, Gideon no final.

Ficou imaginando se outra pessoa assumira sua tarefa desde que ele se machucara e, se isso fosse verdade, o que ele teria de fazer quando se recuperasse completamente. Provavelmente ajudaria Aeron com o serviço doméstico.

Seus lábios pararam de tremer.

— Então, o que ela lhe disse? — perguntou Paris, ficando ao lado dele e servindo de muleta no

caminho até o banheiro. Quando já estavam lá, Paris até abriu a água. Que saiu pelando, como Gideon gostava. — Você mencionou um mosquito pequeno e sem pelos, e eu juro que não faço a mínima ideia do que isso quer dizer.

Com um pouco mais de ajuda, Gideon conseguiu tirar a roupa e entrou embaixo da ducha. Ele nunca fora modesto, e sabia que Paris, que já havia estado com milhares e milhares de mulheres, e até um homem de vez em quando durante todos aqueles anos, não se importaria.

Por muito tempo, ele simplesmente ficou imóvel, com os cotocos na parede à sua frente, seu braço quebrado latejando à medida que a água se derramava sobre ele, queimando seu rosto e seu corpo. Depois, seu pulso bom foi tomado, sua atadura, virada para cima, e um sabonete foi colocado sobre ela.

— Não, obrigado — ele murmurou. Como ele iria se ensaboar?

— Você não me respondeu: o que ela fez com você e com os aqueles mosquitos?

— Nada — ele respondeu, querendo dizer alguma coisa.

— Eu sei disso, comece a falar.

Enquanto se ensaboava da melhor maneira que podia, considerando que não tinha mãos e só podia usar seu braço direito, explicou tudo na língua de Gideon. Seu significado era claro, mesmo sem poder recorrer à verdade; *acordado, eu posso me divertir com minha coisinha preferida.*

— Você sabe o que isso significa, certo? — perguntou Paris, sério.

— Sim. — Não. Como assim? Sua mente deve ter sido afetada. Tudo o que conseguia pensar era em como Scarlet era capaz de invocar insetos, mas até mesmo uma criança de três anos de idade já teria se dado conta disso.

— Ela sabia o que mais assustava você. E a única conclusão lógica é que essa mulher é capaz de pressentir nossos medos mais profundos e apresentá-los a nós enquanto dormimos. Ou seja, pesadelos.

Ótimo. Exatamente o que faltava em sua vida.

— Não vou visitar essa mulher.

O que fez Mentiras dizer: *Não, obrigado.*

— Agora pare com isso.

— Você com certeza será capaz de fazer com que eu mude de ideia, então eu não me calaria, se fosse você. — Demorou um pouco, mas ele finalmente conseguiu desligar o chuveiro. — Não me dê uma toalha.

Paris, praguejando, atirou uma toalha branca e fofa na sua direção. Gideon não conseguiu agarrá-la, seus cotocos enfaixados não eram tão ágeis. Ele se agachou e, após várias tentativas, finalmente conseguiu levantar a toalha. Seu braço latejava. Malditos ossos quebrados! Tentou se secar, tentou mesmo, mas não conseguiu fazer um bom trabalho.

Finalmente, Paris pegou a toalha e o secou.

— Você é pior do que um bebê, sabia?

— Não pegue minhas roupas.

Balançando a cabeça, Paris desapareceu do banheiro. Uma gaveta da cômoda se abriu e foi fechada com força, depois outra, em seguida ele estava voltando ao banheiro, segurando um short e

uma camiseta.

Gideon já tinha saído do box. Poderia ter se vestido sozinho, mas isso consumiria o que lhe restava de energia.

— Eu não vou deixar você fazer isso.

Outra vez Paris balançou a cabeça.

— Se pretende vê-la, pelo menos leve algumas armas — disse Paris, passando a camiseta pela cabeça de Gideon, ajudando-o a passar os braços pelas mangas. Ele só se encolheu de susto uma vez.

— Como eu.

— Claro. — Pelos deuses, era constrangedor ser tão inútil. Mas seu amigo fazia tudo de forma tão natural que sua dor até melhorou um pouco.

Paris girou os olhos e deixou o short aberto para que Gideon enfiasse as pernas.

— Só porque ela está presa, não significa que seja inofensiva. — Seu olhar se fixou na ferida na perna de Gideon, que sangrava.

Gideon deu de ombros.

— Você poderia ter escolhido algo mais masculino para mim? — perguntou, olhando para si mesmo e não gostando do que via. Se esperava impressionar Scarlet, o que não queria, como tentou assegurar a si mesmo, não conseguiria. Uma camiseta branca que era muito curta para ele e um short cinza de corrida. Ótimo.

Paris cruzou os braços sobre o peito.

— Então, você está pensando em mim?

— Não.

Sozinho, ela dissera. Se ele levasse um amigo, ela poderia fechar completamente aquela linda boca, e isso ele não aceitaria. Queria respostas, droga. A saber: de onde diabos ele a conhecia? E também gostaria era de ouvir suas desculpas por tê-lo retalhado, claro.

— Gideon — Paris avisou.

— Ela não está presa, certo? — Ele entrou no quarto, levantando os ombros. — Vou estar em perigo o tempo inteiro.

— Que idiota. Certo, mas tome cuidado — disse Paris.

— Não.

Após cruzar dois corredores e descer um lance de escadas, ele teve de apoiar o corpo contra uma parede para se manter de pé. Pelo caminho, tinha encontrado vários dos seus amigos, e todos tentaram levá-lo de volta ao seu quarto. Ele os enxotava da forma mais cordial possível. Estavam preocupados com ele, e Gideon os amava por isso. Embora não pudesse lhes dizer. “Eu odeio você” era o melhor que podia fazer. Mas não voltaria atrás por causa disso.

Forçou-se a caminhar novamente. Ao atravessar a porta do calabouço o ar se transformou completamente. Ficou empoeirado, carregado de sangue, suor e até mesmo urina. Caçadores tinham sido torturados ali, várias vezes. Aquela mulher devia estar com tanto nojo. Talvez agachada num canto, tremendo. Chorando.

O que ele faria se esse fosse o caso? Provavelmente sairia correndo, gritando, ele imaginou. A única coisa pior do que aranhas eram lágrimas femininas.

Lutando contra seu medo, girou a última esquina. Finalmente, pôde vê-la, e ficou paralisado. A consciência o consumiu. E a primeira coisa que notou foi que ela não estava chorando. Nem estava assustada. E a segunda: ela era bem mais adorável pessoalmente do que parecera no seu sonho.

Ela agarrou as barras, aguardando, com expressão vazia.

— Você veio — disse Scarlet, e não soava surpresa, apenas resignada.

— Não, eu não vim. — Como se estivesse em transe, ele se aproximou dela, sentindo o cheiro das flores noturnas impregnando suas narinas. Respirou fundo. Mentiras fez a mesma coisa.

Ela olhava para Gideon, observando-o, catalogando cada defeito seu.

— Talvez não devesse ter vindo.

Mais uma vez ele ficou chocado com tanta familiaridade, tanto de sua voz como de seu rosto, mas não conseguia se lembrar de onde a conhecia.

— Não me diga por quê.

Seus olhos se estreitaram.

— Diga que sou bonita.

Ela era convencida, certo? Mas não conseguiria arrancar dele o que queria.

— Você é feia.

Em parte, ele esperava que ela ficasse horrorizada. Mas ela não ficou. Com o mesmo tom resignado, ela disse:

— Diga que sou inteligente.

— Você é burra.

Lentamente, ela curvou os lábios num sorriso.

— Ora, ora, ora. Mentiras. É você mesmo. Finalmente, estamos juntos mais uma vez.

Capítulo Vinte

UMA GOTA DE água chegou aos lábios de Aeron, estava gelada e causou um leve formigamento antes de deslizar por sua língua, descer por sua garganta e chegar ao seu estômago, sendo absorvida ali; e depois entrando em sua corrente sanguínea e viajando por cada um dos seus órgãos. No momento do contato, seu coração começou a bater perfeitamente, seus pulmões se encheram de oxigênio, ficando mais cheios que nunca, e sua pele alcançou a temperatura ideal, nem muito fria nem muito quente.

De repente, começou a ouvir os pássaros piando do lado de fora da janela, o vento dançando entre as árvores que circundavam a fortaleza. Podia até mesmo ouvir seus amigos nos quartos acima e abaixo do seu, conversando sobre o que deveria ser feito com Scarlet, sobre os Caçadores, e lamentando seu estado enfermo.

E seu nariz... Respirou profundamente, sentindo o cheiro de casca de árvore, folhas orvalhadas, suor, do sabonete de limão que Sabin usava, da loção pós-barba de Paris e o seu cheiro preferido... céu selvagem. Olivia.

Olivia estava ali com ele.

Talvez por isso Ira estivesse ronronando, tão contente.

Aeron abriu os olhos, e imediatamente se arrependeu. Muita luz. Luz vinda das lâmpadas do teto, luz vinda do banheiro. As paredes, que ele achava que fossem de pedras prateadas e claras, brilhavam como se as pedras estivessem de alguma forma presas em um arco-íris.

— Você está vivo — disse Olivia, com um alívio palpável.

Havia algo diferente em sua voz, ele pensou enquanto olhava para ela. Ainda era uma voz bonita, ainda mais agora, quando ele era capaz de ouvir as sutis nuances, uma leve rouquidão, uma sensualidade velada, mas ainda estava diferente. Ela estava sentada na beira da cama, com seus olhos azuis pousados nele. Seus cabelos escuros emolduravam seu rosto, ressaltando suas feições delicadas. A túnica branca que ele lhe forcara a vestir havia muito tempo, ainda estava sobre seu corpo, ainda livre de amassos ou sujeira.

Sua pele estava... Ele ficou sem fôlego. Majestosa. Era a única palavra para descrevê-la. *Majestosa*. Não, não era a única palavra. *Perfeita também caía muito bem*. Poderia ficar olhando para ela por horas, dias. Para sempre. Ela era pura, imaculada.

Queria tocá-la. Precisava sentir sua suavidade. O calor de sua pele. Precisava saber que ela estava saudável e inteira, que escapara sem qualquer ferida.

Escapara. A palavra o atormentava. Ele lembrava que eles haviam estado dentro da cripta, e que ele fora baleado. Ele carregara Pesadelos para o cemitério, caíra de joelhos, esperando por seus amigos, mas não conseguia se lembrar de mais nada depois disso. Agarrou os lençóis. Primeiro queria respostas, depois se permitiria um único toque.

Único?

Concentre-se.

— O que aconteceu? — Estranho. A voz de Olivia não era a única que tinha mudado. A sua própria nunca fora tão suave e forte.

Ela abriu um sorriso trôpego.

— Pensamos que iríamos perdê-lo. Você foi atingido por uma bala que continha veneno imortal, e que estava matando você lentamente.

Sim, aquilo fazia sentido. Uma bala nunca o afetara tanto, mas aquela o enfraquecera de forma insuportável.

— Como eu cheguei aqui?

— Paris e William nos resgataram.

— Sem problemas?

— Com os Caçadores? — Ela balançou a cabeça, fazendo aquela nuvem de cabelos dançar sobre seus ombros. — Nenhum. Nós até buscamos Gilly no caminho de volta, mas não os encontramos.

Mas era questão de tempo. Estavam tão perto, e com o êxito que tiveram ao colocar o demônio no corpo de outra pessoa, os Caçadores atacariam em breve.

— E como está Paris?

— Está bem, forte e tomando conta de si mesmo agora.

Ou pelo menos fizera todos pensar que sim. Paris era bom em esconder as próprias atitudes, ou a falta de atitude, usando humor e sorrisos. O mais provável era que estivesse tomando ambrosia e negligenciando as necessidades do seu corpo.

— Não vou dizer isso! — respondeu Olivia, de repente.

Aeron franziu a testa.

— Dizer o quê?

— Sinto muito. — Ela deixou cair os ombros. — Aquela voz voltou, e não para de me dizer para fazer todo o tipo de coisas com o seu corpo. Eu a chamo de Tentação, e tenho quase certeza de que é um demônio.

Um demônio? Nenhum que ele conhecia, o que poderia significar que alguém mais listado nos pergaminhos poderia estar pela cidade, escondido. Mas por que atormentaria Olivia? E ainda por cima com pensamentos sexuais?

Fosse qual fosse a razão, ele não aceitaria isso.

Punir, disse Ira.

Aeron ficou feliz ao notar que seu demônio também se recuperara. E, sim, queria punir os que os feriram. Ele só tinha que...

— Ah, não — disse Olivia, balançando sua linda cabeça. — Posso até ver o que você está pensando através dos seus olhos. Vamos nos preocupar com o demônio depois. Ele é irritante, só isso. Neste momento estou mais preocupada com *você*.

A doce e querida Olivia. Sua protetora, algo que ele nunca imaginara que precisaria. Algo que nunca esperara querer ter. Mas queria, desesperadamente. Precisava, certamente. Mas ainda assim precisava convencê-la a voltar ao céu. Em... quanto tempo?

Olhou pela janela, as cortinas abertas deixavam entrever a lua minguante.

— Por quanto tempo eu dormi?

— Grande parte do dia e da noite. Você ainda está nu, caso não tenha notado. — Ela ficou com as bochechas vermelhas. — Não que isso tenha importância agora.

Grande parte do dia e da noite. O que significava que a manhã chegaria a qualquer momento. E que tinha oito dias para convencer Olivia a voltar para casa. Oito dias para se salvar e para salvar Legião.

Oito dias para resistir a ela.

Não conseguiria. Um simples toque não seria suficiente, ele admitia isso agora. Ficaria com vontade de mais. Teria de conseguir mais.

Mais, Ira ecoou.

Sim, mais. Não impediria a si mesmo. Não dessa vez. Era uma atitude egoísta de sua parte, sim, mas não se importava. Poderia ter morrido naquela cripta. Morrido sem aviso prévio. Sem saber como era a sensação de afundar dentro dela, sentindo a pressão de seu corpo em volta de seu pênis, arranhando suas costas, sussurrando seu nome.

Quando soubesse, pararia de imaginar, deixaria de desejar. Poderia seguir a mesma vida de antes. E ela teria conseguido sua diversão. E poderia voltar para casa satisfeita.

Egoísta? Que nada! Ele era um homem muito *generoso*.

— Como eu me curei? — ele perguntou. Melhor seria perguntar: ele perderia as energias no meio do caminho? Não queria que ela saísse daquela cama sem chegar ao clímax duas vezes. No mínimo. Devia isso a Olivia. O comentário dela sobre sua falta de talento ainda doía.

Olivia desviou os olhos de Aeron.

— Um antídoto.

Por que não olhava para ele?

— Um antídoto dos anjos?

— Sim — ela respondeu, apontando para um frasco azul na mesa de cabeceira. — Água do Rio da Vida. Uma gota, e a morte é banida para longe.

Não era de se espantar que seus sentidos estivessem aguçados.

— Quando esse frasco acabar — ela disse —, não receberemos mais. O que é uma pena, pois Lysander disse que os Caçadores têm muitas, muitíssimas balas envenenadas.

— Por quanto tempo durará o efeito? — Ele esperava que Ira ficasse enfurecido por ter sido entorpecido com uma substância dos céus. Mas o demônio ronronava ainda mais alto, como se tivesse recebido um ótimo presente.

De repente, Aeron achou que tinha entendido. Legião representava o inferno; Olivia representava

o céu. O último, ele já compreendera, mas o primeiro... Ele percebeu naquele instante que Ira estava com saudades de casa. De suas *duas* casas. Os Altos Senhores já haviam sido anjos um dia, como Olivia dissera, antes de caírem do céu, sua primeira casa. Depois, aterrissaram no inferno, sua segunda casa. Embora Ira não pensasse assim até compará-la com a caixa de Pandora.

Céu e inferno, pensou novamente, sem saber por que não se dera conta disso antes. Olivia e Legião. Duas metades de um todo, assim como ele e Ira.

Falando de...

— Onde está Legião? — ele perguntou, olhando em volta do quarto, procurando por ela.

— William a está distraindo, mas não sei por quanto tempo isso vai durar... — Olivia passou um dedo no peito de Aeron. — Seus batimentos estão melhorando. Estão mais fortes.

E sua pele esquentava quando eles se tocavam. *Mais*.

Afiou os ouvidos ao escutar uma conversa num quarto vizinho. Sabin e seus homens tinham voltado do Templo dos Impronunciáveis. Muitos deles estavam feridos, mas se recuperavam. Assim que estivessem melhor, atacariam The Asylum e destruiriam os Caçadores escondidos lá.

Então, ninguém viera visitá-lo, e Aeron não poderia fazer nada com ninguém no momento. Exceto com Olivia.

— Como você falou, ainda estou nu — ele se viu dizendo. — Está pronta para se divertir?

Num primeiro momento, ela ficou de queixo caído. Depois fechou a boca com um estalo. Em seguida, seu queixo caiu novamente. Sem disposição para esperar que ela respondesse às suas intenções, já não aguentava mais esperar, Aeron esticou o braço e agarrou a base do seu pescoço, puxando-a para baixo, até que ela estivesse praticamente sobre ele. Olivia ficou sem fôlego, pressionando seus seios macios sobre o peito de Aeron.

Sim, ele possuiria aquela mulher. Aqueles seios, também. Aquele sexo doce que provavelmente já estaria úmido por ele, sem dúvida alguma.

— O que... o que você está fazendo? — a pergunta sussurrada aqueceu o corpo e a alma de Aeron, pois havia desejo em cada palavra.

— Possuindo você. — Finalmente.

Ele ergueu a cabeça, unindo seus lábios. Ela não resistiu, nem por um segundo. Não, ela abriu a boca para ele, e suas línguas se encontraram. Ele podia sentir o frescor da água que Olivia lhe dera, assim como o gosto de canela do seu hálito.

Ele sentiu mãos trêmulas sobre o seu corpo, à medida que seu coração disparava, acelerando para alcançar o ritmo de suas mãos. A pele de Olivia estava quente, e não morna, e o incendiava na medida certa. Cachos de seda lhe faziam cócegas.

Ele posicionou as mãos debaixo de sua bunda e puxou-a para que ficasse completamente em cima dele. Seus corpos se encaixavam perfeitamente, e ela abriu as pernas automaticamente, agarrando-o perfeitamente. Aeron gemeu. Sim... Sim...

Sim!, concordou Ira.

— Não — ela disse, afastando-se abruptamente. E chegou a saltar da cama, ficando de pé com as pernas bambas, quase tropeçando.

Aeron e seu demônio quiseram urrar. Em vez disso, Aeron apoiou o próprio peso nos cotovelos e

ficou olhando para ela. *Acalme-se.*

— Você me quer. Eu sei que me quer. — Pelos deuses, ele podia sentir o cheiro de sua excitação, um cheiro de almíscar altamente feminino.

— Sim, mas não vou permitir que me deixe louca e depois me abandone antes de terminar. — Ela agarrou a túnica, erguendo sem intenção o tecido, e deixando um pedaço de suas lindas panturrilhas à mostra. Panturrilhas que ele *lamberia*.

— Olivia, eu...

— Não — ela disse mais uma vez, virando-se. Duas vezes ela tropeçou nos próprios pés enquanto seguia em direção à cômoda, onde apoiou os cotovelos e escondeu o rosto entre as mãos.

— Eu não posso aguentar isso.

Ela estava... chorando?

Aeron engoliu em seco o nó repentino em sua garganta e se levantou. Isso não. Qualquer coisa, menos isso. Ele estava nu, como ela prometera, com seu pênis orgulhosamente ereto.

— Eu quero você. Não vou negar nenhum de nós dois dessa vez. Eu juro, Olivia.

— Ah, cale-se!

Ele piscou os olhos. Ele não estava fazendo nenhum progresso? Suas atitudes acabaram com tudo?

— Venha me fazer calar a boca. — Foi tudo o que ele conseguiu pensar em dizer. Com um beijo. *Por favor.*

— Você, não... — ela murmurou. — A voz... Tentação. Ele quer que eu levante a túnica e mostre que não estou usando nada por baixo.

Não estava usando nada por baixo? Aeron lambeu os lábios e se aproximou. Nada, nem mesmo uma bomba dos Caçadores, seria capaz de detê-lo após saber disso.

— Vou descobrir sozinho.

Olivia gemeu quando ele pousou suas mãos agora trêmulas em seu quadril. Ergueu a cabeça e se virou para olhar para ele. Seus olhos estavam esbugalhados, cheios de água, e o coração dele retumbava no peito.

— O que... o que você está fazendo?

— Descobrindo... como eu disse. — Primeiro, ele brincou com seus seios, agarrando-os, acariciando os mamilos, até que *ela* estremecesse. Depois, ele ficou de joelhos, suas mãos nunca se afastando daquele corpo delicioso, mas seguindo-o enquanto ele descia. — Você queria diversão, e é exatamente isso o que eu estou lhe dando.

— Não... não faça isso se pretende parar no meio do caminho. Já passei por muita coisa nos últimos dias e...

— Eu não vou... — O cheiro de sua excitação era ainda mais forte, uma noite ardente na qual ele queria se perder. — Nada poderia fazer com que eu parasse agora, meu anjo. *Nada.*

Lentamente, bem lentamente, ele ergueu a bainha da túnica. Ela não protestou, nem mesmo quando os pelos de suas pernas já estavam completamente eriçados. Aquelas pernas firmes e macias, uma mistura de mel e baunilha. Quando Aeron desvelou sua parte inferior e viu que *não* estava de calcinha, seu pau entrou em ação imediatamente. *Linda.* Até suas asas a desejavam dentro de suas

cavidades.

Minha.

Verdadeiramente, minha. Ele embolou o tecido ao redor de sua cintura, pressionando sua prisioneira contra a cômoda e deixando a parte inferior do seu corpo completamente nua. Ele agarrou seu bumbum, espalhando seus dedos por aquelas saborosas nádegas. Mais uma vez, ela gemeu. Entre cada dedo, ele lhe dava um beijo.

— Mais? — ele perguntou.

— Sim — ela e Ira responderam em uníssono.

E beijou a curva da parte de baixo de seu traseiro e encontrou a pele mais suave provavelmente criada por sua Divindade, agora Divindade dele, também, pois percebeu que sempre adoraria o responsável por criar Olivia.

— Aeron — ela sussurrou, em mais um daqueles gemidos.

— Abra as pernas para mim. — Ele agarrou as coxas de Olivia e colocou-a em ação. Chegou mesmo a afastar os pés dela com os joelhos. Seu sangue era como fogo, seu desejo estava mais afiado que uma lâmina. — Agora incline o corpo. O máximo que puder.

Houve apenas uma pequena pausa antes que ela obedecesse. Por um momento, só por um momento, tudo o que ele conseguiu fazer foi observar. Tão linda. Tão doce. Tão rosada. Tão úmida. Para ele, e somente para ele. O simples pensamento de dividi-la com o seu demônio, que mais uma vez estava rugindo, era repugnante. Mas ele o faria. Levaria aquela mulher até onde a pudesse levar.

— Vou saboreá-la agora. — Ele mergulhou de cabeça e a experimentou completamente, ouvindo um barulho distante de carne batendo contra madeira.

— Aeron!

Ele ergueu os olhos. Ela tinha apoiado as mãos no espelho à sua frente e encostado a testa na cômoda. Ela fechava os olhos com força e sua respiração estava entrecortada, enquanto mordida os lábios.

— Não... pare — ela implorou.

Ele não parou. Passou a língua contra o sexo de Olivia, massageando seu clitóris, brincando com ele, chupando-o. *Aquilo era ambrosia.* Ela... suave e sensual... dele. Aceitando tudo o que ele fazia... *gostando* de tudo.

Embora quisesse devorá-la, não se permitiu ter pressa. Já fora por aquele caminho com ela antes. Dessa vez, ele iria saboreá-la. Dessa vez, descobriria todos os detalhes daquele lindo corpo.

— Eu vou... Aeron...

— Boa menina... — Ele moveu a língua com mais rapidez e com força. Seu quadril se movia para a frente e para trás, e quando ele encontrou sua abertura, penetrou-a com a língua. Ela gritou, estremecendo ao alcançar o clímax.

Ele não sabia dizer quanto tempo, minutos, horas, dias, se passaram até que ela se acalmasse o suficiente para que ele pudesse se inclinar e beijar, e chupar, aquelas panturrilhas que ele tanto admirara, antes de se levantar e prestar a devida homenagem à base de suas costas. Havia dois furinhos ali, e enquanto ele rodeava sua língua ao redor deles, suas mãos deslizaram para cima, mais para cima, e agarraram seus seios do jeito que ele sabia que ela gostava. Seus dois mamilos ainda

estavam gloriosamente excitados, como duas pequenas pérolas, e ele os acariciou por entre os dedos.

Mais.

— Estou pronta — disse Olivia, ofegante. — Venha para dentro de mim.

— Ainda não. — Sim, ela estava úmida, mas ele queria vê-la pingando. Queria que ela estivesse mais do que pronta. Ela era virgem, e Aeron deixaria tudo o mais fácil possível para ela.

A primeira vez *dele* fora com uma deusa menor grega. Uma das três Fúrias. Megera, a “ciumenta”, como normalmente era chamada. Seu tipo de amor era violento e doloroso, mais uma razão pela qual ele sempre evitara mulheres que pegavam pesado com seus amantes. Mas com Olivia, não era como se ele preferisse mulheres gentis a mulheres selvagens, ou o contrário. Ele preferia *Olivia*.

Ao se levantar, ele percorreu suas costas com a língua, havia cicatrizes onde suas asas deveriam estar, e ele as beijou também, enchendo-as de atenção, ao mesmo tempo que puxava sua túnica para cima e a tirava por sobre a cabeça. Seus cabelos sedosos caíam em cascata pelos seus ombros e costas, chegando a obscurecer seus seios no reflexo do espelho. Ele precisava ver aqueles seios, pensou, afastando os cabelos para o lado.

Pelo espelho, aqueles mamilos endurecidos puderam ser vistos. E beliscou-os, e ela deixou a cabeça pender por sobre o ombro dele, semicerrando os olhos. Sua grossa ereção pressionava-lhe a bunda, desesperada por contato, e ele gemia por entre os dentes.

Não haveria mais degustação se mantivesse aquele ritmo.

Ele desceu a mão, até chegar ao ápice de suas coxas. Seus dedos envolveram os cachos macios e escuros do seu sexo, alcançando aquela montanha quente e úmida. Penetrou-a com um dedo, depois outro.

Os dois geraram. Aeron deu um beijo na curva de seu pescoço, observando a si mesmo todo o tempo. Que linda visão eles eram. Seu corpo escuro e tatuado atrás do dela. O corpo mais suave e da cor das nuvens de Olivia se contorcendo à frente do seu. De longe, era a visão mais erótica que já contemplara.

Não. Espere. Ela esticou os braços para trás, e com uma das mãos agarrou-lhe a cabeça, trazendo-a mais para perto para lhe dar um beijo, e com a outra agarrou sua bunda. *Aquela* era a visão mais erótica que ele já contemplara.

— Estou pronta, eu juro.

Quase... quase... Ele mergulhou um terceiro dedo no seu corpo, esticando-a, espalhando o líquido maravilhoso. E quando encontrou a prova de sua virgindade, ele parou, regozijando-se com a sensação de posse que o invadiu; *minha, toda minha*. E em seguida, gentilmente, ele avançou.

Minha, um grito de Ira.

Minha, insistiu.

Ela ficou tensa, chegou a paralisar os movimentos de sua boca contra a de Aeron.

— Aeron.

Preferia feri-la com os dedos, e não com o pênis.

— Sente... dor... Mas é bom... Juro. — Ele soava como um homem das cavernas, mas simplesmente não conseguia formar frases coerentes. Olivia era sua. Completamente sua. Sua mente

estava apegada àquele fato, e somente àquele.

Quando ela finalmente relaxou, ele tomou sua boca, brincando com sua língua, beijando-a sem parar, e em breve ela estava se contorcendo contra ele novamente, perdida entre tanto prazer. Em pouco tempo, ela estaria pingando, como ele queria.

Agora ela estava pronta.

Embora ele odiasse soltá-la, mesmo que só por um momento, ele o fez para agarrar o pênis. O membro latejante praticamente saltou ao sentir seu toque, louco por mais, por muito mais, embora Aeron temesse chegar ao clímax no primeiro contato. *Diversão*. Ele mordeu a própria língua até sentir o gosto de sangue e até que o desejo fervente fosse aliviado. *Alcançada*. Carinhosamente, ele pressionou Olivia contra a cômoda com sua mão livre, colando seu peito à madeira, depois direcionou a ponta de seu membro ao sexo do anjo.

— Ainda está pronta?

— Agora, Aeron. Faça agora!!

Pouco a pouco, ele a penetrou, permitindo-lhe um tempo para que se acostumasse ao tamanho de seu membro antes de lhe dar mais. Durante todo o tempo, ela arfava, gemia e implorava por mais. Ira, também. Finalmente, ele mergulhou todo o seu membro, com os olhos em brasas, louco de vontade de investir contra ela e nunca mais parar.

— Aeron — ela grunhiu, e ele sabia que aquele era mais um pedido.

Ele se retirou quase completamente, antes de voltar a penetrá-la. E soltou um xingamento; ela arqueara o quadril na sua direção, e toda a sua racionalidade se perdeu, algo dentro dele se despedaçou. Algum tipo de corrente. A corrente de sua moderação.

Naquele momento, ele se perdeu. Perdeu o controle, perdeu a noção de quem ele era, perdeu tudo, menos a necessidade de preencher aquela mulher com tudo o que ele era. Entrava e saía de dentro dela, exatamente como desejara. Determinado, concentrado, possuído por muito mais que um demônio.

Ele estava agarrando seu quadril, provavelmente machucando-a, certamente quebrando seus ossos, mas não poderia parar. Era um homem selvagem, feroz, sua vida resumia-se àquele momento. Àquela mulher. Naquele instante, ela era tudo para Aeron. Fazia parte dele tanto quanto Ira. Não poderia viver sem ela. *E não viveria* sem ela.

— Aeron. — Ela não estava mais ofegando; e gritava. — Não pare, não pare, nem pense em parar. Mais. Mais!

Na mente de Aeron, apenas uma palavra ecoava. *Minha. Minha, minha, minha*. Ele ouvira isso milhares de vezes antes, mas estava *gritando*.

— Minha, minha, minha. — E o som preenchia seus ouvidos, envolvendo-o por completo, aquecendo-o ainda um grau a mais, condenando-o, destruindo quem ele fora até ali, o que ele fora, e depois reconstruindo-o novamente, transformando-o em algo novo, bom e correto, transformando-o no homem que sempre desejara ser. E foi então que a palavra *minha* desapareceu e foi substituída por outra, uma palavra mais forte e ainda mais urgente: *seu*. Ele queria pertencer a ela, ser seu. Queria ser tudo o que ela sempre sonhara, queria realizar todos os desejos que ela tivera.

— Aeron — ela arfou.

Seu.

Ele deveria ter esperado por isso, deveria ter se dado conta do que Olivia estava começando a significar para ele, mas sua resistência o cegara. Agora, reduzido ao seu eu mais profundo, ele era bruto, vulnerável, e funcionava em um nível visceral.

Ela era dele, e ele era dela.

Aeron abriu ainda mais as pernas de Olivia, que se abaixou um pouco mais, para aprofundar suas investidas. O espaço entre a cômoda permitia que ele a envolvesse com os braços, tocando-a exatamente onde ela precisava ser tocada. Com um grito, ela entrou em erupção, e enquanto aquelas suculentas paredes internas o pressionavam, Aeron também chegou ao clímax, fazendo jorrar seu sêmen quente dentro dela.

— Aeron — ela gritou.

Seu.

Ele caiu por cima dela, ofegante, e notou que havia uma falha no seu plano de “só uma vez”. Uma vez nunca seria suficiente. Nem para ele nem para seu demônio.

Eles precisavam de mais; não poderiam nunca ficar satisfeitos até que a tivessem possuído de todas as formas imagináveis. E a tomariam. Ele poderia. Sem medo. Ele perdera o controle, mas Ira não a atacara. Perdera o controle, mas não a machucara.

Olivia sempre fora irresistível, mas, naquele momento... Ele precisava estar com ela, ou sua vida não seria completa. Precisava fazer amor com ela todas as noites, e acordar ao seu lado todas as manhãs... para fazer amor com ela novamente. Precisava mimá-la e dar-lhe tudo o que ela desejava. Como diversão. Como alegria. Como paixão.

Como ele mesmo.

— Olivia — ele sussurrou fracamente mas deixando clara a promessa de dar tudo o “mais” que ela queria. Para sempre?

O que você está fazendo? No que está pensando? Você não pode fazer isso. Seu peito escorregadio de suor pressionou as costas de Olivia, e ele se forçou a levantar.

Ira choramingou.

— Aeron — disse Olivia. — Em seguida: — Aeron!

Não, aquele último grito não saíra de Olivia. Aeron e o anjo se viraram e seus corpos se enrijeceram ao mesmo tempo. William e uma linda loira, Legião, ele se lembrou, mais uma vez surpreendendo-se com a sua aparência, estavam parados na porta.

Aeron forçou suas asas a sair e envolveu Olivia nelas, protegendo-a da vista dos outros. Enquanto isso, William segurava o demônio humanoide atrás de si. Porém, embora ele fosse forte, Legião o empurrava para a frente, encarando Olivia com um olhar assassino.

Capítulo Vinte e Um

OLIVIA NÃO ACREDITAVA no que acabara de acontecer com Aeron; e no que estava acontecendo agora com Legião. Nua. Sexo. Prazer. Felicidade. Esperança.

Tudo acabado.

Tremendo, ela se abaixou para pegar a túnica e vesti-la por cima da cabeça. Felizmente, as asas de Aeron a mantiveram escondida todo o tempo. Ela adoraria ter podido aproveitar melhor aquele momento depois do prazer. Para descobrir se Aeron fora tão afetado quanto ela.

O sexo era... muito mais do que ela podia ter imaginado; e ela imaginara muitas coisas desde o primeiro orgasmo que ele lhe proporcionara. O prazer, a satisfação, o poder de saber que estava levando alguém à loucura. A proximidade, a troca, a entrega, a aceitação. Cada minuto era um milagre.

Ela estivera viva durante séculos. Por que não estivera fazendo isso por todo esse tempo? Embora suspeitasse que a experiência não seria a mesma com nenhum outro homem. Só com Aeron. O seu Aeron. O homem que a fazia desejar... sonhar.

Os gritos estridentes de Legião a trouxeram de volta à realidade:

— Puta! Vaca! Eu vou matar você!

Tentação gargalhava na mente de Olivia. Estivera em silêncio durante o ato sexual, pois era exatamente o que queria fazer. Mas por que retornara?

William ainda segurava Legião, mas não conseguiria mantê-la presa por muito tempo. Olivia já esperava que ele não conseguisse. Alguém precisava colocar Legião no seu devido lugar, e ela ficaria mais do que feliz se pudesse fazer isso. Queria curtir seu prazer após o sexo, droga!

— Vista-se — Olivia disse a Aeron, odiando que outra mulher, principalmente *aquela* mulher, estivesse vendo seu homem nu. Todas aquelas tatuagens deveriam ser suas, para que apenas ela pudesse banquetear-se com elas. Visualmente ou de qualquer outra maneira. Gostaria de ter podido lambê-las.

Da próxima vez.

Haveria uma próxima vez?

A expressão de Aeron era dura, indecifrável. Ele subiu a calça e fechou-a na cintura. Como suas asas continuavam abertas, ele não podia colocar uma camisa. Pelo menos o ato de se vestir fez com

que ele voltasse a se mover. Deu um passo à frente, passou um dos braços ao redor da cintura de Legião e carregou-a de lado, como se fosse um saco de batatas.

O demônio não parava de se debater:

— Solte-me! Deixe-me pegá-la!

— Você já pode ir — disse Aeron a William. — Eu resolvo as coisas a partir de agora.

Havia cortes no rosto e nos braços de William, e todos eles sangravam. O guerreiro assentiu, torcendo os lábios, divertido.

— Boa sorte, amigo. Ah, e só para você saber. Foi convocada uma reunião. Na sala de jogos, em dez minutos — disse isso e saiu pelo corredor, fechando a porta atrás de si e assobiando baixinho.

Aeron carregou seu prêmio até a cama e a jogou em cima do colchão. Ela quicou para cima e para baixo, tentando se levantar, sem nunca deixar de olhar para Olivia.

— Fique quieta — ele ordenou.

Legião ficou paralisada, olhando para ele, até que um sentimento óbvio de autopreservação tomou conta dela e ela resolveu acalmar suas reações. E a autopreservação foi rapidamente seguida pela determinação. Ela se sentou na beira da cama, com os cotovelos para trás, o peito estufado para a frente, as pernas apoiadas no chão, abertas e prontas para envolvê-lo.

— Importa-se de se juntar a mim? — ela perguntou, com a voz rouca.

Ah, não, ela não fez isso, Olivia soltava fumaça de ódio enquanto Tentação gritava sua própria recusa. *Chega!* Ela se lançou à frente, ultrapassando Aeron sem dizer nada, e parou na frente de Legião. Antes que algum deles soubesse o que ela planejava fazer, Olivia deu um soco na boca de Legião.

A cabeça do demônio tombou para o lado, seu lábio inferior se cortou e estava sangrando. Os nós dos dedos de Olivia latejavam, mas ela recebeu a dor de bom grado. *Tente beijá-lo agora.*

Mãos quentes e pesadas se apoiaram em seus ombros e a giraram. Aeron não olhava para ela, mas para Legião, por sobre seu ombro.

— Fique quieta.

A ordem foi recebida com um rosnado, mas Legião obedeceu.

O olhar de Aeron finalmente se dirigiu a Olivia. Aquelas íris violeta começaram a demonstrar surpresa, espantando sua fúria.

— Eu nunca imaginei que teria de lhe dizer para se comportar.

Ela ergueu o queixo.

— Não vou tolerar ser chamada de nomes tão vis.

— Você não vai precisar. — Mais uma vez, ele olhou para Legião. — Entendeu?

O apoio dele deixou *Olivia* surpresa. Ele estava preferindo a ela... em vez de Legião? Por um momento, Olivia não conseguiu respirar. Mal podia se manter de pé. Mas não havia tempo para se regozijar com aquela sensação maravilhosa. Aeron passou por ela, como se já tivesse sido esquecida, e agachou-se na frente de Legião.

— Você não tem motivo algum para machucar a minha... o anjo. Eu amo você — ele disse. — Você sabe disso. — Seu tom era suave, carinhoso. — Quero que me diga que sabe disso.

— Sim, eu sei disso — disse Legião, já desprovida de toda a raiva, aproximando-se dele e

tocando seu queixo, querendo puxá-lo para lhe dar um beijo. — Eu também amo você.

Com um gentil porém decidido puxão, Aeron tirou as mãos de Legião do seu rosto.

— Eu não a amo dessa forma. Eu a amo como uma filha. Quero que me diga que sabe *disso*.

Num primeiro momento, seu rosto foi tomado pela raiva. Depois, pelo choque. E em seguida, pelo medo. Tudo em um único segundo. Seu queixo tremia, e lágrimas de inconsolável tristeza encheram seus olhos.

— Mas eu sou bonita.

— Você já era bonita antes, mas isso não muda os meus sentimentos.

Legião sacudiu a cabeça, recusando-se a aceitar.

— Não. Você tem que ficar comigo. Você tem que...

— Isso não vai acontecer, querida.

Várias lágrimas rolaram, molhando suas bochechas.

— Isso... isso é por causa do anjo?

— Olivia não tem nada a ver com o que eu sinto por você.

De repente, Olivia desejou estar em outro lugar, em qualquer outro lugar. Ela não deveria estar ali. Não deveria estar testemunhando aquele momento íntimo. Sim, era isso o que ela iria fazer. Iria para qualquer outro lugar. Seus joelhos fizeram um barulho enquanto ela caminhava para a porta.

Pare! Para onde está indo? Tentação. Quando aquele demônio a deixaria de vez?

— Você está mentindo! — gritou Legião. — Você a ama.

Olivia ficou com a mão paralisada na maçaneta.

Silêncio. A resposta... Ela precisava ouvir a resposta.

— Legião — ele disse, suspirando.

Olivia ficou decepcionada, mas nem assim conseguiu se forçar a sair do quarto. Não ainda. Talvez ele fosse...

— Você não pode amá-la — gritou o demônio. — Você tem que me amar.

— Eu já disse, eu amo você.

Seu estômago estava se revirando... Diga... Diga as palavras.

— Não! Você tem que me amar como uma esposa. Precisa me dar prazer com seu corpo. Senão...

— Senão o quê? — ele perguntou, em tom áspero.

Olivia ficou tensa. Ah, Divindade. O pacto. Ela se esquecera do pacto de Legião com Lúcifer. Terror, muito terror. Ela virou o corpo e pressionou as costas contra a madeira da porta, tremendo. Esperando. Mais do que uma declaração, ela precisava ouvir isso.

— Conte a ele — Olivia ordenou. — Ele merece saber.

— Conte-me — Aeron repetiu.

Legião engoliu em seco.

— Se eu não conseguir seduzir você em oito dias, Lúcifer vai... ele vai... possuir meu novo corpo — ela sussurrou. — Se eu falhar... ele vai... ele vai... me usar para matar você e seus amigos.

Não. *Não!*

Aeron olhou rapidamente para Olivia, um pouco inseguro, como se não entendesse a confissão

de Legião.

— Fisicamente, ele não pode sair do inferno. Ele não pode...

— Pode sim. Se ele a possuir, poderá fazer qualquer coisa — disse Olivia, com as mãos coladas ao pescoço. Seu horror não durou muito tempo. O sangue congelou em suas veias, fazendo com que a sensação ficasse dormente. Ela estivera tão perto do paraíso, tão perto... para ser jogada no inferno. — Ele poderá se reproduzir com quem ele quiser, assumir o controle dos Caçadores, influenciar os humanos e fazer com que eles se voltem contra vocês. Ele pode até infiltrar-se no reino dos anjos e destruir todos da minha raça.

As costas de Aeron ficaram tão rígidas quanto um cano de aço.

— Mas por que ele iria querer fazer tudo isso?

— Por que mais? Por poder. Liberdade. Maldade. Ele odeia os anjos, que deveriam ter escolhido segui-lo, mas escolheram permanecer ao lado da Única Divindade Verdadeira, cuja destruição é a coisa mais desejada por Lúcifer. Com seus Altos Senhores demônios vagando livremente pela Terra, sua chance de conseguir isso será bem maior.

Chega dessa bobagem. Cale a boca dela, Tentação ordenou.

Olivia o ignorou e piscou os olhos, perplexa, um segundo depois. Ela já sabia que a voz pertencia a um homem, mas agora percebia que ele queria que ela conquistasse Aeron, mais especificamente, queria que Legião falhasse em sua missão. Aquele homem queria evitar que Legião convencesse Aeron a levá-la para a cama.

Não era um demônio, no final das contas.

Era Lúcifer, ela se deu conta. Lúcifer era a sua Tentação. Ele não precisava sair do inferno para espalhar sua voz por onde quisesse, ou para sussurrar na mente de alguém. Tudo o que precisava era unir-se a uma alma disposta a ser corrompida.

Adeus dormência abençoada. Seu horror voltou, assim como seu medo, tudo misturado à vergonha. Como não tinha percebido antes? Como não enxergara a verdade? *Anjo burro.*

— Por que você faria um pacto desses? — perguntou Aeron.

As lágrimas continuavam a rolar pelas bochechas de Legião.

— Eu queria ficar bonita. Para me transformar no que você precisava. Pensei que o conquistaria, que faria com que se esquecesse do anjo. Imaginei que faria você feliz.

Aeron passou uma das mãos pelo rosto, com suas unhas arranhando sua pele, deixando marcas vermelhas.

— Eu não acredito nisso. Você tem ideia do que fez? Tem ideia das coisas com as quais se envolveu?

Legião assentiu, com o queixo tremendo.

— Eu sinto muito. Muito mesmo.

Seguiu-se uma pausa, e depois um triste:

— Eu também.

Ao ouvir aquelas palavras, Olivia soube. Ela *soube*. Aeron já se decidira. Dormiria com Legião. Entraria no seu corpo da mesma forma como entrara no corpo de Olivia. Pois assim salvaria o demônio das garras de Lúcifer. Salvaria seus amigos da ira de Lúcifer. Evitaria a vitória dos

Caçadores.

Os olhos de Olivia se encheram de lágrimas, mas ela piscou e mandou-as de volta. Agindo assim, Aeron estaria dando uma prova de que o que acontecera entre eles dois não significava nada. Se fizesse isso, ela iria embora. Ele tinha de saber que ela iria embora.

Saber disso tornaria a decisão mais fácil para ele?, ela se perguntou, com uma risada amarga. De jeito nenhum poderia ficar ali, sabendo que ele tinha levado outra mulher para a cama. Não importava o motivo.

Parecia que Olivia tinha sua própria decisão a tomar. Iria embora, não havia dúvida quanto a isso. Mas não agora. Ela voltaria para o céu, possivelmente salvando a vida de Aeron, ou simplesmente viajaria para outro lugar na Terra?

Provavelmente ficaria na Terra, pois como conseguiria voltar para casa agora? Ela estava mudada, era humana em todos os aspectos que importavam. Seria muito infeliz lá em cima, sem poder levar felicidade a ninguém, muito menos a si mesma. Seria inútil. E, se algum dia mudasse de ideia em relação a ter retornado, nunca mais poderia cair novamente. Não, ela seria condenada à morte, ou enviada eternamente ao inferno. Não poderia haver outra possibilidade para um anjo que se desviava duas vezes de seu caminho.

Mas como seria capaz de permanecer ali e viver em paz consigo mesma, sabendo que poderia ter salvado Aeron, e não fizera? Mesmo que salvá-lo significasse que ele ficaria com outra mulher?

Ela era mesmo tão abnegada?

Não, não era. Deveria ter matado Aeron quando teve a oportunidade, poupando a ambos daquela dor. Outra risada amarga tomou conta de sua mente, mas dessa vez, ela deixou escapar.

Aeron se levantou, mas estava perdido, com os movimentos descoordenados.

— Temos um pouco de tempo. Não há razão para nos preocuparmos com isso agora.

Então ele não planejava dormir com Legião imediatamente. Aquilo foi um pequeno conforto, pelo menos.

— Obrigada — disse Legião, grata, satisfeita e envergonhada ao mesmo tempo. — Eu prometo que não vou...

Ele se virou, interrompendo-a, e Olivia parecia devorá-lo com o olhar. Sua beleza masculina, seu poder. Não, ela não era tão abnegada, mas estava muito apaixonada, ela se deu conta.

Amor. A palavra ecoou em sua mente. Ela o amava. Completamente, totalmente, inteiramente, absolutamente. Aeron era o motivo que fazia seu coração bater, a fonte de toda a sua alegria. Ela *morreria* por ele. Ele era forte e corajoso, feroz e carinhoso. Generoso, altruísta. Como não amar um homem assim?

Ficaria ali, ao lado dele, até que levasse Legião para a cama. Aproveitaria todos os momentos que tivesse ao seu lado. E depois... depois voltaria aos céus. Tentaria garantir que Lysander mantivesse sua palavra e intercedesse ao Conselho pela vida de Aeron.

Mas isso não garantiria a ajuda deles.

Bem, então ela teria de encontrar outra saída.

Que diferença alguns dias faziam, ela pensou, triste. Ela viera à Terra resignada com a iminente morte de Aeron, feliz com o tempo que poderiam passar juntos e determinada a experimentar a

alegria como os humanos faziam. Mas ela já passara um tempo com o seu guerreiro, e tudo mudara. Ela já não era capaz de aceitar a morte de Aeron. De ver tanta coragem e força serem destruídas.

— Não se preocupe, Aeron — ela disse, endireitando os ombros. — Em breve, eu irei embora, deixando você e Legião a salvo. — A promessa se unira à sua alma.

Legião ficou boquiaberta com o que Olivia dissera.

Lúcifer emitiu um som maldito dentro de sua cabeça.

Aeron pressionou os lábios bem forte, seus dentes rangeram, seus olhos ficaram vermelhos, brilhantes. Olhos demoníacos.

— Já disse que temos tempo. Você não precisa cuidar disso agora. Portanto, você fica. Agora chega disso tudo. Tenho uma reunião para ir. Vou deixar as duas aqui, e vocês *vão* se comportar bem, entenderam? Não vão gostar nada do que vai acontecer se machucarem uma a outra, eu prometo. — Ele não esperou a resposta de nenhuma das duas e saiu correndo do quarto.

Ao contrário de William, ele não fechou a porta gentilmente quando saiu. Ele a bateu, fazendo com que os quadros nas paredes balançassem.

Depois de tanto tempo que passara refletindo sobre o que deveria fazer, analisando e decidindo, um pouco de compaixão, e um beijo de despedida, não seriam demais.

Olivia ficou olhando para Legião. Legião também a encarava.

— Bem — disse Olivia, constrangida. Ainda desejava ser possuída por Aeron. Ainda sentia a umidade que ele deixara para trás. No entanto, em pouco tempo, aquela outra mulher estaria com Aeron do mesmo jeito que ela estivera.

— Não vou ficar aqui com você — Legião disparou.

— Somos duas, então. Estou indo embora.

Sorrindo, Legião se levantou de um pulo:

— Já vai voltar para o céu?

— Ainda não. Vou escutar o que está sendo dito na reunião.

O sorriso de Legião desapareceu, e ela olhou para a porta.

— Seus ouvidos devem ser tão fracos que você vai precisar de alguém ao seu lado para interpretar os murmúrios.

Ela não respondeu, querendo odiar Legião, mas incapaz de fazê-lo. O ódio demandava energia, e ela não tinha nenhuma para desperdiçar naquele momento. Além do mais, aquele demônio teria sido sua enteada, se as coisas tivessem saído como ela planejava. Mais do que isso, Legião fizera o que era necessário para conseguir o homem que desejava. Exatamente como Olivia fizera.

Só que Legião tinha vencido.

ERA BOM ESTAR em casa, pensou Strider, dando uma olhada em volta da sala de jogos. Todos os homens e mulheres estavam ali, reunidos. Todos os três mil, ao que parecia. Exceto Gideon, que, de acordo com as fofoqueiras e com William, o fofoqueiro, estava no calabouço dando as boas-vindas à nova prisioneira.

Os guerreiros, com seus corpos grandes e fortes, pareciam ocupar todo o espaço disponível,

saturando o ar com testosterona. As mulheres estavam empoleiradas nos sofás e nas poltronas, obrigando os homens a ficarem de pé encostados nas paredes. Nas paredes que já não estavam ocupadas, claro.

Lucien e Sabin estavam jogando sinuca e conversando entre eles, provavelmente organizando os assuntos antes de se referirem aos outros. William estava sentado em frente à televisão, jogando videogame. Aeron e Paris estavam no outro canto da sala, passando um frasco de um para o outro. Ambos estavam tristes. Principalmente Aeron. Sua expressão parecia ter sido entalhada em granito, um granito pálido, e suas tatuagens se destacavam ainda mais em sua pele que estava agora pálida. E seus olhos... Estavam vermelhos e demoníacos.

Ainda estava se curando da bala envenenada? Ou seria algo mais pessoal?

Strider só estivera em casa por um dia, mas já ouvira a história de seu problema com o anjo de três fontes diferentes: Cameo, Kaia e Legião, uma Legião incrivelmente melhorada. Cameo gostava de Olivia e falou sobre como ela era inteligente e prestativa. Kaia contou sobre como a Olivia real era maravilhosamente ousada. E Legião achava que ela era uma puta capaz de matar Aeron durante o sono.

Kaia acreditava que Aeron se casaria com ela. Cameo imaginava que Aeron se livraria dela para sempre. E Legião seguia dizendo que ela era uma puta assassina. Isso era basicamente tudo o que Legião falara. Não, espere. Ela pedira a Strider para matar aquela “puta assassina”. Como ele se recusou, ela ameaçara pagar alguém para que “tomasse conta dele”, ao estilo do que acontecia na prisão.

— Estou esperando — disse Strider. — Mim não gostar de esperar.

Finalmente, Lucien e Sabin terminaram o jogo, fazendo um sinal positivo com a cabeça um para o outro, como se tivessem chegado a um acordo, e em seguida se dirigiram para frente da sala. As conversas se reduziram ao silêncio.

Os dois homens tinham os braços cruzados nas costas e as pernas afastadas. Estavam prontos para entrar em ação. O que era bom, pois todos naquela sala estavam tensos e preparados para encarar tal ação.

— Convocamos esta reunião para que cada grupo possa informar aos outros sobre o que está acontecendo em Roma e Buda — disse Sabin. — Eu vou começar. Os Impronunciáveis querem que nós lhes entreguemos a cabeça de Cronos, mas esse pequeno feito os deixaria livres, e se eles forem libertados... — Ele deu de ombros. — Não há como saber que mal eles irão desatar.

— No entanto... — disse Lucien, retomando de onde Sabin tinha parado. — Eles quiseram se garantir, e também pediram aos Caçadores que lhes dessem a cabeça de Cronos. E quem conseguir fazer isso primeiro, nós ou os Caçadores, ficará com o quarto e último artefato.

O Cetro Divisor. Ninguém sabia o que ele fazia. Não mesmo. Mesmo que ele fosse inútil, Strider teria massacrado um exército para possuí-lo. Se houvesse uma mínima possibilidade de que fosse algo poderoso, e havia, ele não poderia terminar em mãos inimigas.

— Mas Cronos é um deus — disse Maddox. E todos eles já estiveram contra os deuses alguma vez. Por isso estavam ali, e não no céu. Por isso eram possuídos por demônios. — Não podemos detê-lo. — E apesar do assunto extremamente sério, ele nunca parecera tão feliz.

Por quê? *Depois*. Os deuses sempre foram mais poderosos que eles, capazes de acabar com eles com um único movimento de suas hábeis mãos.

— Mas ele também está possuído — disse Cameo. — E o seu demônio vai ter um ponto fraco. Todos os nossos têm.

Ah, a agonia naquela voz. Strider estava ocupado demais se encolhendo e tentando processar suas palavras.

— Seu demônio é Cobiça. — Isso fora dito por Aeron, e a agonia em sua voz era mil vezes pior que a de Cameo.

Que inferno, Strider precisava arrancar suas orelhas e... Espere, espere, espere. Vamos voltar um pouco. Cronos era possuído por Cobiça. Lucien já lhe dissera isso, mas Cameo fizera uma observação importante. Todos os demônios tinham um ponto fraco. E ele deixava os guerreiros vulneráveis. O seu era perder, e o estado de coma em que se encontrava depois da derrota. Qualquer pessoa poderia atacá-lo naquele momento, e ele não seria capaz de se proteger.

Qual seria a fraqueza de Cronos?

Esse tipo de informação poderia ser decisivo em uma luta. Não que ele planejasse lutar contra o deus-rei, mas era sempre bom estar preparado.

Com o canto do olho, viu Amun fazer um sinal com as mãos.

— E a pintura de Danika? — Strider traduziu. — Aquela em que ela previa que Galen arrancaria a cabeça de Cronos? — Sem a ajuda de ninguém, ele acrescentou: — Sei que esperamos mudar o curso do que ela viu, mas talvez a única forma de fazer isso não é se nós mesmos matarmos Cronos. Talvez devêssemos intensificar nossos esforços para matar Galen.

— Mas Galen tem o Manto — disse Reyes, aproximando-se do sofá, levantando Danika, sentando-se e colocando-a em seu colo. — Pode ser mais difícil destruí-lo do que a um deus.

— Galen está com o Manto — Aeron repetiu. — Então por que ainda não nos atacou? Suas tropas já estão aqui há um tempo. Então, mais uma vez, por que eles não nos atacaram?

Maddox deu de ombros.

— Talvez estivessem esperando que seu pequeno experimento com Desconfiança desse certo. E agora que deu tudo certo...

— Temos que atacar antes — disse Aeron. — E pegá-los desprevenidos. Com sorte, poderemos abater muitos deles e ganhar tempo para resolver o que fazer com Desconfiança, e talvez até mesmo para forçar Galen a sair de seu esconderijo.

Era uma boa ideia, mas sua sede de sangue estaria retornando? Além daquele brilho vermelho nos seus olhos, suas mãos estavam em punho e sua postura, rígida.

— Mas eles estariam mesmo desprevenidos? — perguntou Reyes. — E se estiverem esperando nosso ataque?

Os soldados na ilha estavam esperando. Aquele poderia ser o novo *modus operandi* dos Caçadores. Além disso, muitos guerreiros ainda estavam se recuperando daquela batalha. Não estavam com sua força máxima e precisariam de sua força máxima para conseguir uma vitória de tal magnitude.

— E não podemos nos esquecer de que Rhea está do lado deles. Não há como saber como ela vai ajudá-los.

— Isso não é verdade — disse Torin, se pronunciando pela primeira vez. Ele havia colocado um microfone e um monitor em sua sala para poder participar da reunião sem ter de entrar na sala lotada de gente. — Eu falei com Cronos. Ele vai tentar distrair sua *amada* esposa o máximo que puder hoje. Por isso pedi a Lucien e Sabin que convocassem esta reunião agora. O que fizermos hoje será feito sem interferência divina. Da parte da rainha *e* do rei.

Ninguém os atrapalharia, mas ninguém os ajudaria também.

Um murmúrio se espalhou pelo grande grupo. Até que uma única palavra começasse a ecoar dos lábios de todos: “Sim.”

— Não podemos dormir mesmo — disse Maddox. — Não com Pesadelos em casa. Por falar nisso, quando vamos nos livrar dela?

Ninguém tinha resposta para isso. Quanto à outra pergunta, no entanto, a decisão foi rápida. Naquela noite, eles atacariam.

Capítulo Vinte e Dois

GIDEON PODIA OUVIR os Caçadores circulando logo acima dele. Seus passos eram apressados, e ele pensou ter escutado até o barulho de armas sendo carregadas e preparadas, o zunido do metal das lâminas que eram colocadas em seus estojos.

Ele não se importava. E nem se moveu. Quase um dia inteiro se passara desde que ele entrara no calabouço. Depois de Scarlet ter feito seu anúncio, “Mentiras, finalmente estamos juntos mais uma vez”, ela tinha xingado baixinho e dito a ele:

— Mas agora que eu sei que é você, pode ir embora. — E se virou de costas para ele e deitou na sua cama, ignorando-o, cantarolando para si mesma como se não ligasse para a sua presença. Ela caíra no sono ao nascer do sol, e nada que ele dissesse ou gritasse foi capaz de acordá-la. Ela só voltara a despertar alguns minutos antes, quando o sol se pôs novamente.

Ela se sentara na cama, arfando, com um olhar frenético. Quando viu Gideon, já não estava tão selvagem, mas irritada e ofendida, embora ele não entendesse o motivo de nenhum dos dois sentimentos. Depois, ela voltou a se deitar no colchão.

— Não posso ficar aqui o dia todo, sabia? — ele disse.

Torin, que o observava através das muitas câmeras que instalara ali embaixo, deve ter ficado com pena dele, pois Doenças lhe trouxera uma cadeira para que se sentasse havia algum tempo. Ele tinha posicionado a cadeira o mais próximo possível da cela de Scarlet. Suas longas pernas estavam esticadas, seus tornozelos apoiados nas barras.

— Vá embora.

Ouvir sua voz após tão prolongado silêncio foi como encontrar uma piscina de ácido cheia de Caçadores dentro: uma maravilha. Ele chegou a estremecer. Mas, graças aos deuses, jamais admitira isso em voz alta. Cons-tran-ge-dor.

— Então... você está me ignorando agora? — ela resmungou.

Seria bom para ela ver o que era bom, já que o ignorara por muito tempo.

— Sim. Estou ignorando você. — No entanto, cada célula do seu corpo estava atenta a cada movimento de Scarlet. Então, mesmo que ele quisesse lhe dar exatamente o tratamento que ela merecia, não podia fazê-lo.

Vergonhoso. Os homens deviam estar sempre no controle, e as mulheres deviam lhes ser gratas

por sua atenção. Os homens deviam dar ordens, e as mulheres deviam obedecê-las.

Certo, tudo bem. Ele nunca desejara aquilo antes, mas desejava agora, absoluta e loucamente. E não ajudava em nada o fato de Mentiras estar totalmente nas mãos dela. No momento estava quieto, mas cantarolando suavemente ao apreciá-la, apenas feliz de estar perto dela.

Seguiu-se outra sessão de silêncio, e ele sabia que ela o estava castigando. Mas por que razão, isso ele não sabia. Não fora ele quem a trancafiara ali. Claro que também não a libertara, mas ela tinha de reconhecer sua inteligência, pelo amor dos deuses. Ela teria fugido.

Scarlet. Ele gostava muito daquele nome. Era perfeito para ela. Perfeito para a curva dos seus lábios maliciosos, para o jeito tranquilo como ela o criticava, e para a obscuridade de sua personalidade. Ela passou uma das mãos pelo rosto.

— Apenas vá embora, está bem? Já terminei com você.

Finalmente, ela dissera algo mais. Ele poderia ficar ali para sempre, pensou, só para ficar perto dela. O que não fazia nenhum maldito sentido!

— Meu nome não é Gideon. — Ali estava. Simples. Fácil. E com sorte ela começaria a revelar informações pessoais em troca da sua. Dizendo de onde ela o conhecia, por exemplo. Explicando por que ele não se lembrava dela.

— Dáá. — Foi tudo o que ela respondeu.

Ela sabia? Como? Ele duvidava de que ela fosse lhe contar, então nem se deu o trabalho de perguntar.

— Eu sei muita coisa sobre você. Como por exemplo, que não é capaz de entrar nos sonhos das pessoas.

— É mesmo? Não me diga!

Não seria tão simples. Não seria tão fácil.

— Eu realmente odiaria se você deixasse meus amigos em paz.

— Negócio fechado. Considere feito. Vou perturbá-los a noite inteira, só para deixar você feliz.

Ele ficou olhando para o teto por um momento, pedindo paciência divina.

— Por favor, faça isso. — Droga. Ele quase nunca se importava com o fato de só falar mentiras, mas naquele momento aquilo o estava irritando profundamente.

— Ou prefere que eu me concentre apenas em você?

— Não. — Sim. E por mais que ele realmente quisesse que seus amigos pudessem descansar em paz, não era exatamente por isso que gostaria de manter aquela mulher longe dos sonhos deles. Ele a queria para si. Completamente. Até mesmo seu poder. Pelo menos até ele entender tudo aquilo.

Ainda assim, não fazia sentido algum. Ele não era um homem possessivo. Mais do que isso, ele não tinha qualquer razão para ser possessivo com aquela mulher.

— Sinto muito — ela disse, embora não soasse nem um pouco arrependida. — Não posso prometer isso.

— Eles não vão pensar em drogar você.

— Que tipo de drogas? Posso pedir Vicodin?

Então ela gostava de drogas humanas. Ele não podia culpá-la. Ele mesmo já experimentara uma ou vinte vezes. Não que elas o afetassem muito, mas pouco era melhor do que nada.

— Como você soube que eu gostava tanto de aranhas?

— Ai, você fala muito, sabia? Se eu lhe disser alguma coisa, vai calar a boca? Vou tomar seu silêncio com um sim. Como eu sabia que você adorava aranhas? Porque eu entro na mente das pessoas e simplesmente sinto as coisas. Foi assim. Agora cale-se de uma vez por todas.

Era verdade. Seu demônio reconhecia a verdade, como se fosse um único Caçador em meio a vários Senhores. Seu demônio costumava odiar isso, normalmente ficava chateado com tal habilidade, embora Gideon sempre tenha gostado dela. Naquele dia, porém, o demônio permaneceu quieto e feliz. Não importava o que saísse da linda boca daquela mulher.

— E foi assim que não descobriu qual era o meu nome?

— Estou vendo que você não tem a habilidade de respeitar acordos. — Ela bateu em uma parede, e uma nuvem de poeira se levantou ao redor. — E então? Vai me irritar até que eu conte tudo o que sei?

Ele não queria admitir que só queria ficar com ela, então ergueu as mãos enfaixadas e balançou-as.

— Eu poderia estar fazendo tantas outras coisas neste momento, como, por exemplo, lutando com meus amigos.

— Feridas não seriam capazes de deter um verdadeiro guerreiro.

Ai.

— Claro, pois um verdadeiro guerreiro gosta de atrapalhar todo mundo e até mesmo de ajudar o inimigo.

— Um verdadeiro guerreiro sempre tem êxito, apesar de suas deficiências. — Ela bufou — Eu disse *deficiência*, e você não tem mãos.

É. Engraçado.

— Se eu não tivesse todos os meus dedos, eu com certeza *não estaria* lhe dando um dedo.

— Típico de um homem que mais late do que morde. E acho que você se encaixa perfeitamente nessa triste categoria.

Qual o seu problema?, ele quis perguntar, mas as palavras saíam mais ou menos como: *Por que você não tem problema nenhum comigo?*, e ele não queria ouvi-la dizer: *Pergunta idiota. Eu tenho problemas com você.* E ele diria: *Então eu não quero saber quais são*, ela diria: *Ótimo, porque eu não pensava contar nada a você.*

Já tivera conversas similares no passado. Já estava frustrado, confuso, curioso, ansioso, e todas aquelas emoções o empurravam cada vez mais perto de seu limite. Um limite que sempre o levava a dizer coisas que não queria e a fazer coisas que não poderia reverter.

— E como você perdeu as mãos? — ela perguntou de má vontade, como se não quisesse saber.

Sua curiosidade o agradou, e ele perdeu um pouco de frustração.

— As mãos, bem, elas não desapareceram durante uma tortura.

— Você cedeu?

— Claro. — Havia orgulho em sua voz. Ele não cedera. Não contara nenhum segredo.

— Exatamente como eu suspeitava.

Ele trincou os dentes. De alguma forma, ela sabia que ele era guardião das Mentiras. Sempre soubera. Ela também sabia que ele não podia dizer a verdade, mas continuava fingindo levar o que

Gideon dizia ao pé da letra. Só para irritá-lo? Ou por estar com raiva dele? Raiva que ele ainda não entendia.

— Os Caçadores costumam fazer isso? — ela perguntou.

— Não.

— E como vai essa história, aliás? A guerra com eles?

Então ela também sabia sobre a guerra, embora ele não tivesse ouvido nada sobre seu envolvimento.

— Estamos perdendo. — Ganhando, mas por pouco. Eram dois artefatos contra um. Eles tinham libertado todas aquelas crianças metade humanas e metade imortais, criadas pelos Caçadores através de métodos terríveis. Tinham descoberto seu esconderijo em Buda. Não que ele pudesse comentar isso com Scarlet. — Como você parece não me conhecer, fico me perguntando se não veio aqui *por minha causa*.

— Não importa — ela disparou. — Olha, eu já disse ao seu amigo que tudo o que queria era que vocês me deixassem em paz. Eu sabia que vocês estavam me procurando. E eu queria que vocês parassem. Só isso.

Não. Aquilo não era verdade. Não podia ser. Mas ele não tinha como provar. Mentiras ainda não estava cooperando.

— Quanto você não sabe de mim? Por que eu sinto que não conheço você de antes, se eu já a encontrei antes?

Ela o encarou, estreitou os olhos, e mais uma vez, eles se encheram daquela raiva.

— Você não se lembra de mim? — Certo, *raiva* não era uma palavra forte o bastante. O horror cobria cada palavra dita por ela. — Não se lembra dos detalhes?

— Eu não... — *Minta, minta*. Ele não deveria ter de lembrar a si mesmo que precisava mentir, droga. — Sim, eu me lembro. — Mas não poderia ter encontrado Scarlet antes. Ele *não* esqueceria uma mulher como ela. Linda, selvagem, uma predadora. Ousada, dura, mas de alguma forma, vulnerável.

Sim, ele estivera com muitas mulheres ao longo dos anos. A maior parte delas por apenas uma noite. As mulheres não costumavam voltar após escutarem do homem com quem haviam estado como elas eram feias e estúpidas. Ou quando o homem não falava nada mesmo. E não, ele não se lembrava de todos os seus rostos, mas, como já considerara, ela não era uma mulher da qual ele teria se esquecido.

— Nós fomos amantes — ele disse, para começar a conversa. — Então isso está dentro. — Fora.

— Ha! — Ela voltou o olhar para ele e continuou encarando-o, analisando-o de cima a baixo. — Não tenho certeza se aprovaria o pacote, então, *não*. Não fomos amantes.

— Eu não tenho certeza se sei o que você quer dizer — ele disse, porque sabia. Ela não gostava de sua aparência. Suas mãos se transformaram em punhos. — Para a sua informação, eu sou muito feio.

Havia algo de soberba em seus olhos quando ela disse:

— Sim, eu sei. Foi exatamente isso o que eu disse.

Ele passou a língua pelos dentes. *Eu sou sexy, droga!* Sim, sua aparência não era tão ortodoxa. Cabelos azuis, alguns piercings. Tatuagens, embora nada que se comparasse a Aeron. Aquele cara

estava coberto. Gideon, pelo menos, mantinha a si mesmo e as agulhas sob controle. Escolhera desenhos que significavam algo para ele.

Um par de olhos pretos que ele via sempre que fechava os olhos. Um par de lábios... vermelhos como sangue... Ele se sentou de um pulo, encarando Scarlet. Que tinha olhos pretos. E lábios vermelhos como o sangue.

— O que foi? — ela perguntou. — Eu sei que sou linda, ao contrário de você, mas faça-me o favor. Mostre um pouco de boas maneiras, pelo amor dos deuses.

Pelo que ele se lembrava, sempre tivera imagens em sua mente. Olhos pretos, lábios vermelhos, e até mesmo uma expressão, algo que só lhe ocorria nos momentos mais obscuros da noite: SEPARAR-SE É MORRER. Flores de um vermelho brilhante se curvavam abaixo deles.

Em sua mente, ele vira aquelas palavras e aquelas flores envolvendo a cintura de uma mulher. Seu coração acelerava sempre que pensava nelas, e por isso tinha as palavras, e sim, as flores, tatuadas em sua cintura, também. Um pouco feminino da parte dele, e muita gente já implicara com ele por causa disso, mas ele não se importava.

— Não quero ver a base de suas costas — ele lhe disse.

Ela ficou paralisada, não conseguia sequer respirar.

— Não apenas não, mas claro que não!

— Não estou disposto a implorar. — Ele precisava ver. Precisava saber. — Eu *nunca* vi você antes. Não sei que você tem uma tatuagem de flores lá. — Ela tinha, ele sabia que tinha.

— Está enganado. Eu não tenho.

Ela mentia, sem dúvida.

— Não prove, então.

— Eu não preciso provar nada.

Ah, que mulher frustrante. Ele ficou de pé. Já estava sentado por tanto tempo que seus músculos doeram em protesto, e seus joelhos tremiam.

— O quê? Não conseguiu o que queria e já vai embora? Ótimo. Vá fazer biquinho e chorar como um bebê!

Primeiro ela queria que Gideon fosse embora, agora fazia um escândalo porque pensou que faria isso. Mulheres.

Como seus punhos estavam enfaixados, era complicado segurar a bainha de sua camisa, mas, depois de vários minutos agonizantes, ele conseguiu. Levantou a peça e se virou de costas para Scarlet. Num primeiro momento, ela não demonstrou qualquer reação. Depois, ele ouviu um suspiro pesado e o ruído de passos.

Sentiu dedos quentes sobre a sua pele, e teve de morder os lábios para não soltar um gemido de prazer. A pele de Scarlet tinha calos, talvez por usar armas?, e queimava deliciosamente enquanto ela acariciava cada palavra, cada pétala.

Ela poderia ter uma lâmina escondida, poderia tê-lo apunhalado enquanto estava distraído, mas ele não conseguiu se importar com isso. Ela o estava tocando. Isso era mais excitante, mais... tudo do que estar dentro de qualquer outra mulher.

— Separar-se é morrer — ela sussurrou, triste. — Você sabe o que isso significa?

— Sim. Não me diga. — *Por favor, deuses, por favor.*

— Eu... eu.... — Ela deixou a mão cair. Um passo, dois passos para trás, ela aumentou a distância entre eles.

Gideon se virou rapidamente. Por um momento, esqueceu-se das barras e esticou os braços para tocá-la. Suas feridas bateram no metal, e ele se encolheu. A expressão de Scarlet empalideceu à medida que saía de seu alcance.

— Não me diga — ele exigiu.

— Já lhe disse para ir embora, Gideon.

Gideon. Pela primeira vez ela o chamara pelo nome. Isso o afetou profundamente. A palavra deslizou através dele, queimando todos os seus órgãos, especialmente seu coração acelerado. Porque... porque... embora fosse a primeira vez que dizia seu nome durante aquela conversa, não era a primeira vez que ele a ouvira dizê-lo.

E só então ele soube, *soube*, que já ouvira Scarlet dizendo seu nome antes. Em algum lugar, em algum momento. Ela já gritara seu nome com paixão, já sussurrara seu nome em uma súplica. Já murmurara seu nome com raiva; já chamara seu nome num momento de dor.

Ele já *estivera* com ela.

— Demônio — ele disse, desejando poder dizer seu nome verdadeiro.

Ela deve ter ouvido as confusas emoções em sua voz, pois, pela primeira vez, não fez nenhum comentário sarcástico.

— Vá embora, Gideon, como eu pedi que fizesse desde o começo. Por favor.

Por favor. Ele duvidava que ela dissesse isso com frequência. Mas, naquele momento, ela parecia à beira das lágrimas, e não o atacou como o tipo de mulher que gostava de chorar na frente de um homem. Nunca, por nenhuma razão.

No entanto, ela já tinha chorado antes. Ele sabia. Ela chorara, e ele a consolara. Quando? Onde?

A única vez possível teria sido quando ele vivia no céu. Como ela era possuída por um demônio da caixa de Pandora, ela já fora prisioneira do Tártaro. Ele não a prendera, mas será que a tinha visto por lá ao levar outros prisioneiros? Poderia ter falado com ela?

Como poderiam ter tido um relacionamento, e ele não se lembrar disso?

Alguém teria limpado sua memória? Os deuses seriam capazes disso. Eram capazes das coisas mais cruéis. Mas isso levantava outra questão: *por que* alguém teria interesse em apagar sua memória? O que ganharia com isso? O que evitaria?

— Você não tem um homem? — Sua voz era tão áspera, tão rouca, que qualquer pessoa que o escutasse imaginaria que ainda teria de se recuperar de uma séria infecção de garganta. Um marido, no entanto, teria desejado ver Gideon fora de cena.

— Não — ela murmurou, com uma voz tão triste que *ele* ficou com lágrimas nos olhos. Tão triste que rivalizava com o tom de Cameo, a própria Infelicidade. — Não tenho.

— Nem pai?

— Meu pai morreu. — Ela voltou a se deitar, olhando para o teto. — Há muito, muito tempo.

Seria verdade? *Droga, demônio! Ajude-me!*

— E mãe?

— Minha mãe me odeia.

Gideon teria de aceitar o que ela dizia como a mais pura verdade.

— Existe alguém que gostaria de vê-la... feliz?

Por favor, entenda que na verdade eu quero dizer muito triste.

Em vez de responder, ela se virou para um lado, escondendo o rosto dele.

— Se eu lhe disser o que quer saber, vai me deixar em paz? Não estou fingindo fazer um acordo com você dessa vez, Gideon. Se eu lhe contar e você não for embora...

Ele não queria ir embora. Agora, mais do que nunca, ele queria ficar. Mas tinha de saber a resposta. Talvez isso o ajudasse a resolver o mistério.

— Não. Diga e eu ficarei.

Uma pausa. Depois...

— Eu menti para você antes, quando fingi não reconhecê-lo. Eu o reconheci, desde o início. Separar-se é morrer — ela disse, trêmula. — Foram as palavras que você disse certa vez à sua... esposa.

Capítulo Vinte e Três

AERON ESTAVA DE pé na varanda do quarto ao lado do seu, agarrado ao parapeito, olhando para o céu azul. Era a decisão mais difícil de sua vida. Tinha de escolher entre a vida de Legião e a de Olivia. Se tivesse escolhido Olivia, como quisera tão desesperadamente, e ainda queria, Legião sofreria eternamente. E seus amigos ficariam em perigo. Nas mãos de ninguém menos que Lúcifer.

Caso escolhesse Legião, salvaria o demônio e *também* seus amigos, e Olivia poderia voltar para casa ilesa. Como ele já tentara obrigá-la a fazer. E como ele agora desejava lutar contra. Como Ira *desejava* que não acontecesse.

Fique com ela. Por favor. Nós precisamos dela.

Ignore-o. Não escute. Uma ordem para si mesmo.

Caso Legião tivesse aparecido naquele momento, ele teria brigado com ela. Como ousara colocá-lo naquela situação? As coisas que ele teria de fazer... com ela, com Olivia... Suas unhas se alongaram e perfuraram a palma de sua mão, e o metal fez um barulho, curvando-se para fora do lugar. Mas e o pior? As coisas que *não* seria capaz de fazer com Olivia. Não mais.

Não faria mais amor com ela. E fora isso o que tinham feito: amor. Ele não quisera que fosse assim, tentou resistir, mas no final, até seu corpo soubera. Estar com Olivia era a coisa certa. Perfeita.

Mas agora ele *não poderia* ficar com ela. Mesmo que mandá-la de volta para casa não fosse uma questão de vida ou morte, nenhuma mulher ficaria ao seu lado sabendo que em breve ele dormiria com outra. E ele iria dormir com outra. Sentiu um nó na garganta. Não permitiria que Legião fosse possuída por Lúcifer. Não deixaria que o destrutivo Lúcifer entrasse naquele reino.

Em algum momento, Olivia me agradecerá por isso. Pelo menos foi o que disse a si mesmo, em busca de consolo. Se ela permanecesse ali, seria uma humana. Pereceria e morreria, e ele teria de assistir a tudo, sem poder salvá-la. Era um prospecto que sempre o desnorteara. Um prospecto que sempre o horrorizara, embora naquele momento ele fosse capaz de fazer qualquer coisa para ter mais tempo ao lado dela.

Você não pode perdê-la.

Precisamos! Ele teria gostado de abraçá-la depois de terem feito amor, e sua mente ficou envolta em pensamentos dos dois juntos para sempre. Agora teria de viver o resto de sua vida sem ela, sabendo que estaria andando pelo mundo, mas que ele nunca mais a veria, ouviria ou sentiria seu

cheiro.

Não!

Como poderia levar Legião para a cama quando Olivia era a única mulher à qual seu corpo reagia? Deu uma risada amarga. Ele era um homem que não tinha nenhuma namorada, e que arrogantemente afirmava que não precisava nem queria uma, e passara a ter duas namoradas. Uma, ele não desejava. A outra estava pronta para abandoná-lo.

Voltarei logo, foi o que Olivia tinha dito.

Imediatamente, ele entrara em pânico. *Não posso perdê-la agora*, pensara. Então ele lhe dissera que eles tinham tempo, e que ela devia permanecer ali. Tudo isso servira apenas para prolongar o inevitável, tornando a dor da separação ainda mais terrível quando ela finalmente acontecesse. Mas ele não se importara nem um pouco!

— Aeron — uma voz suave o chamou, vinda de trás dele.

Céus, Ira suspirou.

Seja forte. Resista. Ele não se permitiu olhar para ela, mas disse:

— Estou aqui.

Passos suaves ressoaram, e Olivia finalmente apareceu ao seu lado, olhando para a noite que se aproximava, com seu cheiro suave envolvendo-o. Sentir o seu cheiro sem poder tocá-la era uma tortura. Uma tortura que ele merecia.

— Onde está Legião? — ele perguntou, esperando que a menina aparecesse na porta a qualquer momento.

— Dormindo.

Sem a presença de Aeron?

— Isso não é o que ela geralmente faz?

Olivia deu de ombros.

— Se quer saber, eu a droguei. E não me arrependo!

Seus lábios se contorceram. Deuses, ele amava... admirava aquela mulher. E o pequeno sorriso que se formara em seus lábios rapidamente desapareceu.

Uma das visões de Ira rapidamente se formou em sua mente. Olivia e Legião caminhando pelos corredores da fortaleza, com cuidado para não fazer barulho, mesmo empurrando uma à outra, tentando abrir caminho. Legião segurava uma garrafa de vinho. Olivia tinha duas taças.

Claramente, tinham ido à cozinha. Em busca de álcool, sobretudo. Mas aonde mais teriam ido, e por quê?

Chegaram ao seu quarto, e Olivia disse:

— Um brinde ao seu êxito.

— Isso mesmo — concordou Legião, orgulhosa. — Ao *meu* êxito. Eu lhe disse que Aeron era meu e que nunca seria seu.

Mais uma vez, Aeron sentiu vontade de brigar com ela.

— E você tinha razão — disse Olivia, e seu rosto ficava cada vez mais pálido ao servir os drinks. De costas para Legião, ela arrancou um pequeno pedaço de tecido da manga de sua túnica. Depois ela o mergulhou em uma das taças.

— Durma — ela sussurrou quando o tecido se dissolveu, depois se dirigiu a Legião com um sorriso forçado. — Eu reconheço quando sou vencida.

O demônio pegou a taça vorazmente, e mesmo antes de tomar o último gole de vinho, começou a cambalear e a cair no chão. Ela olhou para Olivia.

— Algo está... errado...

— Claro que sim. Você realmente achou que eu não colocaria nada no seu vinho?

— Puta — Legião tentou falar, enquanto seus joelhos fraquejaram, fazendo com que caísse diretamente no chão.

A túnica de Olivia era claramente mais poderosa do que Aeron imaginara, e, naquele momento, ele deveria ter sentido vontade de drogar *Olivia*. Porém, para a sua surpresa, Ira estava... enfeitiçado pelo que ela fizera. O “céu” tinha simplesmente brincado com o “inferno”, e tudo o que o demônio queria era abraçar a vencedora do jogo.

— Você está com raiva de mim? — perguntou Olivia, tirando-o de seus estranhos pensamentos.

— Estou grato. — Ele estava muito rude para lidar com Legião naquele momento. Muito rude para pensar na menina que considerava sua filha. *Mude de assunto. Agora.* — Estou notando algo diferente em sua voz. Já tinha percebido antes, mas agora é ainda mais óbvio.

— Sim. — Foi tudo o que ela disse. — Alguma coisa está diferente.

— O que é? — ele perguntou, embora imaginasse saber a resposta. Ela deveria estar perdendo um pouco mais de suas habilidades angelicais por conta do tempo que já passara ali.

Como seus amigos anjos reagiriam a isso quando ela voltasse para casa? Ele não gostou nada de pensar que Olivia poderia ser esnobada pelos anjos. Logo ela, uma mulher tão preciosa.

Ela deu de ombros novamente, mas, dessa vez, sua pele roçou contra a dele. Aeron fechou os olhos por um momento, saboreando aquela maciez. E quando uma brisa fresca tomou conta da varanda, levantando os cabelos de Olivia e fazendo com que seus fios tocassem o peito nu do guerreiro, ele pensou em como era complicado manter-se sano o tempo inteiro.

Minha. Sua. Nossa. Para sempre. Gritos que vinham do demônio e dele.

Nunca. Lembrou a si mesmo, inflexível.

Quando abriu os olhos, voltou a observar o céu.

— Você vivia lá em cima — ele disse, com voz rouca.

— Sim.

— E como era?

— Nós vivemos em nuvens, e existem muito mais delas do que se imagina. — Olivia falava com carinho sobre seu antigo lar. — Elas têm quartos, e tudo o que ordenamos, elas produzem. Estamos escondidos do resto do mundo, mas ainda podemos ver o que acontece ao nosso redor. Como anjos que passam, guerreiros encurralando demônios. Podemos ver as tempestades, mas não somos atingidos por elas. Podemos ver as estrelas, brilhando bem de perto, mas não somos queimados por elas.

Aeron notava uma agitação palpável em seu demônio. *Sim, sim.*

— E você abriu mão de tudo isso. — Por ele. Por diversão. Ele se sentia deprimido. Culpado. Envergonhado. Durante grande parte do tempo, tudo o que lhe proporcionara fora dor e

preocupações. Mas também estava... feliz.

— Sim — ela disse, simplesmente. Depois, sentindo-se pouco confortável, mudou de assunto: — Por que você tem duas tatuagens de borboleta? Sempre me perguntei isso.

— A que tenho nas costas é a marca do meu demônio, e a das costelas é criação minha. Queria poder vê-la sempre, para ficar atento ao duro caminho pelo qual eu ando.

— Não acho que já tenha precisado de reforços visuais. Você parece nunca se esquecer disso. — A tristeza deu lugar ao carinho. — Mas chega de lembranças. Sei que está indo para uma batalha esta noite.

Uma sábia lembrança.

— Isso mesmo. — Ele não perguntou como ela ficara sabendo disso. Mas poderia imaginar. Ela e Legião tinham espiado a reunião. E por isso tinham saído do quarto dele.

— Quero ir com você — ela disse. — Se eu voltar para casa agora, poderei me juntar a vocês, e os Caçadores nunca saberão que eu estarei lá. Vou poder protegê-lo, como se fosse um escudo. Vou poder...

— Não! — ele gritou. Depois limpou a garganta e disse em tom mais gentil: — Não.

O parapeito chiou novamente, curvando-se, e ele soltou os dedos, um a um. Mais uma vez, pensou: *Não pode perdê-la agora*. E Ira retumbou: “Isso não será necessário.”

Ainda havia tempo, droga.

— Tenho que ir embora mesmo, então por que não fazer isso agora, enquanto eu ainda posso ajudá-lo?

Em qualquer outro momento, ele teria adorado tanta determinação. Mas ele se virou para ela e perguntou:

— Por que gostaria de me ajudar? Por que não está gritando comigo? Reclamando do que vou fazer? — Teria sido mais fácil lidar com isso.

Em vez disso, ela olhou para ele com olhos calmos.

— Eu não tenho por que recorrer a tais emoções. Sou um anjo.

— Caído — ele a corrigiu, em tom duro, e depois piscou. Era a primeira vez que admitira a diferença, e a ironia a cortou profundamente.

Seguiu-se uma pausa, um suspiro arrependido. Até que ela disse:

— Não por muito tempo.

Minha.

Ele se aproximou, vencendo o que restava de distância entre eles, agarrando sua túnica e prendendo um punhado do tecido contra o parapeito, para que ela não pudesse fugir. Será que Olivia não se importava com o fato de que em pouco tempo estariam separados? Não se importava que eles nunca mais estariam juntos? Que nunca mais fariam amor? Que em pouco tempo ele faria algo terrível, imperdoável?

— Quero que me solte, Aeron — ela pediu, ainda calma.

Nunca, ele pensou.

Nunca, concordou Ira.

Não podemos pensar assim.

— Os seus amigos vão tratá-la de forma diferente quando você... voltar? — Até falar isso era difícil, mas ele precisava do lembrete: — Você não será a mesma pessoa que já foi um dia.

— Eles vão me receber bem em casa. — Ela balançou a cabeça, fazendo com que seus cabelos mais uma vez dançassem sobre o peito de Aeron. — Com exceção do Conselho, todos são muito tolerantes. Muito pacientes.

— Lysander não me parece nem uma coisa nem outra.

Ela sorriu, seca.

— Bem, é que ele não é um anjo típico.

Aquele sorriso... ele precisava de mais. Precisava ter mais. O máximo possível, até que...

— Faltam sete dias. — Ele deixou escapar as palavras. *Burro*. Ainda assim, ele uniu ainda mais os seus corpos, sentiu seus mamilos rígidos. Imediatamente, ficou excitado, pronto. — Quero que me prometa que ficará durante seis dias.

E a calma finalmente a abandonou, uma tempestade se formava.

— Por... por quê?

— Apenas me prometa. Por favor.

Por favor, repetiu Ira, tão triste quanto Aeron. Quem imaginaria que eles se reduziriam a isso?

— Não posso — ela disse. — Sinto muito. — E desviou o olhar dele, de seus ombros.

Mas não antes que Aeron visse as lágrimas nadando em seus olhos. Lágrimas que o derrubavam... que o enfraqueciam. Ele esticou o braço e tocou a base do seu pescoço, forçando-a a encará-lo, para que visse seu desejo, e sua determinação, que com certeza era similar à dela.

— Então isso é um talvez?

Ela deixou escapar uma risada trêmula.

— Não. Isso é um não.

Eu fiz isso. Eu a fiz sorrir.

— O que você *pode* me prometer? — Àquela altura, ele aceitaria qualquer coisa.

— Um... um dia — ela ofereceu, trêmula.

Um dia. Um dia não seria suficiente. A eternidade talvez não fosse suficiente. Ele a agarrou com mais força.

— Você ficará aqui até que eu volte da cidade. Mesmo que isso dure um pouco mais de 24 horas. Por favor.

— Por que isso é tão importante para você? — ela perguntou, deixando à mostra a primeira dica daquela tempestade.

Porque eu preciso de você. Porque eu quero você. Porque eu odeio pensar em ficar longe de você. Porque, se só existíssemos eu e você, e as minhas decisões não afetassem ninguém mais, eu estaria disposto a morrer só para ter mais um minuto em seus braços.

— Você vai ficar? — Ele insistiu, ignorando sua pergunta. — Se eu souber que há uma chance de você ir embora, não vou conseguir me concentrar na luta. — Ele nunca manipulara ninguém antes. Simplesmente expunha os fatos, fossem bons ou ruins, sem se preocupar com os resultados. Mas naquele momento... — Vou ser um alvo fácil, talvez me machuque novamente. Então me diga. Diga que vai ficar.

Ela passou a língua pelos lábios e deixou os ombros caírem.

— Eu... Tudo bem.

Não era suficiente.

— Diga.

— Sim — ela murmurou. — Vou ficar até que você volte da cidade.

Mas sem aquela camada de verdade em sua voz, ele nunca poderia saber se ela estava mentindo para ele ou não. Mas escolheu acreditar, pois não suportaria pensar em sua ausência.

— Agora que estamos de acordo, pode me soltar? — ela perguntou, colocando a mão sobre o peito de Aeron, não o empurrando, mas contornando suas tatuagens.

Hummm, Ira suspirou.

Ela poderia não desejá-lo naquele momento, mas ainda o queria, claramente.

— Por que você me deseja? — ele perguntou, outro duro lembrete dos obstáculos que havia entre eles. — Por que me escolheu? Você é bonita, inteligente, doce, poderia ter qualquer outro homem. Alguém que não estivesse coberto com as imagens dos próprios pecados.

— Porque sim. — Era uma resposta rebelde, mas ela não se afastou dele.

— Por quê? — Ele a sacudiu dessa vez, desesperado por ouvir as razões verdadeiras que ele não se importaria de admirar. — Por favor, Olivia. Diga.

Talvez tenha sido o *por favor* que a comoveu. Ou talvez a ferocidade de suas atitudes. Fosse como fosse, ela gritou:

— Porque você não é o que acredita ser. Não é o que todos acreditam que você é. Você pode ter matado inúmeras pessoas, mas é capaz de amar com mais força que qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido. Você se entrega sem se preocupar com a própria felicidade. — Ela riu, de forma tão amarga quanto ele o fizera antes. — Engraçado, não é mesmo? As suas qualidades que me trouxeram até aqui são as mesmas que estão me mandando embora.

Fique.

Ele esmagou o pedido antes que escapasse. Ele amava com mais força? Pelos deuses, ele seria capaz. Agora, naquele momento, antes que fosse traído pelo tempo.

Sem avisar, ele uniu suas bocas, incapaz de impedir a si mesmo, e introduziu sua língua nela. Ela abriu a boca sem reclamar, aceitando aquela brutalidade ansiosamente. Ótimo. Ele não tinha controle, e estava feliz por isso. Ele tivera apenas um começo, Olivia, e um odioso fim, sua perda. E aquela perda... pelos deuses. Perdê-la o destruiria.

Não, ele pensou. Aquele beijo o destruiria. Seu legado se resumiria ao encontro de suas almas, ele percebeu, e mais uma vez ficou feliz. Ele a saboreava, clamava por ela e a conquistava sem reservas. Ele dava e recebia.

Se aquele fosse o fim, morreria como um guerreiro.

— Você será minha, mulher. — Ele levantou sua túnica até a sua cintura. Suas pernas ficaram nuas; seu sexo lhe pertencia. Ela ainda não estava usando calcinha, e isso quase o deixou louco. Algum dia, gostaria de tê-la em uma cama. Gostaria de tirar suas roupas lentamente, tomá-la calmamente... Saboreando cada segundo, cada suspiro.

Mas naquele momento, ele apenas a desejava.

Uma necessidade o dominava, fazendo-o alcançar o botão de sua calça, que tentou abrir. Ele ficou emperrado, então o rasgou. Seu membro se libertou.

— Espero que esteja pronta para mim, Olivia.

PRONTA PARA ELE? Olivia estaria pronta para aquele homem todos os minutos de todos os dias pelo resto de sua vida. Ele a encarava como se olhar para ela fosse a garantia de sua sobrevivência. Como se ele vivesse apenas porque ela também estava viva.

E aquela seria a última vez que Olivia experimentaria aquele olhar.

A tristeza ameaçou dominá-la, mas a força do seu desejo a afastou. Depois. Depois se deixaria levar pela tristeza. Mas naquele momento estava nos braços de Aeron. Com o seu corpo em brasas. Estava úmida, tremendo de desejo.

Afinal de contas, abrira mão de tudo por isso. Abrira mão da eternidade por isso. E ali estava a diversão, ela só precisava pegá-la. E não importava o que aconteceria em seguida, sempre teria aquela lembrança.

— Olivia — ele disse, murmurando seu nome.

— Estou pronta. Eu prometo.

Ele agarrou sua bunda, ergueu-a e, no momento em que Olivia passou as pernas ao redor de sua cintura, ele a penetrou, completamente. Ela gritou, incapaz de abafar o som. Aeron era grande e esticava-a toda, mas como ela ainda estava inflamada, pois tinham feito o mesmo havia pouco tempo, seu prazer foi incomensurável.

— Preciso de você. — Ele não parava de investir para dentro dela.

— Sim! — ela gritava, cravando as unhas nas costas de Aeron. Não haveria restrições, não da sua parte. Ela precisava daquilo. Precisava daquela lembrança para aquecê-la durante a noite. — Exatamente assim.

Com mais e mais força ele a penetrava. Era o céu e o inferno. Tão bom, tão perto do fim. *Que isso dure para sempre*, ela pediu, mas sabia que tal pedido nunca seria concedido.

O parapeito se movia no ritmo deles, rangendo, e depois cedendo completamente. E eles caíram, caíram... Aeron em nenhum momento parou de penetrá-la. Ela estava adorando, sentindo uma enorme felicidade, com o vento ao redor dos seus corpos. Liberdade, amor e prazer, tudo ao mesmo tempo. Sem medo ou arrependimento. Aeron cuidaria dela.

E o fez. Pouco antes de baterem contra o chão, ele virou o corpo, e suas asas se abriram, proporcionando-lhes um pouso suave. Ele a sentou no chão gentilmente, mas continuando a investir contra ela, sem parar. Ela mantinha as pernas ao redor de sua cintura, aceitando-o, arqueando o corpo contra o dele, desesperada, louca, perdida.

O sol se pôs perfeitamente, rosado, lindo, e qualquer pessoa que olhasse para baixo poderia vê-los. Mas ela não se importava. Seu desejo era grande demais.

— Olivia — ele arfou.

— Aeron.

Seus olhares se encontraram, as íris violetas dos olhos de Aeron estavam selvagens. Sua expressão

era felina, feroz, seus lábios estavam pressionados, sangrando no ponto onde ela provavelmente o mordera. Havia algo assustadoramente lindo nele. Algo selvagemmente doce.

— Você é minha — ele deixou escapar.

E, mais do que qualquer outra coisa, ela queria ser sua.

— Sua. — Até que ele se entregasse a Legião. Depois, como a garota dissera, Aeron seria dela. *Chega. Basta.* Ela tinha o agora, aquele momento.

Como se pressentisse seus pensamentos e quisesse espantá-los, Aeron baixou a cabeça e beijou-a novamente, dessa vez com mais paixão que da primeira, com sua língua batendo contra a dela, seus dedos rangendo uns contra os outros. Era tanta paixão...

Ela o arranhava, mordida e gritava, chegando ao limite da sanidade, dessa vez fazendo movimentos em espiral, gritando, agarrando seu amante com força, todos os músculos do seu corpo sofrendo deliciosos espasmos. *Isso. Ah, sim, aí mesmo.* Ele a atingira em cheio, e seu orgasmo foi intenso. Ela não conseguia ver nada, pois tinha os olhos completamente fechados, mas sentiu quando Aeron tremeu em cima dela. E ouviu quando sussurrou o seu nome.

Quando ele deixou seu corpo cair sobre o dela, Olivia sentiu seu peso esmagá-la, mas o amava demais para querer se livrar dele. Se ao menos eles pudessem ficar daquele jeito para sempre, perdidos no aqui e no agora.

— Olivia — ele gemeu.

Lentamente, ela abriu os olhos. Aeron a observava, com suas feições em alerta total. Estava completamente exposto, necessitado.

— Não diga nada — ela pediu. Caso ele planejasse dizer que aquilo não mudaria nada entre eles, não seria preciso. Ela já sabia. E enfiar a faca mais fundo no seu peito não resolveria o problema. Caso planejasse pedir que ela ficasse, mesmo que fosse obrigado a dormir com Legião, ainda que só por uma única noite, ela ficaria tentada a aceitar. Mesmo sabendo que o Conselho enviaria alguém para matá-lo. Mesmo que as imagens de Aeron com aquele demônio a fossem assombrá-la para sempre.

Não importava o caminho que escolhessem, eles estavam condenados.

— Eu preciso — ele disse, com voz embargada. — Eu quero que você saiba...

— Ahn, Aeron — alguém o chamou. — Odeio interrompê-los, mas é hora de ir.

Foram pegos novamente, ela pensou, suspirando. Será que eles nunca poderiam desfrutar de um tempo após o sexo, como os humanos tanto gostavam de fazer? Mas a verdade era que, naquele momento, ela ficou feliz pelo adiamento. Saiu de baixo do corpo de Aeron e se levantou, descendo sua túnica até os tornozelos.

— Vá — ela disse, sem olhar para ele. — Como eu prometi, estarei aqui esperando. — *E então nos despediremos.*

Capítulo Vinte e Quatro

T RÊS HORAS DA manhã, a luz da lua já não era tão intensa, e as ruas estavam desertas. As lojas estavam fechadas, e os últimos notívagos já tinham saído do The Asylum. As luzes tinham sido desligadas, não havia nenhum movimento lá dentro.

Aeron estava agachado ao lado de Strider, a alguns metros de distância, numa esquina escura. O guerreiro segurava o controle remoto de um pequeno veículo de quatro rodas, com uma câmera presa ao teto. Aparentemente, a câmera filmava no escuro, revelando corpos e rostos tão claramente quanto se estivessem sendo banhados pelo sol.

Torin sempre encontrava os brinquedos mais legais. A prova era o sorriso de Strider enquanto fazia o veículo avançar.

O restante dos homens estava espalhado ao redor do edifício. Um edifício que um dia eles ajudaram a restaurar; e que estavam prestes a destruir. Alguns estavam no topo, com armas apontadas para baixo. Outros estavam na rua, como Aeron, escondidos em pontos diferentes.

Aeron ergueu um monitor portátil que permitiria a ele e a Strider ver através das lentes da câmera. E sim, as ruas e edifícios pelos quais ele passava desde que foram criados, eram perfeitamente visíveis. Incrível.

— Tudo certo — disse Derrota.

— Estamos prontos para você, Willie — disse Strider em seu fone de ouvido.

Aeron também usava um fone, e ouviu a resposta de William.

— Pelos deuses, eu não posso acreditar que deixei Anya me convencer a fazer isso. Vou entrar.

Poucos segundos depois, William abandonou seu posto e virou em uma esquina. Suas roupas estavam desgrenhadas, e ele segurava uma garrafa de uísque. Não parecia em nada com o William de sempre, seus cabelos pretos estavam mais claros; seus penetrantes olhos azuis, escondidos por lentes de contato escuras. E seu rosto... de alguma forma ele conseguira deixar a pele áspera e alterara o formato de suas feições.

A cada passo, parecia a ponto de desabar, mas seguia em frente, cantarolando uma canção de amor enquanto andava em frente.

Idiota. E ele nem sabia que Aeron planejava trair Olivia.

A doce Olivia.

Minha, disse seu demônio.

Nossa. Não. Ele quase esmagou o aparelho que estava segurando. *De ninguém*. Nem de Ira, e certamente não era sua também. Exceto...

Como ele continuaria vivendo sem ela? Ela era luz e felicidade. Ela era amor, e era alegria. Ela era... tudo.

— Você está comigo, Ira? — murmurou Strider.

A pergunta chegou bem a tempo, arrastando-o de volta ao presente. Ele observara enquanto William tropeçava, como planejado, e caía em frente à porta de entrada do bar. *Distração*. O vidro se despedaçou quando ele caiu. E ficou no chão por um tempo, completamente bêbado. O carro de controle remoto ultrapassou os cacos de vidro, entrando no edifício sem ser notado.

Mas não demorou muito para que uma massa de homens armados corresse para perto do imortal.

— O que você está fazendo?

— Nossa, como ele está fedendo!

— Tire-o daqui e limpe tudo isso. Agora!

Dois guardas arrastaram William rudemente para fora, fazendo com que se levantasse.

— Ei, cavalheiros — ele disse, com um incrível sotaque britânico. — É aqui que é a festa? Ah, olhe só. Uma arma. Tão corajoso. Mas eu provavelmente deveria avisar aos anjos lá na colina. Não posso encorajar o crime, você sabe.

— Chefe — disse um dos homens que segurava William. — Não podemos simplesmente deixá-lo solto por aí. Ele viu muita coisa.

— Em primeiro lugar, eu não sou seu chefe — disse William, depois franziu a testa e apalpou o estômago. — Em segundo lugar, acho que estou passando mal.

O homem no comando era Dean Stefano, mão direita de Galen, notou Aeron, mesmo com Ira fazendo um escarcéu na sua cabeça, pronto para ferir, para matar. E Stefano olhou para William antes de se virar para observar o que restara da porta.

— Façam com que pareça que ele foi assaltado. Mas façam isso longe do prédio. Não quero ninguém mais espiando por aqui.

Acabara de proferir a fria sentença de morte de um homem que imaginavam ser um simples humano. Humanos. E pensar que alegavam “protegê-los” acima de tudo. Mas Stefano era um homem frio, sem qualquer traço de compaixão. E que culpava os Senhores, particularmente Sabin, pelo suicídio de sua esposa, e não descansaria até ver todos eles mortos.

Punição...

No passado, Aeron teria secretamente adorado a ordem do demônio e odiado a si mesmo por isso. Mas já não se castigaria mais. Perder Olivia, isso sim era razão para ficar com raiva. Destruir uma pessoa má? Era motivo para se regozijar. E ele o faria.

Ele *se divertiria*.

Em breve.

Os dois guardas atiraram William, que não parava de reclamar, para fora do bar.

— O que está acontecendo? Só quero entrar e...

— Cale a boca, idiota, ou vou cortar sua língua.

Foi quando William começou a chorar como uma criança. Caso Aeron não o conhecesse tão bem, pensaria que o guerreiro realmente estava morrendo de medo. Mas ele o conhecia muito bem. Aquilo tudo era parte do papel que William se voluntariara para representar. E por “voluntariar-se” entenda-se “ceder à ameaça de Anya de queimar o seu livro se ele não cooperasse”. Todos esperavam que não fosse necessário chegar até ali, até o que estava prestes a acontecer, mas no fundo todos sabiam que chegaria.

William não poderia sair correndo. Isso levantaria suspeitas, deixaria a todos em alerta. Teria de aguentar tudo e esperar que os homens fossem embora ao terminar o trabalho.

Os guardas viraram em uma esquina e entraram num beco escuro, já fora da vista. Mesmo que Aeron já não os pudesse ver, podia ouvir claramente o que estava acontecendo através de seu fone de ouvido.

Quando chegaram ao seu destino, já não ouvia mais seus passos.

— Eu não ia fazer mal nenhum — William chorava.

— Sinto muito, parceiro, mas precisamos cuidar de você agora. Seguiu-se um barulho de metal contra couro, depois o som de pele e músculo se rasgando. Um gemido. Mais um golpe, outro grito.

William acabara de ser apunhalado. Duas vezes.

Aeron ficou com pena. Aceitar o que fosse preciso para que o inimigo não suspeitasse de nada exigia peito, peito que devia estar sangrando naquele momento. Claro que sobreviveria, e daria o troco. Todos dariam o troco.

Ouviu um roçar de roupas, depois o barulho de algo caindo. William deve ter se jogado no chão, fingindo-se de morto. Mais uma vez, ouviu passos, e os dois guardas, sorrindo pelo trabalho bem feito, voltaram a virar a esquina. E entraram no bar.

Strider manteve o carro escondido mirado em Stefano e nos homens que entravam. Finalmente haviam terminado.

— Filhos da puta — William resmungou em seu ouvido. — Aqueles dois são meus. Eles foram diretamente nos meus inocentes e doces rins.

Não havia nada de inocente e doce em William, nem mesmo seus rins.

— Só mais alguns minutos — Aeron prometeu.

— Quero dois guardas nessa porta o tempo todo, até amanhã de manhã — gritou Stefano. — O resto de vocês deve voltar ao que estavam fazendo. E puta que o pariu, alguém entre em contato com Galen. Melhor contar a ele o que aconteceu do que arriscar que escute a história pela boca de outra pessoa.

Os dois homens que tinham atingido William assentiram e tomaram seus postos.

Então Galen não estava ali. Decepcionante.

Enquanto Aeron observava, os demais Caçadores saíram pelo corredor, passando pelo bar e dirigindo-se a um saguão. Naquele saguão havia várias portas. Uma delas era mostrada pela câmera, e levava a uma sala onde alguns Caçadores relaxavam na frente de uma televisão. Numa segunda sala, outros olhavam para telas e clicavam em teclados de computadores, mais ou menos como Torin fazia. Numa terceira, havia várias camas. E vários Caçadores dormiam nelas.

Stefano entrou na quarta sala, vazia. Não havia ninguém por ali, nem móveis. Apenas um tapete. Um tapete que tinha sido afastado para o lado e que revelava um buraco escuro. Buraco por onde Stefano desceu.

Um túnel subterrâneo.

Estariam cavando um túnel em direção à fortaleza?

Estariam planejando entrar sorrateiramente, para não ter que enfrentar as armadilhas colocadas na colina?

— Temos a localização do esconderijo — disse Strider, orgulhoso.

Era hora de seguir em frente. Para Aeron, pelo menos.

— Você sabe que caminho deve seguir? — perguntou Strider.

— Sim — respondeu Aeron. E, olhando o monitor, memorizava o caminho.

Strider bateu no seu ombro.

— Que os deuses o acompanhem, meu amigo.

— A você também. — Aeron se levantou.. Ele não vestira camisa pois sabia que teria de voar.

Com um único comando mental, suas asas se libertaram das aberturas em suas costas. E, gratas pela liberdade, elas se abriram o máximo possível.

— Boa sorte, cara — disse Paris.

— Cuidado — ecoaram alguns outros.

— Se alguma coisa acontecer comigo — ele disse, sem dirigir-se a ninguém em particular —, peço que garantam que Olivia volte para casa de forma segura.

Aeron não esperou pelos comentários dos outros, e se lançou ao ar

Punição...

Ele subiu cada vez mais alto... movendo-se tão rapidamente que já não passaria de um borrão em qualquer câmera que houvesse por ali. Mesmo nas que conseguissem ultrapassar as sombras. Finalmente, ele deixou o corpo reto e pairou no ar.

Punição...

Abaixo dele estava o bar. Ele vasculhou a escuridão, mas não havia Caçadores no telhado, e ele não podia ver os Senhores que sabia que estavam espalhados por perto.

Naquela noite, a vitória seria sua.

O prazer é todo meu.

— Descendo agora. — E começou a descer, sentindo o vento sobre a pele, com as asas dobradas ao lado de seu corpo, aumentando a velocidade de sua queda. Quando chegou ao edifício, ele aplainou o corpo e entrou pelas frestas de madeiras recém-instaladas. Elas machucaram suas asas, cortando-as e quebrando-as, mas também derrubaram alguns guardas.

Aeron não parou, voou pelo saguão, pela pista de dança e depois para o corredor. Os Caçadores tinham acabado de ouvir um barulho e já estavam entrando em ação, mas eles estavam atrás de Aeron, lentos demais para alcançá-lo. Ele só parou ao chegar no quarto com o tapete.

Ira riu, projetando imagens na mente de Aeron. Os pecados dos seus alvos. Espancamentos, esfaqueamentos, sequestros. Tanta violência, tanto ódio. Aqueles homens mereciam o que estava por vir.

— Demônio!

— Detenham-no!

Ele escondeu as asas, ou pelo menos tentou. Mais uma vez elas estavam muito feridas para caber completamente em seus compartimentos. Mas não importava. Ele seguiu em direção ao tapete reposicionado no exato momento em que os Caçadores chegaram à porta. Uma bala o atingiu nas costas, mas ele não diminuiu o ritmo. Ele simplesmente girava enquanto corria, sacando uma arma de debaixo de seu braço e atirando, mandando vários homens para o espaço.

Um intervalo. Ele atirou o tapete grosso e colorido para trás.

— Idiota! — E outra bala zuniu atrás dele e atingiu seu flanco.

Ele devolveu o tiro.

Entre novos disparos, ouviu seus amigos entrando no prédio. Logo havia gritos e gemidos. Vidros sendo quebrados. Não havia tempo para se alegrar. Mais uma bala o atingiu, dessa vez na coxa, fazendo com que caísse de joelhos.

— Ajuda — ele gritou em seu fone de ouvido. E continuou atirando, mandando os Caçadores de volta ao seu esconderijo. Mas ele não poderia segurá-los por muito mais tempo. Sua arma ficou... sem munição. *Droga!* Jogou a pistola inútil no chão.

Punição. Mais! Mais!

— Estamos chegando — disse Strider, ofegante, quando o tiroteio recomeçou.

Aeron sacou uma nova arma no exato momento em que seu amigo chegou. Em poucos instantes, corpos caíam para frente, paralisados, e Strider entrou. Tinha sangue espalhado pelo rosto, mas seus olhos estavam vivos e brilhantes, e um sorriso se armou no canto de sua boca.

— Tire todos daqui — disse Aeron. — Está a ponto de explodir.

Strider assentiu e saiu, gritando avisos aos seus companheiros.

Aeron deu um solavanco na porta do túnel. Estava fechada. Embora seu braço latejasse e tremesse, ele apertou o gatilho de sua arma inúmeras vezes, até que o metal se partisse.

— Agora! — o grito de Strider ecoou em seu fone de ouvido.

Aeron não se permitia entregar-se para a dor que sentia, dor que logo se intensificaria. Não se permitia admitir a letargia que começava a tomar conta de sua corrente sanguínea. Cortesia do veneno dos Caçadores, sem dúvida. Ele simplesmente pegou uma granada do bolso de sua cintura e tirou o pino com os dentes.

Abriu a porta, várias armas atiraram contra ele simultaneamente, enchendo seu corpo de buracos. Ele se atirou ao ar com a força que ainda lhe restava nas pernas, e conseguiu jogar a granada para dentro.

Ira soltou mais uma de suas risadas alegres. *Punição!*

Bum!

A explosão subsequente fez com que Aeron se chocasse contra o telhado. Quando conseguiu recuperar o equilíbrio, pegou outra granada, puxou o pino e jogou-a na cratera que ele fizera.

Bum!

Madeira e vidro se espalharam por todos os lados, cortando-o ainda mais, deixando-o tonto, claro. Mas ele persistia. Suas asas estavam tão machucadas que mal conseguiam bater, mas ele foi

capaz de se erguer um pouco mais. Quando tinha chegado a uma distância segura, parou. Mas ficar planando era impossível.

Ao cair, olhou para a área ao seu redor. Nuvens de fumaça negra tomavam conta do prédio. Mas através dela, ele ainda conseguia ver chamas douradas que se erguiam ao céu.

Nenhum humano poderia ter sobrevivido àquele tipo de carnificina. Ele, no entanto, não queria dar chance ao acaso. Pegou uma terceira granada, depois aproximou-se do prédio e atirou-a.

Bum!

Mais uma vez, ele foi jogado para cima. As novas chamas o tocaram, queimando sua pele. Ele girou o corpo no ar, deixando que suas costas recebessem a maior parte da destruição antes de se virar e finalmente cair no chão, no exato local onde estivera antes com Strider.

Seu amigo já estava lá.

— Eu poderia beijá-lo — foi a primeira coisa que o guerreiro disse. — Mesmo com essa sua aparência horrível.

Aeron teria dado uma gargalhada, mas inalara fumaça, e sua garganta estava seca e áspera. Mal podia respirar. Seus olhos lacrimejavam por causa das queimaduras, e não tinha forças para afastar as gotas de seu rosto.

— Tenho certeza de que vai querer um relatório — disse Strider, ajudando-o a ficar de pé. — William conseguiu cortar a garganta dos caras que o atacaram. Paris foi atingido no estômago, e Reyes na rótula. Eles não estão bem, Maddox e Amun os estão ajudando em casa, exatamente onde você deveria estar. Lucien ficou para trás, para levar as almas mortas ao inferno, e Sabin ficará por aqui com ele, para o caso de precisar de ajuda. Pode haver sobreviventes. Se o túnel for profundo o suficiente, os que correram podem ter conseguido se proteger da explosão. E você sabe que Stefano gosta de correr.

Aeron estava tonto, cada vez mais fraco, e se não fosse pelos braços de Strider, que seguravam sua cintura, teria caído no chão. Pior: tudo estava ficando cada vez mais escuro.

— Usaram balas envenenadas, sem dúvida — disse Strider, pensando o mesmo que Aeron. — Como aquela que quase o matou. Como conseguiu sobreviver? O que fez? Deveríamos ter perguntado antes, mas com tudo o que estava acontecendo...

O pensamento de Aeron estava fragmentado, mas ele sabia que tinha de dizer algo ao amigo. Algo vital. Algo sobre vida ou morte. Sim. Era isso. Vida!

— Homens... atingidos... morte... precisam... água — conseguiu dizer.

— Eu não estou entendendo nada.

Droga, droga, droga. Se desmaiasse antes de explicar tudo, seus amigos sofreriam. Talvez morressem antes de ele acordar, ou antes que Olivia pudesse lhes explicar.

— Rio. Beber.

— Você está com sede?

— Água. Homens. Devem. Beber. Água. Vida.

— Aeron, eu não entendo — disse Strider, claramente frustrado. — Os homens atingidos precisam beber água? Mas como poderiam ser salvos pela água?

— Água vida. Só precisam... pouco. Olivia. Olivia... sabe. — E a escuridão o tomou por

completo.

Capítulo Vinte e Cinco

OLIVIA CAMINHAVA PELO quarto de Aeron. Legião continuava dormindo, mas passara a última meia hora gemendo, então Olivia sabia que acordaria a qualquer momento. E isso não seria uma delícia?

... não pode desistir. Tentação, Lúcifer, estava dizendo isso. Ele estava tagarelando por horas. *Você precisa conquistar Aeron.*

E permitir que um príncipe das trevas vencesse? Nunca. Lutara contra isso a vida inteira. A vitória era tudo o que interessava verdadeiramente, mesmo às custas de sua própria felicidade. E esse era exatamente o preço a pagar: a sua felicidade.

Ele precisa de você.

— Quietos!

Ele vai ser muito infeliz sem você.

— E merece cada segundo dessa infelicidade. — Santa Divindade, em quem ela estava se transformando? Aquele tipo de atitude não serviria para nada no céu. Sim, os anjos eram tolerantes e pacientes, como ela dissera a Aeron, mas isso não significava que gostariam de sua nova personalidade.

Se for embora, nunca mais poderá saboreá-lo.

Ela deixou escapar um suspiro, teve vontade de socar a parede.

— Você é um ladrão, mentiroso e destruidor. Deixe-me sozinha. Ou juro pela minha Divindade que mandarei Lysander ao ponto mais profundo do inferno para silenciá-lo. Nós dois sabemos que esse pedido seria aceito de imediato. Você não é muito querido entre os anjos.

Você já não é um anjo.

— Mas vou ser.

Lúcifer gritou, frustrado, mas não disse nada mais.

— A sua voz é *tão* irritante — disse Legião ao se levantar, esfregando os olhos. Deve ter se esquecido do que a fizera dormir, pois não atacou Olivia imediatamente. Ou talvez não estivesse interessada em vingança, pois sabia que Olivia iria embora em pouco tempo. — Cadê Aeron?

Olivia sentiu uma onda de raiva e preocupação tomando conta dela, mas acalmou-se, sentou-se numa cadeira e ficou olhando para a cama.

— Está lutando num acampamento de Caçadores — ela respondeu.

E será que ele estava bem? Olivia deixara as portas da varanda abertas, para que Aeron pudesse voltar voando diretamente para o quarto. Porém, já se passara muito tempo, e ele não voltava.

Legião bocejou.

— Ah, certo. Voltará logo para casa. O meu homem mata rapidamente.

O seu homem. Sim. Era dela. Mais uma vez, Olivia sentiu vontade de bater o punho contra a parede. O buraco que faria seria uma lembrança sua que deixaria para trás. Lembrança que poderia ser tapada quando ela fosse embora, mas tudo bem.

Aquilo não era importante agora.

Uma brisa fresca entrava pela porta aberta, mas nos últimos minutos ela começara a sentir algo sinistro no ar. Um sinal da presença de Lúcifer, talvez, ou outra coisa? Uma fumaça negra chegou à sua garganta, queimando seus olhos.

Talvez a batalha já tivesse começado.

Ou já teria terminado? Aeron estava ferido?

Lambendo os lábios, ela passou os dedos pelo frasco que escondera no bolso da túnica. O Rio da Vida. Ergueu o frasco e ficou olhando para o líquido. Apenas uma gota fora usada, e havia muitas mais. Precisaria de outra aquela noite? Precisaria de mais do que uma gota?

Se fosse assim, por quanto tempo duraria o frasco?

— O que é isso? — perguntou Legião, bocejando.

Olivia já não se sentia obrigada a contar a verdade o tempo inteiro, então poderia ter mentido e mantido a água em segredo. Mas não estaria ali por muito mais tempo e gostaria que os Senhores tivessem acesso à cura.

Explicou o que era enquanto, relutante, aproximava-se da menina. Quando esticou a mão, segurando o precioso líquido, disse:

— Tome. Quero que fique com isso.

— Ah, não. — Com uma cara feia, o demônio afastou a mão.

O frasco caiu no colchão, e Olivia pousou as mãos nas cadeiras.

— Legião!

— Esse tal Rio da Vida arruinou o nosso sistema de águas. Não podemos nos banhar, pois uma única gota dessa droga contaminou nossas cinco nascentes.

— Que pena... Mas fique atenta para que os Senhores usem com cuidado. Quanto mais tempo durar, mais vezes poderão ressuscitar Aeron.

— Isso é capaz de salvar Aeron? — A repulsa de Legião continuava viva, mas finalmente ela tocou o frasco, depois o agarrou. — Vou usar com cuidado, prometo.

Olivia acreditou nela. Se alguém queria ver Aeron com saúde e garantir que o guerreiro viesse em primeiro lugar, esse alguém era Legião.

Embora esse alguém devesse ter sido eu.

Foi à varanda, mas não saiu do quarto, encostando a cabeça na moldura da porta. A lua ainda estava alta no céu, ainda dourada, mas as estrelas estavam escondidas atrás de uma cortina de fumaça. Ela não podia mais ver as luzes da cidade, apenas árvores e a colina. Ficou ainda mais preocupada.

Você precisa se distrair.

— Por que você ama Aeron? — perguntou, sem conseguir impedir a si mesma.

Seguiu-se uma pausa, depois Legião respondeu:

— Ele brinca comigo. E me faz feliz. Ele me protege. — Legião provavelmente não percebia, mas sua atitude soava defensiva.

A porta do quarto abriu de repente, e Olivia girou o corpo com o coração batendo violentamente.

— Aeron?

Mas ninguém respondeu, pois não havia ninguém ali. E com a porta escancarada, ela pôde ver que o corredor também estava vazio. A brisa devia estar mais forte do que ela imaginara. *Quando* ele retornaria?

As mulheres estavam no sótão com Gwen, esposa de Sabin, que agia como a protetora de todas elas. Para o caso de alguém descer pelo chão, explicara Torin. Algo que Olivia não entendia, embora ele tenha dito algo sobre uma mensagem de texto. Fosse como fosse, ela gostara de Gwen desde o primeiro momento em que a vira, quando ela ainda estava assustada com a vida na fortaleza, odiando quem era. Mas Gwen se transformara numa mulher confiante. Feliz. *Como eu quero ser.*

Olivia ficou grata ao receber a proposta de se unir às outras mulheres, mas não queria deixar Legião dormindo sozinha. E quando Gwen se ofereceu para levar o demônio lá para baixo, ela deveria ter aceitado, mas voltou a dizer não. Era sua última noite na fortaleza, não queria passar ao lado de várias mulheres que conhecia, mas que na verdade não a conheciam bem. Elas teriam feito perguntas sobre Aeron, e ela não queria lidar com isso naquele momento.

Além do mais, Torin escaneava cada centímetro daquele lugar. Ele faria soar um alarme caso alguém mais se aproximasse, além dos Senhores.

Com um suspiro, ela foi até a porta e fechou-a, depois voltou à entrada da varanda. No meio do caminho, deu uma olhada em Legião. O demônio continuava deitado na cama, observando as próprias unhas, como se não acreditasse no quanto eram bonitas.

Onde tinham parado a conversa?

— Quando amamos alguém — disse Olivia —, queremos que essa pessoa seja feliz, certo?

— Ah, claro. Eis a razão por que vou dormir com Aeron. Isso fará nós dois felizes.

Olivia já fora tão burra alguma vez?

— Não. Isso vai fazer *você* feliz. Ele pensa em você como uma filha. Forçando-o a fazer isso, você o destruirá. Aeron será prisioneiro da culpa. E ter dormido com você será uma marca tão dura quanto as suas tatuagens, que são um constante lembrete do que ele é, do que ele fez na vida e do que nunca poderá ter.

As unhas do demônio agarraram o lençol.

— E você acha que pode fazê-lo feliz?

— Eu sei que sim — ela respondeu, em tom suave. A forma como Aeron fizera amor com ela na última vez... Aquilo não envolvera apenas prazer. Fora um encontro de almas. Uma promessa do que poderia vir a ser... — Ele precisa de mim.

Ela ouviu uma risada masculina às suas costas.

— Ora, ora. Um Senhor apaixonado por um anjo. Que sorte a minha.

Olivia arregalou os olhos. Não reconheceu a voz, não era Lúcifer, e não via ninguém no quarto.

Maravilha. Mais um tormento invisível. Quem seria daquela vez? Estaria pagando o preço por todo o tempo que passara espiando Aeron sem ser vista?

— Quem disse isso? — perguntou Legião.

— Você ouviu? O que...

Mãos fortes se apoiaram nos ombros de Olivia, levando-a para a varanda e obrigando-a a olhar para o céu. Antes que tivesse tempo de resistir, aquelas mãos a puxaram para frente, e ela caiu, caiu, caiu.

Pela primeira vez em sua vida, cair parecia algo terrível.

— A água — gritou a Legião. — Não se esqueça da...

Deveria ter dito algo mais, mas foi atacada por uma mão firme que tapou sua boca. E outra coisa, tão firme quanto aquela mão, envolveu sua cintura, atirando-a contra um muro. E ela voltou a subir, mais e mais alto.

Um homem, ela notou. Um homem a segurava. Não era Aeron nem Lysander. Aquele homem exalava ameaça. Usando toda a sua força, Olivia lutou por liberdade, arranhando a pele que não podia ver, mas podia sentir, chutando as pernas acima dela.

— Eu não faria isso se fosse você — ele disse. Era a mesma voz do quarto.

— Quem é você? O que quer comigo?

Eles chegaram a uma camada de nuvens que os escondia da visão dos demais.

— Estou muito chateado. Imaginava que minha reputação fosse maior.

Era Galen, ela notou. O maior inimigo de Aeron. Ele encontrara o Manto da Invisibilidade, como Aeron contara a Torin. Assim conseguira entrar na fortaleza sem ser visto. E depois no quarto de Aeron.

Era assim que destruiria o que restava da vida de Olivia.

Torin não tinha câmeras nos quartos, mas *tinha* do lado de fora, e essas câmeras devem ter registrado Olivia pulando e voando. Qualquer um que visse aquelas cenas pensaria que ela estaria voando de volta ao céu. E, a menos que Legião lhe contasse o que realmente acontecera, Aeron imaginaria que Olivia mentira para ele. Que fora embora sem se despedir.

O sangue gelou em suas veias. Ela *precisava* convencer Galen a levá-la de volta.

— Não sei exatamente o que você quer, mas posso garantir que não conseguirá. Aeron não se importa comigo. — Pelo menos não da forma como ela queria e esperava. — Ele quer que eu vá embora.

— Eu duvido muito, mas não fui à fortaleza por você. Você é simplesmente um último recurso.

— Mas o que você quer?

Ele apertou Olivia com mais força.

— Você realmente acha que vou contar todos os meus segredos?

— Vai me machucar? Diga pelo menos isso.

— E estragar a surpresa? — Ele riu. — Não. Melhor que veja com os próprios olhos. — Ele bateu as asas, e os dois começaram a cair...

AERON DESPERTOU DE um salto. Num primeiro momento estava perdido numa dor lancinante, que queimava seus órgãos, e no momento seguinte, uma chuva fria o assolava. Uma chuva fria que ele reconheceu imediatamente. Era o Rio da Vida. Olivia estava ali, e o curara mais uma vez.

Porém, quando focou os olhos, notou que quem estava ao seu lado era Legião, e sentiu uma enorme decepção.

— Funcionou — ela disse, sorrindo, com dentes brancos e muito feliz. — Realmente funcionou.

E ele não quis perguntar sobre o seu anjo caído, não poderia. Não sem causar todos os tipos imagináveis de problemas.

— E os outros? — Sua voz era mais áspera que o usual, e não porque tinha inalado de fumaça, pois a água o curara. O problema era o seu pensamento em Olivia.

— Quem se importa? — disse Legião, traçando a linha do seu peito com um dos dedos. Tinha as pálpebras semicerradas, mas Aeron ainda podia ver os seus olhos. Estavam loucos de desejo. Não, o que a consumia por dentro era uma espécie de determinação. — Agora que está curado, temos algumas coisinhas por terminar.

Ele agarrou seu pulso e afastou seu braço.

— E os outros, Legião? Onde estão?

Com um suspiro, ela tentou acabar com sua preocupação.

— Estão todos doentes. Está bem? Mas vão melhorar sozinhos. Tenho certeza disso.

Não com aquelas balas espalhando veneno em seus organismos.

— Você está me dizendo que eles não tomaram água do Rio da Vida?

Talvez Olivia estivesse com eles naquele momento, cuidando dos seus amigos. Isso seria bem típico dela. Cuidadosa, prestativa.

— Não, não tomaram. — Legião tinha as feições cada vez mais duras. — Agora, em relação ao nosso trabalhinho não terminado...

Droga. Ela o estava obrigando a perguntar.

— Olivia está com o frasco?

Finalmente, ela desistiu de suas tentativas de sedução e desviou o olhar. Pelo menos não explodira num acesso de raiva simplesmente porque ele mencionara aquela linda e perfeita — mulher.

— Não — ela respondeu. — A água acabou, sinto muito.

Estranho. Da última vez em que a usara, havia gotas para curar um exército inteiro. Aeron se sentou e passou uma das mãos pelo rosto. Então... Se Olivia não estava com a água, isso significava que Legião estava, pois ele acabara de tomá-la, e ela era a única pessoa ali.

Mas por que Legião...? Logo percebeu qual era a resposta correta e tremeu. Claro. Ela estava guardando o resto da água para *ele*.

— Acho melhor eu trocar de roupa, colocar algo mais confortável — ela disse.

Ela não desistia de suas tentativas de sedução, ele notou. E deu de ombros.

— Dê-me essa água, Legião. E pare de tentar ir para a cama comigo. Sei que vamos ter que fazer isso, mas agora não.

Ira não parava de gritar e se agitar em sua mente.

— Não, eu...

— Legião. Eu estou abrindo mão da minha vida para salvar a sua. O mínimo que você poderia fazer era me entregar o frasco.

Franzindo a testa, ela cruzou os braços sobre o peito.

— Da forma como você fala, fica parecendo que eu... sei lá... Que eu estou *destruindo* você.

Ele ergueu uma sobrancelha, seu silêncio era resposta suficiente, e a raiva de Legião aumentava.

Qualquer vida sem Olivia seria uma vida destruída. *Legião é sua criança levada.*

— Minha menina linda — ele disse, embora isso já não parecesse mais apropriado. *Você não pode odiá-la.* Certo. — Quero que me entregue o frasco, ou vou lhe dar a surra que você está merecendo.

Nesse momento, Ira ficou ainda mais agitado.

O demônio *gostava* da ideia de puni-la? Nunca demonstrara isso antes.

— Está bem — ela murmurou, pegando o frasco que guardara entre os seios. — Uma gota para cada um. E nada mais.

Porque apenas precisavam de uma gota, Aeron respondeu:

— Prometo.

Depois agarrou o frasco de líquido azul, tão frio que parecia ter saído de um refrigerador. Parou e deu uma olhada em si mesmo. Ainda estava coberto de sangue dos pés à cabeça. Sua calça jeans estava rasgada, e não usava camisa. Ótimo.

— Fique aqui.

E a cada passo que dava em direção à porta, seu sangue corria mais rápido nas veias, e sua força aumentava.

— Caso esteja saindo para procurar o anjo — disse Legião —, fique sabendo que ela foi embora. Ele fraquejou e girou o corpo.

— Foi embora? Para outro quarto, você quer dizer?

— Não. Foi embora da fortaleza.

Não. Não. Ela não podia ter feito isso. Prometera que ficaria ali até que ele voltasse, para que conversassem.

Ira permaneceu quieto, parecia morto.

— Você não acredita em mim, claro — disse Legião, suspirando e voltando a deitar-se no colchão. — Ela pulou da varanda e voou. Nem me disse para lhe dizer adeus. O que achei bem rude, se quer saber, mas duvido que você ache a mesma coisa.

Não!

Seu próprio protesto ecoou o do demônio. Saiu correndo do quarto e seguiu pelo corredor. Legião deve tê-lo seguido, pois apareceu de repente ao seu lado, tomando sua mão, tentando detê-lo.

Mas ele não diminuiu a velocidade.

— Olivia! — ele gritou.

Céu!

— Eu já te disse. Ela foi embora. Foi embora para sempre.

Aeron conseguiu se livrar dos toques de Legião, e suas mãos se transformaram em punhos. Olivia

não era uma mentirosa. Embora sua voz já não tivesse aquele toque da verdade, não teria mentido para ele. Não era da sua natureza fazer isso. Ele sabia que não. Ele a conhecia. Algo deve ter acontecido. O quê, ele não sabia, mas *descobriria*.

— Olivia!

Ira estava choramingando.

Vamos encontrá-la. Parou o primeiro guerreiro que encontrou pelo caminho, Strider, e deixou o frasco nas suas mãos, com algumas instruções, claro, mas sem parar sua busca pelo anjo.

— Aeron — disse Legião, desesperada. — Por favor. Você a perderia de qualquer maneira. E você, Strider, melhor que me devolva o frasco quando terminar, ou eu mesma vou garantir que nunca possa ter filhos!

Aeron voltou correndo ao seu quarto e encheu-se de armas.

— Eu não me importo se estava ou não perdendo Olivia. — Olivia, a mulher atrás de quem estaria sempre correndo, sem se importar com o seu orgulho ou com as circunstâncias. — Ela é minha. Nossa — ele acrescentou, antes que Ira protestasse. — E não vamos descansar até que esteja aqui de volta.

Capítulo Vinte e Seis

POW. SUA BOCA se partiu.

Pof. O ar abandonou seus pulmões.

Crack. Um punho duro atingira seu antebraço, estilhaçando os ossos. Olivia permaneceu muda o tempo todo, aguentando firme, embora não pudesse evitar que seus olhos ficassem cheios de lágrimas. A tortura começara havia uma hora. Uma eternidade. Seus pulsos estavam presos aos braços de uma pequena cadeira de madeira. Ela estava machucada, sangrando, destruída.

Seu cabelo estava molhado por conta das várias vezes que o tal homem chamado Dean Stefano mergulhara sua cabeça embaixo da água, impedindo-a de respirar, forçando-a a engolir grandes goles do líquido. E aqueles pingos congelados cobriam todo o seu rosto, evitando que dormisse, garantindo que sentiria toda a dor que deveria sentir.

Não é tão ruim como foi no inferno, ela disse a si mesma. *Você vai sobreviver. Tem que sobreviver.*

— Galen pediu que eu cuidasse de você — disse Stefano com o rosto coberto de fuligem e a pele marcada. — Pediu especificamente que eu a interrogasse. E vou interrogá-la. Eu prometo. Seus amigos fizeram isso comigo, sabe? Eles me queimaram e queimaram a minha casa. Eu mal consegui escapar e lhes devo essa. Talvez uma outra também...

Ela desviou os olhos dele. Estavam em algum tipo de armazém. Um armazém com piso de concreto e paredes de metal. A sala que ela ocupava naquele momento era pequena. Havia uma mesa com uma pilha alta de facas, e ela esperava a hora em que o idiota as colocaria em ação. Havia também uma bacia de água grande o bastante para mergulhar seu corpo inteiro lá dentro. Bacia que já provara incontáveis vezes até então. Por último, havia a cadeira onde estava sentada.

— Está pronta para falar agora, meu anjo? — Como ele soava calmo de repente. Não parecia em nada com o homem cruel que era.

Se lhe contasse tudo o que ele queria saber, salvaria os Senhores da agonia de perder uma guerra, pensou, depois mordeu a língua. Não. *Não!* Galen devia estar por perto. Seu demônio, Esperança, devia estar brincando com ela, pois aquele pensamento não lhe pertencia.

Fique firme.

— Tudo o que precisa fazer é me contar onde os Senhores esconderam a Caixa e vou parar com

tudo isso — disse Stefano, abrindo um sorriso gentil. — Tenho certeza de que é isso o que você quer.

Queria que ele parasse? Claro. Quem não ia querer? Mas assim que ela lhe contasse tudo, ele a mataria. *Não se esqueça disso.* Ela pressionou os lábios até que eles fossem uma linha fina.

Ele pegou uma pena que deve ter caído no chão quando Galen a levou até ali, e passou-a no queixo de Olivia.

— A Caixa. Onde ela está? Diga. Por favor. Não quero mais machucar você.

Você sabe o que deve fazer, disse uma voz na cabeça de Olivia. Não era Lúcifer nem Galen. Era a terceira voz do dia. Dessa vez, ela teve de conter um suspiro de alívio. Lysander. Ele estava ali. Não podia vê-lo, não podia senti-lo, mas sabia que estava ali.

Já não estava mais sozinha.

— Anjo — disse Stefano, transformando sua mão em punho e preparando-se para bater mais uma vez no seu braço já estilhaçado. A pena voou para o chão, e agora zombava de Olivia com toda a sua maciez.

— Diga.

— Eu não... não sei onde ela está — ela disse. Mentira. Nunca imaginou que um dia agradeceria pela habilidade de contar mentiras, mas estava grata naquele momento. Claro que aquilo também significava que Stefano poderia não acreditar nela.

Olivia. Diga as palavras certas, e eu a levarei para casa.

Ah, ela sabia que poderia ir embora. Sabia que poderia voltar ao céu, como planejava, escapando de tudo aquilo. Da dor, da humilhação. Mas fizera uma promessa a Aeron, promessa que pretendia manter de pé. Tinha de despedir-se dele. E se *despediria* dele.

— Você sabe — disse Stefano. — Você espiou aquela fortaleza por semanas sem nunca ter sido vista. Então deve ter visto a Caixa...

Olivia, por favor. Volte comigo. Eu não aguento mais vê-la assim. Não aguento isso, não aguento mais essa sensação de impotência, de saber que eu posso salvá-la, mas sem poder fazer nada.

— Não posso — ela disse.

Stefano deu um golpe contra o seu braço, como ela sabia que ele faria, e Olivia deixou escapar um pequeno grito. Viu estrelas piscando à sua frente, sentiu-se um pouco tonta.

Olivia!

— Não posso — ela disse novamente, sem fôlego.

Mais um golpe.

— Pode sim — disse o homem, imaginando que Olivia falava com ele. — Você não está acreditando no que eu *vou* fazer com você, e isso me deixa chateado.

A dor em sua boca ferida se espalhou.

Olivia, disse Lysander mais uma vez. *Isso é loucura. Nada vale tanto esforço. Volte para casa. Eu não posso ajudá-la mais se não voltar.*

— Sua esposa... não teria gostado... disso. — Dessa vez ela falava com Stefano e ignorava Lysander. Estava feliz por tê-lo ali, claro, mas não escutaria o que ele estava dizendo.

Graças à sua espionagem, Olivia sabia que Darla, mulher de Stefano, se suicidara. Por causa de

Sabin, guardião da Dúvida, e do próprio Stefano; os dois homens que a amavam. Ela fora feita prisioneira de uma guerra entre eles, e a morte fora sua única saída.

Stefano estreitou os olhos, protegendo a escuridão de suas íris.

— Ela foi manipulada. Os demônios a manipularam para que gostasse deles. — Ele curvou o corpo, pousando as mãos nos braços de Olivia, e em seus ossos quebrados, depois pressionando. — Se ela estivesse em seu juízo perfeito, teria preferido que eu fizesse *mais*.

Outro grito escapou da garganta de Olivia. A dor era muito forte, percorria todo o seu corpo, chegando finalmente ao estômago, queimando.

Olivia!

— Aeron vai me odiar ainda mais do que nunca quando eu lhe enviar um dos seus dedos — disse Stefano, tão calmo quanto no momento em que a acariciara com aquela pena. — Então ele virá atrás de você. Vai acabar morrendo por você. É um preço que está disposta a pagar? Diz onde está a Caixa... e eu pouparei a vida dele.

Mais uma vez era atingida por aquelas esperanças de um futuro melhor. Se dissesse a Stefano o que ele queria saber, ficaria livre, voltaria para Aeron, e os dois seriam felizes para sempre. Poderiam fazer amor mais uma vez, e até mesmo começar uma nova família.

Será que Galen sabia tudo o que Stefano estava fazendo em troca das respostas que queria? Será que ele se importava? Será que notava o que sua proximidade estava fazendo a ela?

Droga, Olivia. Você não precisa dizer nada a ele, e não precisa aguentar nada disso. Apenas volte para casa.

Ela respirou fundo. Lutava contra si mesma, contra os seus impulsos. Lutava contra aquela tola esperança. Lutava contra a dor. Ela abriu a boca. O que planejava dizer talvez nunca soubesse. Stefano a machucara, e Olivia não conseguia formar uma única palavra; estava desaparecendo, afundando, abençoadamente perdida...

— ISSO VAI DEMORAR um pouco e talvez não tenhamos bons resultados.

Aeron ficou observando seu amigo, praticamente incapaz de parar de tremer os ombros freneticamente. Os olhos de Lucien, cada um de uma cor, azul e castanho, o encaravam.

— Eu não me importo com o tempo que poderá levar. Vá em frente.

Ele queria se matar por não ter pensado nisso antes.

Todos ali imaginavam que Olivia tivesse voltado ao céu, como dissera Legião. E todos viram o vídeo gravado por Torin. O vídeo onde ela aparecia saltando da varanda do seu quarto.

A cena não parava de se repetir na sua mente. Ela de pé, dentro do quarto, olhando para o céu noturno. Ficava paralisada e girava o corpo. Depois voltava a girá-lo, e sua boca se movia, como se balbuciasse qualquer coisa, como se falasse com alguém. Legião disse que ela comentava sobre a alegria de reencontrar seus amigos, mas sua expressão era de *terror*. E então ela saltara. Caía, caía, para depois começar a subir. Sem as suas asas.

Como poderia voar sem asas? Por que estava com tanto medo?

Os outros imaginaram tratar-se de medo do desconhecido, pois ela poderia estar imaginando

como os anjos a receberiam. Mas Aeron a conhecia melhor e sabia que ela não temeria isso. Olivia lhe dissera que os anjos eram benevolentes, *pacientes*, fora a palavra usada por ela e que a aceitariam de braços abertos.

A única conclusão racional era que Legião estava mentindo. Mais uma vez. Ou seja: Olivia fora capturada, como Aeron imaginou num primeiro momento. E só havia uma forma de isso ter acontecido: Galen, com o Manto da Invisibilidade.

Salve-a. Punição para ele.

O demônio queria salvá-la primeiro e punir depois, provando o quanto gostava de Olivia.

Aeron já vasculhara toda a cidade de Buda. Entrara em edifícios, aterrorizara cidadãos e matara. Ah, ele matara com gosto também, sem qualquer traço de culpa, pois descobrira muitos Caçadores que permaneciam ali por perto. Talvez nunca conseguisse limpar todo o sangue que tinha nas mãos. Mas não vira qualquer sinal de Olivia. Nenhum traço do seu cheiro. Nenhum rumor, ninguém a vira. Nada. Ele estava desesperado. E seu desespero só fazia crescer.

— Vamos. Não há melhor hora para começar — disse, levando Lucien ao seu quarto, e abriu a porta.

Legião, que continuava na sua cama, sentou-se. O lençol caiu até a altura da sua cintura, revelando seus seios nus.

— Finalmente. Está pronto para fazer o que deve ou não?

Ele a ignorou, como vinha fazendo desde que entregara o frasco vital a Strider. Estava tão chateado com ela que já nem sabia como tratá-la, depois ele deu um passo para o lado, permitindo que Lucien entrasse ainda mais.

Legião suspirou, frustrada.

— Acompanhado? Agora?

Ira a xingou.

Aeron sentia que seu demônio ainda gostava dela, assim como ele, apesar de sua raiva, pois nunca pediu que a machucasse. Mas Ira já não se acalmava ao lado dela. Ela destruíra o seu “pedacinho de céu”, e nenhum dos dois poderia esquecer isso.

Lucien tomou cuidado para não olhar para a cama. Parou no centro do quarto e girou o corpo, lentamente. Estava ali em busca de traços espirituais de Olivia — traços que poderiam levá-lo até onde ela estava. As mãos de Aeron se transformaram em punhos.

— Deuses — disse Lucien, falando em tom claramente surpreso. — Ela tem o espírito mais puro que eu já vi.

Aeron não conseguia ver nada, mas sentia, e assentiu.

— Eu sei.

— Quem? — perguntou Legião, fazendo um beicinho.

Mais uma vez, ele a ignorou. Teria outros seis dias até que tivesse que dormir com ela, mas ainda assim não estava certo se conseguiria, mesmo se fosse para salvar seus amigos.

— Vou seguir o máximo que puder — disse Lucien —, e caso eu a...

— *Quando* você a encontrar — disse Aeron, corrigindo-o, com um nó na garganta. *Ela está bem. Ela tem que estar bem.*

O guerreiro assentiu.

— *Quando* eu a encontrar, voltarei para buscar você. — E desapareceu, entrando no mundo espiritual para seguir sua trilha.

Pelos deuses, Aeron se sentia impotente. Queria... precisava estar lá, participando ativamente de sua busca. Mas sua primeira tentativa não obteve qualquer resultado, e no fundo ele sabia que a segunda também não conseguiria nada. Galen poderia ter levado Olivia para qualquer lugar, e só mesmo Lucien poderia encontrá-la rapidamente. Se Aeron sáísse da fortaleza naquele momento, Lucien teria de procurar por *ele* quando descobrisse onde Olivia estava escondida.

— Aeron! — Legião ficou de pé e fez uma careta ao se aproximar dele, com o lençol enrolado no corpo. — Isso tem a ver com o anjo, eu já entendi. Mas ela foi embora. Deixe-a em paz. Viveremos melhor sem ela. Por que você não enxerga isso?

— Não vamos viver melhor sem ela — ele gritou, pois já não conseguia guardar sua raiva. Olhou para Legião, cravando seus olhos duros no demônio. Por que *ela* não conseguia enxergar o quanto ele precisava de Olivia? — Ela é melhor do que qualquer um de nós.

A descrença brilhava em seus olhos como lágrimas.

— Eu não acreditei nela, mas ela estava certa. Você... você a ama.

Aeron não se deu ao luxo de responder. Caso admitisse, até para si mesmo, que amava Olivia, não seria capaz de deixá-la ir embora quando chegasse a hora. Ficaria com ela, sem se importar com as consequências.

— Diga-me o que aconteceu quando ela foi embora. E quero a verdade, droga!

Ela abriu a boca. Para mentir. Ele sabia. Ira percebera.

— Não faça isso! — Com qualquer outra pessoa, o demônio teria lhe influenciado a mentir também. Os pecados de Legião nunca tinham incomodado Ira, ele parecia nem notá-los, mas naquele momento estava tão chateado com ela que as coisas começavam a mudar. — A verdade, droga. Quero apenas a verdade. Depois de tudo o que eu fiz por você, acho que não mereço nada menos que isso, certo?

— Você... você tem razão. Eu... eu sinto muito. Só pensei que... pensei que seria mais fácil para você se pensasse que ela... que ela queria abandoná-lo...

Não. Droga, não. E um grito escapou de sua garganta, um grito de Ira.

— Então, Galen...

— Está com ela. Sim. Sinto muito, Aeron. Sinto muito mesmo.

Sua suspeita se confirmara.... Bem, ele poderia ter arrancado o coração do próprio peito e colocado fogo nele. Sua linda Olivia estava mesmo nas mãos do inimigo, provavelmente sofrendo horrores, pois Galen não era chegado à compaixão.

Ele inclinou a cabeça e grunhiu.

— Aeron. Diga o que eu poderia fazer...

— Fique quieta! — Ao olhar para ela, ele mordeu a parte interna da bochecha até sentir o gosto de sangue. — Você machucou uma mulher que abriu mão da própria vida para nos salvar. Para *nos* salvar. Não apenas para me salvar, mas para salvar você também. Por causa dela, você ainda está aqui.

— Sinto muito — repetiu Legião, afastando os olhos dele e encarando o chão. — Sinto muito

mesmo.

— Não importa. — Aquilo não traria Olivia de volta.

Punição.

A ordem de Ira era tão determinada que o desconcertou. Mesmo que o seu demônio já estivesse caminhando naquela direção havia algum tempo.

Ela nos traiu.

Cuidado. *Você não preferiria salvar Olivia?*, perguntou Aeron.

E a raiva se transformou em tristeza. *Céu.*

Ele entendeu aquilo como um sim. Tentou tirar Legião de sua cabeça, foi até o closet e começou a se preparar para a volta de Lucien, munindo-se com o máximo de facas e armas que seu corpo podia aguentar.

Para o caso de precisar, pegou também o que restava do Rio da Vida. Metade do frasco, um sinal de que Strider não prestara muita atenção nas suas instruções, mas ainda assim era melhor ter metade do frasco do que nada. Com sorte, Olivia não precisaria dele. Mas caso Galen a *tivesse* machucado, não haveria buraco algum no mundo ou tecido qualquer com os quais ele pudesse se proteger. No final, Aeron o encontraria.

Vingança.

Sim. A vingança seria sua.

O QUE EU fiz?, pensou Legião, horrorizada, enquanto Aeron saía correndo do quarto que decorara para fazê-la feliz. Ele estava sofrendo. E por culpa dela. Ele tinha razão. Sempre a tratara bem, e ela o reduzira a *isso*. Os olhos de Aeron eram pura tristeza, sua voz destilava desespero.

Legião sentiu o estômago queimar. Teria feito qualquer coisa, *qualquer coisa mesmo*, para que ele se sentisse melhor. Talvez... talvez até mesmo abrir caminho para que ficasse com Olivia novamente. *Não. Não pense assim.* Porque ela fizera aquele pacto com Lúcifer, seu destino já estava traçado; assim como o de Aeron.

Mas tinha que haver algo mais que ela pudesse fazer. Algo que o deixaria feliz novamente. Alguma coisa como...

A resposta a atingiu em cheio, e ela fechou os olhos. *Não, não, não*, ela pensou. E depois... *É a única maneira.*

Por Aeron.

Com mãos trêmulas, colocou suas roupas. Uma calça e uma camiseta que pegara emprestadas com Danika. Poderia trazer o anjo de volta. Não para que Aeron ficasse com ela, mas para que pudessem se despedir. Legião não era capaz de seguir o rastro de espíritos, como Lucien, mas podia sentir seus parentes. Fora assim que ela encontrou Aeron, quando se viram pela primeira vez. Sentiu seu demônio por perto. E também seria capaz de sentir Galen.

Nunca deveria ter deixado que ele levasse Olivia. Mesmo escondido pelo Manto, Legião sabia que se tratava de Galen, soubera no momento em que ele entrara no quarto. Não tinha dito nada, pois adoraria que ele destruísse sua oponente. *Sou uma menina má, muito má.*

Encontre-o. Sim. Tudo bem. Era isso o que faria. Presentearia Aeron com Olivia e Galen. E assim Aeron voltaria a amá-la.

— DEIXE-ME EM paz, menina.

— Eu não sou uma menina — disse Gilly, com as mãos no quadril, numa imagem perfeita de birra feminina. Uma birra feminina muito jovem. — Você precisa de alguém que cuide das suas feridas.

— As minhas feridas — ele disse, franzindo a testa — estão se curando muito bem. — Desde o momento em que ele voltara à fortaleza, completamente ferido, ela não saíra do seu lado.

Sim, ele gostava disso. Que homem não gostaria de ser paparicado? Mas o fato de que precisava se lembrar o tempo todo de que Gilly era muito jovem para ele o estava deixando louco. Não deveria ter de lembrar a si mesmo constantemente que preferia mulheres mais velhas, mais sofisticadas.

Não deveria ter de lembrar a si mesmo que preferia até mulheres casadas. E, pelos deuses, como ele adorava mulheres casadas. As de coração partido também. Eram fáceis de ser seduzidas. Na verdade, qualquer uma com a autoestima abalada era como um afrodisíaco para ele. Adorava vê-las desabrochando ao ouvir suas gentilezas. Mas a adorável Gilly?

Não. Não, não, não. Estava fora do limite. Sempre estaria. E nem importava que idade tivesse. Com todas as mulheres com as quais ele estivera, e sim, foram milhares, ele sempre soube que não devia brincar com brinquedo que temos em casa. Isso causaria uma confusão muito grande. O melhor era brincar com os brinquedos de outras pessoas, e na casa *delas*.

— Por que está se comportando dessa maneira? — ela perguntou, prendendo um cacho de seus cabelos escuros atrás da orelha. Uma orelha delicada. Uma orelha feita para ser mordiscada.

Idiota!

— Vá embora — ele disse, com mais força do que pretendia.

Ela se encolheu, e uma camada de mágoa abateu suas lindas feições.

— Para onde? As outras meninas estão com os seus namorados, e eu não gosto de ficar por aí com os homens solteiros.

É... Alô!

— Eu sou solteiro.

— Sim, mas você não é como eles — ela disse, olhando para os próprios sapatos.

Isso era verdade. Ele era muito mais bonito e inteligente. Provavelmente mais mortífero também.

— Gilly — ele disse, suspirando —, acho que é hora de termos uma conversa. Eu notei que você... sente algo por mim. Não posso culpá-la. Na verdade, dou-lhe os parabéns por sua inteligência e bom gosto. Mas nós somos amigos, você e eu, e é isso o que sempre seremos.

— Por quê? — ela perguntou, arregalando os grandes olhos, com seus longos cílios, piscando. Gesto que o tirava do sério, fazendo a cabeça de William imaginar coisas que não deveria. Como, por exemplo, que seria ótimo ensiná-la que o prazer não tinha de ser algo feio.

Você é mais que idiota. E tentou moderar o tom.

— Porque você é muito jovem para estar com um homem e entender o que isso significa.

Ela deu uma risada amarga.

— Já faz muitos anos eu *sei o que isso significa*.

Mais uma vez, ele ouvia uma confirmação verbal de tudo o que tinham feito a ela. Coisas que nunca deveriam ter sido feitas.

— Quem quer que tenha estado com você cometeu um erro — ele disse, duro. — Um erro muito, muito grande.

Ela ficou corada, e ele não sabia se por vergonha, culpa ou alívio ao notar que alguém reconhecia o péssimo tratamento que um dia recebera. Não sabia que ele sabia sobre o seu padrasto, e William nunca teria lhe respondido isso. Tudo o que sabia era que William culpava a pessoa que um dia a machucara e não culpava a ela mesma.

O que era verdade. Seu padrasto deveria morrer, deveria receber um tiro, depois ser estripado, depois, enforcado. E depois, queimado. E William tomaria tais providências. Essa seria sua próxima missão. Sua mãe também não ficaria muito bem.

— Com você, não seria um erro — ela murmurou.

Pelos deuses, assim ela o mataria.

— Mas por que você gosta de ficar conversando comigo? — Ele não lhe contaria seu plano, pois ela poderia tentar impedi-lo. — O que me faz diferente dos outros?

Ela lambeu os lábios, e a ponta rosada de sua língua voltou a se esconder na boca antes que ele pudesse olhar bem para ela.

— Bem... você não fuma.

Era isso o que ela achava interessante?

— Nenhum homem aqui fuma. Mas, ao contrário deles, estou pensando em criar esse hábito. — E criaria, rapidamente. — Sem filtro, claro!

Ela cruzou os braços sobre o peito e tamborilou as unhas.

— É mais que isso. Você é lindo, como já me disse..

— Como sempre, não há como negar esse detalhe.

— É modesto, também — ela acrescentou, em tom seco.

Ele era como era. Conhecia seu apelo sexual e não tinha vergonha de admiti-lo.

— A aparência não é tudo. Especialmente no meu caso, que sou tão superficial como uma poça de chuva. Eu uso as mulheres, Gilly. Durmo com elas e desapareço, mesmo quando elas querem algo mais. — Odiava destruir suas ilusões, mas tinha de fazer isso. Um dos dois deveria manter os pés no chão.

Ela mudou o peso do corpo de um pé para o outro, mais uma vez desviando os olhos de William.

— Eu sei disso tudo. Já ouvi algumas coisas sobre você.

— De quem? — As fofocas sobre ele só poderiam vir de...

— Anya.

Aquilo doía. E muito.

— Seja lá o que ela tenha dito, lembre-se de que ela é uma mentirosa.

— Ela disse que você é capaz de fazer as mulheres se esquecerem dos seus problemas. Tanto que

todas são mais felizes quando você as deixa do que no momento em que as encontra, mesmo quando parte o seu coração.

Ah.

— Pelo menos dessa vez, ela falou a verdade. — Sim, o toque de William *era* mágico. — Mas, escute. Em alguns anos, chegará o homem *certo*, o homem que vai fazê-la mais feliz. — Claro que esse homem teria de passar pelos padrões de William. — Mas eu não sou esse homem. Não sou o homem certo para estar ao lado de ninguém por muito tempo.

Mais uma vez, o rosto de Gilly estampou uma expressão de dor.

— Mas...

— Não. Nós não podemos dar certo, Gilly. Nem agora nem nunca.

Ela engoliu em seco, tentando se recompor.

— Certo — disse, finalmente. — Vou deixá-lo em paz. Como quer. — E saiu do quarto, batendo a porta.

Infelizmente, deixou o seu cheiro de baunilha para trás, atormentando o nariz do guerreiro.

William ficou de pé. Seu corpo ainda doía, as feridas ainda estavam em processo de cura, mas ele precisava sair dali antes que começasse a correr atrás dela. Quanto mais longe de Gilly, melhor. Além do mais, precisava comprar cigarros.

Talvez ajudasse Aeron a encontrar seu anjo, sem se importar se aquela era ou não uma missão impossível. E então, quando estivesse totalmente recuperado, procuraria e mataria a família de Gilly.

Era um bom plano, disse a si mesmo, mas por que de repente se sentia tão... incompleto?

UMA ESPOSA, PENSOU Gideon, confuso. Ele já tivera uma esposa? Uma esposa da qual não se lembrava? Como isso era possível?

Após o que Scarlet lhe dissera, ele praticamente saiu correndo do calabouço. Não sabia o que dizer a ela. Não sabia se poderia acreditar nela, e Mentiras não ajudava em porcaria nenhuma. Tudo o que sabia era que não queria ir embora dali, mas prometera e cumpriria sua palavra.

Porém, ficou por perto, na escadaria. Esperando, pensando, imaginando, desejando que ela o chamasse de volta. Mas não chamou. Horas mais tarde, ela dormira, e ele fora... para algum lugar. Ergueu os olhos, para tentar ver onde estava, quando trombou com o também distraído Strider.

— Olhe por onde anda, cara? — disse seu amigo, com um sorriso. — E você não deveria estar no seu quarto?

Ele tinha os ombros colados à parede para se apoiar, pois estava ofegante e suado. Não comia havia uma eternidade e se enfraquecia a cada segundo.

— Acho que não. Não preciso de ajuda.

A preocupação tirou o sorriso do rosto de Strider.

— Deixe-me ajudá-lo.

— Não, obrigado, inimigo — respondeu Gideon, segurando firme sua cintura.

— De nada.

E, ao longo do caminho, Strider lhe contou sobre as bombas no The Asylum e sobre a vitória

que tinham alcançado. O que explicava o brilho nos olhos do guerreiro. Mas havia algo mais... Algo estranho. Algo... obscuro, intrigante.

— Isso não é ótimo, mas o que não está preocupando você?

Strider olhou para trás, depois vasculhou o corredor, assegurando-se de que estavam sozinhos. E estavam. Mesmo assim, permaneceu em silêncio até entrar com Gideon no seu quarto e sentá-lo na sua cama.

Gideon, por sua vez, sentou-se na cadeira que Ashlyn, e depois a doce Olivia, certa vez ocuparam, apoiou os cotovelos nos joelhos e inclinou o corpo, pousando a cabeça nas palmas das mãos.

— Escute essa. Nós encontramos os Impronunciáveis. Eles são criaturas más, cara. Muito más. E sabem onde está o quarto artefato, mas só o entregarão a quem levar a cabeça de Cronos até eles. Mesmo se forem os Caçadores.

— Então nós não vamos...

— Não. Nós *não* vamos. Você se lembra da pintura que Danika fez sobre Galen?

Droga. Claro. Ele se lembrava. Nela, *Galen* arrancara a cabeça de Cronos.

— Se isso se transformar em realidade — disse Strider —, os Impronunciáveis, que são extremamente poderosos, serão libertados do jugo de Cronos e poderão fazer o que quiserem. Como, sei lá... devorar todos os seres humanos do planeta. Já notei que eles preferem seguir uma dieta orgânica.

Droga!

— Isso é maravilhoso.

— Eu tentei invocar Cronos, pois queria falar com ele sobre isso e ver se existia alguma forma de destruímos os Impronunciáveis antes que Galen ficasse criativo e aprendesse a usar sua espada, mas ele está me ignorando. Torin também o chamou. E nada. E tem mais: acabei de encontrar com Danika. E ela acabou de terminar uma nova pintura.

Gideon ficou ainda mais horrorizado. Normalmente, Strider lhe contava sobre novos desafios, mas daquela vez parecia fora de si.

— Eu não quero nem saber.

— Talvez mude de ideia quando escutar o que tenho a dizer. Era sobre Cronos e sua esposa, Rhea. Ah, sim. Alguém já contou que Rhea está ajudando os Caçadores? Enfim, eles estavam com Lysander, Cronos enfurecido e Rhea feliz da vida. Você sabe quem é Lysander, certo? É o anjo que se envolveu com Bianka.

— Não. — Sim.

— Nada demais, certo? — disse Strider. — Então, e se Cronos estiver chateado com Lysander, e Rhea estiver contente com ele. O anjo não nos preocupa realmente. Mas acho que o seu demônio vai gostar disso. É mentira. O anjo nos preocupa sim, *e muito*.

— Por favor, não continue. Não ande logo com os detalhes. Eu quero dizer, eu adoro quando você fica enrolando com a história.

Gideon se referia àquela lenga-lenga que Strider provavelmente destilava para não atirar a má notícia de uma vez, como se precisasse reunir coragem. Ainda assim, Gideon não aguentaria muito

mais.

Strider ergueu os olhos, com uma expressão dura no rosto, e disse:

— Aeron esteve lá, na pintura. E Lysander tinha acabado de arrancar a cabeça dele.

Capítulo Vinte e Sete

ELA FOI ACORDADA pela dor.

Lentamente, Olivia abriu os olhos. Ouviu um bipe. Num primeiro momento, o quarto estava embaçado, como se alguém tivesse passado óleo por ali. Mas depois, pouco a pouco, a claridade diminuía. Não era a claridade total, os seus olhos estavam inchados,, mas o suficiente para notar que continuava naquele armazém, embora em outro local. E que à sua volta havia equipamentos hospitalares. Ela estava presa a fios, eletrodos cobriam seu peito, monitorando seus batimentos. Seu braço quebrado não estava engessado, mas sim preso a um dos ferros da cama.

— Lysander? — E só de pronunciar essas poucas sílabas sua garganta doía. Lágrimas escorreram de seus olhos devastados.

Não houve resposta.

Tentou mais uma vez:

— Lysander.

Mais uma vez, nada.

Ele tinha ido embora. Não a teria ignorado; isso não era do seu estilo. Teria gritado um pouco mais com ela, e agora aqueles gritos seriam bem-vindos. Ela estava sozinha e assustada.

Não, não estava sozinha, foi o que notou ao olhar para o resto da sala. Ao seu lado havia um homem deitado em outro leito. Alguém que ela não reconhecia. Era jovem, talvez vinte e poucos anos, e havia feridas sob seus olhos. Suas bochechas estavam fundas e sua pele, um pouco distorcida.

E olhava para ela.

Quando percebeu que tinha sido visto, ficou corado e disse:

— Eh... Oi. Que bom que está acordada. Meu nome é Dominic.

— Olivia — ela respondeu automaticamente. Ai. Aquilo tinha doído ainda mais.

— Você parece estar mal. — Ele exalava culpa e remorso. — Nós deveríamos ser os caras legais, sabe. Stefano me disse que você é a namorada de Ira. Mas eu não me importo. Você não deveria ter sido ferida dessa forma. Nenhum humano deveria ser ferido dessa maneira.

Ela não precisou perguntar quem era o “nós” a quem se referia o jovem. Eram os Caçadores. Passou os olhos pelo corpo do rapaz, em busca de feridas. Ele estava sem camisa, e tudo o que via eram ataduras em seus ombros. Uma delas com sangue seco aparente. Ele vestia uma calça larga e

suja.

— Machucaram... você também?

Ele não pareceu escutá-la, estava perdido em seus pensamentos.

— Disseram-me que o nosso líder é um demônio também. — Ao pronunciar a última palavra, ele começou a tossir. Tanto que espirrou sangue. Quando finalmente se acalmou, disse: — Eu devia ter acreditado neles. Após tudo o que fizeram com você, eu *tenho* que acreditar neles.

Neles. Nos Senhores? Ela não notava nenhum traço de mentira no tom dele, mas ela também não era mais capaz de notar verdade. De qualquer forma, ela sabia que ele não duraria muito tempo. E odiava a ideia de aquele rapaz morrer ali, daquela maneira. Assim como aconteceria com ela.

Não. Não. Não deveria pensar assim. O seu trabalho era o de levar alegria aos corações, sim, mas isso não queria dizer que não tivesse esperanças. Ela vencera o fogo do inferno. Aguentara a dor de ter suas asas arrancadas do corpo. Então poderia sobreviver àquilo. *E sobreviveria.*

Dominic se sentou, cambaleou um pouco e esfregou a testa. Quando conseguiu se equilibrar, jogou as pernas para um dos lados do leito e ficou de pé.

— Cuidado — ela conseguiu resmungar.

Mais uma vez, ele parecia não escutar.

— Eles me encontraram nas ruas. Eu era ladrão e garoto de programa, e me disseram que isso não era culpa minha. — Havia uma pitada de vergonha em sua voz, uma vergonha maior do que teria sido seu remorso. — Eles me disseram que era culpa *deles*. Dos Senhores. E que o demônio da Derrota estava me alimentando, a mim e às minhas circunstâncias. Eu acreditei no que diziam, porque era mais fácil do que culpar a mim mesmo.

— Mentiram — disse Olivia. Ele estava fazendo uma confissão final, e isso quase a fez chorar. Não deveria se importar com a morte. Nunca se importara antes. Mas passara a conhecer a finalidade dela. Aquele homem, que na verdade era um rapaz, jovem ainda, deveria ter tido a chance de continuar vivendo por mais tempo, e vivendo feliz. Mas tudo o que conhecera fora arrependimento e tristeza.

Um passo, dois, ele conseguiu se aproximar do leito de Olivia.

— Sei que eles mentiram. Agora eu sei. Os Senhores, eles me mandaram de volta. Ele me libertaram. Não queriam, mas fizeram isso. *Derrota* fez isso, e havia compaixão em seus olhos. Eu vi. E os maus não sentem compaixão, certo?

— Não.

— Eu o observei, sabe? Mais do que aos outros. Eu queria matá-lo, mas ele me salvou. E Stefano... O que ele fez com você... — Dominic balançou a cabeça, franzindo a testa. — Não existe compaixão no ato de bater numa mulher indefesa. Galen ficou muito chateado quando descobriu, mas o *anjo* não puniu Stefano por suas ações.

Galen, chateado pelos seus maus-tratos? Que surpresa.

Quando Dominic finalmente a alcançou, abriu um sorriso tímido, que conseguia ser feliz e triste ao mesmo tempo.

— Aqueles idiotas nunca imaginaram que eu a ajudaria. — E pegou uma gravata que estava amarrada à sua calça. Na ponta, havia um fino pedaço de metal. — Eles estavam enganados. Ao

longo dos anos, eu aprendi que temos de estar preparados para tudo.

Os olhos de Olivia se arregalaram, pois ficou surpresa ao ver que o rapaz a estava libertando. Mais uma vez, ficou com os olhos cheios de lágrimas. A dor era insuportável, quase atirando-a de volta ao vazio. Por sorte, o metal se abriu antes que ela caísse, libertando-a, e de alguma forma amenizando sua agonia.

— Obrigada.

Ele assentiu.

— Temos dez minutos. Talvez. Alguém virá ver como você está. — Enquanto falava, ele ajudava Olivia a se levantar. — Além do mais, eu deveria chamar Galen quando você acordasse. Mas claro que não vou fazer isso. — E, após uma pausa, disse: — Quando chegarmos à porta, vamos girar à esquerda. Passaremos por outras portas, e com sorte o meu corpo poderá esconder o seu. Há homens ali, poucos, mas mesmo sendo do corpo médico, não vão hesitar em atirar quando perceberem quem é você, e que está livre.

Insegura, Olivia apoiou o peso do corpo no pé esquerdo, depois no direito. Conseguiram. Um suspiro de alívio fez com que ela abrisse os lábios, e isso doeu. Seus lábios estavam cortados, e o movimento, embora rápido, foi doloroso.

— Não posso ir embora sem o Manto — ela disse. — Onde está...

— Impossível. Galen o mantém com ele o tempo todo. A única forma é aproximando-se dele, e você não vai sobreviver se fizer isso.

Dominic tinha razão. Ela não teria forças para derrotar Galen. Mas não poderia deixar que permanecesse com o Manto. Ele poderia sequestrar alguém mais. E o faria. Galen não hesitaria, e talvez não fosse tão... brando com a próxima vítima.

— Vamos — ele disse, e passando o braço pela cintura de Olivia ajudou-a a seguir até a única porta.

— Onde está Galen agora?

— Ah, não. Eu sei no que você está pensando. Mas eu já disse. Não podemos fazer isso. Não mesmo.

— Eu preciso tentar — ela disse, deixando sua determinação falar mais alto.

Ele ficou paralisado, fechou os olhos. Ela podia sentir seu coração batendo forte, muito forte.

— Ele está aqui. Esperando. Impaciente. — Ele deu uma risada amarga. — Eu tentei acordá-la antes, mas você estava fora de si.

Se ela fugisse, Galen deixaria aquele lugar e nunca voltaria, pois sabia que os Senhores poderiam aparecer a qualquer momento. E ela não saberia onde encontrá-lo, um luxo a que não poderia se permitir.

— Quero que siga o seu caminho — ela disse. E olhou para todas as direções. — Os Senhores vão ver você quando chegar à colina. Pergunte por Aeron e diga a ele que...

— Não — disse Dominic, balançando a cabeça. — Quantas vezes vou ter que dizer...? Você não pode vencer Galen. Ele vai matá-la antes que consiga fugir com o Manto. Eu estou morrendo mesmo, e não me importo de morrer aqui ou em qualquer outro lugar. Mas você... Não — ele disse mais uma vez. — Eu não vou permitir. Não quero morrer sabendo que não fiz nada para ajudá-la.

Ela abriu a boca para protestar, para dizer tudo o que pudesse a fim de convencê-lo a fazer o que ela queria, mas o som de passos e de um tiro sendo disparado a distância a deteve.

Dominic ficou paralisado

— Ele está voltando para ver você — murmurou, horrorizado. — Droga. Droga. — Ele a arrastou mais uma vez para trás da porta, pressionando-a contra a parede logo ao lado, onde poderiam ficar escondidos quando a porta se abrisse.

— Não posso ir embora sem o Manto. Simplesmente não posso.

Mais uma vez, Dominic fechou os olhos, como se estivesse pesando as opções. E demorou apenas um segundo, que pareceu uma eternidade, mas quando voltou a abrir os olhos, parecia mais decidido que nunca.

— O Manto está no bolso dele. Quando é dobrado, diminui de tamanho. É cinza, macio. Pegue-o e corra. Não olhe para trás. Corra, está bem?

Como o dele, o coração de Olivia batia violentamente contra as suas costelas. O suor tomava conta da sua pele, suas pernas tremiam, e sua boca estava seca.

— E você?

Ele dizia estar pronto para morrer, mas ela não estava pronta para ver isso. Ele era um cara legal, que vira muitas coisas ruins em sua curta vida. Merecia um final feliz.

— Vou cuidar de Galen. Tudo bem? — Ele tirou mais uma gravata da calça, e dela pendia uma lâmina. — Tudo o que você deve fazer é aproximar-se dele, enfiar a mão nos seus bolsos, pegar o que puder e correr.

Bolsos. Galen vestia uma túnica como a sua, então ela sabia que havia três bolsos. Dois no lado direito e um no esquerdo. Parecia impossível meter as mãos nos três ao mesmo tempo. Mas ainda assim, ela disse que tudo bem e rezou para que tivesse feito a escolha certa.

A porta se abriu, e Galen entrou. Parou no centro da sala, movendo a cabeça de um lado para o outro, observando os leitos vazios. Olivia não pensou no que faria a seguir, simplesmente avançou para cima dele e meteu a mão em dois de seus bolsos.

Ele xingou e tentou empurrá-la. Talvez Lysander a estivesse ajudando, pois Galen não conseguiu o que queria.

Seu braço quebrado pulsava, e seus dedos demoravam a reagir aos comandos mentais, mas ela agarrou tudo o que conseguiu, girou o corpo e saiu correndo. Simplesmente saiu correndo. Exatamente como Dominic lhe orientara. Dedos alcançaram sua cabeça e a puxaram, mas ela seguiu em frente.

Passou pela porta, e esperou que mãos pesadas pousassem em seu ombro ou agarrassem seus cabelos mais uma vez, mas isso não aconteceu. O que ouviu foi um tiro, um grito de dor e percebeu: Dominic acabara de atingir Galen.

Mas aquilo não deixaria o imortal fora de combate por muito tempo.

Pelas portas abertas dos outros quartos, vários homens saíram aos corredores. Quando seus olhares confusos e em pânico a encontraram, ela aumentou a velocidade e olhou para o seu prêmio. Ali, bem na palma de sua mão, havia um quadrado cinzento.

Alívio. Excitação. Sim, ela sentia tudo isso. E assim recuperava suas forças. Atirou todo o resto ao

chão, pois não eram coisas importantes naquele momento. Desatenta, bateu contra uma sólida parede humana.

Aquilo a assustou, mas não o suficiente para fazer com que largasse o que tinha nas mãos mesmo quando caiu no chão. Quando os homens se abaixaram para agarrá-la, ela colocou o Manto sobre os ombros.

Em um minuto, ela podia ver seus membros, no outro, não via nada. *Nem pense em respirar.* Fique quieta.

Os homens se viraram, franziram suas testas, procurando por ela. Atiraram para o local onde ela estivera antes, mas Olivia já saíra dali. Caminhava colada à parede, e eles passaram por ela, gritando por ajuda.

Galen saiu do quarto, com sangue derramando de sua ferida. Ele cambaleava e arrastava um inconsciente, Dominic. *Por favor, que ele esteja vivo.*

— Para onde ela foi? — perguntou.

— Não sei.

— Ela simplesmente desapareceu.

Galen passou a língua nos dentes. Solto o corpo de Dominic, que não demonstrava qualquer sinal de vida.

— Ela não pode ter ido para longe. Está ferida. Espalhem-se e busquem pelo covil do demônio. Ela foi para lá. Caso sintam a presença de algo que não possam enxergar, atirem. Caso escutem uma mulher ofegando, mas não vejam nada, atirem. Entenderam? Estou cansado de ser bonzinho. Ela está com algo que me pertence. Mas não pisem na colina. Se fizerem isso, os Senhores poderão ver vocês, e eu ainda não estou pronto para a batalha.

Um coro de “sins” ressoou, depois os homens saíram.

Galen ficou parado por um tempo, trincando os dentes, respirando fundo. Olivia resolveu não arriscar um suspiro, simplesmente segurou o oxigênio no nariz e esperou. Finalmente, ele foi embora, seguindo os outros homens.

Ela caminhou na ponta dos pés para não fazer barulho e pousou os dedos no pescoço de Dominic. Não havia pulsação. Seu queixo tremeu e lágrimas voltaram a encher seus olhos. Ele estava pronto para morrer, queria morrer, mas ainda assim ela ficou com o coração partido. Ele nunca soubera o que era a alegria. E deveria ter tido uma chance de conhecer a alegria.

Peça por sua alma. Depois. Você não vai poder ajudar ninguém se também morrer. Olivia ficou de pé, com lágrimas escorrendo pelas suas bochechas como se fosse chuva. Mal podia ver o que havia à sua frente, mas continuou, percorrendo o mesmo caminho que Galen.

O corredor terminava num espaço vazio, que levava a uma porta fechada. A saída? Provavelmente. A fresta entre as portas duplas deixava entrever um pouco da luz do sol.

Engolindo em seco, ela esticou o braço machucado e abriu a porta. O ar quente a envolveu instantaneamente. E o sol brilhava sobre um estacionamento. Brilhava demais para os seus olhos desacostumados a ele. Ainda assim, ela piscou e encarou.

Até um sorridente Galen atravessar o seu caminho.

Ele tinha as asas completamente abertas, e ela caminhava muito rapidamente para poder frear.

Bateu contra o corpo do anjo e cambaleou para trás, caindo contra o muro de metal do armazém. Chocada, engolindo em seco, ela escorregou para o chão de pedras.

— Imaginei que ficaria para trás, para dar uma olhada no seu garoto — ele disse, sorrindo abertamente. — Seus amigos o mataram, e mesmo assim você queria levá-lo de volta para eles. Que decepção. Tão previsível.

Idiota!

Ele caminhou em direção à porta, e Olivia saiu da frente, agarrando o maior número de pedras que pôde. Ficou de pé, com cuidado para não fazer barulho, e Galen acabou batendo contra o muro.

— Não tem problema — ele disse, endireitando o corpo. — Posso ver as suas pegadas. Tudo o que tenho de fazer agora é segui-las.

Obrigada pelo aviso. Ela começou a se mover para todos os lados, buscando um caminho mais seguro. Mas a área era suja e arenosa, ou seja, para qualquer lado que fosse, seus passos ficariam marcados. E ele a seguiria.

— Se fugir, irei atrás de Aeron. E vou cortar sua cabeça enquanto você observa a cena, sem poder fazer nada.

Ele a procurava, tentando agarrá-la no momento em que Olivia recuasse.

Lentamente, com passos pequenos e agonizantes, Olivia caminhou para trás. E Galen a seguia. Ela olhou para trás. Pouco mais à frente havia uma área agitada, com grande volume de carros e vários prédios. Os Caçadores devem ter escolhido aquele lugar para o caso de terem de se esconder, mas não contavam com o fato de que aquilo também poderia ajudar os seus *prisioneiros* a se esconder. Tudo o que tinha de fazer era chegar lá, e estaria a salvo. Ele nunca a encontraria.

O problema era que ele era rápido, mais rápido que ela, e não estava ferido. Se ela corresse, Galen a alcançaria. *Valeria a pena arriscar.*

Resgatando uma reserva de energia que nem ela sabia ter, Olívia correu. Ouvia um barulho e sabia que Galen a seguia muito de perto. Seu corpo gritava de protesto a cada passo que dava, mas Olivia não parava de aumentar sua velocidade.

Estava quase lá quando... Galen agarrou o Manto e puxou-o. Uivando e puxando o tecido com sua mão livre, para que não se soltasse das suas costas, ela virou uma esquina e bateu contra um grupo de pedestres. Dois deles caíram para trás, revelando seus ombros e braços. Ofegante, Olivia voltou a colocar o Manto sobre os ombros, para depois bater contra uma parede.

Atirou as pedras que carregava nas mãos contra um poste. *Pop. Pop. Pop.* E observou enquanto Galen seguia em direção ao tal poste, imaginando que ela estaria lá.

Tão perto... Tão perto do desastre... Mas ela conseguira. Realmente conseguira.

Sua respiração era quente e apressada, queimando sua garganta e seus pulmões. O suor era abundante naquele momento, e ela provavelmente exalava algum cheiro. Suas pernas voltaram a tremer. Infelizmente, não poderia seguir em direção à fortaleza, pois Galen estaria lá quando ela chegasse. E não poderia ligar para Aeron, pois não sabia seu número.

Mas precisava fazer alguma coisa, ir para algum lugar. Não poderia simplesmente ficar parada ali.

Usando a parede para escorar o corpo, deu um impulso para frente, virando várias esquinas, perdendo-se entre a multidão. Finalmente, encontrou um beco vazio e cheio de sombras. Sentou-se.

Um erro. Assim que o seu corpo parou, ela notou que não teria forças para voltar a caminhar. Seus músculos estavam colados aos ossos, e toda a energia desaparecera.

— Lysander — ela sussurrou. E esperou.

Mais uma vez, nada.

Sozinha. Que pensamento terrível. Aquele não era o melhor lugar para se esconder. Alguém poderia pisar em suas pernas invisíveis. Mais do que isso, os Caçadores provavelmente estariam fazendo uma busca por todos os becos. Mas...

Ela fechou os olhos. Só por um instante. E tentou respirar fundo. Depois conseguiu se levantar e se mover outra vez. Porém... deve ter caído no sono, pois quando voltou a abrir os olhos, ainda incapaz de caminhar, viu que o sol já tinha se posto, e a lua começara a brilhar.

Sua dor era enorme, sua determinação estava abalada. Não conseguiria... Não poderia seguir em frente. A morte seria o próximo passo. Ela não lutaria. Ela iria...

— Olivia — ouviu uma voz masculina lhe chamar. — Venha, querida. Sei que está aqui. Sua trilha espiritual termina aqui. Mas eu não vejo você. — E um segundo depois um corpo se materializou.

Era Lucien. Ela o reconhecia, embora nunca tivessem sido propriamente apresentados. Sabia que ele carregava o demônio da Morte. Bem apropriado... Ele poderia escoltá-la...

— Não vou lhe fazer mal. Só quero ajudar. Aeron está procurando por você.

Com mãos trêmulas, ela conseguiu tirar o Manto dos ombros.

— Eu... eu estou aqui. Aqui.

Lucien arregalou os olhos quando ela apareceu de repente.

— Ah, querida. Sinto muito. Tudo ficará... — Ele balançou a cabeça. — Não temos tempo para explicações sobre o que está acontecendo. Há uma alma no armazém onde você foi torturada, e preciso levá-lo ao outro mundo.

— O nome dele é Dominic — ela disse, com a voz abalada. — Ele me salvou. Seja gentil com ele, por favor.

— Serei — disse Lucien, desaparecendo.

Ela dobrou o Manto da melhor forma que pôde e ficou esperando. Lucien reapareceu com Aeron.

Todos os pensamentos desapareceram da sua mente. Aeron. Inesperado. Bem-vindo.

— Pensei que você... A alma...

— Vou cuidar disso agora. Vamos nos ver na fortaleza — disse Lucien, desaparecendo mais uma vez.

— Ah, querida — disse Aeron, gentilmente, e sentou-se ao lado dela. Mesmo com toda aquela gentileza, Olivia notava sua preocupação e raiva. Mas ali estava ele, e a salvo após a batalha. — O que eles fizeram com você?

Assim como Lucien, ela não teria tempo para explicações.

— Eles estão aí fora, procurando por mim. Ao redor da fortaleza.

Ele ficou atento imediatamente, olhando em volta.

— Não vejo ninguém por perto. Você está a salvo. Vou ligar para Torin e avisar o que está

acontecendo. Quem quer que esteja por lá, será varrido da área antes de nossa chegada. — E com uma expressão gentil no rosto, tirou um frasco do bolso e pôs-o nos lábios de Olivia. — Beba, querida, beba.

Ela sacudiu a cabeça. Não havia razão para gastar uma gota com ela. Logo estaria em casa e...

Determinado, ele abriu os seus lábios, e o líquido escorregou por sua garganta. Mais do que isso, caiu maravilhosamente em seu estômago. Em poucos segundos, percorria todo o seu corpo, devolvendo-lhe toda a força que perdera. A dor a abandonou por completo, deixando uma sensação de prazer em seu lugar.

Homem teimoso.

— Você não deveria ter me dado tanto. — Até sua garganta se curara, e as palavras saíam sem dificuldade.

— Eu teria lhe dado todas as gotas, se fosse preciso.

Que homem doce. Doce e equivocado. Ela não queria ouvir aquele tipo de coisa. Não naquele momento. Pois isso tornaria sua separação ainda mais difícil.

— Como você me encontrou?

Ele estreitou os olhos.

— Sei que você não iria embora sem dizer adeus. Então pedi a Lucien que seguisse o seu rastro espiritual. O que significa que ele viu todos os lugares por onde você esteve, seguiu todos os seus passos. Nunca vou me perdoar por termos demorado tanto para encontrá-la. E vou matar aquele idiota do Galen, mesmo que seja a última coisa...

— Aeron — ela o interrompeu. Não queria vê-lo em perigo por ela. — Apenas me abrace.

Ele passou os braços pelos joelhos e costas de Olivia, depois a ergueu, pressionando-a contra o seu peito.

— Quando chegarmos em casa, você vai me contar tudo o que fizeram com você. Poderá me contar também o que os demônios fizeram naquela primeira noite. — E a cada palavra, sua voz ficava mais áspera. — Depois eu encontrarei Galen e os demônios... E eles me pagarão. Ninguém sai vivo depois de machucar a minha mulher.

Capítulo Vinte e Oito

AERON DEITOU OLIVIA na sua cama da maneira mais gentil que pôde. Os gemidos tinham cessado, suas feridas e seus ossos quebrados estavam curados, mas ele não queria se arriscar. Por sorte Legião estava longe dali, o que o deixou aliviado. Não sabia onde ela estava. Tudo o que sabia era que não poderia lidar com ela naquele momento. Sua querida Olivia... quando ele a encontrara...

Suas mãos se transformaram em punhos. Ira gritava por vingança, e Aeron queria dar a vingança ao seu demônio. Agora mesmo. Sem mais espera. Queria pedir a Lucien que o levasse aos locais onde Olivia estivera, pois começaria a matar. Na verdade, o “desejo” era mais uma necessidade, como respirar ou comer. Mas os covardes já tinham ido embora daqueles locais; o armazém estava vazio. Lucien lhe dissera tudo isso antes de levá-lo ao beco. Embora, para o seu demônio, isso não importasse.

Claramente, Olivia fora espancada e torturada. Lucien lhe dissera que sua energia fora drenada com tanta dor e medo. Aeron não se importava com o que teria de fazer para encontrar Galen. Ele o encontraria e finalmente mataria aquele idiota.

Lenta e dolorosamente, disse Ira.

Lenta e dolorosamente, ele concordou. Mas primeiro deixaria de lado aqueles pensamentos malévolos e teria a conversa prometida com Olivia. Afinal, consolá-la e cuidar das necessidades *dela* eram suas primeiras necessidades. E a verdade era que não poderia punir Galen como deveria se não soubesse exatamente o que ele fizera à sua mulher.

E o puniria exatamente como ele merecia.

Relaxe. Por Olivia. Aeron agachou ao lado da cama, e Olivia girou para o seu lado, mantendo o contato visual.

— Eu teria entendido se você... tivesse voltado para casa durante a tortura feita por Galen — ele disse. Na verdade, ele teria preferido que Olivia tivesse feito isso. Seria melhor perdê-la para sempre do que saber que sofrera tanto.

— Eu não queria ir embora. Não naquele momento. Precisava garantir que conseguiria encontrar isto. — E tirou um pequeno quadrado cinza do bolso. — É o Manto da Invisibilidade.

Por um momento, ele só conseguiu piscar de surpresa. Depois balançou a cabeça e sorriu. Aquela mulher tão pequena, aquele anjo caído, fizera o que um exército de imortais não fora capaz de fazer.

Ela roubara o terceiro artefato bem debaixo do nariz dos Caçadores, driblando Galen durante o processo. Aeron ficou tomado por um sentimento de orgulho.

Recompensa.

Primeiro o demônio queria castigar Legião, e naquele momento queria oferecer uma recompensa a Olivia. *Estou com você, Ira.*

— Obrigado. Dizer isso nunca será suficiente para expressar minha gratidão, mas obrigado, de qualquer maneira.

— De nada. Então, o que acha? Do artefato, quero dizer.

— Parece tão pequeno. — E estudou-o de todos os ângulos. Parecia tão inócuo. — Como ele pode...

— Cobrir um corpo inteiro? Ele cresce à medida que é desdobrado.

Ele não queria sair do lado dela, nem por um segundo, mas tinha de garantir a segurança do Manto.

— Volto em um minuto — ele disse, e Olivia concordou com um sinal de cabeça.

Ele beijou sua testa e ficou de pé, relutante, e praticamente teve de correr para conseguir sair do quarto. O primeiro guerreiro que encontrou foi... Strider. Outra vez. Aeron colocou o tecido na mão dele e disse:

— Manto da Invisibilidade. Entregue a Torin para que guarde-o em segurança. Obrigado.

Pronto. Estava feito. Já não era problema seu. E voltou ao quarto.

Strider o alcançou pouco antes que chegasse à porta, puxando seu braço e fazendo com que parasse.

— Como você conseguiu isso?

— Depois.

— Certo. Depois me dará detalhes sobre o Manto. Mas temos coisas mais importantes pra discutir mesmo assim.

— *Depois...* — Ele teria apenas mais cinco dias com Olivia... caso não conseguisse convencê-la a ficar. Senão... Droga! Ele conseguiria. Ele era um guerreiro. Tinha de agir como tal. Vitória, a qualquer custo.

Céus. A qualquer custo.

Eram dois contra um. E, quando o prazo se esgotasse, finalmente partiria para sua vingança.

— Isso não pode esperar — insistiu Strider.

— Que pena — ele respondeu, com os dedos colados à maçaneta da porta.

Seu amigo o puxou novamente.

Aeron balançou e fez uma cara feia para o amigo.

— Solte-me, cara. Estou ocupado.

— Para as notícias que eu tenho, você deveria separar um tempinho. Pois... aí vamos nós. Você está a ponto de perder a sua cabeça. Literalmente. Eu queria dizer isso com calma, mas você foi muito chato.

Ele ficou paralisado.

— O que você quer dizer com perder a cabeça? Como sabe disso?

— Danika pintou outro quadro. Nele, a sua cabeça está separada do corpo.

Ele iria morrer? Até o momento, as pinturas de Danika sempre retrataram as coisas com exatidão. Os Senhores imaginavam ser capazes de alterar alguns destinos, mas nunca tiveram a chance de provar que realmente poderiam fazer isso. Ou seja: o mais provável era que ele realmente morreria.

Pensou que seria tomado por um acesso de raiva. Mas não. Esperou ser tomado pela tristeza. Não foi. Esperou sentir uma vontade imensa de cair de joelhos, implorando por mais um tempo. Mais uma vez, nada aconteceu.

Vivera por milhares de anos. E naquele momento, tendo encontrado Olivia, tivera uma vida rica e gloriosa. Porque já tinha amado. Amara os seus amigos, claro. E sua filha emprestada, Legião, mesmo frente aos últimos acontecimentos. Mas, especialmente, por ter amado Olivia. Já não poderia negar isso. Ela era sua. E também de Ira. Era a razão de sua existência. A fonte de sua felicidade. Era a sua obsessão.

Era o céu do guerreiro e do demônio.

Teria procurado por ela em todo o mundo, nem que fosse para tê-la por apenas alguns minutos ao seu lado. Alguns minutos. Talvez fosse tudo o que lhes restasse agora, ele pensou, e não dias pelos quais pensara em lutar. Ela era tudo para Aeron, e ele não perderia mais tempo longe dela.

Finalmente, ele entendeu os humanos. Não imploravam por mais tempo, pois queriam aproveitar o tempo que lhes restava da melhor maneira possível. E não imaginando como teria sido se...

Ira também parecia ter entendido. O demônio não gritava, não exigia coisas de Aeron. Sem o anjo, ele não seria nada. E, assim que cumprisse sua missão, destruir Galen, poderia morrer feliz.

— Aeron — disse Strider.

Ele se obrigou a voltar para a realidade.

— Quem vai arrancar a minha cabeça? — Ele ainda teria de dormir com Legião. Isso não poderia mudar. Não permitiria que os seus amigos tivessem de lidar com a confusão criada por ele sem a sua ajuda, mas cuidaria disso quando Olivia já tivesse ido embora e estivesse devidamente vingada. Depois, poderia morrer em paz. Seria melhor assim, afinal. Não queria viver sem sua Olivia.

E agora não teria de viver sem ela.

— Lysander, eu acho. Cronos e Rhea estão lá. Falei com os outros e resolvemos...

— Depois — ele disse. O que os demais guerreiros pensavam não importava naquele momento. Se não tivessem fatos concretos, se não tivessem nada que lhe interessasse... — Você vai me contar isso mais tarde. Agradeço o aviso, mas, como eu já disse, estou ocupado agora. — E entrou no quarto, fechando a porta. Continuou olhando para Strider enquanto aquele pedaço de madeira os separava.

Em qualquer outra ocasião, a preocupação estampada no rosto de Strider o teria feito dar uma risada.

Seguiu-se uma batida na porta.

— Aeron. Vamos lá, cara.

— Vá embora, ou eu juro pelos deuses que cortarei sua língua e a pendurarei na minha parede.

Isso gerou um grunhido.

— Cale essa boca, Ira. Estou tentando ignorar o desafio no seu tom de voz, mas não está funcionando. Agora, escute. Não podemos perder você. Não podemos passar por algo assim outra vez. Simplesmente não podemos. — Enquanto falava, apoiava-se contra a porta. — Você se lembra do que aconteceu quando Baden...

Não, isso não. Aeron abriu a porta, deu um soco no rosto de seu amigo e voltou a fechá-la.

Um segundo mais tarde, o próprio Strider abriu a porta. Deu dois socos no rosto de Aeron, abriu um sorriso doce, embora um tanto triste, e voltou a fechar a porta.

— Eu ganhei. Quanto ao outro assunto, vou lhe dar meia hora, ou todos nós entraremos no seu quarto para conversar com você. Entendido?

— Sim. — Infelizmente.

E ouviu o eco de passos pelo corredor.

Atrás dele, Aeron ouviu Olivia se sentando.

— O que ele estava dizendo? Perder você? E por que vocês estavam se socando?

Ao ouvir o som de sua voz, Ira soltou um suspiro de contentamento.

Lentamente, Aeron girou o corpo e olhou para ela. Não permitiria que ficasse preocupada, então abriu um sorriso, um sorriso no qual esperava ser capaz de reunir tudo o que sentia por ela. Talvez ele realmente tenha conseguido.

Os olhos de Olivia se arregalaram, e ela lambeu os lábios, nervosa.

— Ignore o que ele diz. Eu acho que ele está sofrendo de problemas cerebrais. — O que não era necessariamente mentira. Aeron sempre imaginou que o guerreiro tinha alguns problemas. — Além do mais, temos algumas coisas a terminar. Eu nunca possuí você numa cama, e *quero muito* possuí-la numa cama.

Sim!

Num primeiro momento, ela não demonstrou qualquer reação. Mas depois, antes que uma onda de pânico nascesse no interior do corpo de Aeron só de pensar numa possível rejeição, *não!*, ela segurou o colarinho de sua túnica e a puxou. O tecido se rasgou, revelando aqueles lindos seios com seus mamilos rosados, perolados, aquele ventre plano e aquelas pernas longas, perfeitas.

— Eu adoraria.

Sim, sim!

Um tremor tomou conta do corpo de Aeron, e seu membro ficou instantaneamente duro. Aproximou-se dela, livrando-se das roupas ao longo do caminho. Processo que incluía chutar as botas para longe dos pés e alguns tropeções, pois não parou nem por um segundo. Pele contra pele. Era disso que precisava. Quando a alcançou, estava tão nu quanto ela. E se rastejou por seu corpo sensual, colocando um pouco de seu peso sobre ela.

Perfeita. Calor, e que calor. Os dois respiravam fundo. Ela fechou os olhos e arqueou o corpo contra o dele, arranhando suas costas. A boca de Olivia estava aberta, e seus cabelos caíam em ondas sobre seus ombros.

Nenhuma paixão jamais fora tão maravilhosa.

Ele deveria ter passado cada minuto de sua meia hora proporcionando prazer a Olivia. Lambendo-a, provando-a, sugando-a. Deveria ter começado com os seus pés e subido até a sua boca.

Antes, deveria ter acariciado suas coxas e seus seios. Mas não o fez. Não poderia. Tinha de estar dentro dela, não poderia passar mais um segundo sem unir-se total e completamente a ela.

— Prenda suas pernas atrás das minhas costas — ele pediu.

Ela não hesitou. Obedeceu instantaneamente.

E, quando estava aberta para ele, Aeron a penetrou. Profundamente, muito profundamente. O mais fundo que pôde. Ela deixou escapar um gemido, pois não era a posição mais fácil do mundo. A segunda investida foi mais suave, e a terceira, sorrateira.

— Aeron — ela murmurou.

Minha.

Nossa. Aprenda a dividir, Ira. Eu tive de aprender. Ele agarrou a cabeça de Olivia e ergueu-a um pouco, beijando-a enquanto entrava e saía de seu corpo. Não poderia parar, nem mesmo se Galen surgisse naquele quarto, com uma arma em sua cabeça. Aquela mulher o maravilhava, o deixava frustrado... Ela lhe pertencia. Queria marcá-la, para que nunca se esquecesse dele. Queria apagar sua imagem da memória de Olivia, para que não se lembrasse dele.

Não queria que ela sofresse quando eles se separassem. Queria que ela encontrasse outra pessoa; e também queria matar essa outra pessoa. Mas principalmente, queria que ela fosse feliz. Que sorrisse. Que se divertisse.

Diversão. Sim. Era o que lhe proporcionaria naquele dia. Diversão.

— Eu já lhe disse por que é ruim ser um pênis? — ele perguntou, diminuindo a intensidade das penetrações.

Ela abriu os olhos. A paixão ainda brilhava naquelas íris azuis profundas, mas misturada a uma repentina confusão.

— O quê?

Paris lhe contara muitas piadas durante todos aqueles anos, mas ele só se lembrava daquela. Nunca fora capaz de tirar aquilo de sua cabeça.

— Por que é ruim ser um pênis? — Ele girou o quadril para deslizar para dentro dela, atingindo um novo ponto de prazer.

Um grito de prazer fez Olivia abrir os lábios.

— Não, não. Mas isso não importa agora. Eu quero que você...

— É ruim ser um pênis porque eles têm uma abertura na cabeça.

Os lábios dela se contorceram enquanto ela o agarrava com força.

— Nunca tinha pensado nisso.

— E ainda tem mais. A vida de um pênis também é ruim porque seu dono está sempre o sufocando.

Ela abriu um meio sorriso. Apertou os joelhos contra a cintura de dele e mordeu o próprio lábio superior.

— E o que mais?

— Eles encolhem na água fria.

Ela sufocou uma risada.

— E têm de aguentar a companhia forçada de duas bolas.

O sorriso de Olivia se transformou em gargalhada. Pelos deuses, como ele adorava o som de sua risada. Era puro e mágico, funcionava como uma carícia para ele, um bálsamo para os seus ouvidos. Ele se sentia como um rei, pois percebera que fora ele a causar tal reação nela.

— Mas o seu pênis pode contar com a minha companhia sempre que quiser.

Dessa vez foi *ele* quem gargalhou. Ele adoraria fazer isso. E como.

— Minha querida — ele disse. — Minha doce querida.

Nossa. Aprenda a compartilhar.

Ele girou o quadril mais uma vez. Olivia voltou a fechar os olhos e gritou. Ela buscou o espaldar da cama, pressionando seus seios contra o peito de Aeron, sentindo cada uma de suas investidas. A razão desapareceu de sua mente; a necessidade de satisfação completa tomou conta de tudo. Sim, sim, aquilo era muito bom.

Seu corpo se esfregava contra o dele, quente, suado, suave. Ele se movia mais e mais rápido dentro dela, incapaz de diminuir o ritmo, incapaz de saborear o momento. Tinha de escutar os seus gemidos. Tinha de espalhar sua semente no corpo de Olivia. Tinha de marcá-la, como queria fazer.

Em pouco tempo, ela estava caída sobre ele, contorcendo-se, repetindo seu nome diversas vezes. Olivia era tudo o que ele podia enxergar, tudo o que podia ouvir, tudo o que podia cheirar, e ele queria que aquele momento durasse para sempre. Porém, quanto mais vezes entrava em seu corpo, mais próximo estava do fim. Seus músculos ficaram tensos, seu sangue, quente, a ponto de ferver, queimando-o por inteiro. Era isso. Ele existia para aquilo. Aquilo era tudo o que o seu demônio desejava.

— Eu amo você — ele bradou, chegando ao limite.

Ela também alcançou o êxtase, tendo espasmos ao redor de seu membro, cravando as unhas em suas costas, caindo por cima dele. Chegou a morder a base de seu pescoço. Talvez arrancando sangue. Ele não poderia afirmar e nem ligava. Tudo o que sabia era que o seu membro continuava a pulsar dentro dela, queimando um pouco mais, e seu demônio estava louco, tão perdido quanto ele.

Quando Olivia finalmente voltou a si, e quando ele recuperou o fôlego, caiu em cima dela antes de rolar no colchão. Imediatamente, ela se aninhou ao seu lado, e passaram vários minutos em silêncio. Nunca tivera um orgasmo tão intenso, tão devastador.

Quisera marcá-la, mas, na verdade, ele tinha sido marcado. Ela o envolvia, o penetrava, era tudo para ele. Era o seu ar. Ao seu lado ele estaria calmo, seu demônio estaria calmo, e sua vida seria exatamente como sempre sonhara.

— Isso foi... foi... — Ela suspirou de contentamento e traçou um coração em seu peito com as pontas dos dedos.

— Incrível — ele disse. — *Você é incrível.*

— Obrigada. Você também... Mas... Mas... Você estava sendo sincero quando disse aquilo?

Tenha cuidado. Se lhe contasse a verdade, ela poderia resolver ficar. Mesmo tendo de estar junto a Legião, mesmo sabendo que seu fim estava próximo, forçando-se a testemunhar sua traição e sua morte. Forçando-a a viver sem ele se... *quando* a visão de Danika se transformasse em realidade.

— Sim — ele disse, e xingou baixinho. Ainda assim não se arrependia. Ela merecia saber. Ela representava mais do que sexo para ele. Na verdade, era mais do que qualquer coisa para ele. — Eu

amo você.

— Ah, Aeron. Eu amo...

— Não diga mais nada, Olivia — grunhiu um homem que surgiu no centro do quarto.

Com tal interrupção, Ira rosnou em fúria.

Aeron ficou rígido, já procurando as lâminas que sempre deixava preparadas em sua mesa de cabeceira. Não relaxou até ver que se tratava de Lysander, com suas asas douradas abertas, sua túnica branca brilhando sob a luz da lua. Os olhos dele estavam bem estreitos de tanta fúria.

Quem vai cortar a minha cabeça?, ele perguntara a Strider.

Lysander, eu acho.

— Lysander — disse Olivia, arfando, segurando os lençóis na altura do peito. — O que está fazendo aqui?

— Silêncio — ele ordenou.

— Não fale com ela dessa maneira. — Aeron se levantou, vestiu uma calça e depois disse: — Diga o que quer e vá embora. — *Não esteja aqui pelo motivo que eu acho que está. Ainda não estou pronto.*

Lysander o encarou e pronunciou as palavras que Aeron estava aterrorizado de medo de ouvir:

— Eu quero a sua cabeça. E não vou embora até tê-la.

Capítulo Vinte e Nove

FINALMENTE, LEGIÃO ENCONTROU Galen. Ele estava num bar sujo e escuro em Londres. Ela estivera viajando de um lado a outro, de Buda à Bélgica, passando pela Holanda, até chegar a Londres. Aquele covarde viajara até lá e tomava um copo de uísque num canto escuro do bar. Ela podia sentir o cheiro da ambrosia consumida por ele. Reconheceu aquele cheiro doce, pois Paris sempre cheirava daquela mesma forma, e sabia que Galen estaria bêbado em pouco tempo. Tudo o que tinha a fazer era esperar.

Mas estava muito impaciente para esperar.

Olhou para si mesma. Ainda vestia aquela camiseta e a calça jeans. Estavam usadas, mas limpas. E mesmo que não fossem muito reveladoras, seus seios eram tão fartos que esticavam o tecido. Vários homens já tinham notado sua presença e assoviado ao vê-la passar. Ela fingia não ligar, mas por dentro adorava ser vista como um ser desejável, e não algo feio, nojento.

Parou na mesa de Galen. Ele ergueu os olhos, observando-a através de seus cílios longos.

— Vá embora.

Fique firme. O instinto exigia que ela atacasse primeiro e depois perguntasse. *Resista.* Galen sentia prazer ao enganar os Senhores, enviando Iscas para distraí-los antes de agir. Naquele dia, ela seria a Isca *dos Senhores*.

— Você é lindo — ela disse, e era mesmo. Com seus cabelos claros e seus olhos azuis, suas feições bem talhadas e sua boca sensual, ele era a fantasia de qualquer mulher. Mas ajudara a destruir a vida de Aeron, e merecia pagar por isso. — Eu quero você. — Morto, mas esse detalhe ela não lhe diria.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Claro que quer. E não consegue se conter. Nenhuma mulher consegue. — Ele soava... quase chateado com isso. — Mas vou lhe dar uma notícia fresquinha. Não importa como eu a faça se sentir, querendo um futuro, casamento, filhos, isso eu nunca poderei lhe oferecer... — No final de sua declaração, já estava sorrindo com desdenho. Ele terminou de beber seu uísque. — Agora, é melhor que vá embora, como eu já pedi. Eu vim até aqui em busca de paz e tranquilidade.

Era o segundo homem que a dispensava depois da sua transformação. Não pôde se conter e lhe deu um tapa. A cabeça dele foi jogada para um lado, e uma marca de sangue se formou no canto de

sua boca. *Acho que sou mais forte do que imaginava*, ela pensou, orgulhosa. Ótimo.

Quando voltou a olhar para ela, sua expressão estava iluminada de interesse.

— Por que fez isso?

— Talvez você não tenha me escutado quando eu disse que quero você.

— E imaginou que me batendo conseguiria me conquistar?

— Você ainda está aqui, não está?

Ele a estudou antes de olhar para o bar.

— Então, onde você me quer?

— No banheiro. — Sem testemunhas. Não para o que planejava. — Aliás, não quero me casar com você, nem quero um filho seu. Vamos apenas transar, e você vai gostar.

— Você é uma coisinha bem enérgica, não?

— Você nem faz ideia. Então, vamos ou não?

Ele moveu os lábios.

Aqueles lábios exuberantes se contorceram.

— Deixa eu entender isso direito. Nós vamos ao banheiro e eu vou comer você. E você nem quer saber o meu nome?

— Na verdade, eu preferiria que você mantivesse essa sua boca estúpida bem fechada. — Opa, ela quase deixou escapar sua raiva.

— Ora, ora. Você deve ser a minha alma gêmea. — Ele se levantou imediatamente, com sua cadeira arranhando o piso grudento do bar. Não disse mais nada até começarem a andar, passando um dos braços pela cintura de Legião e aproximando-a do seu corpo.

Havia uma mulher no banheiro, lavando as mãos, e Galen a empurrou para fora sem pedir licença.

— Ei — disse a menina, irritada. Mas se acalmou ao olhar para ele. — Ei — voltou a dizer, dessa vez mais derretida.

— Fique do lado de fora, ou vai morrer — ele disse, diretamente. E bateu a porta, girando o corpo para olhar para Legião.

Ela tremia, simplesmente não conseguia evitar. Havia tanto calor nos olhos de Galen que ficou momentaneamente em choque. Era o que ela queria ver em Aeron. E que talvez nunca conseguisse.

Um passo, dois, e ele se aproximou dela. Ela se afastou. *Ataque agora. Mate-o*. Mas ela não o matou.

— Está assustada? — ele perguntou, em tom mais suave. — Deveria estar.

Ela ergueu o queixo, olhou para trás e viu a pia e o espelho. Seu reflexo a impressionou. Aqueles cabelos dourados que caíam sobre suas costas imploravam pelo toque de um homem. Aqueles olhos grandes e escuros, cheios de desejo.

Desejo? Ela o desejava? *Galen*? Como poderia desejar Esperança? Era o seu inimigo. Era o inimigo de Aeron.

Suas mãos fortes tomaram conta da cintura de Legião, erguendo seu corpo. Ela engoliu em seco e voltou o foco para ele, que já estava abrindo o botão de sua calça jeans. O botão se abriu facilmente, e Galen começava a afastar suas pernas. Ele riu.

— Sem calcinha? Você está *louca* por mim.

A diversão dele a deixou irritada, e ao mesmo tempo aumentou um pouco mais o seu desejo. Não por ele, disse a si mesma. Ela se recusava a pensar nisso. O que queria era sexo; aliás, essa foi uma das razões para ter pedido aquele corpo. Porém, o que queria na verdade, era fazer sexo com Aeron.

Mas ele talvez nunca a desejasse daquela maneira. Não mesmo.

— Quem disse que eu estava louca por você? Você é bonito, sim, mas não passa de um substituto para outra pessoa. — Era verdade. Uma verdade da qual ela gostava. Poderia usá-lo. Fazer sexo com ele e *depois* matá-lo.

Os olhos de Galen se apertaram até se transformarem em pequenas aberturas.

— Sêrio?

— Aí está você, conversando de novo. Acho que eu já disse que odeio isso.

— Quem deveria calar a boca é você.

E, com um grunhido, ele rasgou a camiseta de Legião. Ela também não estava usando sutiã. Ele não pediu permissão, apenas se inclinou e começou a sugar seu mamilo. Sua boca era puro fogo, fazendo-a gemer. De prazer.

Aquilo era... maravilhoso.

Sim. Sim, ela teria o sexo que queria ter. E isso o distrairia até que pudesse matá-lo mais facilmente. Tudo o que tinha a fazer era abrir as pernas e deixar que ele a invadisse. Seu membro ereto, ainda dentro da calça, tocou o doce sexo de Legião, e ela gemeu.

Maravilhoso não era a palavra certa para *aquilo*. Mas sim *perfeição*. Como deveria ter sido muito melhor com Aeron. Aeron. Ela não queria nem pensar nele agora. Queria apenas sentir.

— Mais — ela se viu ordenando. E arqueou o corpo na direção dele, esfregando-se em seu corpo. Sua pele estava cada vez mais sensível. Ela sentia uma dor dentro de si, um calor com o que vira nos seus olhos. Ambos estavam crescendo.

— Não quer nem saber de preliminares? — Galen abriu sua calça e liberou seu membro ereto. Era grande. Deliciosamente grande. Os demônios costumavam fazer sexo no inferno, uns com os outros, aquelas almas malditas, e ela sabia que todos preferiam os grandes e ridicularizavam os pequenos.

— O que são preliminares? — Era verdade. Ela não tinha a mínima ideia.

Ele riu mais uma vez.

— Eu gosto de você, mulher. Gosto mesmo. — Tentou beijá-la, mas ela virou a cabeça. Ele seguiu o movimento, e ela virou o rosto mais uma vez.

— Nada de beijos — disse Legião. Ela queria, e como queria, mas beijando-o, ela o mataria antes da hora. Ela parecia humana, sim, mas seus dentes eram puro veneno. Ela podia sentir o gosto.

Ela posicionou os tornozelos na base de suas costas, aproximando-se, forçando-o a se movimentar contra ela. Mente... névoa... corpo... queimando...

— Beije-me — ele ordenou.

— Não.

— Beije.

— Não!

— Por que não? Até parece que é algo especial...

— Pare... de falar! — ela grunhiu.

Ele murmurou em resposta, e foi como acariciá-la.

— Certo. Você quer uma foda rápida, então é isso o que vai ter. — Ele agarrou a base de seu pênis e o mirou entre as pernas de Legião. Em seguida, ele a empurrava para a frente, completamente dentro dela.

Ela gritou de dor, mas a dor desapareceu tão rapidamente quanto surgira, deixando em seu lugar apenas um sentimento de absoluta possessão.

— Mais. — Ele a esticava, preenchendo-a completamente, e era uma loucura. Não era de se estranhar que seres de todas as espécies fizessem isso com tanta frequência.

— Virgem? — ele arfou, claramente chocado. Aquilo parecia inacreditável, e fez a expressão de Galen aparentemente se suavizar.

— Não é da sua conta. Termine.

Ele sorriu para ela, mas não parou de penetrá-la. A elasticidade e o preenchimento só aumentavam, empurrando-a na direção de... alguma coisa. Em pouco tempo, ela estava se contorcendo contra ele, desesperada por encontrar essa tal coisa, disposta a matar todos naquele prédio se não conseguisse isso.

— Rápido.

— Meus deuses, você é deliciosa.

Ela cravou as unhas nele quando chegou ao êxtase, movendo-se rapidamente... finalmente estava terminado... ela pingava, girava, flutuava e via estrelas piscando em seus olhos. Todos os músculos do seu corpo se contraíam, e se soltavam, contraíam-se de novo, e voltavam a se soltar. Era poderoso, comovente, mas desapareceu muito rapidamente. Deixando-a estranhamente estilhaçada.

Ela abriu os olhos. Estava ofegante. Galen ainda estava dentro dela, ainda se movia para dentro e para fora. Suas feições estavam tomadas por um prazer absoluto. Ele devia estar próximo do fim, assim como ela fizera.

Mas ela não permitiria isso, pensou. Ele não merecia sentir aquilo. Mesmo que ele a tenha feito se sentir melhor do que nunca. Mesmo que o sexo fosse agora seu jogo favorito, e ela planejasse praticá-lo o máximo que pudesse.

— Galen — ela disse, e seu olhar surpreso encontrou o dela. Um tremor se espalhou por seu corpo, reacendendo o fogo em seu sangue. Que coisa estranha. Mas não teria tempo para mais uma rodada. — Vejo você no inferno.

Dizendo isso, ela cravou os dentes em seu pescoço, empurrando-os enquanto ele urrava. Um som que resultava da dor, e não do prazer. Ele a empurrou, tentando se afastar, mas ela segurava firme, bombeando seu veneno profundamente em suas veias. Apenas quando a última gota fora destilada, ela ergueu a cabeça e sorriu para ele, que tinha ficado pálido, quase verde.

— O que você fez... comigo? — Seus joelhos fraquejaram e ele caiu no chão.

Em silêncio, ela ficou de pé e se vestiu. Seus joelhos tremiam o tempo inteiro. Parte dela queria ficar ali, para acalmá-lo, mas não podia esquecer quem e o que ele era; de novo. Aquilo tinha de ser

feito. Por Aeron. Ela lhe devia isso, no mínimo.

— Eu planejava levá-lo até o meu homem, para que ele o matasse, mas é melhor assim. Curta a vida — disse Legião, jogando um beijo para Galen. — Não que ela vá durar muito tempo.

AERON ENCARAVA LYSANDER. A ameaça de decapitação fora lançada, e a determinação do anjo parecia inabalável.

— Olivia — ele disse. Ainda não saíra do lado na cama. Ele e Ira estavam estranhamente calmos. — Volte para casa. Agora. Por favor.

— Não. Não. — Ela o abraçou pela cintura, pressionando a bochecha contra suas costas. O calor úmido de suas lágrimas o queimou. — Não faça isso. Por favor, isso não.

— Você não lhe trouxe nada além de dor, demônio — disse Lysander. — Você não a viu ser torturada nas mãos de seu inimigo. Eu vi. Você não implorou para que ela voltasse para casa, para poupá-la da dor. Eu implorei. E por que ela recusou meu pedido? Porque tinha feito uma promessa a você. Porque queria se despedir. *De você*, como sempre. Não vou lhe dar mais tempo para chantageá-la por uma nova promessa. Não lhe darei oportunidade de zombar do nosso acordo. Tudo isso vai acabar agora. Hoje. — Num momento, suas mãos estavam vazias; no instante seguinte, ele segurava aquela espada de fogo. Ele brandiu a espada, faíscas crepitavam nela.

Ainda não, gritou Ira. *Ainda não. Primeiro temos que matar Galen.*

— Lysander, não! — gritou Olivia. Percebendo que não chegaria a lugar nenhum com Aeron, ela tentou se colocar à frente dele. — A espada não. Qualquer coisa, menos a espada. Eu estou implorando.

Vacilando, devido à força de sua culpa, Aeron a empurrou para a cama e abriu suas asas completamente. Queria lutar fora do quarto, longe dos olhos de Olivia. Pois haveria uma batalha. Ele não deitaria e morreria simplesmente. Ainda não, como seu demônio tinha lhe lembrado. Tinha muito o que fazer.

— Você me quer — ele disse ao anjo guerreiro. — Então, venha me pegar. — Com isso, ele saiu voando pela janela, quebrando o vidro com a força de seu impacto antes de decolar bem alto no céu.

Ao longo do caminho, ele soltou suas adagas, observando-as bater contra o chão, sem causar danos. Olivia amava Lysander. Por isso, Aeron, mesmo que fosse para salvar a si mesmo, não o mataria. Isso magoaria Olivia, e Aeron tinha jurado que não voltaria a fazer isso.

Não importavam as consequências.

Lysander o seguiu rapidamente. Ele sabia, pois Olivia gritou:

— Não, Lysander. Não faça isso! Volte aqui.

Ele odiava sua preocupação, seu desespero. Depois, se ainda estivesse vivo, ele iria acalmá-la. Ele lhe daria tudo o que quisesse. Também encontraria uma forma de salvar Legião das garras de Lúcifer, sem precisar tocar nela. Tinha de encontrar. Não poderia entregar-se a outra mulher, apenas a Olivia. Quanto a isso, ele não tinha mais ilusões.

Olivia ficara por ele. Suportara a brutalidade de um Caçador por ele. Aeron não a penalizaria por isso.

Recompensa.

Sempre.

Aeron girou o corpo e parou no ar, e um enfurecido Lysander estava a poucos metros de distância. Já não carregava a espada, suas mãos estavam vazias, mas eram como esferas. Quando seus olhares se encontraram, os dois pararam, flutuando, mas não podiam ser alcançados àquela distância.

— Não precisa ser assim — disse Aeron.

— Não existe outra maneira. Você diz que a ama — rosnou o anjo —, mas ainda assim você a deixaria aqui sozinha enquanto iria para a cama com outra. Você destruiria as forças de Olivia.

— Eu tinha planejado deixá-la partir primeiro! — Mas teria sido capaz de fazê-lo? Sentia vontade de matar alguma coisa todas as vezes em que pensava nisso. E quando ela resolvera ir, ele a convencera a ficar um pouco mais. Apesar de todo o perigo.

Não, ele nunca teria sido capaz de deixá-la ir. Nunca teria sido capaz de dormir com Legião.

Em algum momento, teria chegado a essa decisão. Lysander só tinha apressado as coisas.

— Ela é a única mulher com quem ficarei, para sempre — disse Aeron, com o queixo erguido, orgulhoso.

— E vale a pena continuar permitindo que ela coloque a própria vida em risco? Você sabe o que os Caçadores fizeram com ela?

Ele balançou a cabeça, seu estômago se contraiu de forma extremamente dolorosa.

— Não. Mas eu a vi, vi os resultados, e serei assombrado por tal imagem durante toda a minha vida.

— Isso não é suficiente! Escute. E saiba. Stefano bateu nela com o punho fechado, e também com a palma da mão aberta. Quebrou seus ossos. Tentou afogá-la. Olivia, que não tem um único traço de malícia dentro de si. E os demônios, contra os quais ela lutou para chegar até você? Ele a tocaram em pontos que só os amantes deveriam encostar. Mas ela aguentou tudo isso. *Por você.*

Ouvindo isso, Aeron abriu bem os braços, com o rosto voltado para a parte mais alta do céu, e urrou. Urrou com uma fúria tão potente que jamais conhecera. Ele sabia que Olivia tinha sido ferida; como dissera, vira as evidências em seu corpo. Ele tinha ficado até irritado ao vê-las. Mas agora, com todos os detalhes sendo jogados sobre ele, a irritação se intensificava, ficando mais afiada que qualquer lâmina. Ela era tão delicada, tão frágil. Poderia ter morrido, sozinha e humana. Destruída pela dor.

Punição.

— Stefano vai pagar por isso. Através de minhas próprias mãos. — Já tinha jurado matar todos os envolvidos, mas aquilo... Stefano seria colocado à beira da morte centenas de vezes, só para que depois pudessem revivê-lo e começar tudo de novo. — Aqueles demônios também.

PUNIÇÃO!

— Eu me afastei e fiquei observando tudo, incapaz de impedir que acontecesse. — Lysander parecia ter abrandado um pouco sua raiva. — Tentei fazer um acordo com você. Tentei ajudar a sua causa, chegando a distrair os deuses que os manipulavam. Mas agora acabou. Sentirá a dor pela minha mão. Sofrerá tanto quanto minha Olivia sofreu.

Pontos vermelhos salpicavam a visão de Aeron.

— Ela não é a sua Olivia. Ela é minha.

Nossa. Nossa para que possamos protegê-la e recompensá-la.

— Por quanto tempo mais? — disparou o anjo.

— Para sempre.

— Será que você não entende? — Lysander gritou. — Não pode lhe proporcionar o para sempre. Você resolveu não ir para a cama com o demônio Legião, só com Olivia, então Lúcifer virá atrás de você. Não há como fugir disso. Seus amigos morrerão, um a um. Seus demônios não conseguirão deter o próprio mestre. E Lúcifer é exatamente isso para eles: o seu mestre. Em seguida, morrerão as mulheres. Acha que sua mulher, sua mulher *humana, será esquecida?*... Apenas a sua morte poderia resolver todos esses problemas.

Asas bateram, um grito de guerra ecoou. Poucos segundos depois, Lysander estava bem perto dele. E seus corpos se chocaram, fazendo com que rolassem pelo ar. Socos eram desferidos contra ele, ainda que seu próprio punho também deferisse socos em direção ao anjo para se defender. Seguiram-se grunhidos, rosnados, explosões e suspiros pesados. Suas pernas se entrelaçavam, chutavam.

Estavam tão agitados que se esqueceram de bater as asas, e começaram a cair em direção a um penhasco rochoso que havia logo abaixo. Pouco antes do contato, Aeron notou o que estava acontecendo e agarrou os cabelos do anjo, abrindo suas asas com toda a sua força. E os dois voltaram a alçar voo em direção ao céu.

Lysander conseguiu se soltar e feriu a boca de Aeron com suas unhas. A dor explodiu entre seus dentes e sua gengiva, com sangue descendo por sua garganta. O anjo atacava novamente, mas Aeron lhe chutou no estômago, enviando-o para longe. Eles tinham chegado à fortaleza, quando o anjo bateu contra uma parede, roçando o corpo nas pedras e levantando uma cortina de poeira.

Em meio ao pó, ele esticou o pé, chutando Aeron e fazendo com que ele saísse girando em direção ao chão. Dessa vez, ele não pôde evitar e bateu com toda a força. O oxigênio o abandonou, tudo não passava de um doce sonho. Alguns ossos se partiram.

Ele se levantou rapidamente, contraindo-se ao sentir uma dor no tornozelo, depois voltou ao ar. Uma das suas asas estava quebrada. *De novo não*, ele pensou, ignorando a dor que crescia em seu corpo. Onde estava Lysander? Olhou em volta, mas ele... Sentiu um pesado golpe nas costas, que o fez sair girando pelo ar.

Sabia que Lysander o estaria esperando, preparado para atingi-lo no momento em que ele parasse. E quando esse momento inevitável chegou, *ele* golpeou antes, conseguindo atingir o lado do corpo de Lysander. Talvez esmagando um rim.

Isso teria feito qualquer um cair. Mas o anjo apenas gemeu. Mas não voltou a atacar. Permaneceu quieto, com suas asas douradas batendo graciosamente para cima e para baixo.

— Você quer salvar Olivia e Legião, e também os seus amigos?

Aeron também ficou parado, ofegante, suando.

— Sim. — Era o que mais queria nesse mundo.

— Bem, a única forma de fazer isso é morrendo.

Claro que Lysander diria isso.

— Mas o pacto de Legião...

— Será anulado caso você morra antes do prazo. Era um dos termos dele.

Anulado. Anulado com a sua morte. Ela estaria livre. Seus amigos poderiam viver sem a ameaça que Legião representava. Mas...

— E Olivia? — ele perguntou, através do repentino nó que se formara em sua garganta.

— Poderá voltar para casa, sem a culpa de saber que você machucou alguém que ama por causa dela. Sem o remorso de pensar que um dia você poderia ficar ressentido com ela. Sem a vergonha de deixá-lo para trás, caso imagine que um dia você *poderia* ficar ressentido com ela. Sem voltar a ser capturada pelos seus inimigos. Sem temer que ela seja forçada a matá-lo.

Ela faria qualquer coisa por Aeron. Ele sabia disso agora. Aguentaria o que fosse preciso, qualquer dor, física ou psicológica. E era isso o que a sua vida lhe traria: dor. Não importava o que fizesse, como vivesse, ele lhe causaria dor. Palavra-chave: *vivesse*.

Não poderia fazer isso com ela. Não poderia oferecer-lhe tal escolha. Ela não deveria ter de aguentar nada, mesmo estando disposta.

Longe de Aeron, poderia viver sem culpa ou vergonha. Sem dor. E foi isso o que lhe convenceu. Pensar nela vivendo como fora criada para ser: feliz, livre, em segurança.

Vamos morrer agora?, perguntou Ira, sabendo, como sempre soubera, a direção dos pensamentos de Aeron.

Eu vou.

E eu?

Você continuará vivo. Enlouquecido, mas Aeron não lembrou o demônio desse detalhe.

Para punir. Uma afirmação, não uma pergunta.

Sim, para punir. E pediu para que o demônio se lembrasse disso após sua partida. *Eles a feriram.*

Portanto irão morrer.

Tão simples. *Obrigado por tudo.* E quanto ao resto.

— Você a protegerá? — perguntou a Lysander. — Sempre?

— Sempre.

— E o meu demônio? — Se o anjo tivesse a intenção de...

— O seu demônio será contido. Galen agora está com Desconfiança, e para contrabalançar vou capturar Ira e oferecê-lo a Cronos. Já conversei com o deus-rei, e ele já escolheu um corpo. Um corpo que pertence a alguém que Cronos poderá monitorar, assegurando-se de que ela nunca ajudará seus inimigos ou ferirá seus amigos.

Ele entrou em pânico.

— Ela? — Não seria Olivia nem Legião. Certamente.

— Não. Não será Olivia nem Legião. — Lysander garantiu, claramente pressentindo seus pensamentos. — Não se preocupe com isso. Legião voltará para casa. E, como eu já disse, cuidarei de Olivia pessoalmente, hoje e sempre.

— Ira tem uma missão a terminar. Você se certificará de que Cronos...

— Percebo a natureza da missão e eu *vou* garantir que seja terminada. E de forma que lhe parecerá altamente satisfatória.

E concordou, mesmo odiando a ideia de não poder participar no massacre que viria em seguida, pois sim, seria um massacre.

— Tenho um último pedido antes que eu permita que você acabe com a minha vida.

Um aceno positivo.

— Peça?

— Olivia quer diversão. Ela *precisa* de diversão.

Antes que a última palavra de Aeron saísse de sua boca, Lysander começou a sacudir a cabeça.

— Sua necessidade vinha de sua ligação com você. Uma vez que não estiver mais aqui...

— Prometa, ou continuaremos lutando! — Ele não abriria mão disso.

Lysander fez uma cara feia.

— Vou fazer o melhor possível.

— Isso não é suficiente — ele retrucou. — Você vive com Bianka, uma Harpia. E sei que ela é a própria encarnação da diversão.

— Sim — disse Lysander, com orgulho em seu tom de voz. Orgulho que Aeron provavelmente demonstrava ao falar sobre Olivia. — Certo. Vou garantir que passem um tempo juntas.

Então, já tinham discutido todos os detalhes.

Morte, ele pensou. Ali estava ela, encarando-o. Finalmente ela o encontrara, e ele a desejava. Não resistiria. Mais uma vez, esperou ser tomado por uma onda de emoções, mas nada aconteceu.

Gostaria de poder se despedir de Olivia, de poder lembrá-la o quanto a amava. Mas ela tentaria dissuadi-lo. Aeron sabia disso, assim como sabia que se deixaria levar. Tinha de morrer imediatamente.

Aeron respirou fundo, segurou o ar... segurou mais um pouco... E depois, enquanto o soltava lentamente, esticou os braços.

— Faça-o. Corte a minha cabeça.

Lysander simplesmente olhou para ele, com a cabeça curiosamente caindo para um lado, como se não esperasse que Aeron fosse aceitar.

— Você tem certeza?

— Sim.

O anjo esticou os braços, e a espada de fogo reapareceu.

— Não! — gritou Olivia logo abaixo deles. — Não! Aeron! Lysander! Por favor, não!

Aeron não queria que ela presenciasse aquilo, mas era tarde demais para pedir a Lysander que fossem para outro lugar. A espada de fogo já estava vindo na sua direção.

Adeus, Aeron, disse Ira, em tom suave.

Ele sentiu o chiado do primeiro contato, depois não viu mais nada.

OLIVIA GRITOU, GRITOU e gritou. Aeron. Morto. Para sempre. O corpo do seu lindo guerreiro ficara sem vida, caíra do céu. Uma queda que parecera infinita, lenta e agonizante, torturando-a e fazendo-a esperar que talvez, *talvez*, ele pousasse suavemente, e tudo terminaria bem. Ela só teria que conseguir alcançá-lo...

— Por favor — ela soluçava, saindo correndo do seu quarto para o lado de fora da fortaleza. Mas, no fundo, ela sabia. Sabia que alcançá-lo não faria qualquer diferença. Aeron estaria morto, para sempre.

LEGIÃO ACABARA DE se teletransportar para a fortaleza para contar a Aeron o que fizera, quando sentiu que sua ligação com o guerreiro fora rompida. E ela sabia. Sim, ela *sabia* que apenas uma coisa poderia romper uma ligação como a deles.

A morte.

Ela estava viva, então isso significava que... Não. Não! Nunca. E balançou a cabeça violentamente.

— Aeron! Aeron! — Sem aquele laço ela não poderia continuar na Terra. Ela iria...

— Não — ela gritou, sendo arrancada da fortaleza e sugada diretamente para o inferno.

Quando as chamas a envolveram, ouviu o eco do grito do próprio Lúcifer:

— Não!

Capítulo Trinta

OLIVIA CHOROU ATÉ suas lágrimas secarem, com o corpo de Aeron nos braços. Mal notou o sol se pôr e raiar novamente. Mal notou a chegada dos amigos de Aeron. Após ver o que restara do guerreiro, Strider caíra de joelhos e uivou. Torin chorou. Lucien esperava para acompanhar sua alma, mas nunca fora convocado, embora ninguém soubesse por quê. Maddox ficara furioso, louco por respostas, e grande parte dos demais permaneceu parada, de pé, observando tudo, em choque e descrentes, pálidos, tremendo. Até mesmo Gideon saíra de casa e... ah, suas lágrimas a destruíram. Mas a reação que mais chamara a atenção de Olivia, deixando-a sem saber o que fazer, foi a de Sabin.

— Não ele! — berrou o guerreiro, destruído. — Esse homem, não. Leve-me no lugar dele.

Um sentimento que ela também teve de reprimir.

Assim como Olivia, aqueles homens se recusavam a sair da colina. Cameo tentou convencê-la a subir, a deixar Aeron, para que os outros pudessem se despedir dele. Mas Olivia se recusou. Chegou a empurrar os braços fortes de Cameo para longe. Finalmente a deixaram sozinha, mas ela sabia que estariam por perto, observando, esperando a sua vez.

Aquilo não poderia ser o fim, ela pensou, confusa. Não poderia. Nenhum imortal se recuperaria da decapitação. Ela sabia disso. Mas aquilo simplesmente não poderia ser o fim.

Aeron não podia morrer sozinho.

Tal pensamento passou pela sua mente uma vez. Depois uma segunda, e pela terceira vez. Aeron não podia morrer sozinho.

Aeron não podia morrer sozinho.

Sua morte fora um erro, sob qualquer ponto de vista. Algo sem necessidade, sem sentido.

Aeron não podia morrer sozinho, e não morreria.

A esperança floresceu na escuridão de sua alma, e, embora isso lhe consumisse tudo o que lhe restava de força, Olivia finalmente soltou o guerreiro, *não, segure-o, não o deixe*, levantando-se do chão. Ah, não. Ele não morreria sozinho, ela jurou.

— Olivia — disse um dos amigos de Aeron que esperavam ali por perto, aproximando-se, com tanta dor, tanto arrependimento, tanta culpa.

Ignore. Fechando os olhos, ela abriu os braços e ergueu a cabeça em direção ao sol brilhante. *Vá em frente.*

— Estou pronta para voltar para casa. Para requerer meu lugar no céu. Para voltar a ser o anjo que fui criada para ser.

Instantaneamente, ela foi levada aos céus, com as asas crescendo em suas costas, numa onda gloriosa. Olivia envolveu a si mesma com elas e observou-as, chocada ao não ver qualquer traço dourado. Então, já não era um anjo guerreiro. Engraçado. Não era mais um anjo guerreiro, apesar de nunca ter tido tanta disposição para lutar em sua vida.

Aeron não morreria sozinho.

Um segundo mais tarde, Lysander apareceu ao seu lado, com expressão tão sofrida que parecia estar sentindo uma severa dor física.

— Sinto muito, Olivia, mas isso precisava ser feito. Era a única maneira.

Havia remorso verdadeiro em sua voz, e ela assentiu para reconhecer isso.

— Você fez o que deveria ter feito, assim como eu farei. — E não deu tempo para que ele lhe perguntasse nada. Continuou caminhando em direção ao tribunal, preparada para encarar o Conselho.

LENTAMENTE, AERON ABRIU os olhos. A primeira coisa que pensou foi: como tinha conseguido fazer isso? Franzindo a testa, olhou para cima e... que estranho... tinha nariz e boca. Sua cabeça estava colada ao corpo, e não havia cicatrizes em seu pescoço, nem tatuagens em seus braços, ele notou, ao ver sua pele lisa e bronzeada.

Franzindo ainda mais a testa, ele se sentou. Não sentia tontura, dor, apenas uma brisa fresca que o envolvia, como se lhe desse as boas-vindas. Olhou para o seu corpo. Intacto. Sem qualquer ferida. Estava deitado num leito de mármore, vestia uma túnica branca, igual à de Olivia. Suas pernas também estavam livres de tatuagens.

Como seria possível? Como aquilo era possível?

Lysander não errara o alvo ao atacá-lo, e ele sentira a queimação.

Então, o que tinha acontecido? Onde ele estava? Observou o que havia ao seu redor. O ar parecia estar tomado por neblina, como se estivesse em um sonho. Não havia casas, ruas, apenas coluna após coluna de alabastro, com hera orvalhada subindo por elas.

Era o céu? Teria sido, de alguma forma, transformado em anjo? Colocou as mãos nas costas. Não. Não tinha asas. Que decepção! Como anjo, poderia ter sido capaz de procurar por Olivia, de estar ao seu lado.

Olivia. Doce Olivia. Seu peito doía e suas mãos ficaram loucas de vontade de tocá-la. Sentiria falta dela por todos os dias de sua... vida? Morte? Completamente, sem diminuir. Onde ela estava agora? O que estava fazendo?

— Aeron.

Uma voz profunda chegou até ele, que estremeceu de choque ao reconhecê-la.

Apesar de milhares de anos terem se passado desde a última vez que escutara aquela voz, ele imediatamente soube a quem ela pertencia. Era Baden. Antes, seu melhor amigo, mas morto havia séculos. Aeron ficou de pé e girou o corpo, sem saber o que encontraria. Como...?

Baden estava a poucos centímetros deles.

Aeron tentou vencer o choque. Seu amigo estava exatamente igual à época em que estava vivo. Alto, musculoso, com cabelos vermelhos brilhantes emoldurando o rosto. Olhos castanhos, pele bronzeada. Assim como Aeron, usava uma túnica branca.

— Como você?... Como nós...? — Mas as perguntas não chegavam ao fim, ele estava maravilhado.

— Você mudou. Muito — disse Baden, sorrindo, revelando seus dentes brancos e perfeitos. Porém, em vez de responder, passou os olhos em Aeron. — Meus deuses, como eu senti sua falta.

E se aproximaram com os braços abertos. Aeron o abraçou forte. Nunca imaginou que voltaria a ver aquele homem. Mas ali estava ele, abraçando seu amigo.

— Eu também senti sua falta — ele conseguiu dizer, quando o nó desafogou em sua garganta.

Após um bom tempo, eles se afastaram. Aeron continuava sem acreditar no que estava acontecendo. Não acreditava que estava ali, com Baden, tocando-o, vendo-o.

Na última vez em que estiveram juntos, antes da morte de Baden, Aeron quisera colocar fogo nele. Ou pelo menos Ira quisera. Isso porque Baden queimara todo um vilarejo, imaginando que tivessem planejado assassiná-lo, e o demônio de Aeron, como sempre, exigiu que ele pagasse na mesma moeda, fogo contra fogo, embora Baden estivesse se consumindo de culpa por ter “acreditado” em Hadiee, uma Isca que o levara àquele extermínio.

Naquele momento, porém, Aeron não sentia outra coisa além de... afinidade. Não havia qualquer ameaça no ar. Não havia necessidade de disputas. Não havia qualquer imagem sendo projetada em sua mente. Não ouvia gritos. Na verdade, ele não sentia Ira de maneira nenhuma.

Aquilo não fazia sentido. Ainda tinha sua cabeça, então, Ira tinha de estar ali dentro. *Certo?*

— Onde estamos? — perguntou. — E *como* chegamos aqui?

— Bem-vindo à vida após a morte, meu amigo. Trata-se de uma criação de Zeus depois de nossa possessão, só para o caso de sermos mortos por nossos demônios. Ele não queria que nossas almas contaminadas o alcançassem. E sim, eu sei que teria sido bom saber que tínhamos um lugar para ficar, mas aquele velho maldito nunca disse nada. — Baden girou o corpo e acenou para tudo à sua volta. — Eu chamo isso aqui de Terra do Mau. Entendeu? *Baden*. Bad. Mau.

— Sim, eu entendi.

— Continua sem qualquer senso de humor, pelo que vejo. Teremos de melhorar isso. Seja como for, sei que não há muito o que ver por aqui, além de ser tudo uma chatice. Mas é melhor que a outra opção.

Outra opção?

— Então eu estou mesmo morto?

— Temo que sim.

Seus ombros caíram, um movimento trivial que expressava a dolorosa perda que de repente o abatera. Isso queria dizer que não teria qualquer chance de encontrar Olivia.

E nada de Ira, pensou, respirando fundo. Seu demônio fora arrancado dele, libertado quando ele morreu. Estava sozinho. Verdadeiramente sozinho, pela primeira vez em séculos.

E estava... triste. Sim, triste. Bem no finalzinho, eles estavam se dando bem.

— Você e eu somos os únicos aqui?

— Não. Existem alguns outros, mas eles mantêm distância de mim. Eu não sei por quê. Sou doce como açúcar. Não que eu possa provar um pouco dele depois. — Baden resmungou. — Mas Pandora... — Ele deu de ombros. — Ela também mora aqui, e *não* quer manter distância. Infelizmente.

Mais uma vez, Aeron ficou em choque. Pandora. A mulher que cuidava da *dimOuniak*, a caixa que mantinha todos os demônios Altos Senhores que escaparam. A mulher que, do alto de seu status, zombara a ele e a seus amigos, sempre lembrando-os que os deuses os ignoravam.

Ele costumava odiá-la. Mas agora... tantos anos tinham se passado sem que pensasse naquela mulher que já não era capaz de odiá-la. Mas tinha ficado mesmo feliz ao saber que Pandora estava ali, tão perto? Não, isso não.

— Por que você não a matou? — ele perguntou. — De novo.

— Ele não é forte o bastante — disse uma voz feminina atrás deles.

Eles giraram o corpo ao mesmo tempo. Pandora estava encostada numa daquelas colunas, com os braços cruzados sobre o peito.

Vê-la, mesmo que tenha sido avisado sobre sua presença, era como ser atingido por um soco no meio do rosto. Aeron olhou para ela. Assim como ele e Baden, ela era alta e musculosa, embora em escala menor. Seus cabelos castanhos chegavam à altura do queixo e envolviam seu rosto. Um rosto muito duro para ser bonito. Seus olhos eram dourados. Muito dourados. Muito brilhantes. De forma sobrenatural. E repletos de desprezo.

O mesmo olhar que sempre lhe direcionara no céu.

Ah. Ali estava seu antigo sentimento de ódio, nascendo em suas entranhas, preenchendo-o. Mesmo morto, teria um inimigo, ao que parecia.

— Deve ser o meu aniversário — ela disse, com um sorriso cruel. — Um a um, os homens que me enviaram até aqui resolveram unir-se a mim.

— Você está enganada. O presente é meu. Agora o seu tormento eterno está garantido.

Ela caminhou na direção dos dois, para atacar?, mas parou e abriu um novo sorriso.

— Então? Como vai Maddox? Morrendo, eu espero.

Maddox fora o responsável por sua morte. O guerreiro perdera o controle de seu demônio, Violência, e a apunhalara, várias vezes.

— Vai ficar decepcionada ao saber que ele está bem. Está até esperando um filho.

Ela ficou sem fôlego.

— Um filho? Que maravilha. — Ela suspirou, e juntamente com seu fôlego, parecia que uma represa tinha sido liberada. — Aquele idiota! Ele não merece ser feliz! Ele me matou, permitiu que minha caixa fosse roubada, e agora ninguém sabe onde ela está. Ela é nossa garantia de sair daqui, mas *nããããão*. Nem eu consigo achar essa droga de caixa. Ele arruinou tudo, e agora seus sonhos estão se realizando? Você acha que eu não sabia que ele sempre quis ter uma família? Eu sabia! Mas ele deveria morrer! Foi ele quem...

— Ah, já está na hora de você superar isso — disse Baden, olhando para Aeron como quem diz “olha o que eu tenho de aguentar”. — Meus deuses. Você é tão chata agora quanto era antes.

Silêncio. Ela ofegava. Os olhos da ruiva estreitos.

— Está se sentindo invencível agora que tem um amigo para protegê-lo?

— Não mesmo... Eu sou invencível de qualquer maneira.

E continuaram a bater boca, mas Aeron os ignorou, concentrando-se numa parte do que Pandora dissera. Encontrar a caixa, a *dimOuniak*, libertaria a todos que estavam naquele plano? Se era verdade ou mentira, ele não sabia. Mas o que ele sabia, afinal? Se conseguisse escapar, poderia procurar por Olivia, como tanto queria.

Ela seria capaz de vê-lo?

Sim ou não, ele não se importava. Ele poderia vê-la.

Essa caixa é minha.

Capítulo Trinta e Um

OLIVIA ESTAVA DE pé ante o Alto Conselho Celestial, com a vida e a morte nas mãos deles pela segunda vez. Durante vários dias, ela defendera seu caso, recusando-se a desistir ou a ir embora, mas eles continuavam negando, satisfeitos com os acontecimentos. Aeron estava morto, como eles queriam, e Legião voltara ao inferno, que era a sua casa. Algo que Lysander não explicara claramente a Aeron.

Ela abriu os braços, as asas, e girou o corpo, deixando que eles a vissem. Por inteiro. O sangue de Aeron já desaparecera de sua túnica, mas não de suas mãos. Ela não permitia nem que suas mãos tocassem o tecido de sua roupa. Queria que os que estavam no comando vissem o que tinham feito.

Encarou todos os membros do Conselho, sentados em seus tronos, altivos. Eles eram lindos, todos eles. Fortes, orgulhosos e puros. E se sentiam justificados. Não sentiam culpa por nada. Nem mesmo hesitavam ao receber aquele olhar acusador de Olivia.

Não fraqueje. Você é confiante, agressiva.

— Punindo Aeron — ela disse —, vocês me puniram também. Eternamente. Eu caí, sim, mas vocês permitiram que eu voltasse. Sou mais uma vez como vocês. Um anjo. Isso significa que minha alma é tão pura quanto a de vocês. Então eu pergunto: o que fiz para receber tal punição?

Finalmente, ergueu-se um murmúrio.

A esperança ressurgia.

— O que você quer dizer? — perguntou um dos homens.

— Permitir que você voltasse não tinha a intenção de ser uma punição, mas sim um privilégio.

— Eu amo Aeron. Não posso ser feliz sem ele.

— Pode, sim — disse uma das mulheres. — Você só precisa de um tempo para...

— Não! Nada de tempo. Eu mereço ser feliz, assim como já fiz felizes milhares de pessoas, e eu já disse a vocês o que isso acarretará.

Dessa vez não houve murmúrio. Apenas silêncio. Um silêncio pesado. Um silêncio desafiador. Ela não voltaria atrás. Sobre esse assunto, pelo menos. Se não lhe devolvessem Aeron, ela morreria com ele.

Ele não morreria sozinho.

Confiante.

— Se deixarem as coisas como estão, um homem bom morto, não serão melhores do que aqueles seres dos quais protegem os humanos.

Eles estariam sendo como os demônios. Ela deixou isso implícito, mas a mensagem era clara.

— Homem bons são mortos o tempo todo, Olivia. Eis o preço do livre-arbítrio — disse outra mulher, em tom mais suave, com uma pitada de compaixão.

Agressiva.

— Nós punimos Aeron pelas escolhas dele. Por que não podemos recompensá-lo também? Pois isso é o que nos diferencia dos demais. Nossa compaixão, nossa bondade. Nosso amor. Amor que ele mesmo demonstrou, oferecendo a própria vida por mim. Esse sacrifício não se sobrepõe ao seu crime? Ele não deixou claro, sem sombra de dúvida, que merece a redenção?

Novos murmúrios. E depois, finalmente, um suspiro.

— Talvez possamos fazer alguma coisa...

OS DIAS PASSAVAM rapidamente, um caindo sobre o outro. E Aeron passava todo o tempo ao lado de Baden. Eles conversavam, riam, choravam e colocavam os assuntos em dia, sempre buscando a possível localização da caixa de Pandora. Sua determinação para encontrá-la era mais forte que nunca. E não para deter os Caçadores, embora isso fosse um bônus excepcional, mas, sim, por Olivia.

Descobriu que não precisava dormir nem comer. Ele simplesmente existia naquela imensidão branca.

Até então, eles tinham desenvolvido algumas boas teorias. A caixa estaria escondida num local simples. Talvez numa dimensão como aquela, onde ninguém pudesse entrar, ou enterrada no fundo do mar. Mas quem a pegara, e por quê, eles ainda não sabiam.

— Quero tanto voltar — disse Baden, enquanto caminhavam pela névoa. — De vez em quando, recebemos flashes da vida que acontece lá embaixo, mas nunca são suficientes.

— E o que você viu?

— Algumas das batalhas de Sabin com os Caçadores antes de se mudar para Budapeste. A fortaleza de vocês. A explosão que os uniu novamente. As mulheres que vocês ajudaram. Lucien é um sortudo. A mulher dele é a minha preferida.

— Se conhecesse Anya, você provavelmente lhe daria as condolências.

Baden riu.

— Ela é uma mulher-problema, é? Mas todas elas são. — Quando parou de sorrir, bateu na costas de Aeron. — Acho que sinto falta da suavidade feminina, mais do que tudo.

Estaria pensando em Hadiee?

— Por que você fez isso? — Finalmente Aeron perguntou o que se perguntava havia séculos. — Por que permitiu aos Caçadores que cortassem sua cabeça?

Seu amigo deu de ombros.

— Eu estava cansado, cansado de ficar olhando para trás o tempo todo, suspeitando de tudo e de todos. Cheguei a duvidar de *você*.

— De mim?

— De todos vocês, na verdade. — E Baden suspirou. — Eu odiava isso. Odiava esperar que algum de vocês se virasse contra mim quando, no fundo do meu coração, eu sabia que isso não aconteceria nunca.

— Você tem razão. Nunca teríamos lhe feito mal. — Eles amavam demais aquele homem. Apesar do seu demônio, Baden era alguém em quem podiam confiar. Era o homem que todos buscavam para orientações e apoio.

— Então veio aquela mulher. — Ele continuou. — Eu suspeitei que fosse uma Isca, mas o pior de tudo foi notar que eu *esperava* que ela fosse uma Isca. Então eu fui. Levei-a para casa, deixei que me seduzisse, mesmo sabendo que os Caçadores apareceriam. Eu fiquei... aliviado quando eles finalmente se aproximaram. Nem lutei contra eles.

Assim como *ele* não quisera lutar contra Lysander.

— Você está feliz pela forma como as coisas terminaram?

— Para ser sincero, não sei. Tudo o que tenho para me divertir é Pandora, e, como você já viu, ela não é muito divertida.

Aeron não poderia negar isso.

— Falando em Pandora, ela parece ter desaparecido. Não a vi desde que cheguei.

— É sempre assim. Ela nos dá alguns dias de paz, uma falsa sensação de segurança, e depois ataca. Mas chega de falar dela. Por que *você* fez o que fez? — perguntou Baden, olhando para Aeron. — Por que permitiu que o matassem? E eu sei que permitiu. Você é um soldado muito bom para ter perdido de outro jeito.

Aeron suspirou, parecia imitar a reação anterior de Baden.

— Durante todos esses anos, eu sempre temi a morte. Mas, no fim, você está certo. Eu também a recebi de braços abertos. Não por estar cansado, mas para salvar a minha mulher.

— Ah, uma mulher. A ruína de todos nós. Conte-me sobre ela. Eu não soube nada disso — disse Baden, esfregando as mãos, animado. — Quero saber que tipo de mulher conseguiu conquistar um homem tão durão.

— É verdade, Aeron, eu também quero escutar essa história.

Aeron ficou paralisado.

— Você ouviu isso? — Ele se virou, olhando avidamente para todos os lados, buscando a mulher que desejava mais que a própria vida. Mas não encontrou nem sinal dela.

— Eu ouvi — disse Baden, franzindo a testa. — Uma voz de mulher, certo?

Não fora loucura sua, então.

— Olivia? — ele chamou, podia jurar que seu coração começou a saltar em seu peito. — Olivia?

Vários metros à sua frente, o ar começou a tremular, e uma silhueta tomava forma. Cachos pretos. Olhos azuis brilhantes. Pele perfeita. Lábios em formato de coração. Círculos rosados pintados em suas bochechas, e asas gloriosamente brancas estendidas em suas costas.

Asas. Anjo. Ela voltara para casa.

— Você pode me ver? — Desesperado, ele entrou em ação. — Pode ver os mortos?

— Ah, sim. Eu posso ver você.

Quando ele a alcançou, passou os braços ao redor do seu corpo e levantou-a. Segurou-a como

nunca segurara ninguém, girando-a no ar. Ali, ela estava ali. Com ele. Nunca deixaria que fosse embora.

Ela deixou a cabeça cair para trás e sorriu. Aquele sorriso... seria capaz de curar a sua alma.

— Olivia. — Aeron estava desesperado para saboreá-la, ele uniu seus lábios. Ela entreabriu a boca, disposta, ansiosa, e Aeron beijou-a repetidas vezes, saboreando-a por inteiro. O calor do seu corpo, a doçura de suas curvas. Sua. Sua e de mais ninguém.

— Aeron. Eu tenho tantas coisas para lhe contar.

Tremendo, sentou-a no chão e tomou seu rosto nas mãos, sem perder o contato em nenhum momento.

— Querida, o que esta fazendo aqui? *Como* chegou aqui? Estou vendo que voltou a ser um anjo. — *O meu anjo.*

— Sim. E sou uma mensageira da felicidade, e não mais um anjo guerreiro.

— Você sempre foi a minha mensageira da felicidade, mas como... eu não entendo.

Ela se apoiou contra o corpo de Aeron e começou a traçar as linhas do seu rosto, como se também não suportasse deixá-lo.

— Minha Divindade é o criador da vida, e Ele ofereceu uma nova a você. Assim como o Alto Conselho Celestial ofereceu meu antigo trabalho de volta, embora agora digam que eu me sairia melhor na classe dos guerreiros. De agora em diante, vou ser sua mensageira pessoal de alegria. Eles perceberam que você não pode ser feliz sem mim, e nem eu posso ter alegria sem você.

Ele continuava sem conseguir entender muito bem aquilo.

— E por que se preocupariam? Eles queriam me ver morto em primeiro lugar.

— Você se sacrificou por tudo. Sacrificou-se por mim. E Minha Divindade reconheceu o seu sacrifício e resolveu recompensá-lo. Devolverá o seu corpo, curará o seu corpo, e você poderá voltar à fortaleza. Assim, poderemos ficar juntos.

— Juntos. — Ele queria cair de joelhos em agradecimento. Queria gritar e dançar. Estava maravilhado. Olivia era sua.

Mas o olhar de Olivia pareceu inquieto, questionador.

— Você está feliz com isso?

— Estou mais feliz do que nunca estive. Você é tudo o que eu quero, tudo o que preciso.

Outro sorriso se abriu no rosto do anjo.

— Eu também sinto isso. — Mas aquele sorriso diminuiu um pouco: — Ira, o seu demônio, não poderá retornar ao seu corpo. Eu tentei. Mas ele já foi dado a outra pessoa.

— Quem?

— A uma mulher chamada Sienna Blackstone. Ela já foi uma mortal, e foi morta por um tiro. Mas Cronos salvou sua alma e a manteve ao seu lado.

Sienna de Paris. Nossa... O que isso significaria para o pobre Paris? Poderia ter sua mulher de volta, no final das contas, mas ela passaria anos a fio enlouquecida com a presença de Ira. Sua vida se resumiria a uma eterna vingança contra os pecadores.

Aeron faria de tudo para facilitar a transição. E com sorte o demônio o reconheceria. Afinal, ainda tinham um trabalho a fazer. Punir Stefano. E os demônios que machucaram Olivia.

— Eu vou ser mortal? — ele perguntou, embora não se importasse. Estaria com Olivia, por que ligar para um corpo que envelheceria?

— Não. Você será imortal, como antes. Na verdade, seu corpo voltará a ser como antes, como quando foi criado. Sem as tatuagens, sem as borboletas. Sem as asas. — Mais uma vez, ela parecia insegura. — Tudo bem para você?

— Tudo bem? Isso é maravilhoso. — Ele ria agora, girando-a no ar novamente. A vida poderia ser melhor do que aquilo? Talvez não. Mas ela não parecia tão feliz quanto deveria estar. — O que há de errado? — ele perguntou.

— Legião. Ela voltou ao inferno. Está mais uma vez em meio às chamas, pois o seu laço com ela foi quebrado.

Ele sentiu um frio percorrendo suas veias. Era isso o que Lysander quis dizer com “ela voltará para casa”. Ele deveria ter percebido, suspeitado, ao menos.

— Lúcifer está tão chateado com ela que deixou-a com sua aparência humana, e os demônios a atormentam incessantemente. Galen está atrás dela, eu acho... Parece que está até pensando em ir ao inferno por causa dela. Quer matá-la, porque aparentemente ela tentou matá-lo.

Aeron arregalou os olhos. Legião tentara matar Galen? Tanta coisa acontecera desde que ele morrera...

— Não posso deixá-la lá — ele disse. Mesmo com todos aqueles acontecimentos, continuava amando o seu pequeno demônio.

— Eu sei. Por isso conversei com o Conselho sobre as minhas novas tarefas. Sendo a responsável por trazer-lhe alegria, expliquei a eles que você precisa tê-la de volta, ou sua vida não estará completa. Eles concordaram, disseram que se você estiver disposto a ir buscá-la, permitirão que ela fique ao seu lado, pois o inferno que está vivendo agora durará por milhares de anos. Mas, após o seu resgate, ela será vigiada por um anjo que deverá evitar que cause danos aos humanos.

— Sim, sim, eu aceito. — Legião odiava anjos, mas ela conseguiria lidar com isso. Teria de se acostumar à sua Olivia, de qualquer forma. — Sim — ele repetiu. Não precisava nem pensar no assunto. — Olivia, você é muito mais incrível do que eu pensava. Você fez tudo isso, e eu nunca poderei agradecer o bastante. — E encheu seu rosto de beijinhos. — Você me deu tudo.

— Assim como você também me deu tudo.

— Vou passar o resto dos meus dias garantindo que você se divirta.

— Tudo o que eu preciso é do seu amor.

Aeron mergulhou na sua boca para mais um longo e profundo beijo. E em pouco tempo eles estavam perdidos nele, com suas mãos espalhadas pelo corpo um do outro, loucos, prontos para mais, determinados...

— Ahn... pessoal. — A voz de Baden quebrou a ilusão de privacidade, e os dois se viraram para ele. Ele acenou para Olivia. — Oi. Odeio interromper isso, porque, uau!, mas... e eu? Também quero participar de tudo isso. Quero meu corpo de volta

— Sinto muito — ela disse. — Você não fez nenhum sacrifício. Acho que terá de continuar aqui.

Aeron sentiu uma onda de arrependimento e tristeza, o que abalou sua recém-encontrada paz. Acabara de reencontrar Baden e agora deveria abandoná-lo?

Baden deixou cair os ombros..

— Existe algo que eu possa...

— Não — Olivia interrompeu, suavemente. — Sinto muito. Você já está morto. Não poderá fazer nenhum sacrifício.

— Vou encontrar uma maneira de tirá-lo daqui — Aeron jurou. — Pandora mencionou a caixa. Nunca vou parar de procurá-la, juro pela minha vida.

Seu amigo assentiu, mas havia tristeza em sua voz ao dizer:

— Vou sentir sua falta.

— Eu também. — Lágrimas queimavam seus olhos.

Baden sorriu. Mas até o seu sorriso era triste.

— Diga a Torin que ele me deve uma espada. Diga a Sabin que eu não me esqueci de como ele roubava no xadrez. E diga a Gideon que quero revanche. Ele vai saber do que estou falando. — E deixou um recado para cada guerreiro, e como aquelas palavras partiram o coração de Aeron. No final, suas lágrimas corriam soltas. — Vamos nos encontrar novamente, Aeron.

— Claro que sim. Vamos nos encontrar.

— Eu nunca vou perder a esperança. — E, sem dizer mais nada, Baden se afastou, dando um passo agonizante após o outro. Aeron sentiu tanta vontade de gritar para que ele parasse, mas, ao abrir a boca para fazer isso, incapaz de suportar a dor, o guerreiro desapareceu em meio à névoa.

— Sinto muito — disse Olivia, acariciando o peito do guerreiro.

Aeron puxou Olivia para perto de si novamente, abraçando-a com ainda mais força.

— Esse não é o fim. Eu juro. — Ele enterrou o rosto na base de seu pescoço. Ele nunca poderia retribuir tudo o que ela fizera por ele. — Eu amo você. Muito.

— Eu também amo você.

— Vou fazê-la feliz. De todas as coisas que jurei, essa é a mais importante para mim.

Ela ficou na ponta dos pés e o beijou.

— Você já me fez feliz. Agora vamos para casa. Tem muita gente ansiosa para ver você.

— Antes, e nem posso acreditar que esteja dizendo isso, leve-nos voando direto ao meu quarto. Precisamos de um reencontro adequado. *Depois* nos encontraremos com os outros.

Isso a fez sorrir novamente.

— Isso mesmo... Eu tenho asas agora, e você, não. Acho que isso significa que também estarei no controle de nossas... atividades ilícitas. Combinado, então. Afinal de contas, o meu trabalho é garantir a sua felicidade.

— E eu serei eternamente grato por isso.

Eles se beijaram novamente, antes de seguirem para casa.

Showalter, Gena

S563p A paixão mais sombria [recurso eletrônico] / Gena Showalter; tradução de Rodrigo Peixoto. — Rio de Janeiro: HR, 2012.
Recurso digital

Tradução de: The darkest passion

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Sequência de: O sussuro mais sombrio

Continua com: A mentira mais sombria

ISBN 978-85-398-0499-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Peixoto, Rodrigo. II. Título.

12-7635

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:
THE DARKEST PASSION
Copyright © 2010 by Gena Showalter

Copyright da tradução © 2011 by EDITORA HR LTDA

Editoração eletrônica da versão digital: Ranna Studio

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela
HARLEQUIN Enterprises II B.V./S.À.R.L. para EDITORA HR LTDA.
Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-398-0569-3

Capa

Rosto

Glossário

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

Créditos

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Gena Showalter



A Paixão
mais sombria

Senhores do Mundo Subterrâneo | Livro 5

 Harlequin®